

DM
CUNH/151

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO DE PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

TESE DE MESTRADO

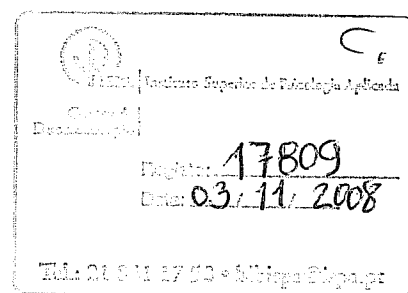
Identidade e as suas Vicissitudes no Percurso Migratório

Madalena Soares da Cunha – Nº12871

ORIENTADOR: Prof. Doutor Rui Aragão

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

2007



Agradecimentos

Esta tese é o resultado de um trabalho pessoal que não teria sido realizado sem a colaboração, incentivo e ajuda de numerosas pessoas e instituições. Com a limitação de referenciar somente os principais, gostaria de lhes prestar aqui a minha homenagem e agradecimentos.

O meu reconhecimento e agradecimento dirigem-se de imediato ao Dr. Rui Aragão que assumiu a orientação deste estudo e cuja atitude de disponibilidade viabilizou a conclusão deste trabalho.

Gostaria de expressar os meus agradecimentos ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada e ao Conselho Científico do Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica do ISPA que apoiaram a realização deste trabalho. O meu agradecimento dirige-se ainda ao Dr. Carlos Lopes, a quem devo a orientação e conhecimentos da pesquisa bibliográfica.

Dirijo também um caloroso agradecimento ao Serviço dos Jesuítas aos Refugiados, na pessoa da Dr.^a Rosário Farmhouse, Directora desta Instituição em Portugal, e a todos que nela colaboram.

Queria expressar o meu sincero agradecimento aos participantes da tese que possibilitaram a sua realização.

Por fim, agradeço à minha família o encorajamento que me deram e à tolerância que manifestaram aos meus momentos de indisponibilidade.

Índice

Introdução	8
1 – Migração.	12
1.2 – Migração em Portugal.	14
2 – A crise social e a decisão de emigrar.	16
3 – Processos psicossociais da experiência migratória.	20
3.1 – Aculturação.	21
3.2 – Aculturação em Portugal.	23
3.3 – Stress de aculturação.	24
4 – Identidade e aspectos migratórios.	26
4.1 – Choque cultural: o contacto com a cultura do país receptor.	31
4.2 – Reorganização da identidade: a capacidade de perda e mudança.	32
4.3 – Reestruturação identitária: a alteridade.	35
5 – Trauma Cultural.	37
6 – Especificidades culturais e étnicas das manifestações psicopatológicas.	42
7 – Síndrome de Ulisses: a “forma psicopatológica” dos imigrantes	45
8 – Integração dos imigrantes na sociedade portuguesa.	47
Metodologia	49
Participantes.	53
Procedimento.	55
Análise temática.	57
Perfis biográficos.	62
Resultados	76
Participante A – Ruggero Maserati.	78
Participante B – Lhudmela Kindretsk.	89
Participante C – Venina Maria Vieira.	100
Participante D – Osmar Bernardo.	107
Discussão	115
Referências bibliográficas	130

Resumo

Este estudo aborda as alterações identitárias dos imigrantes ao longo do percurso migratório.

O método, baseado nas “Narrativas da História de Vida”, imprime um carácter exploratório ao estudo e visa despistar os invariantes promotores da saúde mental e os factores que favorecem a integração na sociedade receptora, mediados pelos stressores da migração.

A escolha dos participantes considerou a heterogenia das características individuais dos imigrantes, os diferentes tipos e momentos do percurso migratório e incluiu também, os grupos mais representados desta população em Portugal. Os imigrantes participaram voluntariamente no estudo, tendo sido anteriormente informados do tema e dos procedimentos que iriam ser usados, entre eles, a gravação das entrevistas. A recolha das experiências migratórias foi organizada em duas entrevistas, cada uma com a duração de aproximadamente uma hora. Na primeira, a técnica utilizada foi a entrevista livre e aberta, de modo a permitir o relato espontâneo das vivências migratórias. A técnica utilizada na segunda entrevista, foi a entrevista semi-estruturada ou de guião, para esclarecer alguns pontos abordados na primeira entrevista ou suscitar vivências que os imigrantes omitiram na primeira entrevista. Com o objectivo de corroborar os dados obtidos nas entrevistas, foram aplicadas duas pranchas do TAT (2 e 3RH), no fim da primeira entrevista, cujo conteúdo latente remete os participantes para o modo como elaboram a posição depressiva e a sua acessibilidade à alteridade.

A saúde mental do imigrante e a sua integração no país receptor envolve uma reorganização e uma reestruturação na identidade, dependente da capacidade de mudança psíquica específica ao percurso migratório. O contacto com a nova sociedade desencadeia habitualmente no imigrante um choque cultural e conduz muitos imigrantes a um processo que Akhtar S. (1995) denominou a terceira individuação. Mas, nem sempre assim acontece, a emergência de estados psicopatológicos latentes e os agentes de stress que o movimento migratório desencadeia, podem atingir vários níveis e têm consequências complexas na saúde mental. Os seus efeitos, quando cumulativos, ao ultrapassarem a capacidade adaptativa do Ego, provocam sintomas de

stress, níveis clínicos de ansiedade e depressão, estados de descompensação psíquica, Síndrome de Stress Pós-traumático (Posttraumatic Stress Disorder - PTSD), que se associam ou não, a acontecimentos traumáticos. Estes estados psicopatológicos configuram-se em imigrantes e correspondem à forma psicopatológica que o psiquiatra Dr. Joseba Atxótegui (2004) denominou Síndrome de Ulisses.

A experiência migratória inclui um período transitório de desorganização psíquica que necessita de uma integração gradual dos sentimentos de perda, acrescida de um trabalho de luto que incide também, nas identificações secundárias do imigrante. A acessibilidade à alteridade, essencial ao processo de individuação, é mediada pela capacidade de mudança psíquica e conduz a uma integração do imigrante na sociedade receptora nos seus múltiplos aspectos.

Palavras-chave: Migração, Identidade, Mudança e Alteridade.

Abstract

This paper addresses immigrants' identity changes along their migratory path.

The methodology used, based on "Life Story Accounts", gives this study an exploratory nature and aims to determine the invariant factors that promote mental health and the factors that favour integration in the receiving society, mediated by migration stress factors.

The choice of the participants in the study took into account the heterogeneity of the immigrants' individual characteristics, the different types and moments of their migratory path and it also included the most representative groups of the immigrant population in Portugal. The immigrants participated on a voluntary basis, having been previously informed about the subject of the study and the procedures that would be used, among which, the taping of the interviews. The collection of migratory experiences was organised in two interviews, each lasting approximately one hour. The first one used a technique of open and free dialogue, to enable a spontaneous account of the migratory experiences. The second interview resorted to a semi-structured interview script, to clarify some of the issues addressed in the first interview or to recall experiences that the interviewees had omitted in the first time. In order to confirm the data obtained in the interviews, two TAT boards (2 and 3RH) were applied at the end of the first interview, the latent content of which refers the participants to the way they establish their depressive position and their access to alterity.

The immigrant's mental health and his/her integration in the receiving country involve a reorganisation and a restructuring of the identity that depends on the capacity for psychic change, specific to the migratory path. The contact with the new society usually causes a cultural shock in the immigrant, leading many of them to a process that Akhtar S. (1995) called the third individuation. However, this is not always so, since the emergence of latent psychopathological states and the stress agents that the migratory movement triggers may reach different levels and have complex consequences to mental health. If their cumulative effects exceed the Ego's adaptive capacity, they may cause stress symptoms, clinical levels of anxiety and depression, states of chemical imbalance, Post-traumatic Stress Disorder – PTSD, associated or not

with traumatic events. These psychopathological states observed in immigrants correspond to the psychopathological model that psychiatrist Joseba Atxótegui (2004) called the Ulysses' Syndrome.

The migratory experience includes a transition period of psychic disorganisation that requires a gradual integration of feelings of loss, plus a mourning work also focused on the immigrant's secondary identifications. Access to alterity, crucial to the individuation process, is mediated by the capacity for psychic change and leads to the immigrant's integration in the receiving society in its manifold aspects.

Keywords: Migration, Identity, Change and Alterity

Introdução

Em 2005, a população emigrante foi estimada pelo Departamento de Economia e Assuntos Sociais das Nações Unidas, em 191 milhões, representando 3% da população mundial de aproximadamente 6.5 bilhões de pessoas (Migrações Internacionais, 2006). Residindo fora do seu país de nascimento, 60% dos emigrantes internacionais, habitam nas regiões mais desenvolvidas, nomeadamente na Europa Ocidental (64 milhões) e na América do Norte (45 milhões). Em Portugal, a população de imigrantes é estimada pelo SEF, no ano de 2005, em 415.934 (SEF, 2007). Este número manifesta um decréscimo da população imigrante legalizada que em 2003, totalizava 434.548 mil (SEF, 2005).

Todas as pessoas podem emigrar um dia, não havendo assim um tipo de personalidade que condicione a experiência migratória. No entanto, vivências, traços de carácter e capacidades adquiridas ao longo do desenvolvimento, contribuem não só para a configuração do desejo de emigrar, como preconizam o sucesso deste percurso. Caracterizando-os com um predomínio de atitudes filobáticas, Léon Grinberg, no seu estudo psicanalítico *Migração e Exílio* (2004), afirma que a integração do imigrante depende da capacidade do sujeito tolerar a perda e a mudança, de estar só (Winnicott, 1958) e da capacidade de esperar. Vispo e Podruzny (2002), destacaram os invariantes psíquicos da transculturação e os indicadores da capacidade de mudança psíquica, posteriores à decisão de emigrar e que comungam das características descritas por Freud (1914) no processo de enamoramento, mudança catastrófica de Bion (1965) e ao que Tabakde Bianchedi e col. (1984) “definem como desidentificação, suspensão de identificações” (Vispo, Podruzny, 2002).

O movimento migratório suscita uma constelação de angústias, específica desta experiência, inerente à situação de mudança e do processo identificatório, em face de uma nova realidade e da perda do ambiente familiar. As vivências vão-se alterando ao longo deste percurso que se inicia com a decisão de emigrar e que conduz a uma adaptação ao país receptor. Porém, nem todos estão preparados para as inevitáveis mudanças internas que se têm de operar no confronto com as alterações da realidade externa. Em muitos imigrantes desencadeiam-se angústias de modo doseado e

controlado, evitando assim a invasão duma angústia catastrófica. Outros, com um equilíbrio mental conseguido à custa de processos defensivos, com personalidades lábeis e mecanismos psicóticos latentes, despojados de continentes com funções transformadoras, ficam expostos a estados de descompensação psíquica. Reagem duma forma ansiosa, depressiva, maníaca, paranóica, confusional ... os sintomas são múltiplos e os diagnósticos também.

Síndrome de Ulisses. Foi assim denominada a doença que afecta cada vez mais imigrantes na Europa Ocidental, pelo Dr. Joseba Atxótegui, Professor Titular da Universidade de Barcelona e psiquiatra (2004). Em Junho de 2004, reuniram-se especialistas de 7 países no Parlamento Europeu, para encontrar soluções para os 600 mil casos diagnosticados em Espanha e 300 mil em França. Caracterizado por um sentimento de desamparo, o Síndrome de Ulisses corresponde a um estado psicopatológico que se configura na população migratória. A complexidade deste movimento favorece a eclosão de patologias latentes ou que se organizam à medida que os obstáculos à integração se avolumam e multiplicam (Grinberg, 2004), não se referindo apenas a um único acontecimento mas extensivo a um conjunto de situações exigentes, que se prolongam no tempo e que esgotam as capacidades adaptativas do Ego. Esta vivência, que se pode configurar como traumática, “situar-se-ia na categoria dos chamados traumatismos cumulativos e de tensão” (Grinberg, 2004, p.27), mas, por vezes, o imigrante reage às alterações da realidade externa com o seu vivido infantil e história individual, acusando uma pré-disposição traumática.

Nos incessantes intercâmbios culturais que os movimentos migratórios suscitaram, os conceitos de trauma cultural ⁽¹⁾, choque cultural ⁽²⁾ e stress de aculturação ⁽³⁾, emergiram e definem-se com um duplo significado; redução de saúde dos indivíduos

(1) Articulando o grupo e as futuras gerações, o trauma cultural é definido por Stamm, B., Stamm IV, H. Hudnall, A. & Higson-Smith, C. (2004), como a luta pelo significado, identificação às vítimas e a atribuição de responsabilidade como uma memória individual, submergida na memória colectiva.

(2) Processo reactivo do impacto no contacto com outra cultura. É definido por Garza-Guterro (1974), como um fenómeno psicossocial que engloba três fases: choque cultural, reorganização da identidade e a reestruturação da identidade.

(3) Definido em 1936, por Redfield, Linton e Herskovits (Neto, 2003), como o conjunto de modificações culturais resultantes dos contactos contínuos e directos entre dois grupos culturais independentes.

que pode incluir aspectos físicos, mentais e sociais, e, estratégias de *coping* ineficazes que iniciam uma espiral de destruição cultural. Num cenário optimista, estes conceitos incluem o conceito de *challenge*, adquirindo uma dimensão positiva e, apresentam-se como uma força motivadora de aquisições culturais e como oportunidades ao desenvolvimento pessoal.

O percurso migratório está ligado a uma procura que contém uma ambivalência entre o que se deixa e a meta que se pretende alcançar, característico da situação de mudança e do processo identificatório, em face de uma realidade desconhecida. Inclui também, a vivência da separação semelhante aos processos de que ocorrem no desenvolvimento infantil, embora com a especificidade de se relacionarem com os ajustamentos endémicos à experiência migratória que envolve uma reorganização no funcionamento da identidade. A elaboração da posição depressiva, essencial à transformação interna e inerente ao fenómeno de aculturação, só conduz a uma integração na nova cultura na acessibilidade à alteridade. Jean Bégoin (2000) atribui a formação da alteridade a uma fase precoce do desenvolvimento da identidade, “formação da própria identidade”, que coincide com a posição depressiva, angústia do 8º mês e com a descoberta do objecto total. No entanto, para Vispo, C., Podruzny, M. (2002), é o elemento invariante produzido pela cultura de origem que fundamenta a desidentificação e a reidentificação, sem a ameaça psicótica de destruturação psíquica que ocorre quando as identificações secundárias estão ancoradas nas primárias.

Os stressores da migração podem atingir vários níveis, e têm um impacto individualizado na saúde mental. Kessler (1997) ao destacar as relações do stress com a depressão, conceptualiza a circularidade entre acontecimentos stressantes e os fenómenos depressivos, que incrementam a possibilidade de precipitarem eventos traumáticos. Foster (2001), em *When immigration is trauma*, descreve os stressores do percurso migratório que precipitam o trauma, distinto do stress inerente aos ajustamentos endémicos desta vivência. Os stressores da migração, nomeadamente o nível de stress de aculturação, as vivências traumáticas, estados ansiosos e depressivos, restringem frequentemente as possibilidades de integração do imigrante.

Neste estudo exploratório, foi utilizado como procedimento as “Narrativas da História do Percurso Migratório”, para identificar os factores que favorecem a adaptação, os indicadores da capacidade de mudança psíquica que conduzem a uma reformulação identitária, e aos movimentos de individuação necessários a uma integração na sociedade de acolhimento, aqui portuguesa. Estes movimentos internos, descritos como promotores da saúde mental, são mediados pelos os stressores específicos da migração. Os seus efeitos cumulativos desencadeiam sintomas de stress, Síndrome de Stress Pós-traumático (Posttraumatic Stress Disorder - PTSD), níveis clínicos de ansiedade e depressão, em todo o percurso migratório.

Nem sempre é fácil pedir ajuda, admitir esta necessidade pode ser doloroso, pois implica tolerar a regressão que pode ser vivida como uma infantilização humilhante. O imigrante regredido, volta ao desamparo inicial da vida e precisa de alguém, dum grupo ou de uma instituição que assuma nesta crise funções de suporte e contenção que o permitam reorganizar-se e adaptar-se. A evolução da forma “psicopatológica de imigração” depende tanto da complexidade do país receptor e da valorização que este faz do imigrante, como da sua personalidade, isto é, da intensidade das angústias mobilizadas, das defesas erguidas e das suas possibilidades de elaboração.

A especificidade e a diversidade das manifestações psicopatológicas dos imigrantes suscitaram a necessidade de uma reflexão focalizada nos seus movimentos internos, nomeadamente nas alterações identitárias. Este estudo visa uma melhor compreensão dos movimentos identitários que ocorrem no percurso migratório, nomeadamente no acompanhamento psicológico que favorecem e possibilitam a integração profissional dos imigrantes que num contexto institucional, adquire primazia.

1 - Migração.

Os circuitos dos movimentos migratórios expandiram-se e complexificaram-se com o impacto da globalização, concomitantemente têm vindo a contribuir para a transformação da economia contemporânea e das relações sociais. A migração tem sido accionada pelo desenvolvimento económico, tecnológico e demográfico, mas também, pelas suas disparidades progressivamente extremadas. De acordo com o relatório da Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais (CMMI, 2005), criada em 2003, pelo Secretário-Geral da ONU Kofi Annan, existem quase 200 milhões de migrantes internacionais, residindo na Europa 56,1 milhões de estrangeiros, representando 7,7% da sua população.

O conceito de imigrante é caracterizado consoante o contexto histórico, a deslocação espacial e geográfica, por um período de tempo que confere a habitabilidade noutro país e que pela recomendação das Nações Unidas, corresponde à fixação de residência de pelo menos um ano. No entanto, o factor espaço, tempo e fixação de residência, não esgotam as variáveis que definem este conceito que está associado por exemplo, ao de estrangeiro. “Considerando estatisticamente as oito categorias em que o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), distribui os residentes em Portugal há pelo menos um ano, o imigrante pode possuir ou não, a nacionalidade do país onde reside” (Rosa, M.J.M., Seabra, H., Santos, T., 2004). As categorias em que os imigrantes estão distribuídos variam e estão dependentes da perspectiva em estudo (económica, demográfica, sociológica, histórica, jurídica, etc.). Dada a diversidade das deslocações geográficas e dos estudos sobre a população migratória, existe uma multiplicidade de factores, tornando-se necessário para qualquer análise, especificar as variáveis em causa neste conceito. Sem rigor conceptual, é neste estudo considerado imigrante, aquele que não tendo a nacionalidade portuguesa, habita em Portugal há pelo menos um ano e pretende permanecer por um período superior a seis meses.

O artigo 13 (2) da Declaração Universal dos Direitos dos Homens, adoptada pelas Nações Unidas em 1948 (IOM, 2003), prevê o direito de deixar o país e o espaço geográfico tornou-se simultaneamente aberto e restrito. Só no final do século XX, com a queda do regime soviético, terminaram as restrições à saída de fronteiras mas

constata-se actualmente em muitos países, impedimentos à entrada de pessoas, mesmo em deslocações turísticas, como é exemplo os E.U.A. .

Este facto conduz ao paradoxo da globalização, pois se a circulação de bens está a liberalizar-se, a circulação de pessoas restringe-se, e a migração irregular e clandestina incrementa. “O termo “imigração irregular” é normalmente utilizado para descrever uma série de fenómenos diferentes que envolvem pessoas que entram ou ficam num país do qual não são cidadãos, infringindo assim as leis nacionais” (CMMI, 2005).

Desde do final da guerra-fria que a migração tem um papel de destaque nas políticas nacionais e internacionais, nos médias e nos debates públicos e, recentemente, tornou-se num desafio problemático para União Europeia. Embora a entrada de imigrantes seja controlada nestes países, a carência de medidas à posteriori conduz à inexistência de dados precisos, dificultando a análise deste fenómeno.

A acessibilidade à informação, a rapidez e baixo custo dos deslocamentos, os conflitos armados, a violação dos direitos humanos, a deterioração ambiental e a proliferação das redes migratórias, são factores que tem vindo a alterar o fenómeno migratório. A mobilidade quase nula das sociedades tradicionais, substituiu-se pela banalização do comportamento migratório que tende a tornar-se frequente por todos os que querem melhorar as suas condições de vida. A população sedentária, que não opta por este projecto, é igualmente afectada com este movimento que os obriga a conviver nos seus países com imigrantes, muitas vezes acrescido do facto de terem nas suas relações próximas, emigrantes.

A recente diversidade da migração atingiu também a sua temporalidade, que já não se confina à migração a longo termo, muitas vezes sem retorno, mas abrange todos os que se deslocam não só por razões económicas; trabalhadores altamente qualificados, estudantes, refugiados e, assume várias formas; temporária ou definitiva, sazonal ou periódica, legal ou clandestina. Por outro lado, as oportunidades e constrangimentos laborais, alteram-se com uma certa rapidez e o fluxo migratório adquiriu circularidade na sua mobilidade. Países geradores de emigrantes tornam-se receptores, outros países tornam-se de trânsito e outros ainda, são palco de vários movimentos.

Portugal é hoje um país exemplificativo destes três movimentos. Não obstante ter-se recentemente constituído como país receptor e posteriormente, de trânsito de imigrantes actualmente, o movimento emigratório é numericamente o mais significativo.

1.2 - Migração em Portugal.

Tradicionalmente Portugal é considerado um país de emigrantes, “houve historiadores contemporâneos que consideraram a emigração portuguesa como um “fenómeno histórico estrutural” (Serrão, 1974) ou como uma “constante estrutural” (Godinho, 1978)” (Neto, F., 2003, p.109).

Na segunda metade do século XX, o regime Salazarista adoptou uma posição ambígua face ao movimento de emigrantes que ao deixar Portugal, fugia da guerra em Africa e das precárias condições económicas e de liberdade. Embora o Estado Novo controlasse as saídas, pois necessitava de combatentes nos conflitos ultramarinos, economicamente a emigração era vantajosa e constituía-se como uma válvula de tensões ao regime político. Em 1963, as partidas legais para França (15.223) ultrapassaram as saídas para o Brasil (11.281), marcando o final de uma tendência multissecular (Neto, F.M.F., 2003) e, a partir desta data, o fluxo de emigrantes incide maioritariamente, nos países europeus mais desenvolvidos.

Após o 25 de Abril, o repatriamento massivo envolveu cerca de 700.000 pessoas, segundo os dados da OCDE, datados de 1984. Mas, esta questão continuou a dominar a década de 80 “cujo volume é hoje estimado em cerca de 800.000” (Rocha-Trindade, 2004, p.173). Porém, o perfil migratório de Portugal só se altera com a sua adesão à Comunidade Económica Europeia e, na passagem do século, Portugal torna-se também num país receptor de imigrantes. Nos anos 90, o movimento migratório intensificou-se e diversificou-se, mas as preocupações sociais e de integração dos imigrantes, só recentemente emergiram no Estado Português. Foi no ano de 2001, que Portugal teve o maior fluxo de imigrantes, cujos valores oficiais são contabilizados em 2003, quando o Governo proporcionou aos imigrantes a última legalização extraordinária. Estimativas do SEF, em Novembro de 2003, situam a comunidade Ucrâniana em 62.834 que se equipara à comunidade brasileira de aproximadamente 58.813. Os imigrantes provenientes dos países africanos de língua oficial portuguesa, perfazem no seu

conjunto cerca de 100 mil imigrantes, sendo Cabo Verde o país mais representado (57.870), seguido de Angola (30.308) e Guiné-Bissau (21.684). Nos últimos dois anos as oportunidades laborais em Portugal alteraram-se e dentro da população legalizada, os Cabo-verdianos tornam-se o grupo de imigrantes numericamente mais significativo (67.457), seguido dos Brasileiros (63.654) e dos Ucrânicos, que decresceram para 43.799 (SEF, 2007).

Recentemente Portugal tornou-se também um país de trânsito de imigrantes, cujos países de destino são outros Estados da União Europeia, nomeadamente a Espanha e o Reino Unido. Segundo a imprensa espanhola, *La Vanguardia*, em 2006, milhares de imigrantes Ucrânicos, Brasileiros e Africanos, que residiam em Portugal, deslocaram-se para Espanha para fugir à crise económica portuguesa e à procura de novas oportunidades. A estes imigrantes juntam-se os portugueses que pelos dados oficiais espanhóis, perfazem 70 mil (ACIME, 2007).

Desde 2006 que Portugal voltou a ser um país de emigrantes. “Segundo uma estimativa da Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas (1982), a população residente no estrangeiro elevar-se-ia a cerca de 4 milhões de pessoas, e isto num país com cerca de 10 milhões de habitantes” (Neto, F., 2003, p.109). A saída anual de portugueses do território nacional está a incrementar com a crise económica que Portugal atravessa. Estimada no ano de 2003, pelo INE e Secretaria de Estado de Emigração e Comunidades Portuguesas, em 27.008 portugueses (Emigração Portuguesa, 2004), no ano de 2005, por cada imigrante em Portugal, existiam 10 emigrantes Portugueses (SEF, 2007). Noticiado pelo *Luso Jornal* em França, os Deputados do PSD pela Emigração, declararam no dia 10 de Junho de 2007 que “Portugal voltou a ser um país de emigrantes” (*Luso Jornal*, 2007). Na Bélgica, o Conselho de Comunidades criticou as políticas “incompreensíveis e gratuitas” do Governo Português, anunciando que as remessas dos emigrantes cresceram 10,5%, no primeiro trimestre de 2007 (*Luso Jornal*, 2007).

O número de imigrantes em situação ilegal não pára de aumentar, evidenciando a persistência dos problemas motivadores desta migração que envolve diversos riscos. Existe uma grande dispersão de informação sobre o número de imigrantes ilegais que residem em Portugal, o que impede o conhecimento deste fenómeno e as consequentes

estratégias políticas, económicas e sociais a tomar. Segundo a Agência Lusa ao Jornal Sol, em Abril de 2007, Miguel Sola, Presidente da Comissão Nacional para a Legalização de Imigrantes (CNLI), considerou urgente a aprovação da lei dos estrangeiros para regularizar a situação de 150 mil imigrantes que se encontram em situação ilegal em Portugal. No entanto, organizações, instituições estatais e não estatais, que trabalham com esta população, apontavam em 2002, para 200 mil imigrantes e actualmente para 600 mil. Temos o exemplo da comunidade Chinesa, que entre legais e ilegais, se calcula que ascenda a mais de 15 mil, quando os dados do SEF em 2003 estimavam esta população em 4.600 e no ano de 2005, em 9.250 (SEF, 2007). Também a comunidade indiana residente em Portugal, apresenta uma grande discrepância entre os imigrantes legalizados e clandestinos. Baseado em dados de 2005, o SEF estima esta população no ano de 2007, em 3.686, calculada na sua totalidade com um número superior a 10 mil. Muitos chegam com passaportes falsos emitidos por agências especializadas em Goa, pois ao abrigo da lei portuguesa, os naturais de Goa, Damão e Diu, nascidos antes de 1961, podem requerer a cidadania portuguesa.

Em Portugal, a população imigrante tem sido objecto de estudo de várias áreas científicas; sociológica, jurídica, antropológica, económica, psicologia social, etc. Estes estudos, documentos e teses, têm sido maioritariamente publicados pelo Observatório da Migração (OI) e pelo Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME), com metodologias que incidem predominantemente, em inquéritos de opinião e sondagens, muitas vezes divulgados nos meios de comunicação social. A Direcção de Estudos e Relações Internacionais (DERI), o Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais (CEMRI), o Centro de Estudos Sociais (CES), o Gabinete de Investigação de Sociologia Aplicada (SociNova), etc., para além das investigações e estudos sobre a população migratória, visam também desenvolver instrumentos metodológicos inovadores que agreguem o pluralismo analítico e metodológico com coerência teórica.

2 – A crise social e a decisão de emigrar.

O movimento migratório é habitualmente desencadeado por crises sociais, geradas por mudanças políticas em regimes não democráticos, pela recessão económica ou pela

guerra. As suas consequências envolvem mais do que a alteração das estruturas políticas e económicas; atacam, directamente ou indirectamente, tudo o que constitui a cultura nos seus elementos essenciais ou vulneráveis (religião, valores, língua, etc.).

A cultura contextualiza historicamente acontecimentos descontínuos e contínuos, providencia papéis e a gestão emocional de transição de papéis e das relações interpessoais. A cultura é apresentada externamente como papéis e instituições, representando internamente valores, estilos cognitivos e emocionais, epistemologias e padrões conscientes. A função primordial da cultura é a protecção da espécie humana contra a natureza (Freud, 1927), visando assim, a conservação e adaptação do grupo e do indivíduo, restringindo os comportamentos partilhados e transmitidos entre gerações. A adaptação à realidade cultural tem uma fixidez que assenta na continuidade e constância da realidade social, características que contribuem para a estabilidade da estrutura e função psíquica.

As mudanças culturais, independentemente da sua natureza, geram uma violência social que têm ressonâncias nos indivíduos, fracturando e destabilizando as estruturas psíquicas do Eu e Super-Eu. Estas alterações relacionam-se e são proporcionais, à surpresa e gravidade do acontecimento, que se pode configurar traumático dependente do modo como cada indivíduo se sente envolvido na crise social e do estágio prévio do aparelho psíquico (equilíbrio narcisista e integração do Super-Eu) (Lutenberg, J., 2002). De acordo com estas variáveis, a emoção egoica face ao perigo é de angústia ou de terror (Freud, 1926), sendo no entanto possível que em fanatismo o sujeito anule o perigo. As crises sociais têm geralmente um impacto individual negativo, comum aos estados depressivos, restringindo as perspectivas de futuro; *“hopelessness”* ou *“helplessness”*, e de desilusão. “Freud (1913-20-30) demonstrou que existe continuidade simbólica entre as figuras parentais e as autoridades que detêm o poder político nas sociedades organizadas” (Lutenberg, J., 2002). A transformação da “mãe pátria” em “tumba pátria” metaforiza um processo complexo, que a partir de Freud (1919-1930) é pensado na antitética relação de esperança e morte que se produz nos povos atravessados por crises sociais e económicas, alterações culturais súbitas e acontecimentos traumáticos.

O desejo individual de emigrar emerge numa situação de crise. Entre outros significados, este conceito está associado a uma perturbação que altera o curso ordinário da realidade, a um momento perigoso e decisivo ou ainda, a uma descarga emotiva brusca caracterizada por um sentimento de angústia. A percepção que o indivíduo tem da ruptura do equilíbrio em que se encontrava, representa um período transitório de desorganização e leva a uma representação de alternativas. O imaginário despoja assim o desconhecido, apaziguando a angústia, e dá lugar à substituição que possibilita o domínio ilusório da situação.

A degradação das condições económicas é a razão externa mais frequente entre a população migratória, seja em situações de crise colectiva ou individual. No entanto, factores externos são frequentemente utilizados pelos emigrantes em racionalizações que com ou sem conflito, pretendem realizar necessidades num plano interno.

Quando as mudanças externas são sentidas como uma ameaça à perda de valores e de certas condições de vida que os sujeitos querem preservar, emigrar pode corresponder a uma resistência à mudança visando somente a recuperação do equilíbrio anterior, perdido. Estes emigrantes procuram lugares com características similares ao seu país, embora possam ser geograficamente distantes. No entanto, num movimento expansionista da personalidade, o desejo de conhecimento, o alargamento de experiências ligadas a outras culturas ou a formações profissionais específicas, dirigem o sujeito que emigra, para a possibilidade de encontrar “melhor” (Coimbra de Matos, 2002). A concretização do projecto migratório possibilita a evolução e o desenvolvimento individual ou pode por em risco a saúde mental do imigrante, que regride e descompensa.

Na preparação do percurso migratório afectos intensos podem ser bloqueados, a dor é por vezes mascarada por preocupações burocracias momentâneas ou com as expectativas da saída. Quando a dor psicológica não é tolerada como sofrimento depressivo, pode-se tornar numa vivência persecutória na qual a partida é vivida como expulsão, seja ou não, verdade. Muitas vezes, os emigrantes são pressionados para saírem do país para garantirem o sustento da família. A fuga de vivências persecutórias ou culpabilizantes, quando o ambiente ou alguma coisa nele é sentida como penosa, configura habitualmente um percurso migratório instável e exemplifica uma fixação

infantil. No entanto, para outros, a partida torna-se numa experiência dolorosa; os sentimentos de dor e culpa correspondem ao sofrimento provocado pela perda dos objectos e das partes do *self* neles projectadas num movimento de desligar as partes persecutórias e manter a ligação com os aspectos positivos e bons. Mas, a partida pode também ser vivida ilusoriamente, como resolução dos conflitos e da dor. Na reacção maníaca, a dor é negada e substituída por sentimentos de triunfo por aqueles que ficam, olhados como limitados, incompetentes, expostos a grandes perigos ou dificuldades. Defesas como a negação, isolamento, e formações reactivas, emergem de fortes sentimentos de culpa por abandonar tudo o que lhes é familiar, concomitante à angústia de separação.

Quando a angústia de partir é invasora e o sujeito sente dificuldades em tolerá-la, a mudança remete-o para medos primários e a sua identidade vacila. Com uma individuação incompleta, “o indivíduo permanece inconscientemente ligado aos objectos da infância, “quando se afasta da “tribo” segue-se um período de regressão aos objectos e objectivos infantis e familiares” (Coimbra de Matos, 2002) e frequentemente descompensa. A separação dos objectos continentes familiares, associada às dificuldades de comunicação com o ambiente (língua, modalidades de relacionamento, etc.) constrange o espaço transicional necessário à criatividade e aos vínculos com os objectos, podendo provocar a emergência dum funcionamento psicótico ou originar uma sintomatologia de desenraizamento que conduz à procura, sempre insatisfeita, de uma outra “mãe-terra” ou “pai-ambiente” como continentes idealizados (Grinberg, 2004).

A construção de um trajecto de vida individualizado inclui o desconhecido e o compromisso com acontecimentos que não podem ser totalmente controlados ou previstos. No contexto da migração, estes factores agudizam-se e a capacidade de assumir riscos numa dimensão dinâmica, com sentido e finalidade, possibilita o sujeito de superar os obstáculos que vão surgindo e de assumir as consequências de um possível fracasso. Inversamente, constituem um grupo vulnerável dentro da população que emigra, indivíduos que simultaneamente procuram objectivos que envolvam riscos, que se expõem ao risco e que tenham a expectativa, por vezes ilusória, que vencerão.

A migração é uma experiência que necessita de ser amadurecida e a decisão de partir envolve como factor que preconiza o sucesso, uma adequada avaliação da realidade externa e interna, e o planeamento de estratégias a adoptar. Emigrar, implica também passar por situações indesejáveis, de sofrimento e de tolerância à perda múltipla. Assim, para concretizar o seu projecto, o emigrante precisa do suporte dos objectos a que está vinculado. Necessita de um espaço de contenção social e mental que proporcione a segurança necessária para desencadear as mudanças que envolvem a decisão de partir, nomeadamente convocar alguma agressividade.

A decisão de emigrar envolve não só a realização do desejo, mas também a discriminação entre o que se necessita e se pretende alcançar. “Significa também reconhecer em si a capacidade para obtê-los, nomeadamente a possibilidade de aceder a outras regras culturais e linguísticas.” (Visto, C., Podruzny, M., 2002). Pensar, para transladar à acção os desejos que devem ser reconhecidos, aceites e integrados em estratégias a serem executadas ao longo do percurso migratório, são para Vispo, C (2002), indicadores da capacidade de mudança psíquica. O desejo e a participação individual na decisão de emigrar, associados à motivação para o contacto com a nova sociedade, constituem-se como variáveis psicológicas reguladoras da experiência de aculturação e da saúde mental.

3 – Processos psicossociais da experiência migratória.

O contacto contínuo e directo entre dois grupos culturais desconhecidos caracteriza o processo reactivo que Garza-Guterro, em 1974, denominou choque cultural. Este fenómeno psicossocial tem um impacto na identidade e inclui três fases: choque cultural, reorganização da identidade e a reestruturação da identidade. O conjunto de modificações culturais, resultantes destes contactos, foi definido em 1936, por Redfield, Linton e Herskovits (Neto, 2003) como o processo de aculturação. Os intercâmbios culturais incluem aspectos físicos, mentais, sociais, e, apresentam-se com um duplo significado: redução de saúde dos indivíduos ou uma força motivadora de aquisições culturais e de oportunidades ao desenvolvimento pessoal. O contacto com a nova cultura, e as consequentes alterações identitárias, podem provocar diferentes níveis de stress que se interligam com as crises sociais nos países de origem, nomeadamente com

os efeitos de acontecimentos traumáticos pré-migratórios. A vivência desta crise emerge em todos imigrantes mas, em alguns, afloram funcionamentos psicopatológicos anteriores ao movimento migratório que eram atenuados na presença de objectos contentores de referência.

3.1 – A aculturação.

A aculturação é um processo individual que ocorre geralmente na idade adulta, em reacção a uma mudança de contexto cultural e que se distingue do processo de enculturação que “liga o desenvolvimento das pessoas aos seus contextos culturais” (Neto, F., 2003, p.43), e que se define também, como as mudanças que ocorrem a nível populacional, alterando a economia, sistemas políticos, estruturas sociais, etc. A condição necessária para que haja um processo de aculturação é a presença directa e continua de indivíduos provenientes de culturas diferentes, enquanto na enculturação as mudanças são provocadas no contexto cultural do sujeito. Com a crescente globalização, a aculturação e a enculturação, tornaram-se fenómenos importantes nas sociedades contemporâneas. E, após a publicação do artigo de Graves (1967), o conceito de aculturação estendeu-se à dimensão psicológica do indivíduo, referindo-se às mudanças individuais resultantes do contacto entre diferentes culturas. Dentro de uma circularidade de forças, o imigrante é simultaneamente influenciado pela nova cultura e participante no processo de aculturação. “As mudanças surgem no comportamento, na identidade, nos valores e nas atitudes” (Neto, F., 2003, p.43).

Durhis e colaboradores (1997), baseados no modelo de Berry (1990), descrevem as relações culturais que incluem tanto as atitudes e expectativas dos imigrantes, como a das sociedades de acolhimento. Definem cinco estratégias de relações culturais; integração, assimilação, segregação, exclusão e individualismo. A integração “associa o respeito pela identidade dos imigrantes e a aceitação que estes adoptem os valores nucleares da comunidade de acolhimento” (Vala, J., 2004, p.52). A assimilação, refere-se “à negação da diferenciação identitária da minoria e ao desejo que esta absorva os valores da maioria” (Vala, J., 2004, p.52). A segregação, “significa recusar a identificação da minoria com os valores da maioria e tolerar a identidade da minoria” (Vala, J., 2004, p.52). A exclusão ou marginalização “reúne a rejeição simultânea da

identidade da minoria e a sua possibilidade de adaptação aos valores da maioria” (Vala, J., 2004, p.52). Por fim, a individuação corresponde a uma estratégia “que consiste em ver como desejável que cada pessoa seja considerada como entidade particular, autónoma e não definida em função das suas pertenças categoriais, maioritárias ou minoritárias.” (Vala, J., 2004, p.52) e na capacidade do imigrante de manter funcionalidade das identificações secundárias relativamente às duas etnias.

A natureza da sociedade receptora medeia também a relação entre experiência de aculturação e a saúde mental. E, apesar dos dados do Euporean Social Survey (ESS) de 2002, indicarem que 68% dos cidadãos da União Europeia defendem que os imigrantes devem ter direitos equivalentes aos seus, 70% têm atitudes e crenças negativas face a esta população. A atribuição do aumento da criminalidade aos imigrantes é um exemplo que legitima comportamentos discriminatórios e xenófobos. No entanto, “tem-se verificado em Portugal, como noutros países europeus, uma evolução positiva nas normas sociais, relativamente à interacção com os imigrantes” (Vala, J., 2004, p.49).

3.2 – *Aculturação em Portugal.*

Em Portugal, e contrariamente ao discurso dominante em nos representamos como um país tolerante e aberto à alteridade, comportamentos discriminatórios emergem subterraneamente correspondendo a racionalizações e não a uma identificação, sendo por isso, difíceis de identificar e transformar. Esta relação conformista com as normas anti-racistas e anti-xenófobas, sustenta uma ambivalência de atitudes permitindo sua a perpetuação. Neste novo racismo, a discriminação não é apresentada nem sentida como ataque mas como uma protecção dos portugueses.

Em 2005, e na sequência de um relatório do Observatório Europeu dos Fenómenos Racistas e Xenófobos, o Jornal Público de 16 Março de 2005, publicou a notícia: “Portugueses mais resistentes aos imigrantes do que a média europeia”. Esta notícia, ao gerar calorosas discussões públicas nos meios de comunicação social, mereceu um comentário do anterior Alto-comissário para a Imigração e Minorias Étnicas (Padre Vaz Pinto), e do seu adjunto, agora Alto-Comissário, Dr. Rui Marques, que alertaram para a leitura dos dados dos dois inquéritos realizados em 2003, pelo Eurobarómetro e o Inquérito Social Europeu.

Para o Dr. Rui Marques, a sociedade portuguesa não tem uma definição clara duma estratégia de relações culturais. Constatase que a política de imigração circunscreve-se frequentemente a poderes políticos locais e não apresenta estratégias a serem implementadas a nível nacional. Este balanceamento acusa a dificuldade de afirmação da identidade portuguesa (Gil, J., 2005), numa época de transição e construção identitária de Portugal como país receptor. O presidente do CNLI, Manuel Sola, afirma que urge aprovar a nova lei da nacionalidade, o novo Plano Nacional de Integração de Imigrantes e a futura lei de estrangeiros.

Durante cinco séculos, Portugal foi um país colonizador e de emigrantes transatlânticos, que diferenciava as populações locais entre “indígenas” e “assimilados”, mas a mestiçagem dos portugueses com as populações locais, gerou transformações contínuas nas identidades culturais. Esta troca de culturas exemplifica a unidade na diferença pois inscreve-se na inter subjectividade remetendo para uma linha ténue entre o dentro e o fora, entre “eles” e “nós”. “A mestiçagem seria, por outras palavras, factor de subjectivação, na medida em que confere ao sujeito a faculdade de se construir e de se traduzir em actos”(Wieviorka, 2002, p.93).

Actualmente, o número de emigrantes portugueses que residem em Paris, só superado pela população da cidade da grande Lisboa, faz com que a sociedade portuguesa tenha como paradigma a integração de imigrantes da sociedade francesa que, sendo predominantemente assimilacionista, eleva o nível de stress nos imigrantes, comparativamente às sociedades pluralistas.

Condicionado pela natureza da sociedade receptora e relacionado com a aceitação e prestígio do grupo em que o imigrante está inserido, pois a hierarquia cultural é sentida como estigmatizante, o nível de stress depende todavia da estratégia individual de aculturação que imigrante adopta. Interligado com as características sociais e culturais do imigrante, as condições subjectivas que favorecem a integração numa sociedade pluralista, contribuem para que o predomínio desta atitude reduza o sentimento de marginalização. Esta estratégia de aculturação é apontada como a que desencadeia maiores níveis de stress, sendo que os sujeitos favoráveis à assimilação têm níveis de stress intermédio.

3.3 – Stress de aculturação.

“O stress é um conceito que serve para identificar um estado fisiológico do organismo que responde às condições do meio ambiente (os “agentes de stress”), por meio de um processo de confronto (*copping*), com vista a uma adaptação satisfatória à situação proposta (Selye, 1975, 1976) ” (Neto, F. M. F., 2003, p. 111). No Modelo Descritivo do Stress (1992), Vaz Serra, refere que a avaliação subjectiva do acontecimento leva o sujeito a perceber a discrepância entre os seus recursos e a situação. “ Se as exigências da situação forem superiores aos recursos disponíveis do indivíduo, então este sente que não tem capacidade de controlo e pode “entrar em stress”. As estratégias de *copping* utilizadas orientam-se para o problema, mas quando o sujeito se sente impotente para o resolver, orienta-as para a emoção. Se estas últimas são adequadas, libertam o sujeito do stress mas a sua inadequação, perpétua a situação stressante. Diversos autores debruçaram-se na definição do conceito de stress; Peiró (1993) Sells (1970), Lazarus e Folkman (1984) e Edwards (1988) e, as variáveis em causa referem-se à discrepância entre a avaliação subjectiva das exigências do ambiente e dos recursos pessoais disponíveis, características da personalidade e estratégias de *copping*. As adversidades na infância estão relacionadas com factores intra-psíquicos preditores da depressão no adulto, entre eles, a baixa auto-estima a dependência relacional e o sentimento de helplessness. Entre as consequências do stress, a permanência, a qualidade, a proximidade, a intensidade e a durabilidade, influenciam a alteração do estado de saúde física e mental. Porém, existem pessoas que foram expostas a situações stressantes e não se deprimem. Entre os factores que atenuam a depressão relacionada com eventos stressantes estão o suporte social, a flexibilidade cognitiva, a capacidade de resolução de problemas e as competências sociais.

O stress de aculturação corresponde às experiências implicadas no processo de aculturação que são patológicas ou disruptivas para o indivíduo, acarreta uma redução de saúde que pode manifestar-se através de aspectos físicos (doenças psicossomáticas), psicológicos (dificuldades de identidade) e sociais (marginalidade). O stress de aculturação, tal como o choque e trauma cultural, não é necessariamente negativo, pois pode apresentar-se também, como uma força motivadora de aquisições culturais. O stress pode ser encarado como estimulante do desenvolvimento pessoal e do

funcionamento do indivíduo, conduzindo a uma reorganização na identidade e à superação da crise.

Os acontecimentos stressantes, bem como os traumáticos, precipitam com frequência episódios depressivos e a sua quantidade aumenta o risco da doença se instalar. Estes acontecimentos predizem a depressão, em parte devido aos episódios depressivos que posteriormente ocorrem como sua consequência. Por sua vez a depressão, exacerba dificuldades quotidianamente sentidas ou desencadeia acontecimentos traumáticos. O estudo realizado por Kessler (1997) conclui que a relação entre acontecimentos traumáticos e a depressão, incrementa em indivíduos com depressões anteriores.

Para todos os imigrantes, orientar-se num meio que lhe é desconhecido, implica tolerar um aumento dos níveis de stress, pois o imigrante incrementa a sua percepção de modo a apreender as novas normas de comportamento e a metabolização da informação é acelerada, perante uma grande quantidade de informações novas. Esta vivência é acrescida das exigências que a realidade impõe; procurar casa e trabalho, iniciar processos de legalização e reunião familiar que em Portugal são muito burocratizados e dilatados no tempo e, por vezes ainda, a aprendizagem da língua portuguesa. O nível de stress aumenta também, quando o imigrante vê-se despojado de qualquer contexto familiar e com redes sociais limitadas ou inexistentes.

Por outro lado emigrar, na esperança de encontrar um trabalho e uma nova vida, confronta geralmente o imigrante com condições de vida exploratória e perda de status, o que conduz a um aumento do nível de stress e a um risco significativo de redução da sua saúde mental. Associado a sintomas de ansiedade, tristeza e insatisfação, o nível de stress eleva-se, também, quanto maior for a discrepância entre as expectativas e a realidade encontrada (Vispo, 2002). Estas condições penosas de pós-migração avolumam o stress já experimentado no seu país natal, muitas vezes seguido das dificuldades, riscos e traumas durante o trânsito (e.g. máfias, transporte em contentores, etc.).

Para Al-Saffar, S. (2003), dentro das características individuais (sociais, demográficas e psicológicas), a idade e o sexo, são factores demográficos que facilitam ou dificultam a integração. Quanto às características sociais que interagem com os

agentes de stress, facilitadoras de aquisição de estatuto, destacam-se o grau de escolaridade, a menor discrepância cultural entre os dois países, o pré-contacto (conhecimento prévio da língua e da cultura), a motivação para o contacto (atitude positiva face às novas regras e valores vigentes no país receptor) e a existência de redes de suporte familiar e social. Estas variáveis constituem-se como factores que regulam a relação entre a aculturação e saúde mental dos imigrantes. No período pós-migratório, as experiências qualitativas e quantitativas, negativas ou positivas, no contacto com a cultura e população receptora, influenciam também os níveis de stress sentidos pelo imigrante.

A complexidade do país receptor, o grau de divergências culturais em relação ao país de origem, determinam as mudanças que o imigrante têm que operar mas a recepção que o imigrante tem, condiciona a sua adaptação ao novo país. O grupo receptor também reage, na sua identidade cultural por exemplo; colocam-se-lhe problemas religiosos, de pureza da língua, da raça, etc.

Na colectânea dos estudos da Psicologia Intercultural organizada por Neto, F. (2003) vários psicólogos interessaram-se pelas modificações psicológicas individuais resultantes de contactos culturais directos e sublinham a existência de uma rede complexa de relações entre a aculturação, stress de aculturação e a saúde. Entre as características psicológicas descritas por Neto, F. (2003), que moderam as relações entre a aculturação e o stress, incluem-se o pré-contacto (predisposição e conhecimento da língua e cultura), a motivação (voluntário ou não), as atitudes positivas ou negativas face à aculturação, os valores, a auto-estima, a identidade, a rigidez ou flexibilidade e o estilo cognitivo. A identidade é o conceito destacado neste estudo pela sua abrangência que permite incluir a personalidade e os movimentos internos do imigrante, nos vários momentos do percurso migratório.

4 – Identidade e aspectos migratórios.

O conceito de identidade designa um processo psíquico através do qual acedemos à representação da nossa continuidade de existência. Formada pela assimilação e elaboração de introjecções, a identidade desenvolve-se e fundamenta a sua consolidação, nas identificações projectivas assimiladas. Jean Bégoin (2000) define

duas etapas nos primórdios do complexo processo de formação da identidade; “sentimento de existência” e “sentimento da identidade própria e alteridade” que posteriormente, condicionarão o seguinte; o “sentimento de identidade sexual”.

Para Jean Bégoin (2002), a fase da formação da identidade completa-se no 1º ano de vida. A experiência primordial do bebê de estar na total dependência da mãe, sem recursos e num estado de tensão provocado pelo seu desaparecimento (reação originária automática), é reactivada e repetida durante a vida, como um sinal de alarme. O objecto tem um papel crucial nas experiências securizantes necessárias, *holding* de Winnicott (1952), para que a percepção do durável se organize e o bebê não deslize para o desespero e catástrofe. Para Winnicott, quando a mãe não providencia ao bebê cuidados “suficientemente bons” (Winnicott), o espaço transacional, que está na origem da experiência cultural, não se constitui.

Na vivência da posição esquizo-paranoide (Klein), durante dois primeiros meses de vida, opera-se uma mudança qualitativa que se manifesta pelo contacto do olhar e pela subsequente emergência do sorriso, estabelecendo-se o “sentido do eu” (Bégoin, J, 2000), anterior ao aparecimento da linguagem e da reflexão. A confirmação narcísica estabelece-se “no reflexo dos olhos da mãe” (Winnicott) e a sua ausência não reflecte o falo imaginário necessário à completude, comprometendo a evolução do desenvolvimento da criança. Contudo, não é somente o olhar da mãe mas todo o ambiente de interações, (tocar, palavra, etc.) que jogam um papel importante na constituição do narcisismo, aquisição da estabilidade e da segurança necessária à emergência do “sentimento de identidade própria e alteridade”. O bebê já compreende o sentido da sua actividade, da coesão física, da continuidade do tempo, da intencionalidade e já não recorre a processos massivos de identificação narcísica.

A 2ª etapa do nascimento da vida psíquica, desenvolve-se como resultado do sucesso da interiorização harmoniosa e da reciprocidade das primeiras relações objectais parciais, entre os 6 e os 12 meses. A angústia do 8º mês, catastrófica num sentido Bioniano, assinala a passagem da relação de objecto parcial à relação de objecto total e da vivência da posição depressiva (Klein). Para Jean Bégoin (2002), esta passagem conduz ao aparecimento de uma nova dimensão: a alteridade. A alteridade e reciprocidade assentam numa relação estética primária que possibilita o aparecimento

da “alegria de viver” (Bégoïn, J., 2002). A relação primária é vivida pela mãe, e posteriormente pelo pai, com uma forte tonalidade estética (Meltzer, D., 1995), desencadeando no bebé uma forte admiração e, à guisa do que acontece no estado amoroso, a criatividade e a descoberta emergem. A segurança de base do “sentimento de identidade própria” e da “alegria de viver” são duas facetas do processo de nascimento psíquico que comporta dois aspectos; o libidinal e a função defensiva e anti-traumática (para excitação de Freud). Este último é secundário relativamente ao primeiro na construção da alegria de viver. O aspecto defensivo resulta da interiorização das funções parentais contentoras que permite estabelecer uma segurança de base. É constituída na primeira etapa do sentimento de identidade existencial e organiza uma confiança suficientemente protectora contra as angústias primordiais de aniquilação.

M. Malher, (1982), em *Separação-individação*, refere que a admiração e curiosidade, elementos predominantes do conhecimento, emergem na “expectativa confiante” (Benedeck, 1938) durante a fase simbiótica. Posteriormente, o período de exploração consiste no investimento narcísico nas funções egóicas e no interesse por novos objectos e objectivos, isto é, pela realidade em expansão. No que respeita ao aumento do investimento narcísico nesta fase do desenvolvimento, Coimbra de Matos enfatiza a aquisição do sentimento de competência, na construção da identidade. Partir à descoberta da realidade e o movimento em direcção ao desconhecido, “pré-estruturar-se pela aprendizagem e execução precoce, sistemática e contínua da eficiência individual, que no decurso do desenvolvimento se consolida no sentimento de competência” (Coimbra de Matos, 1982). Para este autor, a identidade constrói-se num primeiro momento, por hetero-identificação. A primeira consciência que temos é modelada pelo outro. Ligada a sistemas inibitórios de adaptação ao meio, a transmissão e conservação cultural, essenciais à formação do Super-Eu e Ideal do Eu, têm aqui os seus fundamentos. Esta consciência familiar, que posteriormente se alarga ao grupo, é restritiva e passiva. Numa vertente dinâmica constrói-se a auto-identificação, no exercício egoico de produção, no qual a luta, o esforço e as mudanças, se tornam essenciais à criação. A autonomia é uma aquisição que se conquista e é no desenvolvimento deste processo que o sujeito constrói a sua identidade, narcisismo e

imagem de si face ao outro, devolvendo-lhe este, uma imagem valorizada de eficácia, que vai consolidando a auto-estima. Este movimento interno desloca o indivíduo do anaclitismo para o filobatismo.

A simultaneidade das vivências narcísicas harmoniosas com as experiências de privação e a inadequação dos desejos, relativamente aos meios de que dispõe, confrontam o bebé com a alteridade; diferença de sexos e gerações. A existência distinta do outro, a alteridade, é uma característica que deverá ser concomitante a esta ligação passional para que a relação permaneça saudável e não se instale uma relação fusional ou simbiótica. O sentimento de identidade sexual integra a bissexualidade psíquica e contribui assim, para a consolidação dos sentimentos de reciprocidade e alteridade. Para Jean Bégoin (2002), a identidade é um processo que se vai desenvolvendo paulatinamente até à fase adulta e culmina com a integração da capacidade de parentalidade.

A construção da identidade na infância, não se organiza numa forma definitiva e estável, este processo permanece em continuas transformações e desenvolvimento, nomeadamente no contacto com outras culturas. “ Há uma ampla evidência que a identidade cultural pode mudar. Constitui uma dimensão psicológica que pode evoluir ao longo da vida e cuja análise pode por em evidência processos ou estratégias identitárias e variações inter individuais ou no seio do mesmo grupo cultural.” (Neto, F., 2003, p.57) As alterações que surgem no comportamento reflectem as mudanças na identidade. Jean Bégoin (2002), afirma que a situação de mudança remete sempre para os primórdios da vida psíquica, isto é, o sujeito para superar a angústia, restabelece a relação narcísica e passional que outrora vivenciou com os objectos parentais, nas suas funções contentoras e simbolizantes, agora integradas na vida psíquica.

Para Grinberg, “o sentimento de identidade resulta de um processo de interacção contínua de três vínculos de integração” (Grinberg, 2004): espacial, temporal e social e, embora a situação de imigração perturbe os três vínculos, a personalidade do imigrante e o momento do percurso migratório, determinam a incidência do vínculo mais afectado. Habitualmente, a perturbação predominante ocorre no vínculo de integração social, que se refere à relação entre aspectos do *self* e aspectos dos objectos, determinando os modos de pertença ao grupo. Estas estruturas que se tornam

conhecidas do sujeito, sustentam o sentimento e as representações inconscientes de pertença social e familiar. No entanto, o sentimento de identidade não depende só do mundo interno do sujeito mas também, das relações de objecto externas e concretas.

À luz das teorias das relações objectais, para Jacobson (cit. Garza-Guerrero A. C., 1974) “a “identidade do ego” é uma estrutura egoica que envolve funções sintéticas, como uma organização que consolida o sentimento de continuidade, da consistência entre as representações externas do mundo objectal, do conceito de *self* e do sentimento de confirmação, ou seja, na corroboração da identidade na interacção com o meio e o seu reconhecimento”.

Na migração, as mudanças “englobam um grande espectro das relações objectais externas.” (Grinberg, 2004, p.133) As mudanças abrangem aspectos físicos (e.g. clima, densidade populacional), biológicos (e.g. alimentação, doenças), políticas (perda de autonomia), económicas (outras formas de emprego), culturais (e.g. língua, religião) e sociais (novas relações inter individuais e inter-grupais). As relações familiares e sociais, alimentação, clima, espaços quotidianamente frequentados, etc., contribuem para este sentimento abrangente de pertença (vínculo espacial) e continuidade da existência (vínculo temporal), que, na perspectiva de Winnicott, é assegurada pela “herança cultural” (Winnicott, 1971). Considerando que a vinculação inclui a identidade (Sá, Eduardo, 2003), a perda dos objectos familiares que a cultura e objectos de vinculação representam, conduz a falhas e posteriores mudanças na identidade.

A imersão na nova cultura desencadeia no imigrante um processo psicossocial reactivo que Garza-Guerrero (1974) denominou choque cultural. Ticho, G. (cit por Garza-Guerrero, 1974), descreve o choque cultural como a vivência duma situação stressante, destabilizadora da organização psíquica e que se subdivide em três fases; contacto com a nova cultura, reorganização da identidade e a reestruturação identitária. A não superação desta crise, conduz a vários níveis de estagnação e de regressão no imigrante.

4.1 – Choque cultural; o contacto com a cultura do país receptor.

O sujeito pode ter decidido emigrar para fugir a um conflito, com a ilusão que a mudança espacial o resolveria, mas, para a maioria dos imigrantes, emigrar constitui-se como um conflito que tem de ser superado.

A chegada ao país receptor é habitualmente vivida numa posição esquizo-paranoide. Descrita por Melanie Klein, o funcionamento psíquico nesta posição remete para o estágio mais precoce da infância, caracterizando-se pela angústia intensa e de natureza persecutória, pelo predomínio de mecanismos defensivos introjecção e projecção, e por uma relação de objecto parcial, com a dissociação das linhas agressivas e libidinais. O imigrante alterna simultaneamente, a desvalorização dos aspectos culturais o seu país ou o novo e, tende a exacerbar as características positivas do país escolhido para emigrar, ou do seu. Para Grinberg (2004), esta dissociação apresenta-se essencial à manutenção da integridade mental; estados confusionais emergem do fracasso em discriminar entre o que é familiar e o desconhecido. Ansiedades persecutórias também surgem por vezes, nesta confrontação, e o imigrante pode chegar a reagir duma forma paranóide, regressando precipitadamente ao seu país. A discriminação adequada entre os dois países é para Vispo (2002), indicadora da capacidade de mudança psíquica necessária à integração na nova sociedade.

A mudança do espaço geográfico tem como consequência, para muitos imigrantes, a ausência de espaços transicionais e a inacessibilidade a outros objectos e grupos, desencadeando nos sujeitos vivências de solidão e isolamento social (Gringberg, 2004). Para Gringberg, a “capacidade de estar só” (Winnicott, 1958), coloca o imigrante em condições de enfrentar inevitáveis perdas e experiências de exclusão. Winnicott descreve a “capacidade de estar só” como um dos mais importantes traços emocionais que sinaliza a maturidade. Este sentimento paradoxal, não nos lança na ausência e no vazio porque a mãe foi assimilada e permanece no inconsciente. Ao longo do desenvolvimento o ambiente que serve de suporte ao Eu, foi introjectado e edifica a personalidade do sujeito, fundamentando a capacidade de estar verdadeiramente só.

A fixação do imigrante no futuro ou no passado, assinala uma fractura temporal característica do funcionamento esquizo-paranoide e é ultrapassada na constituição de espaços transicionais. A língua tem especial importância na focalização do imigrante no

presente. Vispo (2002), afirma que o conhecimento das metas que o imigrante pretende alcançar são essenciais ao planeamento de estratégias internas e externas, de acção e de adaptação, constituindo-se como indicadores da capacidade de mudança psíquica.

Para Grinberg, a capacidade de esperar, o tempo necessário à busca e emergência de oportunidades de integração social e profissional, favorece também as possibilidades de integração, manifestando a resiliência pessoal do imigrante. No contexto migratório, o conceito de resiliência adquire especial relevo. Translado da Engenharia, a resiliência é entendida como a capacidade de um sistema social ou de um indivíduo, em condições adversas, desenvolver-se duma forma positiva. Em face de condições penosas da realidade externa em que está submergido e que provocam um embate e o alteram, o sujeito, manifesta uma capacidade de reconstrução da sua própria vida. A resiliência pessoal contra acontecimentos depressivos, stressantes ou traumáticos, depende do estágio prévio do aparelho psíquico que determina as vicissitudes do impacto destes acontecimentos nos indivíduos. Entre os factores que interagem com a resiliência, destacam-se os recursos individuais, como a educação, o nível económico, o suporte familiar ou social, que podem ser mobilizados tanto para minimizar o impacto da mudança como para superar a crise.

Akhtar (1995) perspectiva a migração como a terceira individuação. Este processo psicossocial corresponde a uma reorganização da identidade nas suas transformações; linguística, temporal, social, moral e estética. Inerente à aculturação e dependendo de vários factores, este processo gatilha diferentes níveis de stress englobando essencialmente dois fenómenos; o luto pela perda da cultura abandonada e as vicissitudes da identidade na acessibilidade à alteridade, ambos relacionados com a perda massiva dos objectos envolvidos no abandono da cultura natal e com a retirada do ambiente esperado e previsto.

4.2 – Reorganização da identidade: capacidade de perda e mudança.

A ruptura espacial e a conseqüente transformação nas relações, desencadeiam o temor da perda dos objectos ou, por vezes, de ter uma saudade opressiva. O movimento expansivo e migratório viabiliza-se na segurança de não perder o amor do objecto e o imigrante não retoma as vivências de desamparo e de total dependência que

experienciou na primeira infância. No desenvolvimento afecto infantil, quando normal, não há perda das imagens paternas ou mudanças bruscas, o luto é um processo de transformação das relações com os objectos.

A evolução relacional é frequentemente perspectivada na literatura psicanalítica, como um processo de luto. Para Grinberg (2004), a integridade mental depende do desenvolvimento da autonomia que implica a elaboração de lutos por cada tipo de relação objectal abandonada e perdida, e pela capacidade de estabelecer novas formas de relação com os mesmos objectos e com outros novos. Para este autor, a vivência da separação, inevitável no percurso migratório, é comum à do desenvolvimento infantil, sendo o desmame, a separação que a escolaridade obriga, a separação-individuação na adolescência e o acasalamento numa fase adulta, vivências determinantes da organização psíquica e das possibilidades de separação.

A continuidade da identidade é assegurada no luto normal pela culpa depressiva. A tonalidade depressiva, e não catastrófica, da vivência migratória depende das pertenças internas adquiridas e suficientemente consolidadas. A nostalgia, o lamento, a preocupação e a responsabilidade, formam a base dos desejos de reparação (Grinberg, 2000). A maioria dos imigrantes ultrapassa o luto, mas uma percentagem de sujeitos permanece num certo grau de luto, com um funcionamento limitado no país receptor, sentido como “madrasta” que expulsa a terra “mãe”, por vezes percebida como agonizante.

O trabalho de luto assume características patológicas quando o imigrante deixa de ter a possibilidade de o reconhecer, sentir e expressar, podendo-se desencadear estados confusionais. O ressentimento, o medo, o desespero e as auto-recrimações, caracterizam o luto patológico onde predomina uma culpa persecutória. Jacobson (cit. Garza-Guerrero A. C., 1974) diferencia o luto normal do patológico na utilização de mecanismos defensivos. No luto normal opera a identificação, enquanto o luto patológico caracteriza-se pelo uso predominante da introjecção.

A adaptação à nova cultura implica a elaboração de um luto que incide predominantemente na aceitação da perda da funcionalidade de identificações secundárias com aspectos sócio-culturais do país de origem. A acessibilidade aos objectos restringe-se, e a sua representação passa por uma mudança e transformação

das identificações secundárias dos objectos investidos. Para Pérez (1985), o abandono da cultura referencial, remete para a perda da funcionalidade com a cultura abandonada, para a perda da acomodação a valores, regras e papéis sociais e para a perda do sentimento de pertença aos principais grupos familiares e sociais. Nesta vivência, o processo de elaboração do luto remete para a aceitação da perda (assimilação) ou para a perda funcional (individação) de identificações com aspectos sócio-culturais do país de origem, de forma a permitir a familiaridade às normas da nova realidade. Identificar-se com novos códigos sociais, ideais ou objectos, pode provocar o aparecimento de fantasmas de traição, colocando o imigrante numa vivência desencadeadora de angústia. O Eu, para se defender, pode denegrir o novo país, mantendo-se assim fiel, mas esta defesa narcísica provoca uma dor e nostalgia de não poder ser ele próprio.

A aprendizagem dos novos códigos relacionais, das regras e normas vigentes, requer um espaço relacional onde se operem as transformações das identificações secundárias, que por vezes, não são conseguidas entre conterrâneos. Para Grinberg (2004), a activação do processo de maturação do sentimento de identidade, passa por encontrar ou ter disponível, um continente que acolha e limite as projecções que transmitem partes de identidade, onde se realizam as transformações necessárias à integração. O fracasso do processo de integração produz uma “ruptura na relação da continuidade do meio e do *self*” (Grinberg, 1999). Para que a crise possa ser superada, o imigrante necessita de um espaço potencial – transitivo de Winnicott, que assuma as funções contentoras maternas e que assegure o lugar e o tempo de transição entre os dois locais, representantes do dentro (pertença) e do fora (novo).

Maioritariamente, os imigrantes apresentam uma disponibilidade para integrar os posicionamentos culturais que lhes são estranhos, relativamente ao sistema de valores do país a que pertencem. Num movimento expansionista da personalidade, o desejo de alcançar as metas estabelecidas dirigem a novas experiências com a esperança de encontrar “melhor”. Verificamos no entanto, em certos grupos étnicos, chineses por exemplo, uma recusa e uma luta entre a nova identificação secundária e a anterior, que se traduz numa resistência à transformação e desenvolvimento (segregação). Esta resistência, concretiza-se frequentemente num isolamento social que se prolonga e se confina a conterrâneos, ou em redor da alimentação que o imigrante tenta conservar,

desgostando-o qualquer novidade. As comunidades cerradas que certos grupos étnicos formam, correspondem à organização de um sistema que permite um equilíbrio mental sem a mudança psíquica inerente à migração, e que poderá funcionar como um espaço transaccional para uma ou várias gerações. Mas, por vezes, é a sociedade receptora que segrega os imigrantes, recusando contactos afectivos e trocas culturais entre as duas etnias.

4.3 – Reestruturação da identidade; alteridade.

A reestruturação da identidade cultural, põe em actividade múltiplos mecanismos e a imposição de exterioridades incrementa a complexidade de o imigrante em vincular-se. “Ir sendo” ou “ir pensando” dentro do colectivo, é o resultado de crenças ou convicções dos códigos, ideologias e costumes, que formam parte do consciente. A estranheza do Eu, e dos outros, é um permanente atentado contra a certeza, que dá segurança. O excesso do vivido que a imposição da alteridade desencadeia, tem como consequência a produção de um estado de destabilização que provoca a emergência da redefinição dos limites e fronteiras. Num contexto favorável, produzem-se estados inéditos e criativos. No entanto, para muitos imigrantes, a perda dos objectos conhecidos e a imposição de referências sentidas como arbitrárias, denunciam a angústia perante a possível perda dos limites, da desorganização mental e do bloqueio da função representativa. A carência de recursos internos (“não posso imaginar”) manifesta a falha do mecanismo subjectivante e de uma pertença desinvestida. Esta vivência, abarca as necessidades mais primárias de pensar e entender qual é o seu lugar. O imigrante adquire o seu potencial subjectivante quando passa do “estar junto” à “vinculação”. E, ao pensarmos na presença do afecto, fazemos referência a Lacan, quando afirma que amamos aquele que carrega um traço do objecto anteriormente amado, de tal forma que se pode dizer que todos os seres por nós amados se assemelham por um traço. O outro, possui sempre algo de mim, ao mesmo tempo que introjecto elementos vindos da alteridade. Para Jean Bégoin (2000), o nascimento e reconhecimento da alteridade, devem ser realizados precocemente e exigem a vivência da reciprocidade, aspecto central da relação narcísica primária, e base suficientemente estável para o desenvolvimento da vida psíquica.

As fontes de sofrimento social, paralizadoras do funcionamento do imigrante, correspondem essencialmente a duas categorias de experiências internas; a experiência do vazio e a experiência do excesso do vivido na imposição da alteridade. Por vezes, o deslocamento do outro não se produz, e o imigrante experimenta outra modalidade de excesso: a vivência da saturação. O sofrimento sentido pelo imigrante pode ser provocado pela pressão social, caracterizada pelo efeito da alteridade pois a presença do outro impõe um efeito dinamizador, mobilizando forças diversas e complexas. Em cada um dos espaços intra, inter e transsubjectivo, constituem-se subjectividades próprias e o efeito da imposição adquire diferentes significados. O sofrimento pode conduzir o imigrante a um estado de confusão e de impotência para realizar um trabalho psíquico que active o potencial criativo. Dependendo do estágio prévio do aparelho psíquico, o sofrimento perante a indigência, carência de recursos e dificuldade em pensar o inédito, como confrontar-se com situações que superam as possibilidades actuais, leva o imigrante à impossibilidade de se projectar no futuro.

Tal como na infância, o imigrante constata que algo no objecto permanece no exterior e excede o lugar ocupado no interior do seu psiquismo. Encontra não só um objecto correspondente ao representado, mas também um outro, não conhecido, que se torna necessário inscrever, sendo este o primeiro passo para a aceitação do novo. Assiste-se ao surgimento do “não”, em face do novo. “Desconhecer”, adquire um duplo significado; “eu não o conheço”, pode corresponder a uma não aceitação do outro na sua alteridade e implica investir e negar conhecer, estando ao serviço da actividade do “vínculo -K”, conceito proposto por Bion (Grinberg, 2004). A este procedimento, próximo da negação, Berenstein (2001) prefere a interpretação que dá Rosolato (1969), “não querer admitir”. Mas, “não conhecer”, pode também corresponder a uma falha de inscrição, caracterizado pela ordem do estranho do outro. A não representação, onde a percepção é utilizada como procura de identidade, caracteriza o desamparo, sentido tão frequentemente pelos imigrantes. Em face da realidade, que é nova, as relações de identidade são difíceis de estabelecer. A impossibilidade de investir numa representação, pode conduzir a uma alucinação, a uma ilusão ou a uma fantasia de um projecto que poderá ou não, concretizar a realização do desejo. Perante a incapacidade de fantasiar, o novo surgirá como persecutório e desconhecido, correspondendo ao

lugar da não representação e o acesso ao princípio da realidade, ficando comprometida a adaptação ao novo país. Para Vispo C., Podruzny, M. (2002), a capacidade para recorrer à recordação (memória de evocação), nomeadamente dos lutos anteriores, e o reconhecimento dos benefícios e custos que a situação migratória desencadeia, constituem-se indicadores da mudança psíquica necessários ao sucesso deste percurso.

Na ausência da percepção, o Eu deverá recorrer aos traços mnésicos para criar um campo, onde o símbolo ocupa o lugar do objecto perdido. Essa evocação, necessária na ausência, constitui um facto de memória e de reconstituição do próprio Eu. Por isso, a impossibilidade de ausência não obriga à presença no campo perceptivo do outro, mas “relaciona-se tanto com a ocupação de um lugar que gera novo sentido, quanto com a colocação do sujeito em permanente disponibilidade em relação a um lugar possível” (Berenstein, 2001). A simbolização incide sobre o lugar, conferindo um sentido, aquele que ocupa e possibilita ficarmos exteriores ao turbilhão fantasmático que o temor do desconhecido desencadeia e que pode conduzir a uma desorganização face à variedade de representações do acontecimento. Berenstein afirma que “é necessário oferecer um espaço à estranheza do outro, para não enlouquecer” (Berenstein, 2001). A transformação nas identificações secundárias pressupõe a acessibilidade à alteridade. As novas identificações e representações ocupam o lugar vazio deixado pela ausência e possibilitam a resignificação da perda, não do objecto, mas da sua representação. A subjectividade social não é equivalente a um acontecimento traumático ou a uma crise, pois a perda do objecto com representação não é traumática (Botella e Botella, 2004).

5 – *Trauma cultural.*

As crises sociais num período pré-migratório, ou as alterações culturais num período pré e pós-migratório, podem provocar acontecimentos com altos níveis de stress ou mesmo traumáticos; destruição física das pessoas, bens materiais e paisagens, perdas materiais, perda de emprego, conflitos familiares, etc. Histórias cheias de feridas de nações, familiares e individuais, conduzem a disfuncionamentos psicológicos e sociais: toxicod dependência, delinquência, corrupção institucional, etc. Em casos extremados, estas crises, podem incluir no país de origem a criação de uma nova história ou de um novo inimigo, violação ou violência para destruir famílias, eliminação figuras

tradicionais de autoridade ou de agências exteriores, para passagem dos sistemas de autoridade.

A palavra trauma provém etiológicamente do grego, designando uma ferida com ruptura e é considerado como uma lesão ou perturbação, provocado por uma força produzida no organismo. O trauma envolve um dano permanente com vários significados: experiências objectivas traumáticas, experiência subjectiva do acontecimento e o resultado da experiência traumática.

Na literatura psicanalítica, o trauma não é um conceito consensual. Habitualmente, é descrito como um fenómeno agudo que ocorre num curto espaço de tempo, caracterizado por uma ruptura temporal na experiência imediata. No entanto, Freud assinalou que o trauma pode ser causado por um acontecimento importante ou pela soma de numerosos acontecimentos traumáticos parciais, ou seja, pode corresponder a uma sequência de diferentes eventos, onde cada um adquire a significação de traumático. Para Grinberg (2004), as observações das experiências traumáticas levam a pensar que os traumas nunca podem ser isolados mas que ocorrem em conjunto, e que alteram ou intervêm na realidade concomitantemente em vários factores, por exemplo, à morte do pai sucede uma depressão materna que acumulados podem precipitar acontecimentos traumáticos.

O conceito de trauma emerge no pensamento freudiano como determinante da origem da histeria, entendido não como o acontecimento em si, mas a representação do vivido (fantasma inconsciente). Inicialmente, Freud considera a realidade das cenas de sedução e o seu valor patológico e, esta realidade psíquica é perspectivada como um corpo interno, fonte de excitações em excesso “que superam a barreira protectora do funcionamento do Eu, gerando perturbações duradouras.” (Grinberg, 2004, p.26) O ambiente traumático na infância, refere-se à qualidade do ambiente primário que fragiliza o Eu do bebé, seja por ser insuficiente ou excessivo, tóxico ou por distorção do investimento narcísico e objectal. Este ambiente, representa um contínuo de percepções mais ou menos dolorosas ou excitantes que a criança não tem capacidade de avaliar, o que conduz a um traumatismo cumulativo criado pelas sucessivas brechas repetidas na barreira de contacto protectora que a mãe representa.

Posteriormente, em 1926, no quadro da nova teoria da angústia, Freud acaba por abandonar a condição determinante fundamental do trauma, ou seja, trata-se, não da sedução do objecto, mas da sua perda e introduz os conceitos de angústia automática e angústia de sinal de alarme. A primeira é uma resposta do organismo a uma situação traumática, definida como um afluxo não controlado de uma excitação demasiado intensa. A segunda é a reprodução da precedente a cada perigo, tornando-se num sinal. O Eu ao desencadear uma angústia sinal procura não ser invadido por uma angústia automática, catastrófica, que caracteriza a situação traumática e na qual o Eu se encontra desamparado. No trauma, a angústia não cumpre a sua missão de sinal de alarme, nem mobiliza as operações defensivas adequadas que têm como função a evacuação do excesso de tensão. Esta concepção conduz ao estabelecimento de uma simetria entre o perigo interno e externo: o Eu é atacado por dentro e por fora.

Numa passagem de Inibição, Sintoma e Angústia, Freud refere-se à vivência da perda do pénis como uma separação que contem e retoma todas as angústias posteriores de separação. A importância dada por Freud às situações traumáticas, ligadas a estados de tensão e de ausência (da mãe e do pénis), originou uma concepção do traumatismo centrada em redor do narcisismo e da sua constituição. É na linha do desenvolvimento das ideias freudianas de 1926, que os autores contemporâneos se interessam pelo trauma. O trauma é assim, actualmente utilizado, no sentido da perda objectal ou narcísica e na inacessibilidade à elaboração do luto. Em França, Bela Grunberger (1950), foi a primeira a falar de trauma narcísico, definido como a queda da onnipotência infantil. Na perspectiva desta autora, a falta de confirmação narcísica em cada etapa da maturação do impulso, deixa o Eu da criança fragilizado.

O conceito de traumatismo é reservado para designar as consequências do trauma descritas como um corpo estranho, não assimilável, implantado, psicologicamente activo e permanente. Na literatura psicanalítica é considerado dentro dos limites da relação primária, dissociado da experiência. Esta perturbação mais do que uma simples memória é um agente activo de difícil conceptualização. O estudo realizado por Sandler (1991) sobre o conceito de trauma evidencia a dificuldade em diferenciar o elemento traumático. A experiência traumática é entendida entre a experiência subjectiva e o acontecimento, sentidos conjuntamente como traumáticos e representando uma

dimensão espacial. A relação entre a situação objectiva traumática e a experiência subjectiva varia. O que confere ao acontecimento o seu valor traumático são as condições psicológicas em que o indivíduo se encontra no momento do acontecimento. A situação afectiva de imaturidade ou desamparo impossibilita uma reacção adequada, impedindo que a experiência vivida seja memorizada e integre a personalidade consciente do sujeito. No entanto, a reacção do indivíduo no momento do acontecimento traumático, não é decisiva para determinar se o facto será traumático nas suas consequências. Ocorre frequentemente um período de latência, cuja duração é variável, entre os acontecimentos traumáticos e os efeitos detectáveis. A ideia que o trauma ocorreu, envolve uma extrapolação à posteriori, segundo o papel que têm os factores subjectivos internos no sujeito traumatizado.

O trauma tem consequências na personalidade, “ocasiona deficits e coloca em actividade mecanismos de defesa.” (Hernandez, 2001, p.248) Dentro das consequências traumáticas incluem-se: restrições egoicas, patologias do carácter, desordens afectivas, perturbações psicossomáticas, narcísicas, distúrbios nas relações objectais, o irreparável dano na auto-estima, personalidades esquizoides, organizações borderline e PTSD.

Numa perspectiva cultural, o trauma e a perda são conceptualizados numa dimensão espacial e temporal pois articulam-se ao grupo e às futuras gerações; os acontecimentos traumáticos e as suas consequências, podem ser retidos silenciosamente através de gerações. Stamm, B., Stamm IV, H. Hudnall, A. & Higson-Smith, C. (2004), caracterizam o trauma cultural como um período de perda cultural; memória, língua, diminuição das oportunidades culturais, económicas, de saúde, e a emergência de padrões familiares disruptivos. É definido como a luta pelo significado, identificação às vítimas e a atribuição de responsabilidade como uma memória individual, submergida na memória colectiva. Estes autores concluíram que a percepção da perda histórica, leva a respostas emocionais tipicamente associados com o PTSD e depressão.

O trauma cultural envolve mais do que a destruição da cultura. Na literatura do stress traumático, a perda, refere-se à retirada de um valor, crença ou bem material, mas sobretudo à morte. Em contraste com o stress, os traumas alteram profundamente as estruturas, não só dos indivíduos, como as sociais. Nesta perspectiva, a cultura pode ser vítima de trauma e os factores culturais de protecção à saúde diminuem (Al-Saffar, S.,

2003). Manifestada nas sociedades, a resiliência pessoal contra o trauma depende da força da mudança traumática inicial, das diferenças entre a nova e velha cultura, da extensão do grupo traumatizado e dos recursos individuais tais como a educação, contactos e capital financeiro que podem ser mobilizados na defesa contra os sujeitos traumatizados.

Os estudos realizados não são conclusivos quanto aos factores de risco num contexto de perda traumática, nem aos mecanismos associados à cronicidade pós-perda. Porém, é empiricamente evidente que a perda não previsível, por violência gratuita, incrementa o risco de perturbações crónicas e que as mortes mais estigmatizadas tendem a produzir altos níveis de stress. A perda por acontecimentos traumáticos precipita sintomas mais intrusivos e conduz a uma irregularidade no funcionamento mas, a perda com um significado traumático é mais perniciosa que o trauma directo. Para Green (2000), o PTSD não é suficientemente abrangente para captar as experiências de quem sofre de dor crónica como resultante da violenta perda de uma figura de vinculação importante. Esta perda é potencialmente traumatizante e pode resultar num PTSD, porém, nem sempre a perda com um significado traumático conduz ao trauma.

Freud interrogou-se sobre a pré-disposição traumática em face da realidade da neurose traumática. Esta neurose reportava-se a um conhecimento preciso e datável (guerra, acidente), que se manifestava num quadro de um sofrimento subjectivo importante, embora os elementos depressivos, mais ou menos intensos, nem sempre eram reconhecidos. Há unanimidade entre os psicanalistas em considerar que explicitamente ou implicitamente, o trauma traz vulnerabilidade e uma pré-disposição a traumas futuros. Isto quer dizer que, na história do sujeito há factores que predispõem a acontecimentos, não traumáticos para outros, mas que desencadeiam respostas que se podem perpetuar se o sujeito estiver exposto à sua repetição, produzindo efeitos de situação traumática crónica. A pré-disposição traumática evidencia a sua importância na resposta a situações que adquirem um valor traumático. As situações traumáticas são comparadas às reacções imunológicas, em que as sucessivas sensibilizações ao mesmo tipo de traumatismo conduzem a uma propensão para reagir de uma forma cada vez mais incontrolável, assinalando a pré-disposição traumática. Tem sido porém

minimizado, a possibilidade do stress excessivo em adultos conduzir um estado traumático ou disruptivo no funcionamento do indivíduo (Al-Saffar, S., 2003).

As mudanças que podem ser toleradas e integradas no sujeito, relacionam-se com as diferenças entre as duas culturas, mas têm variações individuais que determinam o curso da mudança. As perturbações geradas na organização psíquica devem-se a uma articulação alienante do indivíduo com a sua cultura, provocado por uma ruptura da homeostase narcísica no seu equilíbrio psíquico e podem levar à perda de identificações já adquiridas e consolidadas.

6 – Especificidades culturais e étnicas das manifestações psicopatológicas.

Em 1934, Benedict (cit in Draguns, J., 1989, p.263), sublinha a relatividade social das manifestações psicopatológicas. Nesta linha de pensamento, Blos (1985) afirma que as condições sociais influenciam profundamente o tipo e o predomínio da psicopatologia. Para este autor, os factores constitucionais favorecem ou dificultam a adaptação a uma certa cultura, consoante as tendências dominantes nas suas políticas e na preferência, aprovação e reforço, de certas características da personalidade. Ter iniciativa na acção e ser extrovertido, são exemplos de comportamentos valorizados na sociedade americana. Contrariamente a obediência, é um valor incutido na cultura oriental que incentiva a afiliação.

Estudos realizados em vários países, pela OMS (1981), concluem que as dimensões psicopatológicas e as suas estruturas têm uma equivalência através do espaço e do tempo. Berne (cit in Draguns, J., 1989, p.263), em 1959, afirma que a cultura traz *nuances* às grandes estruturas psicopatológicas e a sua investigação torna-se pertinente considerando as transformações individuais que se configuram no Eu e Super-Eu para compensar a violência gerada por uma sociedade, sentida como degradada, ou que nela ocorreram acontecimentos traumáticos para a população. As estruturas psicopatológicas sofrem um impacto e afloram com intensidade, quando o sujeito está despojado dos marcos de referência que permitem encobrir e atenuar disfuncionalidades.

Num posicionamento oposto aos culturalistas que defendem a especificidade cultural das manifestações psicopatológicas, universalistas afirmam que a perturbação psicopatológica resulta de stressores da vida que remetem a elementos universais da

condição humana. Mas, embora tenham componentes universais, é consensual que as mudanças culturais e os acontecimentos traumáticos desencadeiam respostas individuais e que a definição de sintomas é expressa dentro da especificidade de cada contexto cultural.

Não obstante as várias perspectivas entre a influência da cultura na psicopatologia, a dependência entre o diagnóstico psiquiátrico e a etnia do paciente, tem-se revelado estreita ao longo dos tempos. Psiquiatras colonialistas, afirmavam que não havia depressão entre a população negra (Marsella, 1980, cit in Draguns, J., 1989, p.266). No entanto, um estudo realizado pela OMS (1981), em 4 países, sobre a depressão, indica que os sintomas estão presentes em 75% dos doentes. Draguns, Júris G. (1989), conclui que apesar de haver um fundo comum nos estados depressivos, o campo das particularidades culturais é vasto e é codificado diferentemente em cada cultura. E, apesar das reacções à perda serem universais, a sua manifestação e as vicissitudes do sofrimento são individualizadas, o que gera dificuldades em limitar as reacções normais das patológicas. Sabemos que a depressão numa cultura estranha pode ser subestimada quando assume manifestações silenciosas ou mesmo imperceptíveis, relativamente à esquizofrenia, comportamentos agressivos ou perturbadores de códigos sociais vigentes. Em 2003, um estudo realizado num hospital psiquiátrico em Estocolmo (Al-Saffar, S., 2003), demonstra que todos os diagnósticos, à excepção da esquizofrenia e distúrbios de humor, estão relacionados com a etnia do paciente. Esta variável apresenta-se como inequívoca, ao predizer o diagnóstico psiquiátrico; os Africanos são predominantemente diagnosticados com psicoses, os Gregos com perturbações psicossomáticas e os Suecos, com perturbações de carácter.

À especificidade individual e étnica que os imigrantes têm em manifestar estados psicopatológicos, acresce que o destino do fluxo migratório de sujeitos provenientes de regimes totalitários ou de sociedades primitivas são países de cultura ocidental. As culturas de onde os imigrantes são oriundos, providenciam técnicas uniformes para a definição de papéis, modalidades relacionais, aquisição e confirmação de status. Esta mudança de cultura incrementa a todos o risco de descompensação psíquica, pois a cultura ocidental oferece um excesso de modelos e identificações (Blos, 1985). A não obrigatoriedade de nenhum e por vezes a sua incompatibilidade, sobrecarrega a auto-

determinação e facilita o desenvolvimento do anormal e patológico da identidade. “No interior do mundo moderno, a referencia a uma identidade parece tornar-se cada vez menos da ordem da *fixação* ou da reprodução e cada vez mais da ordem da escolha” (Wieviorka, M., 2002, p.173).

7 – *Síndrome de Ulisses: a “forma psicopatológica” dos imigrantes.*

O Síndrome de Ulisses corresponde a um estado psicopatológico que se configura em imigrantes que apresentam dificuldades de integração no país receptor. A figura de Ulisses transcendeu o âmbito da mitologia grega, Homero relata as suas façanhas no seu livro *Odisseia*, e a literatura ocidental perpetuou-o em símbolo da capacidade do homem para superar as adversidades, tornando-se assim o mito da migração. Considerado como o mais manhoso dos mortais e o mais valente marinheiro, Ulisses adaptou-se pela astúcia e bom senso, a um mundo cada vez mais complexo e em contínua mutação. Passou grande parte da sua vida de aventura em aventura, acabando por regressar à sua terra natal e à fiel Penélope.

O processo de migração desencadeia diferentes tipos de ansiedade: ansiedade de separação, ao abandonar os seus objectos com funções contentoras e marcos de referência, ansiedades depressivas de solidão, lealdades e valores, ansiedades persecutórias que emergem da confrontação com o novo e desconhecido. No fracasso em discriminar entre o familiar e o novo, podem-se gerar também estados de grande ansiedade com episódios confusionais, pois o imigrante deixa de compreender o meio que o circunda e por que normas se deve reger. Estas ansiedades desencadeiam mecanismos de defesa e conduzem à formação de sintomas que se organizam numa forma “psicopatológica de migração”.

O impacto das mudanças na realidade externa, pode ser sentido como um cumulativo de situações que o sujeito percebe como insuperáveis. O Eu, para sair deste estado, usa as defesas mais extremas e primárias podendo conduzir o sujeito à opção de emigrar, negando, ou seja, não percebendo as dificuldades internas e externas inerentes à migração. À chegada ao país receptor o sujeito já fragilizado, depara-se habitualmente com situações penosas de exclusão e sentimentos de perda, que acrescem às vivências negativas no seu país natal. Estados depressivos e ansiosos

emergem, e a disfuncionalidade vai-se agravando à medida que estas vivências aumentam, recorrendo o imigrante a defesas mais regressivas. É frequente a regressão ser a única defesa encontrada pelo Ego, e o imigrante incapaz de qualquer movimento de autonomia, tenta delegar nos outros tarefas que tem de assumir. A alucinação negativa, outra defesa egoica reactivada na vivência do pânico, leva o imigrante a não perceber a realidade, inexistência de trabalho, por exemplo. Também a identificação projectiva massiva é muitas vezes utilizada pelos imigrantes e leva-os a colocar no exterior o mau objecto visando controlá-lo ou destruí-lo, podendo chegar a estados de despersonalização ao evacuar de si, empobrecendo-se, os seus objectos continentais: país e país.

A situação de mudança e ruptura cultural, associada à imersão na nova cultura provoca no imigrante uma ausência mnésica da realidade, impedindo o nominável, facilitador da entrada no sentido. O irrepresentável faz emergir o sentimento de espanto, e por vezes de impotência, deixando o imigrante numa falha de identidade. A necessidade de explicar, exemplifica uma defesa frequentemente utilizada. Na dimensão espacial e temporal, as interpretações que o imigrante faz, numa forma fraccionada, referem-se às memórias do país de origem (passado), às vivências (presentes) no país receptor e às suas expectativas de vida (futuro). A repetição opera como um espaço de mudanças mínimas e não ameaçadoras no processo de integração. No entanto, esta defesa pode transformar as explicações temporárias em racionalizações totalizantes, impedindo o princípio básico da reorganização que a interrogação e discussão representam e perde-se então a qualidade da função subjectivante. Nestes casos, o imigrante deixa de aceder ao aproveitamento do espaço transaccional para chegar à experiência da ilusão que favorece a atitude imaginativa e criativa, necessária à assimilação do mundo que o rodeia. Este mecanismo defensivo controla a ansiedade, sempre presente, quando surge a certeza do incompreensível e da dificuldade em se vincular. A criatividade é um potencial que depende da possibilidade de interrogarmos sobre o “porquê”, “onde estamos”, “como vamos alcançar” e da procura de mecanismos que permitam obter estabilidade, sem perder a instabilidade de interrogar a problematização.

Apesar dos imigrantes apresentarem um leque significativo de sintomas, constata-se em todos que pedem ajuda psicológica, um fundo depressivo que muitas vezes os impede de pensarem e de adoptarem estratégias de *copping* eficazes, em face dos obstáculos, tarefas e adaptação que a nova sociedade impõe. A ruptura do contexto e da comunicação que a migração implica, tende a activar a parte psicótica da personalidade. A estrutura neurótica ou psicótica nunca é pura e consta-se no predomínio dum funcionamento psíquico, a coexistência de núcleos de funcionamento do outro. O impacto de uma separação emocionalmente significativa, a perda do objecto, o vazio sentido e a ausência dum substituto materno com capacidades contentoras, pode provocar a eclosão da psicose.

É ainda habitual dentro da população que imigra, encontrarmos vivências que incluem altos níveis de stress ou mesmo experiências traumáticas. No entanto, o trauma e as suas consequências tendem a ser subestimados, como ilustra a ausência de diagnóstico de PTSD, num serviço de psiquiatria em Estocolmo (Al-Saffar, S., 2003). Os psicanalistas perspectivam o trauma e o ambiente traumático na infância como determinante de certos estados psicopatológicos no adulto, minimizando a possibilidade do contexto stressante numa idade adulta conduzir a disfuncionamentos psicológicos. Este facto é agravado na cultura ocidental que, contrariamente às sociedades tradicionais, responsabiliza o indivíduo pela sua saúde e por lidar com o trabalho psíquico. Estas barreiras sociais actuam simultaneamente nos terapeutas e nos pacientes, e têm como consequência a negligência deste diagnóstico e a abordagem destes acontecimentos num contexto terapêutico (Al-Saffar, S., 2003). No entanto, se o suporte social do sujeito traumatizado é suficientemente contentor do seu sofrimento, as disfuncionalidades psíquicas atenuam-se.

As dificuldades de diagnóstico na população de imigrantes, referem-se à vivência desta crise que emerge em todos e que muitas vezes esconde funcionamentos psicopatológicos individuais anteriores ao movimento migratório. A perda de familiaridade com a cultura, redes de suporte e representação que têm de si, principalmente no que respeita à actividade profissional, é aqui simultânea ao esforço adaptativo que a integração implica, muitas vezes agravada pela ausência de suporte familiar e social. O desamparo e o espanto emergem de formas e motivos diferenciados,

consoante o estágio prévio do aparelho psíquico, das situações vividas, do grau de familiaridade com a nova cultura e da cultura de onde são oriundos. Também a população portuguesa, nem sempre consegue identificar ou compreender as vivências dos imigrantes provenientes de culturas que lhes são estranhas, do Leste por exemplo, o que incrementa as dificuldades de comunicação.

Os imigrantes provenientes dos países africanos de língua oficial portuguesa têm redes fortes de suporte familiar e social em Portugal e uma história comum recente. Dum modo geral, as relações com os portugueses são-lhes familiares, pois não diferem das que tiveram no seu país natal e, o facto de terem emigrado aumenta-lhes o estatuto social com um incremento da auto-estima, sentido entre os seus conterrâneos e principalmente, nos seus países de origem. As dificuldades nesta população localizam-se ao nível cognitivo e afectam a segunda geração que frequenta a escolaridade portuguesa. Por vezes, a desvalorização a que estes povos foram sujeitos no passado, constituem-se em memórias transgeracionais, muitas vezes transmitidas às gerações vindouras numa forma imperceptível e inconsciente. As suas consequências podem-se manifestar em comportamentos agressivos e anti-sociais só nas gerações posteriores, que já não viveram estas experiências penosas. Estudos sobre a 2ª geração de imigrantes têm sido recentes alvos de destaque nas investigações dentro desta temática.

8 – Integração dos imigrantes na sociedade portuguesa.

O período de desorganização que o imigrante atravessa é geralmente transitório. Grinberg (2004) assinala a rapidez da capacidade de reorganização como um indicador positivo da possibilidade do imigrante se integrar na nova sociedade. Winnicott (1971) e Vispo C., Podruzny, M. (2002), atribuem a continuidade da existência à cultura, que fundamenta as vicissitudes da identidade, sem a ameaça de descompensação psíquica. Gradualmente, e concomitante às experiências positivas de eficácia, o imigrante vai integrando em pós ambivalência os aspectos da nova realidade e, o desconhecimento e a indiferenciação conduzem à diferenciação e à integração. Quando está presente, numa forma constante uma harmonia adequada entre o imigrante e o meio social, a repressão e a culpa estão ao serviço da criação. A transformação que se opera na elaboração do luto, permite o imigrante aceder a uma vivência positiva no país receptor superando a

experiência destruidora dos marcos de referência, às mudanças nas relações e representações dos principais objectos a que está vinculado e às partes do *self* que deixam de ter funcionalidade e ter a autonomia necessária aos sentimentos de solidão. A terceira individuação conceptualizada por Akhtar (1995) ao ser adquirida, conduz à integração da cultura da nova sociedade e a síntese e a autonomia, vão sendo gradualmente conquistadas. A individuação é também a estratégia de aculturação mais complexa e que suscita menos stress, uma vez que o imigrante ao adquirir identificações no relacionamento com a nova cultura, não perde a funcionalidade das adquiridas no seu país natal.

A prevenção da saúde mental dos imigrantes passa por factores políticos e sociais, ou seja, tanto pelo debate sobre o tratamento político da diferença, centrado nos direitos das pessoas e nas condições de subjectivação, como pela implementação de políticas que facilitem e encurtem os processos burocráticos de legalização e reunião familiar, que fiscalizem a legalidade das situações laborais e permitam, o acesso real aos cuidados básicos de saúde a todos, legais ou ilegais.

O Dr. Rui Marques afirma que para Portugal se tornar numa verdadeira sociedade de acolhimento não basta a memória, nem a história de Portugal como um país colonizador e de emigrantes, é necessário controlar os fluxos migratórios e, num quadro de igualdade de direitos, exigir o cumprimento de deveres e o usufruto de direitos aos cidadãos nacionais e cidadãos imigrantes. Esta perspectiva, que se integra no multiculturalismo integrado, associa o cultural ao social e as leis referem-se simultaneamente ao reconhecimento do grupo e ao combate às desigualdades. Mas, transformar a sociedade portuguesa numa sociedade multicultural, passa também pela sociedade civil, isto é, que o olhar dos portugueses dignifique os imigrantes, valorizando o seu trabalho e os seus diferentes posicionamentos culturais que nos podem enriquecer, ao invés de repetir a postura francesa que ainda está na memória de todos os portugueses, e na deles também.

Metodologia

A integração dos imigrantes em muitos países europeus, nomeadamente em França e no Reino Unido, tem-se vindo a constituir como um fenómeno complexo e que exige múltiplas intervenções ao suscitar problemas de segurança, de desemprego, usufruto dos serviços sociais, etc. Tem desencadeado também na população europeia, atitudes discriminatórias e xenófobas, como na Alemanha e em França, contrárias aos valores defendidos pela União Europeia. A diferença cultural tornou-se problemática, ao originar tensões, conflitos e violências que questionam a nossa capacidade de vivermos num espaço comum (Wieviorka, 2002).

Controlar o fluxo migratório e combater a imigração ilegal, esteve na agenda da Presidência Alemã da União Europeia. Shauble, defendeu a necessidade dos 27 países chegarem a um acordo sobre as suas políticas migratórias e de integração de imigrantes, disponibilizando para isso mais meios, nomeadamente financeiros, à Agência Europeia de Gestão e Cooperação Internacional das Fronteiras Externas (FRONTEX). Também o relatório da CMMI de 2005 constituiu a estrutura para a formulação de uma resposta global e coerente para os desafios contemporâneos dos fenómenos migratórios. Evidenciando e promovendo as vantagens das oportunidades associadas à migração internacional, o Banco Mundial realçou a contribuição dos imigrantes na economia mundial, cujas remessas apontam para 240 biliões de dólares, prevenindo que muitas economias dos países mais desenvolvidos entrarão em colapso sem o trabalho dos imigrantes, nomeadamente no financiamento dos Serviços de Segurança Social (SEF, 2007).

A integração dos imigrantes relaciona-se não só com aspectos económicos, políticos, demográficos, etc., mas também com aspectos sociais, físicos, e psicológicos. As vivências de sofrimento e marginalização, conduzem esta população a estados patológicos que os levam a reagir com comportamentos de violência, favorecendo a organização de grupos com pensamentos e acções extremadas.

Ao focalizar-se nos movimentos internos específicos dos imigrantes, este estudo exploratório visa reflectir sobre as alterações identitárias que ocorrem ao longo do percurso migratório, e despistar também os indicadores que promovem ou dificultam a sua saúde mental e consequentemente a sua integração na sociedade receptora.

A adopção de uma perspectiva qualitativa e exploratória, focalizada na vivência migratória, faz com que este estudo não preceda de hipóteses sobre capacidades ou acontecimentos experienciados pelos imigrantes, mas vise a recolha de indicadores que ao favorecerem a integração dos imigrantes na sociedade receptora, constituam invariantes endémicos a este percurso. A reorganização da identidade que se opera ao longo do percurso migratório conduziu à opção de analisar o conteúdo das narrativas das histórias deste movimento. A recolha de variáveis e factores que promovam a integração na nossa sociedade e dos impedimentos que se constituem como agentes de stress, associados ou não a experiências traumáticas, conduziram à escolha dos instrumentos “Narrativa da História de Vida”, neste estudo não da vida, mas do percurso migratório, e da aplicação de duas pranchas do TAT, com objectivo corroborar ou não, os dados obtidos na narrativa.

Os instrumentos escolhidos comungam do facto de não serem directivos, Poirier afirma que “a técnica de história de vida tem um papel importante a desempenhar no momento do arranque dum inquérito exploratório” (Poirier, 1999, p.92), pois permite a acessibilidade às vivências e às suas significações inferidas da transmissão do nível consciente individual, que muitas vezes correspondem a racionalizações sem equivalência com a realidade interna. Poirier afirma também “que estamos aqui na situação de inquérito exploratório e, de forma alguma, na perspectiva de verificação de hipóteses já explicitadas.” (Poirier, 1999, p.98)

A Narrativa de História de Vida é um método científico que se desenvolveu na Europa nos anos 50, com o incremento do interesse pela subjectividade. Poirier refere-se a esta época do pós-guerra, como um “momento de amplitude muito grande e profunda a favor da recolha directa ou indirecta da recolha de testemunhos “vividos” – isto em todos os domínios: histórico, etnológico, psicológico, sociológico e literário.” (Poirier, 1999, p.11)

Actualmente a narrativa é considerada pelas abordagens dos construtivistas sociais, como constituinte de um princípio organizador da acção (Crossley, M., 2003). Este método tem sido também utilizado na área da saúde, nomeadamente na promoção de comportamentos que incrementam índices de saúde física e mental, prolongando a longevidade e diminuindo a morbilidade. Diversos programas têm sido implementados

em várias partes do mundo; na Saúde Pública Canadana (1995), no Centro de Promoção de Saúde da Universidade de Vitória e Novo México. Países anglófonos e francófonos em África, têm também utilizado esta metodologia na área da sexualidade em adolescentes (WHO, 1993).

Crossley (2003) argumenta que nossa experiência é essencialmente uma estrutura narrativa que assume uma temporalidade e em que o futuro, presente e passado, determinam-se e configuram-se mutuamente como partes de um todo. Neste sentido, narrar uma história, envolve a configuração de uma série de eventos de modo a conferir-lhes sentido nas suas mútuas relações. Esta metodologia focaliza o *self* e os preditores mentais, inclui a experiência subjectiva do sujeito face a um acontecimento objectivo e o modo como se relaciona com a sua identidade. Nas investigações que Crossley (2003) realizou sobre as experiências traumáticas concluiu que estas são manifestadas na configuração disruptiva e fragmentária da narrativa. Perante estes acontecimentos, as pessoas descrevem frequentemente como se tornaram pessoas totalmente diferentes. Esta caracterização reflecte como estes acontecimentos são percepcionados como desencadeadores de uma total mudança. Em face da incoerência e disrupção que estes acontecimentos imprimem, as pessoas necessitam frequentemente de reconstruir e reestruturar os seus mundos e tendem para isso, usar as narrativas. Quando a desordem e a incoerência prevalecem nos casos traumáticos, as narrativas contribuem na reconstrução da identidade e atribuição de significado. As investigações das narrativas de história de vida realizadas por Crossley (2003) evidenciaram que a projecção no futuro, estrutura a nossa compreensão global de nós próprios e do mundo, conferindo coerência aos acontecimentos traumáticos, perturbadores e disruptivos do sentido temporal da vida. Deste modo, a recente proliferação das narrativas autobiográficas em acontecimentos traumáticos direccionou o seu uso com objectivos terapêuticos. A estrutura narrativa do percurso migratório, contém uma configuração temporal inserida na vida que pressupõem uma actividade reflexiva para produzir coerência aos fenómenos a longo termo.

Neste estudo e como foi atrás referido, a utilização do TAT tem como objectivo corroborar os dados recolhidos nas entrevistas, nomeadamente no modo como o participante elabora o luto e as suas vivências da alteridade. O TAT é um teste

projectivo, construído por Murray nos E.U.A. em 1935, que visa o conhecimento e a descrição das “modalidades do funcionamento psíquico, do seu desenvolvimento e das suas crises.” (Anzieu, D., 1998) Em 1954, Viça Shentoub funda uma escola francesa do TAT, numa perspectiva psicanalítica, acentuando os mecanismos de defesa utilizados pelo Eu e as diferentes resoluções dos conflitos intrapsíquicos pelas várias organizações e estruturas psicopatológicas. O Grupo de Pesquisa em Psicologia Projectiva da Universidade de René Decartes, fundado pela Nina Rausch de Trautenberg, e dirigida actualmente pela Catherine de Chabert, trabalha este instrumento de avaliação utilizado em várias áreas etnográfica, social, etc., sendo igualmente aplicado em vários campos de intervenção psicológica.

A possibilidade de recolher indicadores, numa forma normalizada, sobre o modo como o participante elabora a posição depressiva e quais os movimentos identitários que os conflitos edípicos desencadeiam, conduziu à escolha de duas pranchas; 2 e 3RH. As situações de conflito, suscitadas nestas duas pranchas, manifestam também as modalidades sociais adquiridas na sua vivência e resolução. A utilização de normas e regras para delinear estratégias que permitam resolver a situação, conduz a uma abordagem cultural que se inscreve no senso comum colectivo.

A escolha da prancha 2 incide na recolha de dados sobre a identidade do sujeito e, a sua figuração da relação triangular, remete o participante para a vivência dos movimentos e conflitos edípicos cuja resolução consolida a acessibilidade à alteridade. O conteúdo latente desta prancha remete também, para vivências de perda e separação, inerentes aos movimentos edípicos, possibilitando a recolha de informação sobre a constituição narcísica do sujeito. “Quando a identidade é estável, existe uma diferenciação efectiva entre as três personagens” (Shentoub, V. et Coll, 1998, p. 46). A apreensão de cada personagem organiza-se em redor de descrições que a caracterizam de uma forma individualizada, isto é, os indicadores para o sujeito focalizam-se em objectos associados a cada uma das personagens que suscitam posteriormente, representações das suas vivências internas. O conflito edípico, aqui reactivado, conduz a uma percepção de diferenças de sexos e de gerações, embora esta última diferença, ao contrário da primeira, não seja clara na figuração. Habitualmente emerge um conflito entre duas personagens e, as duas figuradas no segundo plano são apreendidas como

casal parental. A pseudo triangulação pode-se manifestar numa percepção caledoscópica dos papéis de cada personagem, acusando um processo identitário instável.

O reenvio à posição depressiva na prancha 3 RH, clarifica a capacidade de mudança do sujeito e o modo como elabora a posição depressiva, necessária ao sucesso da integração do imigrante no novo meio. Permite avaliar a sua representação narcísica, identidade sexual e o modo como o sujeito lida com as suas perdas e insuficiências. Os processos identitários e o tipo de funcionamento psíquico que o sujeito mobiliza para lidar com a depressão, nomeadamente as defesas que utiliza, são indicadoras do reconhecimento ou não, do sofrimento e das suas possibilidades de elaboração, isto é, da capacidade de pensar estratégias de resolução da situação. Quando o sujeito se sente invadido por uma angústia catastrófica, a narrativa pode tornar-se incoerente ou traduzir uma insuficiência de recursos na organização do pensamento, inviabilizando o delineamento de estratégias de acção. Num funcionamento de tipo narcísico, o conflito manifesta-se em redor do ideal do Eu, etc.

Participantes.

A variedade étnica que actualmente constitui a população de imigrantes em Portugal, nomeadamente na área da grande Lisboa, conduziu à escolha de participantes dos grupos mais representativos; Africanos, Ucrainianos, Brasileiros e da Europa Ocidental que, na sua globalidade, constituem um grupo numericamente significativo. Com o objectivo de configurar um maior número de variáveis que só a diversidade das situações recolhidas permitiria, foram igualmente critérios adoptados a heterogeneidade dos dados demográficos, o momento do percurso migratório, os diferentes tipos de imigração, o nível de integração da sociedade portuguesa e as qualidades dos participantes como informadores, ou seja, as suas perspectivas variadas e contraditórias sobre o percurso migratório.

Para este efeito, contei com a colaboração do Serviço dos Jesuítas aos Refugiados (JRS), cujos imigrantes ligados a esta instituição, participaram voluntariamente. O JRS é uma instituição não governamental presente em 70 países, que tem como objectivo acompanhar, servir e defender refugiados, deslocados e/ou imigrantes. Em Portugal,

iniciou as suas actividades no ano de 1980. A sua intervenção nesta população inclui diversos serviços, entre eles, o Gabinete de Apoio Social, o Clube de Emprego e Apoio Jurídico. O JRS implementa ainda, programas de apoio à integração de imigrantes e de prevenção à exclusão social. O serviço de Psicologia Clínica do JRS iniciou-se em Maio de 2002 e atende utentes encaminhados pela Directora do JRS ou pelo serviço de Acção Social e Centro de Emprego. Estes utentes apresentam queixas psicológicas ou manifestam uma incapacidade de lidar com as suas vivências em comportamentos que inviabilizam a intervenção destes serviços.

Os imigrantes que participaram neste estudo são utentes do Serviço de Psicologia e, por isso, comungam do facto de terem dificuldades de integração na nossa sociedade. Os indicadores facilitadores da integração encontram-se esbatidos nesta população, prejudicando o interesse preventivo do estudo. E, embora não sejam actualmente considerados imigrantes, desde da adesão de Portugal à Comunidade Europeia, a inclusão de um Europeu Ocidental visa colmatar esta lacuna, enriquecendo a despistagem de factores que promovam a integração. Uma vez que internamente as vivências se assemelham, o participante da Europa Ocidental foi educado num estabelecimento de ensino inter-cultural, está integrado na sociedade portuguesa, critério considerado relevante e pertinente no objectivo deste estudo.

Fundado em Portugal, no ano de 1952, o Lycée Français Charles LePierre (Liceu Francês) é uma agência do ensino francês no estrangeiro, que tem por objectivos assegurar às crianças de nacionalidade francesa, residentes na área da grande Lisboa, o Ensino Público Francês, nomeadamente os programas e equivalências estabelecidos pelo Ministério de Educação Francês; contribuir para a inserção de crianças portuguesas e estrangeiras na língua e cultura francesa, e garantir a possibilidade de continuar os estudos superiores em França, em Portugal, ou em qualquer país do mundo. Embora a transmissão da cultura francesa seja um dos objectivos delineados nesta escola, o ambiente inter-cultural do Liceu Francês é imprimido pelos alunos que o frequentam e que, provenientes dos mais diversos países, fazem desta escola um paradigma da futura composição da sociedade mundial.

Procedimento.

A primeira entrevista aos participantes, visa obter uma narrativa centrada no relato espontâneo da vivência migratória e contem essencialmente dois elementos: a descrição e a exploração. Esta entrevista, aberta e livre, tem como objectivo a facilitação da narrativa do sujeito, numa atitude de escuta e empatia, com a duração aproximada de uma hora. A instrução “Gostaria que me relatasse o seu percurso migratório” remete o sujeito para a descrição e, por vezes, para a exploração desta vivência. “Aqui a regra é a liberdade de expressão, no sentido em que a técnica da recolha é a entrevista não directiva e em que a preocupação primeira do inquiridor é agir como estímulo capaz de desencadear narrativa, pondo o narrador numa situação favorável à evocação da experiência do seu passado” (Poirier, 1999, p.98). A entrevista é transcrita integralmente, permitindo referenciar os pontos que importa suscitar na segunda entrevista.

Posteriormente, a segunda entrevista tem como objectivo abordar acontecimentos e experiências inerentes à migração que não tendo sido espontaneamente abordados pelo participante, necessitam de exploração e clarificação, nomeadamente como foi vivida a partida, a chegada e que acontecimentos foram determinantes no movimento migratório. A técnica de base aqui utilizada, é a entrevista de guião (Anexo A). “Esta entrevista semi-directiva é também chamada entrevista esboçada, de grelha, com guião, ou entrevista centrada, focalizada, semi-estruturada.” (Poirier, 1999, p.104) A não directividade no interior do guião, permite colocar questões que clarifiquem os movimentos identitários, o funcionamento psíquico do participante, os agentes de stress, a psicopatologia existente, e, facilita também, a emergência de variáveis desconhecidas no começo da pesquisa. A continuidade da atitude de não directividade não invalida que não se suscite a emergência de novas informações e reflexões. O guião da entrevista tem aqui uma função de enquadramento; não deixar o participante sair da temática que nem sempre é conseguida pelos participantes e, tem também, uma função de precisão e exploração, ou seja, solicitar os conteúdos necessários à análise das narrativas, focalizando-se nas situações vividas. O aprofundamento da informação, o seu controlo e a sua duração, está dependente do material recolhido na primeira entrevista. Na maioria dos casos, é um voltar atrás relativamente à primeira narrativa

recolhida. São assim colocadas questões de um modo individualizado a cada participante que permitem inferir o impacto das mudanças na realidade externa nas alterações identitárias.

Circunscrevendo a narração à vivência migratória, o guião orienta e canaliza a entrevista para esta temática, conferindo-lhe a estruturação necessária à exploração dos dados, nomeadamente os conteúdos que constituem as categorias da análise de conteúdo: as capacidades de mudança psíquica endémicas ao percurso migratório e as suas repercussões na reorganização da identidade. Deste modo, à excepção do participante A, que teve também uma função de testar a adequação dos instrumentos ao objectivo do estudo, a segunda entrevista foi realizada 6 meses após o final do acompanhamento psicológico, permitindo captar os movimentos identitários que ocorreram depois desta intervenção.

Em ambas as entrevistas é dito ao participante que as entrevistas vão ser gravadas com o objectivo de registar a informação toda, não prejudicando o ambiente de diálogo. O material utilizado limita-se à utilização de um pequeno gravador, que habitualmente é esquecido pelo participante. No final da primeira entrevista, são apresentados os dois cartões do TAT e, a instrução e o procedimento, é o mesmo utilizado na aplicação deste teste, só diferindo aqui, a gravação da narrativa. É assim pedido ao participante que “imagine uma história a partir daquela prancha” (Shentoub, V., et Coll, 1998, p.39).

Poirier (1999) diferencia na recolha de narrativas, a abordagem psicobiográfica da etnográfica; “numa perspectiva epistemológica, ainda que imbricados, a narrativa centra-se na pessoa embora também, focalizada no acontecimento.” (Poirier, 1999, p.32) É na perspectiva psicobiográfica que a narrativa é analisada neste estudo. A investigação situa-se ao nível do tratamento psicológico da informação, ou seja, na complexidade dos modos de apreensão do real, as suas consequências no desenvolvimento psicológico do sujeito e na pluralidade do funcionamento no interior do mesmo sujeito.

A análise psicológica focaliza-se na procura dentro da narrativa, do que foi mais significativo para o sujeito, sendo retido ou valorizado, aquilo que parece mais importante para a integração do sujeito na sociedade portuguesa ou o que se constituiu como impedimento. “O fim da análise é pôr em evidência as constantes da história de

vida, as regularidades que constituem o fundo comum das respostas dos sujeitos.” (Poirier, 1999, p.108) É elaborada no final de cada entrevista e em anexo, a avaliação clínica dos participantes que integra a interpretação das respostas a dois cartões do TAT.

A interpretação do conteúdo latente da narrativa remete para a subjectividade do participante, transmitida do nível do consciente. Dentro da pluralidade de perspectivas de explicação, a leitura psicológica das significações realizada neste estudo, conduz uma interpretação do tipo psicanalítico. No recurso à análise de conteúdo de entrevistas, “a categorização tem como primeiro objectivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados em bruto.” (Poirier, 1999, p.108) As grelhas de análise reenviam-nos para variáveis empíricas utilizadas no sistema categorial que emergem dos dados do texto e estabelecem uma correspondência entre o nível empírico e teórico.

A análise temática é realizada em duas categorias; a capacidade de mudança psíquica e o processo de individuação, que envolvem a vivência da posição depressiva e a alteridade.

Análise temática.

1 – Indicadores da capacidade de mudança psíquica.

Os indicadores da capacidade de mudança psíquica são elementos organizadores da reorganização da identidade que promovem uma adaptação e integração, ao longo do percurso migratório. Nem sempre conscientes, estes indicadores conduzem à capacidade de correr riscos e, quando são pensados e elaborados, têm uma maior probabilidade de conduzirem o imigrante ao planeamento de estratégias a implementar. Este processo de mudança psíquica assemelha-se aos processos de separação que ocorrem no desenvolvimento infantil e à reorganização pessoal e familiar, face a perdas e separações. No entanto, é o acesso à alteridade que possibilita a reestruturação identitária ao organizar as novas identificações sem descompensação psíquica.

1.1. Discriminação adequada entre os dois países.

A discriminação da cultura, inclui a língua, costumes, regras, valores, clima e espaços transicionais (música, comida). A relação afectiva e emocional que o

participante descreve relativamente aos dois países, contribui também para uma discriminação subjectiva adequada entre as duas sociedades. Porém, são consideradas narrativas que não discriminam os dois países, aquelas que nomeiam só a existência de diferenças culturais, ou a sua inexistência.

1.2. Planificar as estratégias a empregar durante o processo de preparação, realização e adaptação que a migração implica.

O planeamento de estratégias a implementar, é aqui diferenciado ao nível do pensamento consciente e da capacidade de realização e adaptação. Estas estratégias nem sempre são conscientes no participante, nomeadamente em migrações infantis cuja decisão não foi tomada pelo sujeito. Assim, e tendo em consideração os indicadores de integração na nova sociedade, é aqui considerada e valorizada positivamente como capacidade de mudança psíquica, a capacidade de realização e adaptação, mesmo que o participante não consiga pensá-las ou verbalizá-las.

1.3. Conhecimento das possibilidades e dificuldades inerentes à mudança vertical (estatuto sócio-económico) e horizontal (espacial e geográfico, mas também às mudanças na actividade profissional).

Esta capacidade envolve o conhecimento dos custos e benefícios imprimidos pela mudança, o reconhecimento das possibilidades internas e externas inerentes à migração e, aos objectivos que se pretendem alcançar. Inclui ainda a capacidade de realizar e de esperar as condições ambicionadas; fazer um percurso profissional de acordo com as metas estabelecidas, construir redes sociais, iniciar processos de reunião familiar, etc.

1.4. Considerar os benefícios a obter e as perdas integradas em pós-ambivalência.

Esta capacidade é avaliada positivamente quando os custos e benefícios são integrados em pós-ambivalência, implicando que o sujeito não accione mecanismos de defesa primitivos, clivagem, denegação, etc. e que as suas vivências o conduzam à decisão de permanecer em Portugal ou de regressar ao seu país.

1.5. Valorização das características e possibilidades pessoais para enfrentar o processo.

A existência desta capacidade é conferida pela avaliação realística das características psicológicas do sujeito. A avaliação num registo maníaco ou que envolva uma denegação, por exemplo, revela a sua inexistência.

1.6. Memória de evocação; capacidade de recorrer à recordação dos processos de luto sofridos e da reacção perante os mesmos sem negação.

Esta capacidade reenvia o sujeito à elaboração da posição depressiva. A forma como o participante resolveu lutos anteriores. Exclui memórias de evocação com elementos dissociados, ou à incapacidade de recorrer à recordação de processos de perda e lutos anteriores.

1.7. Poder pensar para transladar à acção as ambições que devem ser reconhecidas e aceites.

A manifestação positiva desta capacidade, envolve não só a consciencialização e aceitação dos desejos mas, implica também a capacidade de implementá-las, sejam ou não, estas estratégias consciencializadas ou negadas pelo participante.

2 – Processo de individuação na migração

Akhtar, S. (1995) conceptualiza a integração dos imigrantes na nova sociedade como um processo de individuação avaliada em quatro eixos; do amor ou ódio à ambivalência, da proximidade ou distancia à distancia óptima, do ontem ou amanhã ao hoje, e do meu ou teu ao nosso.

2.1 – Do amor ou ódio à ambivalência.

Dentro do primeiro eixo de análise, a clivagem afecta não só o país (objecto) mas também a representação do *self* e, geralmente o país de origem simboliza inconscientemente as figuras parentais. Alternância na idealização/desvalorização do país receptor e do natal correspondem às aproximações ao objecto materno da fase de separação-individuação (Malher, 1982) e contêm projecções que desencadeiam e desenvolvem altos níveis de conflito. Posteriormente, e relativamente ao seu grupo social, o imigrante tem de realizar uma alteridade para que no confronto com o que é novo, o sujeito não se sinta invadido por mensagens caóticas e devorado por um mundo desconhecido e hostil, que podem também desencadear ansiedades persecutórias. Para que gradualmente se dê no imigrante a síntese das representações do objecto e do *self*, é necessária a existência do *holding* das necessidades de crescimento, a experiência de eficácia e o incremento da libido sobre a agressão.

2.2 - Da proximidade e distancia à distancia óptima.

As alterações temporais das fases proximidade e distância aos dois países, podem gerar uma vivência fragmentada da identidade de origem e da nova identidade que vai emergindo. Estas vivências incluem o confronto com as origens étnicas em casa e no trabalho, concomitantes ao uso da nova identidade e do *self*, no estabelecimento de um ritmo de chamadas e visitas ao país de origem e na aquisição da nacionalidade da 2ª geração. A “distância óptima” é alcançada quando existe uma disponibilidade no objecto, permitindo os retornos periódicos. O estar “muito perto” ou “muito distante” implica um “*holding* ambiente” que providencie redes de suporte libidinais e agressivas. A ausência de uma distância satisfatória, fixa o imigrante numa ambivalência.

2.3 - Do ontem ou amanhã ao hoje.

A fractura temporal que o percurso migratório provoca, fixa inicialmente o imigrante a um passado ou a um futuro longínquo, que se pode cristalizar na fantasia do paraíso perdido. Esta posição expressa que os objectos primários não foram assimilados pelo ego como identificações, nem que houve renúncia da onipotência infantil e prazer simbiótico, através de um trabalho de luto. O movimento que leva progressivamente à autonomia e consolidação da identidade, implica também um incremento da perda da simplificação do ego através de clivagens e projecções como compensação do incremento das capacidades egóicas do narcisismo secundário, conceito de *self* autónomo e do aprofundamento das relações objectais.

2.4 - Do meu e teu ao nosso.

Inicialmente os sentimentos de pertença do imigrante (costumes, comida, língua, jogos, valores, etc.) são sentidos como “meus” ou “teus”. Os espaços transicionais providenciam uma zona de interesses mútuos e conduzem à resolução desta clivagem permitindo ao imigrante experienciar o “nosso”. O preenchimento do espaço transaccional pela cultura local acompanha as mudanças na identidade. O mais importante veículo de constituição do “nosso” é a língua que emerge espontaneamente no humor, sonhos etc. O segundo meio que facilita a mutualidade cultural é a progressiva alteração do super-ego do imigrante; normas, valores, proibições e sanções, configuram-se no confronto com a nova realidade. A experiência arcaica do “nosso”

não inclui a diferenciação do *self* e do objecto pois o “nosso” é psicologicamente experienciado como “meu”. A mutualidade de papéis do objecto e a experiência de partilhar os pais (o pai que é pai, mas também marido, trabalhador, etc.), codifica o “nosso” embora contenha raízes simbióticas. Gradualmente, a diferenciação do *self* e objecto e do “meu” e “teu”, desenvolvem-se no “nosso”. O desenvolvimento da capacidade de preocupar (Winnicott), o conceito de gratidão (Klein) e a resolução bem sucedida da fase edipiana, são importantes para a consolidação da mutualidade.

Os objectivos delineados neste estudo, conduziram à recolha de quatro percursos migratórios. Poirier, afirma que a qualidade da pesquisa não assenta no número de sujeitos que constituem a amostra e acrescenta que “constituir uma amostra representativa da população não faz grande sentido.” (Poirier, 1999, p. 103) Assim, a amostra inclui três imigrantes com características heterogenias mas utentes do Serviço de Psicologia da JRS, e um Europeu Ocidental a quem foi realizada uma entrevista preliminar, também para testar à adequação dos instrumentos utilizados.

A elaboração do perfil biográfico para cada um dos participantes inclui os seus dados históricos e demográficos; escolares, profissionais e redes de suporte (familiares e sociais). É também caracterizado neste perfil, o tipo de migração, a fase do momento do percurso migratório e os principais movimentos internos de cada participante.

Perfis biográficos

1. Perfil biográfico do sujeito A.

O Ruggero é um homem de nacionalidade italiana, com 55 anos. De estatura média, tem uma aparência mediterrânica, ou seja, embora tenha os cabelos grisalhos, tem os olhos castanhos, cor que devia ter tido o seu cabelo, e a pele morena (cor latina). De aparência agradável, veste-se informalmente e, infere-se da sua atitude, que se representa como um objecto estético. Apresenta-se um homem activo, com uma linguagem gestual característica dos italianos. O português que fala é correcto para linguagem falada, sem sotaque.

Nascido na Argentina, onde passou os seus primeiros dois anos de vida, permaneceu posteriormente 8 anos em Milão, cidade de onde ambos os pais são oriundos. Destacado para outra comissão da NATO, o pai do Ruggero volta a partir de Itália durante 6 anos, desta vez para a Grécia. A mãe recusa-se a acompanhar o marido e fica em Milão a trabalhar como secretária. Durante este período, a mãe trabalhava de manhã até à noite e o contacto com o pai era escasso. O Ruggero sentiu-se abandonado e com um sentimento de marginalização por ter os pais separados.

O destacamento seguinte do pai foi para a cidade de Lisboa, e, nessa altura, o pai do Ruggero deu um “ultimato” à mulher que acaba por abandonar o trabalho e a sua terra natal. O Ruggero chega a Lisboa aos 10 anos e ingressa no Liceu Francês, depois de ter finalizado o ensino primário numa escola pública italiana. O ingresso no Liceu Francês e a realização do seu sonho de reunião familiar, contribuíram para o incremento da sua auto-estima, esbatendo os seus sentimentos de marginalização.

Mais tarde, e após ter concluído os estudos no Liceu Francês, o Ruggero regressa a Milão para fazer os estudos universitários – Licenciatura em Engenharia Mecânica. O pai, Engenheiro técnico (bacharelato), pressiona-o a escolher esta profissão, contrariando a sua escolha inicial (medicina), argumentando que o pode ajudar nas saídas profissionais, remetendo este relacionamento para relação de objecto anaclítica. Efectivamente, o Ruggero a seguir à licenciatura, faz uma passagem por Lisboa para casar, e inicia a sua actividade profissional no México, numa empresa multinacional onde o pai trabalhava.

Ao incompatibilizar-se com o seu superior hierárquico, o Ruggero volta para Lisboa e, ao fim de um ano, reinicia as suas funções na mesma empresa em Milão, durante 7 anos, até encontrar um emprego em Lisboa. Num movimento regressivo e securizante a ideia do Ruggero era de regressar a Lisboa, para junto da sua família alargada. Nos últimos anos, abriu uma pequena empresa de Engenharia com o pai, que está neste momento em dificuldades pela crise económica que Portugal atravessa. Neste contexto de trabalho, o Ruggero manifesta dificuldades em se afirmar perante o pai, o que provoca conflitos de rivalidade que o Ruggero atribui a responsabilidade ao pai, abdicando do seu posicionamento.

Integrado na sociedade portuguesa, não prevê regressar a Itália pois “adoptou Portugal”. Tem aqui a família nuclear que constituiu à 30 anos, com uma mulher italiana. No ano em que casaram, a sua mulher tinha finalizado nono ano e, com estes múltiplos movimentos migratórios, nunca trabalhou. Desta relação duradoura, tem dois filhos, jovens adultos, bem inseridos na sociedade portuguesa. Tem aqui também uma rede familiar alargada; pai, família de origem da mulher e uma rede social onde predominam amigos estrangeiros que fez na adolescência no Liceu Francês. Ao não ter projectos de retorno, nem de uma migração posterior, o Ruggero iniciou a sua vida como imigrante, configurando-se como um deslocado a longo termo.

O Ruggero tem funcionamento psíquico oscilante (“Tenho a sensação às vezes... que nunca havia meio-termo”), característico de uma organização limite, onde predominam mecanismos de defesa neuróticos; regras e valores que o norteiam e que o impedem de ter acções, mas não pensamentos, extremados. Estes mecanismos alternam-se com uma impulsividade e emotividade que o impede de consciencializar as suas acções (“Nunca faço planos na vida.”) embora configurem as decisões que tomou na sua vida (“do meu medo sempre fiz escolhas mais óbvias e mais simples, isso provavelmente não é a decisão sábia.”). No entanto, à custa de uma clivagem entre o “feitio” e o “comportamento”, o Ruggero conseguiu um maior controlo da sua emotividade (“Agora, o que eu posso fazer é controlar as emoções para não fazer mal aos outros”).

A relação de objecto anaclítica é representada ao durante a narrativa quando o Ruggero relata as suas experiências, reportando-se imediatamente às da mulher ou à

dos filhos. A incompletude narcísica é ainda manifestada, dentro da narrativa, na importância que atribui à ajuda, à sua representação da paixão e aos ciúmes que sente com grande intensidade (“sou uma pessoa extremamente ciumenta, e isso é um sofrimento muito grande para quem está ao pé de mim, e também para mim”). O deslocamento e o evitamento, são nesta representação, balanceados com uma impulsividade que se localiza fora do controlo do sujeito e que ao adquirem um carácter irracional e inexplicável, são inacessíveis ao pensamento (“É uma coisa estúpida, é irracional, não consigo explicar, o ciúme não tem origem na lógica, não tem origem numa coisa racional. Ela não é oferecida, é normal, mas portanto... é assim.”).

A mãe assimilada conduziu-o a uma identificação a este objecto primário, sentido como agressor, que se manifesta na organização de um traço sádico (“É o facto de causar mal aos outros que me magoa. Não consigo evitar. (...) Às vezes faço pequenas maldades psicológicas e tal, com os meus filhos e tal ...eles sabem disso perfeitamente”) e paranoide (“Ser ciumento de coisas estúpidas, ser ciumento do irmão dela, se ela faz uma atenção ao irmão ou com a mãe, dá-me menos atenção....”).

A deficiente autonomia atingida manifesta-se também na sua principal angústia: a perda do objecto, visível na sua dificuldade em estar só (“*Custou-lhe ir para Milão? Custou-me imenso. Família, amigos e, nunca tinha vivido sozinho, nunca tinha estudado em italiano, estudava em livros franceses*”), em contextos desadequados e nas relações anaclíticas que estabelece. Actualmente, e dentro da sua relação conjugal, a mulher tem um papel de suporte e predominantemente masculino, nas funções parentais.

A dependência objectal, outrora ancorada nos pais, inviabilizou a realização do seu sonho profissional (medicina), configurado, embora denegado, sobre a temática da ajuda. O Ruggero seguiu, desistindo dos seus sonhos e ambições profissionais, as directrizes do pai para não desiludi-lo nem contestá-lo e aceitando a ajuda nas saídas profissionais vacilando na sua capacidade de construir a sua vida profissional. Este movimento evidencia, mais do que uma aceitação da interdição, uma tentativa de se identificar com o pai na profissão. A ausência paterna entre os 2 e 8 anos do Ruggero dificultou a identificação ao pai prejudicando a vivência dos movimentos edípicos.

O seu pensamento é por vezes incoerente, com lacunas ou com memórias dissociadas, quando o Ruggero se reporta a figuras de autoridade (“os franceses, não os conheço”) e às suas vivências, já numa fase adulta (“. Não sei porquê voltei para lá...Ah sim, sei, o chamariz não era Itália, era a empresa. Gostava muito de trabalhar naquela empresa depois..., portanto a ideia era.... Não estava...não era claro... mas tinha a ideia de voltar para Lisboa, gostava dessa ideia. Quando surgiu essa oportunidade voltei.”). Como atrás foi referido, na perspectiva de Crossley (2003), as narrativas incoerentes e disruptivas, acusam vivências traumáticas, sendo que o Ruggero atribui à ausência paterna e às humilhações a que foi sujeito pela mãe, um ambiente traumático na infância.

2. Perfil biográfico do sujeito B.

A Lhudmila é uma mulher Ucraniana, chegada a Portugal em 1998. Apresenta-se sempre bem vestida e arranjada. Morena e de olhos azuis encovados, é muito magra, sugerindo desde logo, vivências de sofrimento. Nascida na cidade de Termopil, a 19 de Novembro de 1963, cresceu com o sonho de sair um dia da União Soviética, sendo a Liberdade e as melhores condições económicas, as suas principais motivações.

Finalizou a escolaridade obrigatória de 12 anos na Ucrânia, que incluiu um curso profissionalizante de costura. Trabalhou numa fábrica como costureira e posteriormente, tirou um curso técnico de gestão que lhe permitiu ser transferida para a contabilidade na mesma fábrica. No entanto, o seu sonho profissional era ser pedagoga mas, como tirar o curso implicava assumir-se como ateia, a Ludmila abandonou este projecto. Mais tarde, apercebeu-se que a troca comercial entre a Polónia e a Ucrânia era mais rentável que o baixo salário da fábrica e que 4 viagens por ano permitiam-lhe viver economicamente mais desafogada. Nos intervalos das viagens a Lhudmila era vendedora de produtos de cosmética numa empresa Sueca onde conseguiu ter sucesso e ir progredindo na carreira.

Os pais separaram-se quando a Ludmila tinha 6 anos e o pai fez um corte na relação parental, desresponsabilizando-se pelos filhos. A sua mãe, impunha regras sádicas e aleatórias, maioritariamente desadequadas à situação. Como exemplo, a mãe quando chegava do trabalho confirmava com uma luva a perfeição da limpeza da casa feita pela Lhudmila, seguida de chibatadas que a Lhudmila tentava controlar o número conforme o seu erro, sem nunca ter conseguido. Os pais, ambos reformados, vivem na Ucrânia e um irmão mais novo, casado com 2 filhos, emigrou com a família para Portugal antes da Lhudmila. Um ano antes de vir para Portugal, a Lhudmila casou-se e teve um filho e quando decidiu emigrar, estava grávida do segundo filho.

A escolha de Portugal, como país receptor do seu projecto de emigração prende-se com o facto das máfias na Ucrânia, que organizaram a sua vinda, terem escolhido Portugal por ser um país da Europa Ocidental que precisava de trabalhadores. Acresce que a Lhudmila com 38 anos, ao ter conhecimento da sua segunda gravidez recebeu o parto na Ucrânia. Ao fim de 7 anos de residir em Portugal, a Lhudmila fala um português fluente, embora com erros gramaticais. Nunca frequentou aulas de português

e, nesta aprendizagem auto-didacta nunca estudou gramática, desgostando-a e envergonhando-a, não falar um português correcto.

Inicialmente foi viver para Almada, onde teve o segundo filho, e o marido trabalhava nas obras. Mas, após o despedimento do marido tiveram, por razões económicas, que abandonar a sua casa alugada e procuraram o JRS para encontrarem outro trabalho. Em Abril de 2004, a Lhudmila foi contratada para trabalhar como caseira e, o seu contracto de trabalho incluía uma casa para habitar, alimentação e um ordenado. O seu marido teria que trabalhar fora da casa.

Com expectativas desadequadas relativamente ao percurso migratório e às sociedades Ocidentais, a Lhudmila estava em choque, também cultural, com as condições de vida que estava de enfrentar, facto que se agravou pela carência de redes sociais e até familiares, pois a Lhudmila tem uma relação difícil com o seu irmão e cunhada.

A patroa da Lhudmila, depois de a convencer que necessitava de ser acompanhada por um psicólogo, levou-a à primeira consulta em Maio de 2004. Queixava-se do mau e desadequado relacionamento que tinha estabelecido com ela, e sentia-se impotente de a motivar para o trabalho, ou seja, a Lhudmila posicionava-se como se fosse da família e, por vezes, nem ajudava nos trabalhos domésticos. Inicialmente a Lhudmila aceitou um acompanhamento semanal para não “desobedecer” à patroa mas, ao fim de algumas sessões, ficou surpreendida por achar também que precisava, pois chorava muito e as consultas ajudavam-na a combater este estado depressivo.

Com um funcionamento psíquico neurótico, com um traço histérico, paranóico e depressivo acentuado, a Lhudmila vê-se impossibilitada de aceder ao prazer exigindo o funcionamento perfeito das regras na execução de qualquer tarefa. No seu percurso migratório, este funcionamento colocou-a profissionalmente numa impossibilidade de realizar qualquer escolha laboral, pois a perda de estatuto vertical era sentida como uma humilhação, relativamente à formação e cargos que tinha ocupado na Ucrânia. Os cursos que tirou na Ucrânia não têm equivalência em Portugal e são desadequados ao nível profissional ambicionado. O sistema político onde cresceu condicionou-lhe a autonomia necessária à vivência numa sociedade Ocidental. E, ao fim de um ano de acompanhamento psicológico, a Lhudmila reconhece que não consegue viver em

Liberdade, que lhe é difícil escolher e trabalhar sem ordens muito claras e precisas. No entanto, quando as tem, não as cumpre.

A relação de objecto predominantemente neurótica manifesta-se na sua dificuldade em usufruir de tudo o que é prazenteiro na vida, castigando-se posteriormente, ferindo-se ou sentindo de ansiedades fóbicas. O balanceamento entre denegrir, desprezar e destruir qualquer situação laboral e a idealização de conseguir um trabalho técnico com um estatuto elevado, impediu-a de aproveitar várias oportunidades que lhe surgiram. Seguiam-se os remorsos e a sua desvalorização por não ajudar economicamente o marido.

Desamparada e despojada das redes sociais que tinha na Ucrânia, a Lhudmila fazia constantemente apelos de afecto e de amparo, sem percepcionar que a relação profissional impunha outros parâmetros. Porém, a Lhudmila começou a verbalizar que este facto a humilhava constantemente, mesmo comigo, onde as suas queixas se focalizavam em eu não ser amiga, mas psicóloga dela.

Emergiram problemas no relacionamento com o marido que não conseguia apoiá-la como ela necessitava. O seu estado depressivo impedia-a de realizar as tarefas domésticas, esperadas pelo marido que vinha para casa cansado do trabalho. A falta de comunicação entre os dois foi-se acentuando e, perante a sua incapacidade de ouvir e ser empática, o marido silenciava-se progressivamente. Posteriormente, a Lhudmila colocou-se numa passividade reivindicativa, centrada numa alteração do comportamento do marido e, só mais tarde, procurou caminhos para viabilizar a sua relação conjugal que se estava a deteriorar. Menos deprimida e liberta de se ocupar dos filhos, a Lhudmila começou a trabalhar. As suas relações profissionais incrementaram o desejo de expandir as suas relações ao constar que se sentia mais feliz inserida num grupo de pessoas do que sozinha em casa.

Inicialmente queria estar em Portugal o tempo suficiente para juntar dinheiro e voltar para a Ucrânia. Actualmente, não quer regressar e configura-se como uma imigrante sem retorno.

3. Perfil biográfico do sujeito C.

A Venina Maria Vieira nasceu em S. Teresinha, Piauí, Brasil, a 7 de Agosto de 1960. Com uma descendência etnia branca e índia, a sua aparência assemelha-se mais aos índios, na configuração larga da cara, nos olhos pequenos e na estatura baixa. Apresenta-se com roupas que nem sempre são adequadas à sua obesidade e tamanho. Habitualmente despenteada e agitada, pois não consegue parar de falar e de se movimentar, a Venina alterna este comportamento com uma tristeza ou com uma dor física que a paralisam.

É a quinta filha de 11 irmãos, mas cresceu com mais 35 primos paternos pois a família do pai não tinham condições económicas para os alimentar. O seu pai, falecido há 2 anos, era agricultor e a sua mãe foi sempre doméstica. A sua família é muito gregária e unida, e a Venina mantém contacto com a mãe, com quase todos os irmãos e primos.

Aos 14 anos, quando começou a ser a menstruada, tinha fortes enxaquecas e, ainda na adolescência, foi-lhe diagnosticada fibromialgia. Três, dos seus irmãos também têm fibromialgia, bem como os pais, e as duas avós. A irmã, que nasceu a seguir à Venina, morreu 24 horas depois do nascimento. Do Nordeste, a Venina foi aos 13 anos viver em Brasília, porque a mãe que necessitava de um acompanhamento médico que não existia no Piauí. A Venina beneficiou deste enquadramento médico que perdeu quando emigrou para Portugal. Aos 37 anos começou a fazer a menopausa e aos 43 parou de ser menstruada.

A Venina, sem um projecto de migração, veio para Portugal aos 36 anos motivada pela decisão de emigrar da sua prima que tinha ficado desempregada no Brasil. A decisão de partir e a vivência do percurso migratório foram vividos ilusoriamente, pois a Venina num movimento de idealização, de aumento de estatuto e auto-estima, queria conhecer a Europa e trabalhar o suficiente para retornar ao Brasil como emigrante bem sucedida, ou seja, com dinheiro para investir no Brasil. Configura-se como uma imigrante temporária e as tentativas de permanecer em Portugal para atingir este objectivo, caracterizam o insucesso do percurso migratório. Em Lisboa, só encontrou trabalhos pesados de limpezas e vendas que depressa teve de abandonar pelo seu estado de saúde (fortes dores musculares).

Completo o 12º ano no Brasil, onde teve sempre trabalhos pouco diferenciados. Desde que chegou a Portugal, foi ao Brasil diversas vezes, muitas das quais com intenções de não voltar. Porém, a falta de emprego no Brasil, aliada aos projectos (ilusórios) de comercialização em Portugal de produtos brasileiros, fez com que a Venina reconstruísse sempre projectos para um dia voltar para o Brasil com o dinheiro ganho em Portugal. Esta oscilação de projectos de vida, espelha a sua (des)organização tanto no Brasil como em Portugal que se reflecte também, nos vários locais onde residiu; com uma prima, com um namorado, com uma amiga, num quarto alugado, etc. Em Outubro de 2005, a Venina começou a ser acompanhada no JRS e vivia num quarto alugado numa casa com outros imigrantes. Uns meses depois, mudou-se para o quarto de um namorado brasileiro que também residia naquela casa e, em 2006, decidiram alugar uma casa para os dois. A Venina esteve dois anos sem trabalhar, vivia de um subsídio da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, comia numa Comunidade de Irmãs Religiosas e o JRS dava-lhe as consultas e os medicamentos que necessitava. O namorado, César, trabalhava nas obras e assegurava as despesas da casa. Quando um colega dele ficou paraplégico no trabalho e teve de voltar para o Brasil ao abrigo da lei do Retorno Voluntário, sem mais pagamentos ou indemnização salarial, o César, começou a ter muitas dores nas costas, não aguentou permanecer neste trabalho pesado e despediu-se cansado das condições exploratórias de trabalho. A Venina teve de recomeçar a trabalhar como promotora de vendas, o que lhe provocava um grande sofrimento pois as condições de trabalho também eram exploratórias; mal remunerada, tinha que percorrer longas distâncias e os sítios onde trabalhava eram frios, o que lhe provocava dores musculares. O facto de saber que na maioria das vezes estava a enganar os clientes, vendendo “gato por lebre”, deixava-a em angústias extremadas.

A fibromialgia e a sua educação no Nordeste Brasileiro incentivaram fortemente a filiação, o que conduziu a Venina à organização de relações de objecto com uma tonalidade anaclítica, conseguindo no entanto um equilíbrio entre apoiar e ser apoiada, explorar e ser explorada, nas suas relações sociais e familiares. Porém, o seu pedido de ajuda era constante e alargado a várias instituições nas quais a Venina conseguia sempre algo que a beneficiava.

Com fortes descargas emocionais, como chorar ou falar ininterruptamente, a Venina balanceava estados depressivos de sentimentos de impotência, tristeza, abandono, com estados extremados de ansiedade maníaca. O pedido de ajuda era o movimento mais frequente da Venina e, as soluções que propunha para a resolução dos aspectos negativos da sua vida, eram sempre desadequados à realidade portuguesa. Neste contexto, as consultas constituíam-se essencialmente como um espaço de evacuação, onde era difícil construir um espaço de diálogo e contenção, que conduzisse a mudanças. No entanto, em face das suas precárias condições de vida, a Venina apercebeu-se que estas condições em Portugal não se iam alterar, reconhecendo que eram piores das que tinha no Brasil, e que não tinha recursos internos (escolaridade, por exemplo) para conseguir um trabalho compatível com o seu estado de saúde.

Em Janeiro de 1907, a Venina e o César, regressaram definitivamente ao Brasil. Construiu logo projectos laborais, de voltar a habitar com a família e o regresso não foi sentido como um fracasso perante a família e os Brasileiros que fantasiam a Europa como um lugar de oportunidades para enriquecer e voltar com dinheiro para investir no Brasil.

4. Perfil biográfico do sujeito D.

O Osmar é um rapaz São-tomense de 14 anos, raça negra e de estatura média para a sua idade. Calmo e afável, veste-se adequadamente. O português que fala é correcto, com um sotaque africano. No entanto, apresenta dificuldades em pronunciar alguns sons, nomeadamente os associados à letra R.

Nascido a 2 de Junho de 1992, na República Democrática de S. Tomé e Príncipe, numa aldeia muito próxima da cidade de S. Tomé, Madre Deus, o Osmar é o segundo filho dum casal são-tomense. O seu irmão tem mais 8 anos do que ele e foi o último da família nuclear, a emigrar para Portugal. O seu pai foi o primeiro, seguido da sua mãe que chegou a Lisboa dois anos antes do Osmar. A sua decisão de emigrar, relaciona-se com o facto deste filho estar permanentemente doente com malária e de querer criar condições em Lisboa para reunir a família. O projecto de emigração dos pais do Osmar, não inclui um regresso a S. Tomé e Príncipe mas o de obter a nacionalidade portuguesa, configurando-se como uma migração sem retorno.

Os pais do Osmar separaram-se à 4 anos. O pai tem agora outra companheira, de quem tem uma filha com 2 anos. Osmar passa todos os sábados com o pai com quem tem uma boa relação, assim como com a irmã mais nova e a companheira do pai. Tem em Lisboa, uma boa parte da família de origem, tanto materna como paterna. A família alargada do Osmar tem lentamente emigrado para Lisboa, sem projectos de retorno a S. Tomé. Todos integrados na sociedade portuguesa, trabalham e têm redes sociais que têm vindo a construir. Como exemplo, a avó paterna do Osmar, que veio para Lisboa depois do marido falecer, vive agora com um homem angolano.

O lugar que habita e a escola que frequenta, tem muitos africanos de várias proveniências, e isso explica que os seus amigos sejam maioritariamente africanos, embora também tenha amigos portugueses, nomeadamente no clube de futebol do bairro a que pertence, e onde joga há 2 anos. As suas vivências não incluem nenhuma situação de discriminação racial.

Com um funcionamento psíquico inibido, o afecto depressivo existe “em que se resume num sentimento pouco expresso de não valor de si próprio, numa ausência de auto-estima” (Lebovici, S. e Soulé, M., 1980, p. 417) A separação da mãe aos 2 anos, foi penosa para o Osmar, mas não implicou uma carência de cuidados maternos que

foram assegurados pela avó. Esta situação é comum entre os São-tomenses, pois o ambiente familiar São-tomense é habitualmente alargado e não são sempre os pais a criar os filhos. No entanto, a separação da mãe e ainda mais a do pai, foi longa, numa fase onde o objecto interno estava insuficientemente constituído e esta separação predispôs o Osmar a reacções depressivas e a um retraimento relacional. À chegada a Lisboa, o Osmar ansiava por ver a mãe mas, as memórias que se reportam a 1998, são transmitidas com reconstrução; como exemplo, o Osmar diz que se “lembra do pai, um pouco”.

O Osmar chega a Lisboa com 6 anos depois de ter completado o 1º ano de escolaridade em S. Tomé. Ficou um ano sem estudar aos cuidados de uma amiga da mãe que se deslocava para casa do Osmar. Posteriormente, finalizou ensino básico com dificuldades, mas sem reprovar. A professora do Osmar, preveniu a mãe que situação se poderia agravar com ingresso do 2º ciclo e, numa atitude preventiva a mãe decidiu recorrer a um psicólogo. A mãe do Osmar é uma mulher comunicativa e calma, demonstra interesse pelo filho e um conhecimento adequado do seu funcionamento, embora reconheça que o trabalho a impede de estar muito tempo com ele. Manifesta uma relação afectuosa com o Osmar, e, sem o desvalorizar, apresenta uma atitude positiva, mobilizando recursos que o possam ajudar.

Assim, a 24 de Novembro de 2004, a mãe do Osmar toma a iniciativa de o levar à consulta de Psicologia do JRS, queixando-se das dificuldades escolares do filho, sobretudo em matemática. Associa estas dificuldades ao facto de o Osmar ter passado a infância em S. Tomé com malária, e de ela própria ter adoecido quando estava grávida. Relata ainda, que ele teve muitas dificuldades no desenvolvimento; “andou e falou muito tarde” e que sempre foi “muito magrinho”. Embora colaborante, o Osmar manifestou logo dificuldades em tomar iniciativas e uma inibição linguística, limitando-se a responder ao que eu perguntava com monossílabos.

As dificuldades escolares que o Osmar apresenta, evidenciam desde logo um desenvolvimento cognitivo insuficiente para fazer face a uma escolaridade portuguesa. Estas lacunas podem ser maioritariamente atribuídas ao contexto São-tomense, onde o Osmar passou os primeiros 6 anos de vida. Embora a mãe se tenha queixado do desenvolvimento tardio do Osmar e da frequência que tinha malária, a má nutrição, o

ambiente pouco estimulante de aprendizagem de competências escolares, nomeadamente a exteriorização linguística das suas experiências, são exemplos de vivências que o Osmar teve antes de emigrar e que se configuraram como factores impeditivos duma integração escolar em Portugal. Porém, as competências cognitivas, perceptivas e motoras, desenvolvidas em S. Tomé, revelam uma boa capacidade de aprendizagem relativamente às necessidades e conhecimentos num ambiente tropical, que não são valorizadas na escolaridade portuguesa. Refiro-me aqui, às técnicas diferenciadas de pesca e de recolha de alimentos no mato.

A sua inserção numa sociedade mais complexa que a de origem, não incrementou a sua auto-estima, tanto pelas dificuldades escolares que desde do 1º ano emergiram, como pelo nível de mentalização e verbalização das suas vivências. Há ainda que considerar, que o Osmar é oriundo de um país recentemente descolonizado, onde a raça negra tinha um estatuto claramente inferior. Este passado, presente na memória de todos, e o nível de desenvolvimento do continente africano, faz com que muitos portugueses mantenham esta atitude, mesmo que de uma forma pouco explícita.

Com um pensamento predominantemente concreto e virado para a acção, o Osmar gosta muito de jogar futebol, orienta-se muito bem na sua área de residência e faz inúmeras tarefas para ajudar a sua mãe. O pensamento simbólico, utilizado nomeadamente na disciplina de matemática, traz-lhe dificuldades que o Osmar muitas vezes não consegue superar. Mas, ao compreender a importância da escolaridade para conseguir no futuro um trabalho melhor remunerado, o Osmar começou progressivamente a motivar-se para continuar os estudos no ensino técnico ou profissionalizante.

Durante o acompanhamento psicológico, o Osmar foi sempre colaborante mas esperava sempre que eu tomasse iniciativas do que falávamos ou fazíamos, limitando-se a responder com monossílabos. Porém, esta passividade não o impedia de verbalizar o que não queria ou não gostava de fazer, nomeadamente falar (“falar cansa-me”). O Osmar usufruía mais da partilha de actividades, até tomar conhecimento e valorizar, as suas competências e aptidões. No que se refere à linguagem, capacidade mais inibidora da sua integração escolar e social, o Osmar, ao tomar consciência que as suas dificuldades linguísticas se confinavam a alguns sons da letra R, adquiriu confiança e

tornou-se mais participativo nas aulas, segundo a directora de turma que se começou a queixar de que o Osmar já falava demais. Na segunda entrevista, o Osmar refere as mudanças que ocorreram durante aqueles 6 meses, tanto no alargamento da sua rede social; primeiro aumentando o número de amigos e posteriormente, no investimento nas raparigas, como na sua capacidade de expressar-se linguisticamente (“Não, falo, falo. Agora falo. *O que é que aconteceu para agora falares?* Conheci mais amigos e agora falo com eles.”).

Resultados

Os resultados são apresentados para cada participante e incluem o modo como o participante abordou os acontecimentos e experiências migratórias, construiu a relação entre o relato espontâneo e a representação exposta na narrativa. É também aqui analisado, o conteúdo das categorias indicadoras das capacidades de mudança psíquica que conduzem à reorganização identitária específica desta experiência, e o resumo da análise das pranchas 2 e 3RH do TAT. Considerando as variáveis individuais (demográficas, sociais e psicológicas), os agentes de stress, os factores que influenciam o stress de aculturação, entre eles, as experiências traumáticas, pretende-se reflectir o impacto da capacidade de mudança psíquica no processo de individuação semelhante aos processos que ocorrem no desenvolvimento mas com a especificidade da experiência migratória. É consensual entre os autores da literatura psicanalítica, que as mudanças internas no imigrante incidem na elaboração do luto e nas possibilidades que o sujeito apresenta em aceder à alteridade.

Está excluído dos resultados deste estudo, a possibilidade de considerar a população que emigra com psicopatologias pré-migratórias mais graves que a população que não opta por este movimento. Em Portugal, um estudo de Mário Simões (1980) excluiu uma pré-disposição mórbida dentro da população emigrante portuguesa. Este grupo, comparativamente a grupo de controlo, tinha uma melhor educação e um menor risco de descompensarem, reforçando a teoria da selecção social. O incremento de estados psicopatológicos nesta população foi atribuído por este autor, ao stress de aculturação e ao isolamento social.

No estudo que realizou num hospital em Estocolmo, Al-Saffar, S. (2003), concluiu que o trauma pré-migratório é considerado em 20% na variância dos sintomas psiquiátricos na população migratória, enquanto os stressores pós-traumáticos contribuem em 14%. Para esta autora os preditores mais fiáveis da saúde mental dos imigrantes e da sua capacidade de integração, são a ausência de traumas pré-migratórios, de factores stressores pós-migratórios da vida e da percepção da doença física. Estes preditores estão em concordância com os resultados obtidos neste estudo.

1 – Participante A

O Ruggero inicia a primeira entrevista, diferenciando o seu percurso migratório na infância, na juventude e na vida adulta. Embora estas três fases da vida variem em muitos aspectos, esta distinção aponta para uma descontinuidade temporal e para as suas consequências na identidade, relacionada com os seus múltiplos movimentos migratórios, com as alterações da composição familiar e com a decisão de emigrar, que só foi sua, na fase adulta. Optando por uma narrativa cronológica, o Ruggero começa, não por falar deste percurso, mas da sua família que serve de âncora da sua identidade.

A relação de objecto predominantemente anaclítica, manifesta-se ao longo de toda a narrativa pois o Ruggero ao relatar as suas experiências, reporta-se imediatamente às da mulher ou à dos filhos, sentidos como mais maduros e mais fortes que ele. Dentro da relação conjugal, a sua mulher tem um papel de suporte e predominantemente masculino nas funções parentais. Em face aos problemas laborais que enfrenta actualmente, e que preocupam a mulher, o Ruggero sente grandes dificuldades em assumir funções de suporte. As relações que estabelece de dependência/controlo, nomeadamente os ciúmes que sente com grande intensidade, indicam que não existe um verdadeiro distanciamento objectal e a consequente autonomização do Ego. Esta dependência, outrora ancorada nos pais, inviabilizou a realização do seu sonho profissional (medicina), configurado (embora denegado) sobre a temática da ajuda. O Ruggero seguiu, desistindo dos seus sonhos e ambições profissionais, as directrizes do pai. Este, ao contrariar o seu desejo, apoia-se na sua posição favorável para o ajudar a encontrar um trabalho, remetendo o Ruggero para a necessidade de uma relação de apoio e ajuda. Numa época onde poderia ter lutado, a sua desistência aponta para uma insegurança básica que o conduziu a não saber, nem a consciencializar, a importância que as coisas tinham para si, para não desiludir nem contestar o objecto. Este movimento evidencia também, uma tentativa de se identificar com o pai e logo uma insuficiente autonomização.

As fragilidades narcísicas manifestam a interiorização de uma *maternage* insuficiente, com um traço sádico, desvalorizante do seu comportamento, que muitas vezes “humilhava” o Ruggero. A incompletude narcísica evidencia-se não só nos ciúmes, mas também, na importância que atribui à temática de ajuda e na sua

representação da paixão. Na abordagem destas temáticas, o deslocamento e o evitamento são balanceados por uma impulsividade que se localiza fora do controlo do sujeito e que, ao adquirirem um carácter irracional e inexplicável, são inacessíveis ao pensamento. A queixa de ser ciumento “para além do normal” é apresentada fora dos limites ou seja, excessiva e desadequada às situações mas, esta egodisfonia é parcialmente resolvida com uma racionalização que qualifica o ciúme como irracional.

A ausência paterna prejudicou a vivência dos movimentos edípicos e o seu pensamento manifesta lacunas quando se reporta a figuras de autoridade (“é muito simples, os franceses, não os conheço”). A impossibilidade de aceder a uma pós-ambivalência e à consequente síntese das representações do objecto e do *self*, são atribuídos pelo sujeito a um ambiente traumático da infância, e manifestam-se na formação de um sintoma psicossomático, eczema, que o sujeito associa a estados de grande stress e que lhe evita sofrimentos psíquicos agudos e prolongados.

O período de crise económica, do pós-guerra em Itália e as oportunidades de trabalho na América Latina, despoletaram uma vaga de emigração italiana. Os seus pais conheceram lá, casaram, e o Ruggero nasceu na Argentina onde residiu os primeiros 2 anos de vida. Deste período, o Ruggero só tem memórias de reconstrução embora hesite na realidade das mesmas (“Há uma reconstrução mas eu não sei se aquilo é fruto daquilo que me foi contado ou daquilo que eu me lembro realmente. É verdade que aos dois anos já se vai...enfim, uma consciência mas é um bocado complicado verificar se é verdade ou não”).

Aos dois anos vai residir em Milão e, durante os oito anos seguintes, a vivência que se torna mais relevante é o abandono e a marginalização que sentiu por ter os seus pais ausentes e separados (“Por um lado, era uma questão de afecto mas também era...era uma questão de sentir igual aos outros.”). O seu pai estava na Grécia, numa missão da NATO e só ia a Milão duas ou três vezes por ano e a sua mãe, que trabalhava como secretária em Milão, não tinha tempo para estar com ele. Após oito anos, o pai do Ruggero foi destacado para Portugal, e pressionou a mulher a acompanhá-lo. O Ruggero chega a Lisboa aos dez anos e começa finalmente a conhecer o seu pai, a ter a mãe em casa e os seus sentimentos de marginalização atenuaram-se. O desejo de reunião familiar fez com que o Ruggero idealizasse este projecto e Portugal representa

ainda hoje, o sonho de ter uma família, de ter afecto e de ser igual aos outros. No entanto, este sonho depressa se torna num pesadelo e desencadeador de stress, pois os pais tinham muitos conflitos e “falta de afecto”.

O ingresso no Liceu Francês, escola que na narrativa é muito valorizada pelo Ruggero, contribuiu para reduzir os seus sentimentos de marginalização, incrementando a sua auto-estima. A escola francesa constituiu-se a um nível, a sociedade receptora do Ruggero pois a frequência da escolaridade no Liceu Francês, impediu o contacto com instituições portuguesas e a cultura portuguesa era inexistente na parte francesa. Por isso, mais que a sociedade e cultura portuguesa, o continente mais formativo do Ruggero, a cultura dominante, foi a francesa. A escolaridade francesa adopta uma estratégia de aculturação assimilacionista, mas igual para todos os alunos, e funcionou a nível individual como um factor promotor de saúde mental. Noutro nível, a imersão num ambiente inter-cultural, imprimido pelos alunos, confrontou-o com a inexistência de atitudes discriminatórias quanto à sua nacionalidade, origens étnicas ou raciais, tanto mais que o estatuto da sua comunidade de origem, inserida no G8, equipara-se à francesa e é superior à portuguesa. Neste contexto, a sua auto-estima aumentou, também por o Ruggero ter sido um bom aluno, o que faz com que o sistema escolar francês seja tolerante a comportamentos desviantes das suas normas. Refiro-me aqui à disciplina. Mais tarde, na adolescência, o contacto com Portugueses, alunos do Liceu Francês (“tive o privilégio de conhecer imensa gente sonante”), também contribuiu para o aumento da sua auto-estima, característica apontada como favorável à integração. O Ruggero tem uma auto-estima balanceada entre o sentir-se amado, “percebo logo que as pessoas gostam de mim” e as suas insuficiências narcísicas “eu, sou um bocadinho fraco, não consigo... então com os meus filhos... sou duma moleza terrível”.

Ao finalizar o Liceu Francês, o Ruggero parte para Milão para frequentar a universidade, vivência que lhe provocou sofrimento (“*Custou-lhe ir para Milão? - Custou-me imenso. Família, amigos e, nunca tinha vivido sozinho, nunca tinha estudado em italiano, estudava em livros franceses.*”). Os seus sentimentos de solidão manifestam o anaclitismo das suas relações objectais com a família nuclear, pois no contexto em que o Ruggero os refere, é desadequado à idade (18 anos) tanto mais que o

Ruggero foi viver com uma tia e uns anos depois com o irmão, sendo que toda sua família alargada vivia nessa cidade.

Posteriormente no México, o Ruggero, com uma relação de recém-casado teve lá o primeiro filho mas, não conseguiu gerir a relação que tinha com o seu chefe, responsabilizando-se no entanto, por isso. Reconhece que “era mesmo impulsivo” mas, que só se despediu quando encontrou um trabalho em Lisboa. Ao fim de um ano, volta para Milão durante 7 anos, para trabalhar na mesma empresa que o readmitiu. O Ruggero regressa a Lisboa quando surge uma oportunidade laboral pois “voltar para Lisboa, gostava dessa ideia” continua a ser representado como a reunião familiar, o seu sonho da infância.

Os indicadores da primeira categoria de análise que avaliam a capacidade de mudança psíquica corroboram com os dados da análise da prancha 2 e 3RH do TAT, que manifestam um processo identitário instável, provocando uma continuidade de stress, dificultando as mudanças psíquicas que operam ao longo da vida, e que neste participante são coincidentes com o seu percurso migratório. Consciente deste facto, o Ruggero na narrativa verbaliza esta crença; “Eu acho difícil, as pessoas mudarem”.

A primeira categoria da capacidade de mudança psíquica, refere-se à capacidade de discriminação entre o país de origem e o receptor. O Ruggero introduz uma diferenciação que incide na relação afectiva que estabeleceu com Portugal e Itália e não nas diferentes características culturais dos países e dos povos. Proveniente duma cultura latina, o Ruggero teve durante a sua vida vivências só em países latinos; Argentina, Portugal e México e uma imersão escolar na cultura francesa. Embora com grandes discrepâncias culturais, todas as culturas referidas têm em comum esta invariante. As múltiplas mudanças espaciais e culturais, e a diversidade das características culturais destes países foram sendo paulatinamente integradas sem stress de aculturação. O seu percurso migratório, desde do nascimento à fase adulta, fez com este sujeito integrasse aspectos culturais, principalmente portugueses e italianos, com limites insuficientemente delineados, dificultando a construção de uma identidade cultural. É ainda de sublinhar que o sujeito não percepção as diferenças culturais entre os portugueses e italianos como relevantes, nem as sente negativamente. A divergência principal entre os dois povos está ligada à passividade/actividade que o Ruggero atribui

aos Portugueses e Italianos, respectivamente. Este movimento interno revela, não uma discriminação mas uma projecção, pois os seus amigos portugueses assemelham-se à sua representação dos italianos. Nesta linha de funcionamento, a discriminação entre as duas culturas apresenta-se reduzida e assenta num sistema defensivo onde as partes que sente como negativas são denegadas e projectadas nos portugueses (passividade) ou aceites (gosto pela culinária e convívio, e valores, entre eles, a família). Temos também como exemplo a auto-estima, que na sua perspectiva os portugueses não têm, o que lhe provoca irritação sem que saiba porquê. Esta ausência nemésica manifesta-se também, na narrativa sobre o conhecimento e discriminação das características portuguesas; o Ruggero dá uma resposta incoerente ao caracterizar os movimentos políticos e sociais dos anos 60, em toda a Europa Ocidental.

Quanto à segunda capacidade de mudança psíquica, o planeamento de estratégias na preparação, realização não é pertinente considerar neste participante, as deslocações que se referem ao período da sua infância. No entanto, esta estadia de 8 anos em Milão, é relatada pelo Ruggero como um período muito difícil da sua vida, indicando que ele nunca conseguiu implementar estratégias de adaptação àquele contexto familiar, nem começou a investir nos amigos como seria de esperar na idade escolar. A vinda para Lisboa, alterou as relações familiares e o Ruggero teve uma boa adaptação ao Liceu Francês, começou a fazer amigos que ainda hoje tem, e sempre se mostrou interessado pela cultura portuguesa. Este período, e a sua adolescência, é representado pelo Ruggero com uma idealização do paraíso perdido “Foi um período fantástico, depois ficamos... É um período de calma, vemos as nuvens mas já não os bonecos nas nuvens, (...) Foi uma altura fantástica e portanto Portugal era isso”. O movimento migratório posterior, para fazer os estudos universitários em Milão, foi incentivado pelo seu pai e a separação da família nuclear fez com que o Ruggero nunca se tivesse adaptado a Itália. No entanto, transparece uma certa neutralidade na ida para o México e novamente para Milão, período que coincide com a construção da sua família nuclear; os primeiros anos do seu casamento e nascimento dos filhos.

O indicador da capacidade de mudança psíquica que se manifesta mais positivamente, refere-se ao conhecimento e consideração dos benefícios e custos que envolvem a mudança, embora coexista com uma memória de evocação dissociada.

“Quando se bate com a porta, faz-se pagar um preço (...) eu não saí de lá sem outro emprego, atenção, (...) Arranjei um emprego aqui e depois fui para lá bater com a porta e vim para cá um ano e depois arranjei um emprego na Itália, voltei para Itália. Não sei porquê voltei para lá... Ah sim, sei, o chamariz não era Itália, era a empresa. Gostava muito de trabalhar naquela empresa depois..., portanto a ideia era.... Não estava... não era claro...”. Este extracto da narrativa exemplifica os custos que a mudança de emprego envolve, sendo que os benefícios são bem valorizados na reunião familiar. O Ruggero demonstra também uma capacidade de realizar os seus projectos sem no entanto, ter conseguido alcançar os objectivos profissionais com que tinha sonhado. Assim sendo, o trabalho não é para o Ruggero uma actividade prazenteira, nem é representada como uma carreira de sucesso como o Ruggero ambicionaria, mas sim um dever que assume para sustentar a família, atribuindo a responsabilidade deste facto à escolha de uma profissão de que não gostava. No contexto profissional, o Ruggero vai conseguindo, com limitações, transladar à acção as suas ambições que são reconhecidas.

A capacidade de considerar os benefícios a obter e as perdas, integradas em pós-ambivalência, conduziu o Ruggero à opção de regressar a Portugal logo que surgiu uma oportunidade laboral. Portugal ao representar a reunião familiar com os seus pais e, ainda hoje, em estar com os seus filhos que, bem inseridos na sociedade portuguesa não têm projectos de viver em Itália, impossibilita-o de um regresso a Itália.

Dentro das características e possibilidades pessoais para enfrentar os movimentos migratórios, o Ruggero destaca a capacidade de ser optimista, característica gatilhada pelo desespero “Desespero... não. Como lhe digo um grande optimismo, mesmo em relação a situações mais complicadas”. Porém, o Ruggero não considera as características que possui e que o capacitam para enfrentar mudanças. Refiro-me aqui aos aspectos profissionais; a sua formação escolar, experiência profissional e, principalmente, à sua aptidão linguística, claramente superior. De sublinhar o facto do Ruggero falar 5 línguas fluentemente e sem sotaque, e, duas delas, sem aprendizagem formal.

A capacidade de recorrer à recordação dos processos de luto sofridos e da reacção perante os mesmos, manifesta-se na narrativa por afectos depressivos sem no entanto

mencionar as estratégias que utilizou para sair do seu sofrimento. A sua descrição focaliza-se nos comportamentos agressivos e não na elaboração do sofrimento. A raiva, zanga, tristeza, sentimentos e emoções que o Ruggero sentiu, corroboram com dos dados da análise da prancha 3RH do TAT. O reenvio à posição depressiva não está ligado a uma representação da perda do objecto, e, embora os afectos depressivos sejam reconhecidos, a associação é feita ao redor de afectos agressivos que a representação masculina desencadeia. A ambiguidade da personagem ao desencadear processos identificatórios manifesta uma representação narcísica do Eu fragilizada e geradora de impotência nos seus fundamentos femininos.

As memórias de evocação que o Ruggero apresenta são dissociadas ou pouco exploradas. A responsabilidade é abordada na narrativa (“se a minha vida está assim a responsabilidade é minha. As decisões... fui eu que as tomei, foram as minhas”), dentro de um movimento que oscila com a negação de um planeamento (“nunca faço planos na vida”), e uma capacidade de implementar os seus desejos. Como exemplo, o retorno a Lisboa foi desejado pelo Ruggero e infere-se que houve um planeamento, sendo no entanto possível que tenha sido o pai a planear mais uma vez, “não estava planejado, (...) mas tinha a ideia de voltar para Lisboa, gostava dessa ideia. Quando surgiu essa oportunidade voltei.”. O reconhecimento dos desejos não é pensado mas é consciencializado através da emergência do impulso ou do afecto.

Dentro das categorias indicadoras da reorganização da identidade e que promoveram a sua integração na sociedade portuguesa, a primeira: do amor ou ódio à ambivalência, existe uma relação ambivalente relativamente aos dois países. Aos afectos positivos que sente relativamente a Itália e a Portugal, juntam-se os negativos que Portugal lhe desencadeia. Mas, a ambivalência é mascarada por racionalizações que, ao serem oscilantes, não possibilitam uma estruturação de pertença a nenhum dos dois países. Portugal foi eleito como país de adopção e o Ruggero sente muitos aspectos da sociedade portuguesa como seus; língua, pagamento de impostos, interesse por acompanhar a vida política portuguesa, etc. É sua “pátria de adopção” e o único país que lhe provoca “saudades físicas”. Simultaneamente, não quer perder a sua pertença a Itália “Quer dizer, quando eu vou... porque eu ainda considero Itália.... Enfim, entre aspas, o meu país de origem, não sei, se bem que ao fim destes anos todos”. Evitante,

incapaz de se entregar e de construir uma relação de pertença, “sinto-me um clone”, sente como maus alguns aspectos de Portugal, sem que se sinta com o direito de os dizer. A verbalização destes sentimentos é acompanhada duma agressividade que provoca-lhe angústias de expulsão “os portugueses são os primeiros que se arrojam no direito de dizer mal de Portugal, e dos portugueses, mas eu não sou e as pessoas podem dizer o quê? Volta para a tua terra e isso eu não quero”.

Na segunda categoria, o contacto com o país de origem é mantido, tanto nas visitas anuais a Itália como no uso da língua italiana em casa, telefonemas, etc. O Ruggero mantém um funcionamento oscilante, manifestando mais uma vez que não acedeu a distanciamento objectal que o permita estruturar uma relação de pertença, relativamente aos seus “continentes terra”.

A sua focalização no presente, é sempre acompanhada de uma nostalgia do tempo passado, o “período fantástico” que foi a adolescência para o Ruggero e fixou-o num funcionamento desta fase da sua vida, sem bloquear ou inibir as acções no presente. O Ruggero demonstra uma capacidade de construir actualmente projectos para o futuro e de superar as dificuldades que está a atravessar.

As características individuais do sujeito; demográficas, a existência de redes de suporte, familiares e sociais, constituem-se como variáveis que favorecem uma estabilidade do funcionamento mental. Acresce que o grau de escolaridade e de formação profissional deste sujeito é superior, constituindo-se como um factor facilitador da aquisição de estatuto e redutor de stress. O contacto pré-migratório, condicionado pela rapidez da decisão da mãe de emigrar e pela sua idade, não deu oportunidade ao Ruggero de se familiarizar com a cultura e a língua portuguesa. Mas, apesar da migração infantil e da posterior inserção no Liceu Francês, o Ruggero mostrou-se sempre motivado para o conhecimento da língua e cultura portuguesa tanto pela leitura de jornais e de livros, TV., etc. A aprendizagem auto-didacta da língua e da cultura portuguesa, manifestam uma atitude de receptividade, de interesse e empenhamento em familiarizar-se com a cultura portuguesa. Esta variável não foi sentida como stressante, tanto pela sua aptidão linguística como pelo seu ingresso no Liceu Francês, pois a secção francesa excluía a aprendizagem da língua e da cultura

portuguesa. No entanto, a não aprendizagem da língua e da história de Portugal tem a discordância do Ruggero que se refere a este facto como “um erro crasso”.

O contacto com os Portugueses, começa na adolescência mas a sua inserção em grupos portugueses está ligada a esta fase da vida e não corresponde a uma verdadeira integração na sociedade Portuguesa. Actualmente, os seus amigos são quase todos estrangeiros e o Ruggero não conseguiu conservar as suas relações sociais da adolescência, o que pode ser atribuído mais às características internas do Ruggero, retraimento por exemplo, do que às realidades externas a que se refere; ter feito os estudos universitários em Milão.

Concluindo, os dados apontam para um funcionamento psíquico oscilante, característico de uma organização limite neurótica. Apesar do Ego se ter organizado “segundo defensivo de um modo neurótico” (Bergeret, 1998, p.222), o Ruggero evidencia uma angústia de perda do objecto e uma relação de objecto predominantemente anaclítica. As insuficiências narcísicas; imagem do Eu fragilizada (não consegue ter autoridade junto dos filhos), interdições super-egoicas arcaicas (desonestidade) e mecanismos de defesa primitivos, (clivagem, projecção e passividade) são alteradas com o predomínio de mecanismos de defesa neuróticos, sendo a castração um exemplo. Este dado é corroborado na narrativa suscitada pela prancha 2 do TAT; os afectos depressivos emergem da castração da realização dos desejos e o conflito intrapsíquico situa-se entre o desejo e as interdições impostas.

O limiar de integração a que o Ruggero se refere, assenta na estabilidade familiar, nomeadamente na sua relação conjugal de 30 anos. No trabalho está a atravessar momentos difíceis, nas relações sociais o Ruggero reporta-se à sua integração social numa forma clivada, com razões “objectivas” apresentadas “dum ponto de vista intelectual”, o que o faz sentir-se dissociado (“clone”) e estrangeiro, tanto em Itália como em Portugal.

Conclusão: O processo de individuação do Ruggero não foi concluído ao longo da sua infância e conduziu-o a um funcionamento evitante e oscilante, que não permitiu a construção de uma identidade cultural, perturbando a sua relação de pertença. A capacidade de mudança psíquica apresenta quatro categorias avaliadas positivamente e três negativamente.

I – Síntese da avaliação dos indicadores da capacidade de mudança psíquica.

Categoria 1	Discriminação adequada entre os dois países.
	As diferenças entre culturas, nomeadamente as que teve contacto no Liceu Francês, são só nomeadas sem especificação. Na adolescência a discriminação de características portuguesas é feita com uma descrição dos movimentos sociais dos anos 60, em toda a Europa Ocidental. Na fase adulta, os valores, normas, códigos culturais, etc. portugueses e italianos, são sentidos como muito idênticos e representam a projecção de partes de si que aceita ou rejeita. No entanto, discrimina a relação que estabeleceu com Portugal e Itália e as características das várias culturas latinas com que teve um contacto estreito desde do nascimento, e que foram integradas ao longo do seu desenvolvimento sem que o Ruggero tenha chegado a construir uma identidade cultural.
Categoria 2	Planificar estratégias a empregar durante o processo de preparação, realização e adaptação que a migração implica.
	Os movimentos migratórios, na idade adulta, foram sempre planeados pelo Ruggero embora com uma negação desse planeamento; “nunca faço planos na vida”.
Categoria 3	Conhecimento das possibilidades e dificuldades inerentes à mudança espacial, horizontal mas também as condições de vida no estatuto (status) social, vertical.
	Na narrativa, O Ruggero manifesta um conhecimento e consideração dos benefícios, (reunião familiar) e dos custos inerentes às mudanças (“Quando se bate com a porta, paga-se um preço”).
Categoria 4	Considerar os benefícios a obter e as perdas integradas em pós-ambivalência.
	O Ruggero considera os benefícios que obteve nos movimentos migratórios embora as perdas sejam negadas e/ou desvalorizadas sem haver uma integração.
Categoria 5	Valorização das características e possibilidades pessoais para enfrentar o processo.
	Embora haja uma valorização da sua capacidade de ser optimista, esta característica é gatilhada pelo desespero. Por outro lado, o Ruggero não considera as características que possui e que o capacitam para enfrentar mudanças migratórias; a sua formação escolar, experiências profissionais e, principalmente, a sua aptidão linguística, claramente superior.
Categoria 6	Memória de evocação. Capacidade de recorrer à recordação dos processos de luto sofridos e da reacção perante os mesmos sem negação.
	A memória de evocação está presente na narrativa, embora o Ruggero não se refira às estratégias que implementou para ultrapassar as perdas por que passou. Por vezes, apresenta um pensamento com

	lacunas, elementos dissociados ou não representáveis.
Categoria 7	Poder pensar para transladar à acção as ambições que devem ser reconhecidas e aceites.
	Com limitações, o Ruggero conseguiu transladar à acção os desejos e ambições, pensadas e reconhecidas.

II – Síntese da avaliação das categorias do processo de individuação na migração.

Categoria 1	Do amor ou ódio à ambivalência.
	O gosto (culinária, família) ou o desgosto (passividade) das características portuguesas representam uma projecção de partes de si que são aceites ou rejeitadas. A ambivalência conseguida esconde uma posição mais primitiva onde o amor idealizado (saudades que provocam uma dor física) coexiste com uma agressividade destrutiva (medo de ser expulso).
Categoria 2	Da proximidade e distancia à distancia óptima.
	O contacto com o país de origem é mantido, tanto nas visitas anuais a Itália como no uso da língua italiana em casa, telefonemas, etc. no entanto, a não estruturação de pertença nem a Portugal, nem a Itália, manifesta que a distancia óptima não foi conseguida.
Categoria 3	Do ontem ou amanhã ao hoje.
	Apesar do seu funcionamento oscilante, o Ruggero demonstra uma capacidade de ter actualmente projectos para o futuro e superar as dificuldades que está a atravessar.
Categoria 4	Do meu e teu ao nosso.
	Posição ambivalente e não integrada quanto à pertença do país, pois se por um lado, Portugal é a sua “pátria de adopção” e é o único país que lhe provoca “saudades físicas”, o Ruggero não quer perder a pertença a Itália. Evitante e incapaz de se entregar e construir pertenças, (“sinto-me um clone”) a dissociação utilizada prejudicou a construção da identidade cultural do Ruggero.

III – Conclusões da análise das duas pranchas do TAT (2 e 3RH).

Os dados apontam para um funcionamento psíquico de uma organização limite neurótica. As insuficiências narcísicas manifestam-se numa imagem do Eu fragilizada nos seus fundamentos femininos e a agressividade condensa-se no papel masculino. As interdições super-egoícas arcaicas (valores e regras inflexíveis) e os mecanismos de defesa primitivos (projectão e negação) são alterados com mecanismos de defesa neuróticos (castração).

2 – Participante B

A Lhudmila aborda a narrativa do percurso migratório apresentando as motivações que a levaram a sair da Ucrânia e que sente que partilha com a maioria dos Ucrânicos. Num mecanismo de negação da dor que afastar-se da sua rede social lhe provocava, emergiram sentimentos de desprezo e triunfo por aqueles que ficaram. A ilusão que resolveria as angústias que a mãe lhe desencadeia, contribuiu também para a Lhudmila querer sair da Ucrânia, reconhecendo posteriormente, que só tinha conseguido atenuá-las. A fuga dum ambiente penoso é uma variável que contribuiu para a instabilidade do seu percurso migratório. À Liberdade, desde sempre ambicionada, acresce ainda o aumento de estatuto que viver na Europa Ocidental garante entre os Ucrânicos. Do que descreve, infere-se que é uma complexidade de situações que contribuíram para a construção do seu projecto migratório; o marido não ter trabalho, já ter um filho que limitava o seu trabalho, a ausência de condições económicas para a sobrevivência da família e a vergonha que este facto gerava, o desejo de estar longe da mãe, que sempre teve e lhe proporcionava bem-estar, o receio, pela sua idade, dum parto na Ucrânia e, as viagens que fez à Hungria e Polónia por razões profissionais. A percepção que a sua situação económica se ia agravar, encorajaram a Lhudmila a tratar do processo burocrático necessário a este movimento. O seu projecto de emigrar era temporário, de aproximadamente um ano, período que a Lhudmila determinou como suficiente para juntar dinheiro e regressar à Ucrânia “para começar uma vida”.

A Lhudmila diferencia-se positivamente de todos os conterrâneos que não querem emigrar, valorizando a sua formação, experiências profissionais e a sua educação que lhe incutiu a confiança de conseguir alcançar o que ambiciona; decidir e viver em Liberdade. Reconhece que nem todos os seus conterrâneos ousam optar por este percurso, tanto pela sua idade que faz com que não sentiram capacidades de aceder a novos códigos, nomeadamente linguísticos, como pela perda de estatuto que vão ter que passar (“Sinto que... acho que toda a gente cresceu assim, só que algumas pessoas têm medo das novidades”). A idealização de viver na Europa Ocidental, coexistia com o medo que os Soviéticos incutiram na população relativamente às sociedades capitalistas. Mais tarde, e depois de viver alguns anos em Portugal, a Lhudmila mais

realista e conhecedora da realidade Portuguesa, afirma que “depois de sair... lá, é tudo a minha lógica”.

O processo de aculturação desencadeou na Lhudmila um nível elevado de stress que era evacuado com desprezo, raiva e zanga e projectado na representação que tinha de Portugal. As características psicológicas e sociais que moderam a relação entre a aculturação e o stress; a sua migração que se configurava como temporária, a sua idade, ser do sexo feminino com 2 filhos, bebés que condicionaram a sua integração profissional, estão entre os factores que incrementaram o stress. Também a idealização da realidade Ocidental fê-la pôr em causa todos os seus valores e as representações que tinha dos aspectos culturais dos dois países e, constituíram-se como impedimentos à sua integração em Portugal. Acresce que a natureza da nova sociedade é uma variável que medeia a aculturação e o stress de aculturação e, Portugal ao não ter uma definição clara de estratégia de aculturação com os imigrantes, contribuiu para o aumento de stress sentido pela Lhudmila. Este facto desorganiza os imigrantes do Leste que estão habituados a regras rígidas. A sua ansiedade também dispara na incompreensão das pessoas com quem se relaciona e que põem em causa valores que a Lhudmila considerava certos e partilhados entre o Leste e o Ocidente. A educação é um exemplo. Não só a escolaridade obrigatória na Ucrânia é de 12 anos, como é considerado uma vergonha, com consequências penais, as pessoas não serem educadas e não frequentarem a escola. Em Portugal, existe um alto nível de iletracia e de analfabetismo, muitas vezes em pessoas que têm algum estatuto social. A Lhudmila que sempre se sentiu como uma pessoa educada, informada e com interesses, constatou, horrorizada, que no Ocidente ter dinheiro era mais valorizado do que ter educação. Esta realidade aumentou as suas dificuldades em se vincular e, a carência de redes sociais e até familiares, visto que a Lhudmila tem uma relação difícil com o seu irmão e cunhada, dificultou também, a integração na sociedade portuguesa.

O confronto com a realidade Portuguesa estendeu-se a aspectos sociais (existência de máfias em Portugal, falta de redes de suporte, perda de estatuto, etc.), às condições de vida (a casa onde habitava chovia) e às redes de suporte sociais (pessoas analfabetas que impossibilitavam a sua vinculação). Esta realidade interna agravou-se pelas duas

experiências de maternidade que a Lhudmila não desejou, nem planeou, e que prejudicaram a sua integração na vida profissional.

Analisando o conteúdo das sete categorias que incluem a capacidade de mudança psíquica ao longo do percurso migratório, verifica-se que a sua maioria é avaliada positivamente.

Dentro da primeira, que se refere à discriminação entre os dois países, a diferenciação que a Lhudmila faz é adequada e extensa, nomeando aspectos políticos, económicos, tecnológicos, educacionais, linguísticos, geográficos, climatéricos e mentais. Certos aspectos são mais valorizados na Ucrânia, como a educação, outros em Portugal, como a tecnologia e a possibilidade de obter um crédito e outros ainda, são ambivalentes e passaram por inúmeras transformações, sendo a Liberdade e o modelo de sociedade capitalista e comunista, um exemplo. As diferenças entre a sociedade Portuguesa e a Ucraniana foram variáveis que incrementaram o seu estado depressivo, pondo em causa o valor de muitas das competências profissionais que tinha no seu país. A discrepância cultural existente entre Portugal e a Ucrânia é um factor que interage com os agentes de stress, influenciando com a aquisição de estatuto e determinando as inúmeras alterações que a Lhudmila teve que operar; língua, valores, modalidades de relacionamento, condições de vida, etc.

A segunda capacidade de mudança psíquica, que se refere ao planeamento de estratégias a implementar durante o percurso migratório; preparação, realização e adaptação, a Lhudmila manifesta dificuldades e impedimentos relativamente à última. Quanto à realização, a Lhudmila saiu da Ucrânia com um visto de turismo e, as máfias locais que controlavam as agências de viagens, enviaram-na para Portugal que em 1998, necessitava de trabalhadores. Embora a decisão de emigrar fosse sua, indicador positivo da capacidade de integração, a Lhudmila podia também contar com a ajuda de outros Ucranianos que já tinham anteriormente emigrado, nomeadamente o seu irmão, cunhada e sobrinho. O pré-contacto com a cultura portuguesa foi auto-didacta; a Lhudmila procurou em enciclopédias informações sobre os aspectos geográficos, económicos e culturais Portugueses. Quanto à língua portuguesa, a sua senhoria que também teve uma experiência migratória, ajudou-a a começar a falar português. Ao fim

de 7 anos de residir em Portugal, a Lhudmila fala um português fluente embora com erros gramaticais, o que a envergonha.

Na preparação do seu percurso migratório a Lhudmila socorreu-se de todas as informações que conseguiu obter. Assim, numa forma auto-didacta recolheu alguns dados sobre a economia, aspectos geográficos e climatéricos, históricos, etc.

Durante a viagem para Portugal, a Lhudmila confrontou-se com as máfias do Leste, que queriam extorquir dinheiro a todos os passageiros da camioneta onde viajava. Esta situação, inesperada para a Lhudmila que não previa “pagar imposto”, fez a Lhudmila enfrentá-los e exteriorizar a sua raiva, tal era o medo que sentia. Conseguiu pagar bastante menos do que eles queriam, e este acontecimento incrementou-lhe a auto-estima e confiança em si, pois não só defendeu os seus conterrâneos como ousou, pela primeira vez impor-se às máfias, o que a fez sentir vencedora.

Quando chegou da Ucrânia, foi viver para junto do seu irmão em Almada. O marido, trabalhava com o irmão nas obras e a Lhudmila encontrou logo uma creche para o filho e um trabalho para si. Este período é representado com uma grande ambivalência pois se por um lado, sentia-se bem no trabalho, tinha o filho na creche e uma senhoria que a apoiava, por outro, a casa onde habitava estava degradada e o marido trazia pulgas do trabalho. Quando nasceu o segundo filho, a Lhudmila teve de parar de trabalhar, e o seu marido foi despedido e ameaçado pelas máfias do Leste. Tiveram que abandonar a casa onde viviam e foram à JRS procurar outro trabalho. Estes acontecimentos constituíram-se como obstáculos às estratégias já implementadas, e prejudicaram a adaptação da Lhudmila a Portugal nos primeiros anos.

Quanto à capacidade de mudança psíquica que se refere ao conhecimento das possibilidades e dificuldades inerentes à mudança espacial, horizontal e também às condições de vida no estatuto social, vertical, eram inexistentes (*“sabia pouco do que é que vinha encontrar... Sim, só coisas boas... mostravam a Europa rica, linda, educada”*). Esta idealização da Europa Ocidental também contribuiu para incrementar o nível de stress pois a discrepância entre as suas expectativas e a realidade encontrada, foi grande, pondo em causa a sua apreensão da realidade, os seus valores, dificultou a sua capacidade de vinculação e colocou-a numa impossibilidade de realizar qualquer escolha laboral. Nos empregos disponíveis, a perda de estatuto vertical era sentida

como uma humilhação, relativamente à formação e cargos que tinha ocupado na Ucrânia. Acresce que qualquer serviço doméstico, nomeadamente as limpezas, reactivavam as situações traumáticas da sua infância que a Lhudmila inviabilizava imediatamente com uma transferência massiva da mãe para as patroas. No entanto, a Lhudmila não assumia as suas responsabilidades neste processo, projectando o insucesso profissional no mau objecto que a patroa representava para ela, tornando-as por vezes, maléficas. Por outro lado, os cursos que tirou na Ucrânia não têm equivalência em Portugal e são desadequados ao nível profissional ambicionado, face às suas experiências profissionais na Ucrânia. A maternidade que inicialmente não lhe proporcionava prazer, a perda de estatuto e a solidão em que se encontrava, conduziu-a a um estado depressivo que se agravava à medida que a Lhudmila se sentia impedida de construir uma estratégia de inserção profissional que, no seu caso, implicava uma capacidade de esperar e de aceitar cargos que considerava menores até conseguir um trabalho de acordo com as suas expectativas. Embora com uma auto-estima fragilizada desde a infância pela relação materna sádica e paterna de abandono, a Lhudmila valoriza as suas características e possibilidades pessoais para enfrentar o processo de recomeçar a trabalhar num país estrangeiro. A sua educação deu-lhe confiança nas suas capacidades de trabalho mas, foi difícil para a Ludmila reconhecer que a sua formação profissional é desadequada na Europa Ocidental e que não lhe dá o estatuto que sente merecer.

A capacidade de considerar os benefícios a obter e as perdas integradas em pós-ambivalência, é manifestada positivamente pois a Lhudmila considera os vários benefícios que obteve em Portugal, nomeadamente a saúde, os melhores salários e a Liberdade. Reconhece concomitante, as perdas que teve; o trabalho que gostava e onde era bem sucedida e as condições básicas de vida garantidas. No entanto, inicialmente a Lhudmila sentia que o seu projecto de migração tinha fracassado pois não conseguiu juntar dinheiro para voltar para a Ucrânia. Mas, a vergonha que um retorno nestas condições implica, simultaneamente às relações difíceis que tem com os seus pais (“Voltar para a Ucrânia? Nem pensar. Por estar lá a mãe, consegue magoar-me e se está perto de mim, pior.”), ainda hoje, mantêm-na oscilante em fixar-se em Portugal ou

retornar para a Ucrânia (“Gostava de ser professora na Universidade, se voltar, faço o mestrado e fico com mais regalias”).

A capacidade de recorrer à memória de evocação, nomeadamente nos movimentos internos que conduziram à resolução dos lutos e perdas, a Lhudmila recorda a renúncia que fez ao abdicar do curso de pedagoga. Num movimento de oposição ao Regime Soviético, a Lhudmila conseguiu resolver em pós-ambivalência, a sua situação de formação profissional na Ucrânia. Porém, em Portugal, na ausência de normas rígidas mas organizadoras, e da sua desilusão das condições de vida onde está inserida, a Lhudmila apresenta dificuldades em integrar as estratégias que conduzem a uma inserção laboral no Ocidente. Infere-se que a evocação dos lutos que fez no passado, não foram trasladados para a nova realidade. Na elaboração da posição depressiva, o movimento inicial é feito com a expulsão do mau objecto mas este vazio e a culpa que sentia, coarctava-lhe a imaginação e a possibilidade de se responsabilizar pelas situações de fracasso, de que também é protagonista.

A Ludmila demonstra uma capacidade de reconhecer, aceitar e transladar à acção as suas ambições, embora as lacunas de informação que a Lhudmila tinha sobre Portugal, as suas vivências infantis, e as experiências de maternidade, tivessem dificultado a implementação de estratégias de acção e integração profissional.

As vivências da Lhudmila exemplificam o processo de individuação por que passou com sucesso, tanto na compreensão da realidade social (valores, modalidades de relacionamento, regras, etc.) como no alcançar as metas atingidas nas 4 categorias de análise da terceira individuação.

A oscilação entre os aspectos negativos e idealizados nos dois países e das pessoas manteve-se durante muitos meses. A relação que a Lhudmila estabeleceu com Portugal era inicialmente utilitária, pois a sua ambição era a de regressar à Ucrânia com dinheiro que tivesse conseguido juntar aqui. Mas, na última entrevista, a Lhudmila revela um começo de integração interna dos aspectos maus e bons, e prevalece uma posição ambivalente relativamente aos dois países, que inclui a resignificação dos valores vigentes em ambos. A mudança de perspectiva entre Portugal e a Ucrâniana conduziu-a a uma posição mais integrada que se manifesta na decisão de não retornar à Ucrânia.

Embora nunca mais tenha voltado à Ucrânia, a Lhudmila mantém um contacto telefónico permanente com todas as pessoas a quem está mais ligada, e conserva a língua ucraniana como língua materna em casa. A angústia face à sua família e ao seu país, que sentia antes de emigrar, foi-se esbatendo com o aumento de distância que a Lhudmila foi imprimindo e com a reinsignificação de valores. A existência de máfias em Portugal, ao ser sentida como exterior aos portugueses, incutiu-lhe a segurança e confiança necessária para construir projectos profissionais, como poder vir a ter uma actividade comercial livre.

Com limites temporais bem delimitados, a Lhudmila sentia-se impotente de usufruir das suas condições de vida e vivências, sentidas sempre como desilusões dos seus projectos, sobretudo depois do nascimento do segundo filho. Na segunda entrevista, a Lhudmila, menos deprimida, relata como a sua integração social evoluiu; as suas relações profissionais incrementaram o desejo de expandir as suas relações ao constar que se sentia mais feliz inserida num grupo de pessoas, do que sozinha em casa. Começou a ter amigos e casais com quem saia e a queixa de que não havia pessoas que lhe interessassem foi desaparecendo pela diversificação de pessoas com quem conseguiu manter relações.

A legalização da Lhudmila baixou os níveis de stress que o estatuto de imigrante irregular lhe provocava, e hoje, sente-se no direito de usufruir de muitos direitos tal como os portugueses. A sua legalização, através do último filho, foi importante para a organização desta pertença.

Concluindo, as discrepâncias entre a realidade da Sociedade Comunista e a idealização da Sociedade Capitalista, desencadearam na Lhudmila níveis acentuados de stress de aculturação. Em face das inúmeras mudanças que a Lhudmila teve de operar, a maternidade, pelo isolamento que esta experiência remete, e a vivência distorcida da sua relação materna, conduziu-a a um estado depressivo que dificultou a implementação de estratégias de adaptação em Portugal.

I – Síntese da avaliação dos indicadores da capacidade de mudança psíquica.

Categoria 1	Discriminação adequada entre os dois países.
	A discriminação entre os dois países é adequada e extensa. Refere-se a aspectos políticos, tecnológicos, educacionais, linguísticos, geográficos, climáticos e mentais.
Categoria 2	Planificar estratégias a empregar durante o processo de preparação, realização e adaptação que a migração implica.
	O pré-contacto com a cultura portuguesa foi auto-didacta, bem como posteriormente, a aprendizagem das condições de vida existentes em Portugal, e da língua portuguesa que se iniciou com a ajuda da sua senhoria. O planeamento das estratégias que desencadearam o início do percurso migratório não foram necessárias, pois foram realizadas pelas máfias locais que controlavam as agências de viagens, sendo que em Portugal, podiam também contar com a ajuda de outros Ucrânianos que já tinham, anteriormente emigrado. A idealização da Europa Ocidental e o desconhecimento da realidade constituíram-se como um impedimento às mudanças adaptativas que o percurso migratório exige. Esta realidade interna é agravada pelas duas experiências de maternidade da Lhudmila que, ao não serem desejadas nem planeadas, impossibilitaram integração na vida profissional, dificultando a sua adaptação à nova realidade.
Categoria 3	Conhecimento das possibilidades e dificuldades inerentes à mudança espacial, horizontal mas também às condições de vida no estatuto social, vertical.
	Embora com algum conhecimento das mudanças espaciais da realidade que iria encontrar, as condições de vida e os custos sociais, por que passou constituíram-se como uma realidade irrepresentável. No seu país, a distorção e as lacunas de informação, na representação da Europa Ocidental, livre, educada, bonita e rica, conduziram-na posteriormente a uma posição ambivalente entre a idealização da Liberdade e as condições de vida, garantidas onde foi educada. Este facto constituiu-se um impedimento à sua integração profissional pois a maternidade não apoiada e a diminuição de estatuto social, sentido como uma humilhação, diminuiu o leque de empregos disponíveis.
Categoria 4	Considerar os benefícios a obter e as perdas integradas em pós-ambivalência.
	A Lhudmila considera os vários benefícios que obteve em Portugal, nomeadamente a saúde, os melhores salários e a liberdade. Reconhece concomitante, as perdas que teve; o trabalho que gostava e onde era bem sucedida e as condições básicas de vida garantidas. No início, a Lhudmila sentia que o seu projecto de imigração fracassou, ou seja, não conseguiu juntar dinheiro para voltar para a Ucrânia e a vergonha que um regresso implica, concomitante às relações difíceis que tem com os seus pais e a resignificação de valores, fê-la inviabilizar um

	retorno à Ucrânia.
Categoria 5	Valorização das características e possibilidades pessoais para enfrentar o processo.
	A Lhudmila valoriza as suas possibilidades de conseguir emigrar e ter uma vida melhor. Refere-se à sua educação que incentivou a confiança de conseguir escolher, experimentar, de viver em Liberdade. Igualmente a sua educação profissional deu-lhe confiança nas suas possibilidades de trabalho. No entanto, a formação e as suas experiências profissionais adequavam-se a um trabalho no Leste mas não na Europa Ocidental.
Categoria 6	Memória de evocação.
	Num contexto de oposição e desacordo com a ideologia do regime soviético, a Lhudmila consegue resolver em pós-ambivalência, a sua situação de formação profissional na Ucrânia. Porém, em face do desconhecimento da nova realidade e da ausência de normas rígidas mas organizadoras, e da sua posterior desilusão das condições de vida em que está inserida, a Ludmila vive inicialmente o seu percurso migratório numa permanente ambivalência, entre a desilusão e a vergonha. A memória de evocação dos lutos por que passou anteriormente e após múltiplas transformações nos valores e regras vigentes no regime soviético e capitalista, acabaram por ser transladados para a nova realidade.
Categoria 7	Poder pensar, para transladar à acção, as ambições que devem ser reconhecidas e aceites.
	Em face duma complexidade de situações que gatilharam o movimento migratório, a Lhudmila queria inicialmente juntar dinheiro para começar uma vida na Ucrânia. Posteriormente, ao aceitar que não ia conseguir juntar dinheiro em Portugal, optou por não querer voltar à Ucrânia, até pela presença da mãe, que a magoa.

II – Síntese da avaliação das categorias do processo de individuação na migração.

Categoria 1	Do amor ou ódio à ambivalência.
	O desgosto das condições de vida existentes na União Soviética, nomeadamente a existência de máfias, corrupção e, sobretudo, da má relação que tinha com ambos os pais, fez com que a Lhudmila nunca se sentisse bem na Ucrânia. Os sentimentos relativamente a Portugal e à Ucrânia são ambivalentes e, a única emoção extremada da Lhudmila, refere-se às máfias do Leste. A posição ambivalente, relativamente aos dois países prevalece, apesar de resignificação dos valores vigentes em ambos. Antes de emigrar a Lhudmila sentia angústia face à sua família e ao seu país, que se foi esbatendo. Actualmente, a relação que a Lhudmila estabelece

	com Portugal continua a ser utilitária, tendo no entanto começado a usufruir das condições actuais.
Categoria 2	Da proximidade e distancia à distancia óptima.
	As diferenças significativas nas condições de vida e nos valores vigentes nas duas culturas; Ocidental e o Regime Soviético, manifestam mudanças no modo de as perspectivar, nas duas entrevistas. Na primeira, a Lhudmila, face à realidade Ocidental, manifesta uma resignificação da realidade onde estava inserida e que valoriza. Na segunda entrevista, o extracto exemplifica o desejo de não retornar, pela perda dos valores que tinha e pela perda de contactos na Ucrânia. A Lhudmila, apesar de nunca ter voltado à Ucrânia, por razões económicas, mantém telefonicamente contactos permanentes com todas as pessoas a quem está mais ligada.
Categoria 3	Do ontem ou amanhã ao hoje.
	Na primeira entrevista, a Lhudmila não conseguia usufruir as condições de vida e das suas experiências actuais, sentidas como desilusões dos seus projectos. Seis meses depois, a Lhudmila conseguiu fixar-se num presente com projectos de futuro (“Presente que dá futuro”).
Categoria 4	Do meu e teu ao nosso.
	Da narrativa infere-se que as falhas de vinculação prejudicam os sentimentos de pertença a Portugal mas, a sua legalização, ajudou a Lhudmila a sentir que partilhava muitos direitos tal como os Portugueses, abono de família, por exemplo.

III – Conclusões da análise das duas pranchas do TAT (2 e 3RH).

Na prancha 2, a clara diferenciação entre as três personagens; “mulher grávida, menina bonita que não é feliz, e o homem forte e bonito” é indicador dum processo identificatório estável, ao que acresce o reconhecimento da relação conjugal entre as duas personagens do segundo plano. No entanto a rapariga é descrita como separada deste contexto e a problemática narcísica aflora nas suas dificuldades relacionais de vinculação aos objectos. As mudanças no tempo representam uma mudança sócio-política que lhe provoca insegurança. Os elementos depressivos, a tristeza, é aqui descrita como um vazio que a Lhudmila tantas vezes referenciou como anestesia, isto é, um desespero congelado, uma incapacidade de lidar com o que sentia e de planear estratégias viáveis de resolução da sua situação.

Novamente na prancha 3RH, os elementos depressivos são suscitados e a Lhudmila não consegue elaborar uma narrativa sobre as personagens, acusando uma dificuldade em organizar o pensamento. A descrição centra-se no vazio emocional e nos afectos depressivos. Esta situação depressiva remete para uma perda de algo que já sentiu possuir e perdeu, sem que consiga imaginar e consciencializar o quê.

3 – Participante C.

A Venina inicia a narrativa abordando as motivações circunstanciais que a levaram a viajar para Portugal. Com um pensamento concreto, a Venina durante a entrevista cinge-se ao relato de experiências e acontecimentos, sem se referir aos movimentos internos que este percurso suscitou. No entanto, o seu débito linguístico manifestou o seu comportamento habitual de ansiedade, chegando a estados maníacos difíceis de conter; mudanças súbitas de tema, conteúdos contraditórios, falar de pessoas que só são por ela conhecidas, ou ainda, o não diferenciar os assuntos que têm relevância no seu percurso migratório.

Com um funcionamento psíquico que alterna comportamentos ilusórios e estados depressivos, a Venina inclui-se no grupo vulnerável dentro da população que emigra, isto é, ao não perceber nem consciencializar o risco que este projecto envolve, expõem-se repetidamente a situações de risco sempre com uma expectativa ilusória que vencerá. Com uma reacção maníaca, a dor é negada e substituída por sentimentos de triunfo por aqueles que ficam. O seu pensamento ilusório manifesta-se também no desconhecimento das condições de vida que ia encontrar em Portugal, nomeadamente profissionais e nas limitações que o seu estado de saúde lhe impunha. Num período pré-migratório, a Venina não se informou da realidade da sociedade portuguesa e, posteriormente, não planeou nenhuma estratégia viável ao longo deste processo, sempre assumido como temporário. Configurou-se durante 10 anos, como uma imigrante temporária, sem conseguir fixar-se nem estruturar um projecto de vida em Portugal nem no Brasil.

A incapacidade de pensar, de reflectir e de aprender com as experiências da sua vida e da realidade portuguesa, não permitiu a implementação de estratégias de acção viáveis. Esta abordagem à realidade manifesta-se igualmente nos períodos depressivos e nos estados maníacos. O seu comportamento é alternado por descargas emocionais (choro) e uma verbalização das suas vivências externas sem conseguir parar, demonstrando uma necessidade de evacuar a sua ansiedade. A análise das narrativas das pranchas do TAT 2 e 3RH corroboram com o seu comportamento num estado depressivo acentuado.

A sua capacidade de mudança encontra-se comprometida. Dentro da primeira categoria, a discriminação entre os dois países é feita a nível linguístico, sócio-económico, escolaridade, e dos sentimentos que tem perante ambos, mas, esta diferenciação emerge num pensamento pouco elaborado e egocêntrico, reportando só às suas experiências. Os aspectos que a Venina apresenta como diferenciadores dos dois países, não correspondem à realidade, referem-se a vivências que a Venina não teve, nem no Brasil nem em Portugal, sendo o clima um exemplo. No entanto, este facto contribuiu para a Venina não ter passado por um processo de aculturação e consequentemente não desencadeou stress de aculturação já que quase tudo em Portugal lhe era familiar.

Durante os primeiros anos que residiu em Portugal, a Venina considerou os benefícios a obter, sem pensar nas estratégias a implementar, nem nas vivências das perdas inevitáveis. A Venina acreditava na viabilidade dos seus projectos comerciais, mas, ao constatar as suas dificuldades e até integrar a sua impossibilidade, não no Brasil mas em Portugal, a Venina começou a considerar que as perdas superavam os benefícios que em Portugal obteria. Com estas perdas integradas em pós-ambivalência, pois a Venina gosta e reconhece muitos aspectos positivos de Portugal, decide regressar definitivamente ao Brasil, onde usufrui uma maior qualidade de vida. Esta categoria da capacidade de mudança psíquica, é a única que se manifesta claramente positiva pois a Venina verbaliza que não tem características e possibilidades pessoais para enfrentar o processo (“Quer dizer, para emigrar uma pessoa... outros valores. E isso para mim é difícil.”) e que reconhece em si, características de afiliação, ajuda e solidariedade que, no seu ponto de vista, a impossibilitam-na de ter um perfil adequado a um imigrante. Num projecto de migração assumido sempre como provisório, a Venina acabou por reconhecer a impossibilidade de permanecer em Portugal, aceitando que todos os negócios e trabalhos em que se envolveu terminaram em insucesso. Quando decidiu regressar definitivamente ao Brasil, as ambições da Venina mudaram, conseguiu resinificar o fracasso que representava o seu retorno sem dinheiro, e desejar ter uma vida integrada na sua família e estável.

Na terceira categoria da capacidade de mudança psíquica, conhecimento das possibilidades e dificuldades inerentes à mudança vertical e horizontal, a Venina,

oriunda do Nordeste não sentia a perda de estatuto social aqui em Portugal, sendo que no Brasil, o facto de residir na Europa lhe aumentava o estatuto. Quanto às mudanças horizontais, a Venina nomeia somente o clima (frio e humidade) que lhe aumentavam as dores musculares.

A memória de evocação das situações anteriormente fracassadas, das perdas e lutos por que passou, a Venina não manifesta uma elaboração da posição depressiva. Falava desses projectos sem manifestar dor ou pensamentos sobre os movimentos por que passou. Cingindo-se a factos concretos e emocionalmente mantinha-se neutra ou ria-se.

Entre a idealização de chegar ao Brasil com dinheiro para poder investir e ajudar a sua família, conhecer a Europa e sentir-se impossibilitada de trabalhar pelo seu estado de saúde, as suas ambições, reconhecidas e aceites, variavam e apresentavam-se muito instáveis, o que dificultava a implementação de estratégias de acção que as realizassem.

As poucas mudanças psíquicas da Venina não a conduziram a um processo de terceira individualização. A primeira categoria que se refere à presença de sentimentos extremados, que posteriormente conduzem a uma ambivalência a Venina manteve, desde da sua vinda para Portugal, este sentimento relativamente aos dois países, não tendo havido qualquer mudança interna (“ Não mudaram não, eu gosto de Portugal mas, a minha terra é o Brasil.”).

Na categoria seguinte, da proximidade e distância à distância óptima, a Venina, desde que emigrou, manteve sempre uma distância muito próxima em relação ao Brasil e família. O facto do seu projecto não ser consistente nem determinado, fez com que as visitas ao Brasil fossem frequentes e maioritariamente encaradas como projectos de retorno. A ligação, muito gregária à família, manteve-se nos telefonemas frequentes, pela Internet e pelas estadias no Brasil, o que fez com que não houvesse uma alteração das relações familiares.

Por último, a quarta categoria “Do meu ao teu ao nosso”, a Venina, oriunda de um país lusófono, sente muitos aspectos da vida e da cultura portuguesa semelhantes aos brasileiros, sendo a língua portuguesa a mais importante. No entanto, diferencia a personalidade dos Portugueses e Brasileiros e do seu sentimento de pertença aos dois países, mas não apresenta dificuldades de relacionamento com os portugueses, limitando-se a constatá-las. A lusófonia é uma invariante que diminui a discrepância

cultural entre os dois países, favorável a uma aculturação sem stress. Embora os Brasileiros tenham um estatuto inferior aos dos Portugueses e a Venina ter tido uma experiência xenófoba, que não valorizou, a imersão na sociedade portuguesa não gerou na Venina stress de aculturação, tanto mais que manteve sempre uma enorme motivação para o contacto.

A natureza da nossa sociedade, ao não ter uma estratégia clara de aculturação, fez com que a Venina fosse integrando as regras e sobretudo, as modalidades de relacionamento diferentes. Dentro dos factores que interagem com os agentes de stress, influenciando a aquisição de estatuto, à discrepância cultural entre os dois países, junta-se a escolaridade. O nível de escolaridade da Venina, 12º ano, não é reconhecido em Portugal o que contribuiu para que Venina não conseguisse ter um emprego que fosse adequado ao seu estado de saúde. Quanto às características individuais que moderam as relações entre a aculturação e o stress, as demográficas, ser mulher e adulta, e o facto de ter uma rede de suporte social e familiar escassa em Portugal, incapaz de lhe dar o suporte que a Venina necessitava, incrementaram os seus níveis de stress, embora este não possa ser atribuído só ao processo de aculturação. Quanto às características psicológicas, destacam-se positivamente o desejo e a participação individual no desejo de emigrar provisoriamente, o conhecimento da língua a motivação para o contacto e a atitude positiva face à aculturação. Mas, as expectativas que a prima construiu na Venina, o desconhecimento da realidade portuguesa, os valores que sente não partilhar com os imigrantes conduziram-na a situações de desilusão e impotência, desvalorizando progressivamente a sua auto-estima.

Em conclusão, a Venina exemplifica um movimento migratório mal sucedido. Com uma capacidade escassa de operar mudanças, a sua experiência migratória não conduziu a alterações identitárias. O seu estado de saúde mental, que se inscreve num funcionamento depressivo ou maníaco, e a fibromialgia, impossibilitaram-na de construir em Portugal projectos profissionais viáveis. Por outro lado, a sua rede de suporte social e familiar eram insuficientes para a conter e de lhe dar o suporte que necessitava, o que fez que a Venina reconhecesse a inviabilidade de permanecer mais tempo em Portugal. A sua necessidade de ter segurança, fixar-se e viver em família,

levou a Venina a tomar uma decisão pensada e projectada no futuro, que outrora não era considerada nas suas vivências.

I – Síntese da avaliação dos indicadores da capacidade de mudança psíquica.

Categoria 1	Discriminação adequada entre os dois países.
	Na narrativa, a língua é a primeira característica que indicada como semelhante, mas não a mesma. As diferenças são exploradas ao nível da personalidade dos dois povos, seguindo-se uma discriminação ao nível sócio-económico. Muitas diferenças, como o clima, são apontadas dentro de um pensamento egocêntrico que se reportam só às suas experiências de vida sem que os dois países sejam considerados. No entanto há uma discriminação adequada no relacionamento que tem com o Brasil e Portugal.
Categoria 2	Planificar estratégias a empregar durante o processo de preparação, realização e adaptação que a migração implica.
	A Venina não planeou emigrar, mas sim ficar em Portugal o tempo suficiente que lhe permitisse com o seu trabalho, ganhar o dinheiro necessário para viajar pela Europa e regressar ao Brasil como emigrante bem sucedida. Teve uma adaptação fácil a Portugal e aos Portugueses. Com um pensamento ilusório acerca do que ia encontrar em Portugal e uma negação das limitações que o seu estado de saúde lhe impunha, a Venina deixou-se convencer pela prima, não se informou da realidade da sociedade portuguesa e, consequentemente, não planeou nenhuma estratégia viável ao longo deste percurso, sempre assumido como temporário durante estes 10 anos.
Categoria 3	Conhecimento das possibilidades e dificuldades inerentes à mudança espacial, horizontal mas também às condições de vida no estatuto social, vertical.
	As condições de vida, em Portugal, eram inferiores às que tinha no Brasil, embora o estatuto de emigrante na Europa lhe proporcionasse no Brasil, um aumento de estatuto social. Apesar da Venina atribuir à sua doença física o motivo de não ter conseguido estruturar-se em Portugal e de afirmar que tinha conhecimento do tipo de trabalho que ia encontrar, a Venina não tinha conhecimento nenhum das suas possibilidades nem das consequências da ausência do apoio familiar que tinha. Actualmente, verbaliza que o perfil dum emigrante é diferente do seu, e que se sente incapaz de mudar os seus valores.
Categoria 4	Considerar os benefícios a obter e as perdas integradas em pós-ambivalência.
	Inicialmente, a Venina acreditava na viabilidade dos seus projectos comerciais, mas ao constatar a suas dificuldades e até integrar a sua impossibilidade, não no Brasil mas em Portugal, a Venina começou a

	reconhecer que as perdas superavam os benefícios que aqui, obteria. Com estas perdas integradas em pós-ambivalência, pois a Venina gosta e reconhece muitos aspectos positivos de Portugal, decide regressar definitivamente ao Brasil, onde tem uma maior qualidade de vida.
Categoria 5	Valorização das características e possibilidades pessoais para enfrentar o processo.
	A Venina reconhece em si, características de afiliação, ajuda e solidariedade que, no seu ponto de vista, a impossibilitam de ter um perfil adequado a um imigrante.
Categoria 6	Memória de evocação.
	Num projecto de migração sempre oscilante, a Venina acabou por reconhecer que todos os negócios e trabalhos em que se envolveu em Portugal, terminaram em insucesso.
Categoria 7	Poder pensar, para transladar à acção, as ambições que devem ser reconhecidas e aceites.
Conclusão	As ambições reconhecidas e aceites pela Venina, não consideraram as limitações profissionais que a fibromialgia lhe impõem e o contexto sócio-económico português. Assim sendo, o projecto migratório configurou-se como uma fuga para a frente de que iria conseguir juntar dinheiro e aumentar a sua auto-estima. Quando decidiu regressar definitivamente ao Brasil, as ambições da Venina mudaram, ambicionando agora ter uma vida integrada na sua família e estável.

II – Síntese da avaliação das categorias do processo de individuação na migração.

Categoria 1	Do amor ou ódio à ambivalência.
	A Venina sempre sentiu uma ambivalência relativamente aos dois países sem ter recorrido a mecanismos de clivagem.
Categoria 2	Da proximidade e distancia à distancia óptima.
	Desde que veio para Portugal, a Venina, manteve-se sempre muito próxima do Brasil, da sua família e amigos. O facto do seu projecto não ser consistente e ser assumido como temporário, fez com que os retornos ao Brasil fossem frequentes. A ligação muito gregária à família manteve-se também, nos telefonemas frequentes, pela Internet, o que fez com que não houvesse uma alteração das relações familiares.
Categoria 3	Do ontem ou amanhã ao hoje.
	A dimensão temporal apresentou-se dependente das circunstâncias externas e não de projectos que tivesse construído. No entanto, a fibromialgia, concomitante à rede de suporte social e familiar escassa que tinha em Portugal, fez com que a Venina reconhecesse a inviabilidade de prolongar o seu projecto migratório e que o retorno ao Brasil lhe proporcionaria uma melhor qualidade de vida.
Categoria 4	Do meu e teu ao nosso.
	A Venina sente muitos aspectos da vida e da cultura Portuguesa

	diferentes dos Brasileiros, sobretudo no que se refere às pessoas, sendo que diferencia adequadamente o seu sentimento de pertença aos dois países. A língua portuguesa é a primeira característica apontada como semelhante mas sem comunhão, ou seja, não é “nossa” é só parecida.
--	--

III – Conclusões da análise das duas pranchas do TAT (2 e 3RH).

Os sentimentos de desamparo são expressos em redor da sua necessidade de cuidar e ser cuidada. Os afectos depressivos que emergem dominam as narrativas inviabilizando a elaboração mental de relações entre os objectos. Assim, o material apresentado na prancha 2 suscita uma nomeação dos objectos aparecem diferenciados; mulher grávida, homem a trabalhar e rapariga com livros. Nesta escassa descrição, destaca-se a mulher que é vista como grávida, e não aparecem ligações entre os objectos. O estado depressivo em que a Venina se encontra, impede-a de pensar e imaginar, mas aflora o desejo de ficar grávida que comunga com o seu namorado. Também a relação conjugal que a Venina mantém com o namorado, 15 anos mais novo, assenta nos cuidados maternos que a Venina lhe proporciona. O reenvio à posição depressiva na prancha 3RH, suscita na Venina vivências de solidão e sentimentos de desamparo, e a identificação massiva à personagem representada na figuração, numa angústia tão invasiva e catastrófica que a limita a uma descarga emocional (choro).

4 – Participante D

A narrativa da história da migração do Osmar, realça desde logo a sua parca fluência verbal que prejudicou o relato espontâneo dos acontecimentos e das suas experiências, suscitadas quase na sua totalidade pelas questões colocadas.

Ao relatar os motivos que desencadearam este movimento (“Porque a minha mãe já estava aqui”), a reunião familiar é destacada e generalizada imaginariamente aos pais (“a minha tia estava cá”). O reencontro com a sua mãe era muito desejado e o Osmar ficou “muito contente” ao ser informado pela avó de que ia viajar. Esta simples explicação, poucas horas antes da partida do Osmar para Portugal, evidenciam que as modalidades relacionais em S. Tomé não passam pela palavra nem favorecem a compreensão dos acontecimentos. A comunicação linguística, não é um meio privilegiado de relacionamento pessoal e social em S. Tomé, que assenta na comunhão de acções. E, se em S. Tomé a sua fluência verbal poderia ser considerada normal, em Lisboa, constituiu-se como um factor inibitório de constituição de redes sociais e contribuiu para o seu insucesso escolar. O Osmar, ao ver-se inserido numa sociedade onde a verbalização na comunicação adquire importância relacional, verifica que tem dificuldades em pronunciar certas palavras. A comunicação por monossílabos, gerou nos professores dificuldades em compreender se o Osmar tinha ou não integrado a matéria e quais eram os pontos incompreendidos por ele. Este factor, relativamente aos amigos actuava também como uma restrição pois embora sempre os tivesse tido, limitava a sua rede social.

Com um funcionamento psíquico inibido, o afecto depressivo existe “em que se resume num sentimento pouco expresso de não valor de si próprio, numa ausência de auto-estima” (Lebovici, S. e Soulé, M., 1980, p. 417) A separação da mãe aos 4 anos, foi penosa para o Osmar, mas não implicou uma carência de cuidados maternos que foram assegurados pela avó. Esta situação é comum entre os São-tomenses, porque nem sempre são os pais a criar os filhos e o ambiente familiar São-tomense é habitualmente alargado. No entanto, a separação da mãe e, ainda maior a do pai, foi longa, numa fase onde o objecto interno estava insuficientemente constituído e esta separação predispôs o Osmar a reacções depressivas e a um retraimento relacional.

Sem representação do que era viajar de avião, o Osmar preencheu esta lacuna com a memória que tinha das viagens de camioneta. Esta substituição, desajustada, teve como consequência o Osmar ter feito uma viagem de 11 horas desconfortável, sem dormir e sempre com frio.

À chegada a Lisboa, as memórias que o Osmar relata, reportam a 1998, algumas, transmitidas com lacunas ou com reconstrução. O Osmar diz que se lembra do pai, “um pouco”, não se lembra de quem tomava conta dele, sugerindo que a sua primeira memória mais realista foi a de ter ido viver com os seus pais e da sua entrada para a escola. Depois de ter completado o primeiro ano de escolaridade em S. Tomé, o Osmar emigrou para Lisboa, ficou um ano sem estudar e ingressou depois numa escola portuguesa. Se em S. Tomé, o Osmar teria um percurso escolar sem incidentes, em Lisboa, manifestou logo dificuldades de aprendizagem. Estas dificuldades, evidenciam desde logo um desenvolvimento cognitivo insuficiente para fazer face a uma escolaridade portuguesa. Com um pensamento predominantemente concreto e virado para a acção, o Osmar gosta muito de jogar futebol, orienta-se muito bem na sua área de residência e faz inúmeras tarefas para ajudar a sua mãe. O pensamento simbólico, utilizado nomeadamente na disciplina de matemática, trazia-lhe dificuldades. Estas lacunas podem ser maioritariamente atribuídas ao contexto São-tomense, onde o Osmar passou os primeiros 6 anos de vida. A mãe queixa-se, na primeira consulta, que o Osmar sempre teve um desenvolvimento tardio a andar e a falar. Mas, a má nutrição, a frequência de malária e o ambiente pouco estimulante de aprendizagem de competências escolares, nomeadamente a exteriorização linguística das suas experiências, são exemplos de vivências que o Osmar teve antes de emigrar e que se configuraram como factores impeditivos duma integração escolar em Portugal. As capacidades e aptidões que o Osmar tem mais desenvolvidas, não são valorizadas pelo sistema escolar português e são desajustadas do estilo de vida urbano. Porém, as competências cognitivas, perceptivas e motoras, desenvolvidas em S. Tomé, revelam uma boa capacidade de aprendizagem relativamente às necessidades e conhecimentos num ambiente tropical. Refiro-me aqui, a técnicas diferenciadas de pesca e de recolha de alimentos no mato.

Assim, o ingresso na escola portuguesa evidenciou as lacunas com que vinha de S. Tomé, causadoras de um maior nível de stress nos processos de aprendizagem. O Osmar ao ver-se inserido num meio mais complexo do que o do seu país de origem, tem um baixo rendimento escolar, retraindo-se e inibindo-se de participar na escola. Este facto agravou-se com as suas dificuldades linguísticas, que lhe suscitavam um sentimento de vergonha. As discrepâncias que existem entre Portugal e S. Tomé e Príncipe interagem com agentes de stress, influenciando a aquisição de estatuto e em Portugal, o nível de escolaridade é uma das principais variáveis que garante o estatuto. No entanto o Osmar tem expectativas adequadas e médias quanto ao seu percurso profissional; curso técnico ou uma escolaridade profissionalizante. Verbaliza que não gosta de estudar mas sim de “fazer coisas”, tendo já superado a escolaridade dos seus progenitores. A aquisição de estatuto, relativamente aos São-tomenses, é assegurada pelo facto de ter emigrado para Lisboa.

A sua inserção numa sociedade mais complexa do que a que vivia, não incrementou a sua auto-estima, tanto pelas dificuldades escolares que desde do 1º ano emergiram, como pelo nível de mentalização e verbalização das suas vivências. Proveniente de um país africano lusófono, outrora colonizado por Portugal, o Osmar comunga de várias características culturais, entre elas a mesma língua, facilitadoras da sua integração na sociedade portuguesa. Mas, apesar dos portugueses não terem uma estratégia definida de aculturação, todos os portugueses estão familiarizados com povos africanos de língua oficial portuguesa, onde a raça negra tinha um estatuto claramente inferior. e muitas vezes as experiências de racismo são transmitidas na memória transgeracional, mesmo que numa forma pouco explícita. Ainda longe da maioria dos portugueses terem uma atitude multicultural, muitos, relacionam-se com os africanos com atitudes paternalistas e subterraneamente desvalorizadoras, aceitando no entanto a sua integração em trabalhos menos qualificados, pouco aceites pelos portugueses e os seus descontos para a Segurança Social. Residindo em bairros com uma população predominantemente africana, o Osmar tem maioritariamente amigos africanos, embora também tenha portugueses, e não tem experiências racistas.

Embora colaborante, o Osmar esperava sempre que eu tomasse iniciativas do que falávamos ou fazíamos e, limitava-se a responder com monossílabos. Porém, esta

passividade não o impedia de verbalizar o que não queria ou não gostava de fazer, nomeadamente falar; “falar cansa-me”. O Osmar usufruía mais da partilha de actividades, até tomar conhecimento e valorizar, as suas competências e aptidões. No que se refere à linguagem, capacidade mais inibidora da sua integração escolar e social, o Osmar, ao tomar consciência que as suas dificuldades linguísticas se confinavam a alguns sons da letra R, adquiriu confiança em si, alargando a sua rede social; primeiro aumentando o número de amigos e, posteriormente, começou a investir nas raparigas.

Dentro das características individuais que moderam a relação entre a aculturação e o stress, as variáveis demográficas (sexo masculino e migração infantil) são favoráveis a uma integração na nova sociedade sem stress. Também o facto da sua família alargada ter vindo paulatinamente residir em Lisboa e a sua rede de amigos se estar a expandir, constituem-se como variáveis que diminuem o stress aculturação.

À excepção da auto-estima, todas as variáveis psicológicas favoreceram a integração do Osmar na sociedade portuguesa. O Osmar desejava reencontrar-se com a mãe, conhecia a língua, já tinha tido contacto com portugueses e não houve discrepâncias entre as suas expectativas e a realidade que encontrou. Actualmente, o Osmar constrói projectos futuros, comungando dos motivos, valores e ambições, que levaram os seus pais a emigrar, ou seja, de ter trabalho e uma vida economicamente mais desafogada.

Apesar do Osmar não ter participado na decisão de emigrar, encarou-a positivamente, pois recorda o sofrimento que teve que passar em S. Tomé quando a sua mãe emigrou para Portugal. Sem ter nenhum conhecimento dos custos e das dificuldades inerentes à migração, o Osmar estava muito motivado para estar junto dos pais que estavam em Lisboa, num país em que o Osmar já tinha um pré-contacto.

A participação na decisão de emigrar, o conhecimento da cultura, a motivação para o contacto e a atitude favorável à aculturação, são variáveis que dada a sua idade, não se configuraram nem positivamente, nem negativamente.

A implementação de estratégias de acção, que conduzem à adaptação à sociedade, é a capacidade de mudança psíquica que adquire maior relevância no Osmar, sendo a sua idade uma variável fundamental neste processo adaptativo. Apesar do planeamento de preparação e de realização do percurso migratório ter sido realizado pelos seus pais, as estratégias adaptativas a Portugal foram construídas ou aceites pelo Osmar. Refiro-me

aqui à rapidez com que no início se adaptou ao clima, à importância que a escolaridade e o trabalho adquiriram, e à atitude de colaboração com todas as ajudas que melhorassem o seu rendimento escolar. Sem conseguir localizar internamente, nem externamente, as responsabilidades deste processo de mudança, o Osmar não considera as suas capacidades adaptativas e de superar obstáculos que se revelaram, tanto em S. Tomé na procura de alimentos, como em Portugal na escolaridade e nas suas relações sociais

Embora escassa, discriminação entre os dois países é adequada considerando que as suas memórias da chegada a Lisboa reportam a 1998, quando o Osmar tinha apenas 6 anos. Por outro lado o seu funcionamento inibido, principalmente na área linguística, impede-o, também, de diferenciar exaustivamente os dois países.

Numa integração das perdas e benefícios que envolve emigrar, a reunião familiar, a perda de familiaridade com os São-tomenses, e as possibilidades de ter aqui trabalho, são benefícios que superam as perdas, que se referem essencialmente ao ambiente e clima, ao qual teve uma adaptação rápida. O Osmar integrou-se no estilo de vida que a sociedade portuguesa lhe proporciona, não querendo voltar a viver em S. Tomé.

A migração na infância, fez com que a integração de aspectos sócio-culturais de Portugal, fossem incluídos no processo de individuação inerente ao crescimento, e que não podem ser perspectivados como uma terceira individuação. Os aspectos positivos e negativos de habitar em Portugal, são descritos sem que aflorem sentimentos ou pensamentos extremados o que faz com que o Osmar, apesar das saudades que sente do ambiente tropical, prefira viver em Portugal.

Pela idade com que saiu de São Tomé, houve uma perda de familiaridade com os São-tomenses e o facto da sua família estar quase toda a residir em Lisboa, incrementa o sentido de pertença e constitui-se como uma variável que diminui o stress. O contacto com a família alargada que reside em S. Tomé, é frequente, por telefone ou por cartas, manifestando que uma distância óptima foi alcançada.

Nas suas vivências actuais, o Osmar usufrui de várias experiências como jogar futebol, alargar a sua rede social, estar inserido numa família onde não emergem conflitos relevantes, sentir reciprocidade nas relações de afecto que tem etc. Fixado no

presente, o Osmar começa, também, pelo seu nível de escolaridade que o obriga a começar a fazer opções profissionais, a integrar projectos profissionais futuros.

Embora tenha vivido a maior parte da sua vida em Lisboa, o facto de não ter a nacionalidade portuguesa, constituiu-se, neste participante, como um impedimento à estruturação do sentimento de pertença a Portugal. Como exemplo, o clube de futebol fora do seu bairro onde o Osmar queria jogar, não aceitou a sua inscrição por ele não ter a nacionalidade portuguesa.

Em conclusão, o Osmar manifesta uma capacidade adaptativa, também pela sua idade, que o conduzirá a uma boa integração na sociedade portuguesa, desde que mantenha os seus projectos profissionais a um nível médio. Como a sua emigração foi aos 6 anos, o Osmar vai integrando os aspectos sócio-culturais portugueses simultaneamente ao seu processo de individuação do desenvolvimento infantil sem stress de aculturação. Embora o seu nível cognitivo e o seu funcionamento inibido tenham gerado stress e prejudicado a sua integração escolar e social, o Osmar mostra que consegue ir superando estes obstáculos desde que as exigências não sejam muito elevadas.

I – Síntese da avaliação das categorias indicadoras da capacidade de mudança psíquica.

Categoria 1	Discriminação adequada entre os dois países.
	Embora a discriminação entre os dois países seja prejudicada pelo comportamento inibido do Osmar e pela sua dificuldade em exteriorizar verbalmente as suas vivências, a diferenciação é adequada às memórias da chegada a Lisboa, que reportam a 1998, quando o Osmar tinha apenas 6 anos.
Categoria 2	Planificar estratégias a empregar durante o processo de preparação, realização e adaptação que a migração implica.
	Tanto pelo contexto familiar em S. Tomé como pela idade do Osmar, o planeamento no processo de preparação e realização do percurso migratório foi realizado pelos seus pais. Porém, as estratégias adaptativas a Portugal, foram construídas paulatinamente pelo Osmar. Refiro-me aqui à importância que a escolaridade e o trabalho adquiriram e ao alargamento da sua rede social.
Categoria 3	Conhecimento das possibilidades e dificuldades inerentes à mudança vertical (estatuto sócio-económico) e horizontal (espacial e geográfico, mas também às mudanças na actividade profissional).
	Novamente pela sua idade, o Osmar quando emigrou não tinha

	nenhum conhecimento dos custos e das dificuldades inerentes à migração. E, apesar do Osmar não ter participado na decisão, encarou-a positivamente pois tinha saudades da mãe e ambicionava a reunião familiar. Actualmente, o Osmar prefere viver em Portugal pelas possibilidades de trabalho que espera obter no futuro.
Categoria 4	Considerar os benefícios a obter e as perdas integradas em pós-ambivalência.
	Actualmente, a reunião familiar, a perda de familiaridade com os São-tomenses, e a possibilidade de ter aqui trabalho, são benefícios que superam as perdas que se referem essencialmente ao ambiente e ao clima.
Categoria 5	Valorização das características e possibilidades pessoais para enfrentar o processo.
	Sem verbalizar as características que possibilitam o processo de mudança e sem localizar a responsabilidade a factores externos ou internos, o Osmar limita-se a assinalar as mudanças.
Categoria 6	Memória de evocação. Capacidade de recorrer à recordação dos processos de luto sofridos e da reacção perante os mesmos sem negação.
	O Osmar recorda os sentimentos que a partida da mãe suscitaram nele, sem se referir às mudanças por que passou.
Categoria 7	Poder pensar para transladar à acção as ambições que devem ser reconhecidas e aceites.
	O Osmar foi integrando as ambições dos pais de ter um trabalho e uma vida economicamente mais desafiada.

II – Processo de individuação na migração

Categoria 1	Do amor ou ódio à ambivalência.
	A idade com que o Osmar emigrou faz com que ele se recorde limitadamente da vida em S. Tomé. Acresce que tem em Lisboa uma grande parte da família alargada e que houve uma perda de familiaridade com os São-tomenses. Sem que afloram sentimentos ou pensamentos extremados, o Osmar prefere residir em Portugal, apesar das saudades que sente do ambiente tropical.
Categoria 2	Da proximidade e distancia à distancia óptima.
	O contacto com a família alargada que está em S. Tomé é mantido sobretudo telefonicamente, manifestando que uma distância óptima foi alcançada.
Categoria 3	Do ontem ou amanhã ao hoje.
	O Osmar, está focalizado no presente, usufruindo da vida que tem Portugal, tentando ultrapassar as dificuldades que vão surgindo, começando a fazer projectos para o seu futuro.
Categoria 4	Do meu e teu ao nosso.
	No caso do Osmar, não ter a nacionalidade portuguesa constitui-se

	como um impedimento ao sentimento de pertença. Embora não tenha experiências racistas, o Osmar tem maioritariamente, amigos africanos do bairro onde reside. Mas, o facto de ter quase toda a família alargada em Portugal, e de ter emigrado aos 6 anos, favorece o sentido de pertença.
--	---

III – Conclusões da análise das duas pranchas do TAT (2 e 3RH).

Realçam nas respostas à prancha 2 e 3RH, as referências culturais da cultura africana. A problemática narcísica focaliza-se na área sócio-económica e profissional, onde o sujeito se sente mais fragilizado e é abordada no tema da pobreza e da falta de competências para o trabalho. No entanto, a resposta do Osmar evidencia que ele integrou que a escolaridade o possibilita de aprender uma profissão, essencial para aceder a um trabalho economicamente mais gratificante. A gravidez da mulher também se reporta às suas referências culturais, já que em S. Tomé, as mulheres estão permanentemente grávidas e a valorização feminina centra-se na sua capacidade de procriar.

O reenvio à posição depressiva na prancha 3RH está ligado à representação da perda do objecto, o que sugere que a emigração dos pais, ao não ser compreendida, foi sentida por o Osmar como um abandono. Apesar das crianças em S. Tomé serem autonomizadas mais cedo que nas sociedades Ocidentais, nas suas necessidades básicas, alimentação por exemplo, o desamparo sentido pelo Osmar, desencadeia afectos depressivos que o remete para um vazio, manifestado na paralisia de acção e na incapacidade de pensar.

Discussão

A reflexão sobre os factores que favorecem a integração dos imigrantes na nossa sociedade, ou que se configurem como impedimentos, conduziu à escolha de uma metodologia exploratória que não pretende validar ou de infirmar hipóteses previamente estabelecidas. Bardin (1979) afirma que “as histórias de vida, não constituem, de modo algum, um inquérito verificatório, não visam nem estabelecer leis, nem provar hipóteses; têm por função recolher testemunhos e descrever acontecimentos vividos.” (Bardin, L., 1979, p. 117). Contudo, os dados obtidos neste estudo corroboram na sua maioria, com os da literatura psicanalítica, psiquiátrica, da psicologia social e sociológica, que se debruçam sobre o tema da migração.

Descritos por vários autores, entre eles, Foster (2001) Al-Saffar (2003) e Grinberg (2004), os agentes de stress, desencadeados pelo movimento migratório e pela vivência de estratégias de aculturação não integrativas, provocam no imigrante um nível de stress mais elevado com o incremento destes factores e à medida que estes obstáculos se avolumam e persistem. Os dados obtidos neste estudo, confirmam que os seus efeitos cumulativos conduzem o imigrante a percepcioná-los como insuperáveis, precipitando sintomas de stress, PTSD, níveis clínicos de ansiedade e depressão, ou estados maníacos. Ao restringirem no sujeito a capacidade de pensar, inviabilizam o planeamento de estratégias de adaptação a implementar e de se projectar no futuro. A inexistência de oportunidades laborais, a desilusão sentida, as experiências de ineficácia, o excesso de alteridade e os consequentes danos na auto-confiança e na auto-estima, vão desgastando as capacidades adaptativas do Ego, que progressivamente regride.

A situação de crise económica que Portugal atravessa já alguns anos, com taxas de desemprego em crescimento, é actualmente um impedimento à integração de imigrantes. Por outro lado, à excepção de alguns países do Leste, que recentemente se tornaram membros da União Europeia, Portugal, oferece os salários mais baixos de todos os países membros. Por vezes, estes salários não chegam sequer a ser pagos, quando o imigrante está em situação de imigração irregular e a entidade patronal se recusa fazer contractos de trabalho que permitiriam a sua legalização. Os dados deste estudo, têm também implicações políticas, ou seja, constata-se que a falta de poder das

minorias aliada à das autoridades portuguesas, na denúncia e aplicação de sanções de situações laborais irregulares, conduz muitos imigrantes a prolongarem condições de vida exploratórias, pondo em risco a sua saúde física e mental. A migração irregular, cujos números calculados são superiores aos dos imigrantes legalizados, beneficia a economia Portuguesa, sendo que nunca se implementou uma fiscalização que conduza a medidas regularizadoras desta situação. As condições laborais agravam-se, quando os imigrantes se apercebem que, se usufruem de melhores salários do que nos seus países de origem, também precisam aqui de mais dinheiro para suprir as suas necessidades básicas. Por isso, o conhecimento anterior das possibilidades e dificuldades inerentes às mudanças verticais (estatuto sócio-económico) e horizontais (mudanças de actividade profissional) que irão encontrar em Portugal, modera o stress sentido pelo imigrante.

Nos últimos dois anos, o fluxo migratório dos imigrantes do Leste decresceu em cerca de 20.000 imigrantes (1/3). Muitos dos que não conseguiram integrar-se em Portugal, procuraram oportunidades laborais noutros países Europeus Ocidentais, retornaram aos seus países ou marginalizaram-se. Actualmente, o fluxo migratório tende a confinar-se aos países Lusófonos, embora também estes, procurem trabalho noutros países da U.E., nomeadamente em Espanha. A maior vantagem que encontram em Portugal é a partilha da língua e a sua percepção de que dificilmente conseguem aceder a outras. A existência de redes de suporte familiares e sociais que os ajuda na integração sócio-profissional, e que lhes assegura à chegada a Portugal a partilha da casa e alimentação, constitui-se também um factor importante na motivação de emigrar para Portugal, da população oriunda dos PALOP e do Brasil. Encontrar um trabalho, inexistente nos seus países de origem, e a reunião familiar, são os principais motivos dos imigrantes que se deslocam para Portugal.

Provenientes de regimes políticos totalitários ou primitivos, a educação que tiveram no seu país de origem, não capacitaram muitos imigrantes das competências necessárias para viver em Portugal. Como exemplo, os imigrantes do Leste Europeu não construíram a autonomia suficiente que os permita exercer as suas actividades profissionais sem ordens claras, precisas e, por vezes, sem fiscalização: entram em estados de grande ansiedade com o medo de errar e ser punidos. Esta situação é agravada pela sua circularidade, ou seja, também os portugueses têm dificuldade em

compreendê-los e principalmente, de funcionar neste registo. Os imigrantes provenientes dos países Lusófonos comungam com os portugueses muitas invariantes sócio-culturais. Considerando que a maioria dos imigrantes Brasileiros vem do Nordeste, as dificuldades que os povos lusófonos apresentam, focalizam-se nas capacidades cognitivas da 2ª geração que perturbam a sua integração nas escolas portuguesas e numa sociedade mais complexa que a sua de origem. Em face aos impedimentos à integração na nossa sociedade, nomeadamente a continuidade de experiências racistas, ou à sua integração só em funções pouco qualificadas, comportamentos marginais emergem, mas que podem também corresponder a mandatos transgeracionais.

As invariantes culturais como a língua portuguesa, nas sociedades lusófonas, ou até mesmo latinas, constituem-se como variáveis que favorecem a integração ao reduzirem o número de mudanças que o imigrante tem de operar. O domínio da língua é uma variável essencial à integração na sociedade receptora e os sentimentos de pertença, vão-se construindo e são proporcionais, à partilha de aspectos culturais e dos direitos e deveres, sobretudo económicos, dos Portugueses. Não ter a nacionalidade portuguesa constitui-se como um impedimento à acessibilidade de certas vivências para os imigrantes que não pertencem à União Europeia, mas, para os que pertencem, poucas são as restrições aos direitos e deveres dos portugueses. Não ter a nacionalidade portuguesa pode prejudicar a estruturação da pertença, mas não estar legalizado, desencadeia habitualmente altos níveis de stress, sobretudo nos imigrantes oriundos dos países de Leste que ficam sob o controlo das máfias. No entanto, embora todos prefiram, e alguns até se empenhem em estar legalizados, os imigrantes conseguem facilmente trabalhar em situação irregular. A quantidade, a morosidade, o custo da burocracia e situações de corrupção, estão entre os motivos que levam muitos imigrantes africanos a deixarem caducar os seus vistos ou autorizações de residência, ficando em situação irregular o que os obriga a terem que reiniciar o processo.

As características individuais do imigrante; demográficas e redes de suporte social, confirmam as conclusões de outros autores, nomeadamente as de Neto (2003) e Al-Saffar (2003). A migração infantil é uma variável que favorece a integração, mas o processo de individuação vai integrando aspectos sócio-culturais dos dois países, não

sendo pertinente perspectivá-lo como uma terceira individuação. No entanto, esta variável pode-se constituir-se como um impedimento à construção da identidade cultural, dependendo da idade do início do percurso migratório e da quantidade de deslocações espaciais. Quanto ao sexo dos participantes, os dados apontam também, para as conclusões de outros autores, ou seja, os imigrantes masculinos estão em condições mais favoráveis que as do sexo feminino para se integrarem no país receptor pois não se ocupam da casa e dos filhos e usualmente usufruem de melhores salários.

Al-Saffar, S. afirma que num período pós-migratório, o risco de descompensação psíquica está associado ao stress composto de tarefas acumuladas; arranjar emprego, casa, aprender a nova língua, etc. Medido pelo grau de desconforto e esforço que implica a resolução destas tarefas, o stress, incrementa em pessoas que foram traumatizadas anteriormente à migração e que adicionalmente não têm suporte social. De acordo com esta autora, os resultados deste estudo apontam para a importância que as redes de suporte têm quando são contentoras e transformadoras das angústias dos imigrantes, o que nem sempre acontece. A existência de redes sociais e familiares têm variações dependentes do país de origem. Assim, os imigrantes provenientes dos PALOP'S têm redes sociais e familiares suficientemente apoiantes das suas necessidades básicas. Raramente pedem ajuda psicológica, e quando pedem, o motivo relaciona-se com as dificuldades de aprendizagem dos seus filhos. Os Brasileiros têm, ou constroem rapidamente, redes sociais mas valorizam menos a afiliação que os africanos e não se disponibilizam a dar o apoio que os seus conterrâneos necessitam, principalmente aos que emigram sem família. Maioritariamente, procuram ajuda psicológica por se sentirem tristes e não conseguirem pensar estratégias de resolução dos problemas, seja por se sentirem sozinhos e sem apoio em Portugal, seja pelas vivências anteriores à migração de situações familiares disfuncionais. O imigrantes da Europa do Leste, contrariamente aos Brasileiros, são em geral, introvertidos e com dificuldades de comunicação, tanto linguísticas como culturais. Tendem a isolarem-se socialmente e a viver em função do trabalho e do seu projecto migratório. Nos primeiros tempos, exercem cargos inferiores à sua formação, diminuindo-lhes o estatuto profissional que tinham no país de origem mas, o conhecimento das oportunidades laborais existentes em Portugal, e as dificuldades que vão encontrar e

superar, relativamente às alterações do estatuto sócio-económico e mudanças nas actividades profissionais, diminui o risco destes factores terem consequências na sua saúde mental, nomeadamente na auto-estima.

A auto-estima está ligada às características que admiramos em nós e nos outros. Os valores culturalmente partilhados diferem também individualmente às circunstâncias externas. O sentido da identidade pessoal, os meios que confirmam a identidade, a capacidade de ter um sentido coeso de quem se é e as estratégias para manter e reparar a auto-estima são determinantes no acompanhamento psicológico. O sentido de consistência e de valor interno do imigrante, está dependente da sua resiliência e da sua capacidade de esperar pelas oportunidades que incrementem o seu estatuto; equivalências às suas formações, procurar trabalho noutros países da Europa Ocidental, etc. Para os imigrantes dos países lusófonos, que em geral têm poucas qualificações profissionais, a profissão que exercem não tem relevância. A aquisição de estatuto e o consequente aumento da auto-estima é assegurada pelo dinheiro que conseguem ganhar e por viverem em Portugal.

Todas as variáveis psicológicas, desde do desejo e participação na decisão de emigrar, ao processo de aculturação (familiaridade com a cultura, pré-contacto, motivação para o contacto e discrepância cultural entre os dois países), corroboram com as investigações anteriores. No entanto, mesmo que as duas culturas sejam diferentes em muitos aspectos, o conhecimento da cultura receptora produz uma familiaridade que impede a estranheza, tornando-se uma variável que adquire importância na saúde mental dos imigrantes. As características e possibilidades pessoais que o sujeito valoriza em si para enfrentar o processo migratório, medeiam a eficácia das estratégias planeadas. A aptidão linguística, necessária à aprendizagem da língua do país receptor, a auto-confiança nas suas capacidades de superar obstáculos, e a sua motivação para ultrapassá-los, aproveitando para isso todas as ajudas externas (redes de suporte, apoios institucionais de serviços médicos, psicológicos e sociais), estão entre as características mais importantes na integração do imigrante. Porém, dentro dos sujeitos que atribuem maior importância aos factores externos que às suas intervenções sobre a realidade, o optimismo é a característica mais citada.

A capacidade de mudança psíquica medeia a vivência do processo que Akhtar (1995) perspectiva como a terceira individuação, à excepção da migração na infância. Relacionadas com a saúde mental dos imigrantes e com o nível de integração conseguido, as categorias que avaliam a capacidade de mudança psíquica estão imbricadas com as que incluem o processo de individuação.

A discriminação adequada entre os dois países, não se refere só às suas diferenças culturais, mas inclui também a relação que o imigrante estabelece com ambos os países. A familiaridade com a cultura receptora e um funcionamento psíquico que não oscile entre vivências limites, favorece a ausência de sentimentos extremados e o imigrante, mesmo numa fase inicial do percurso migratório, pode ter vivências predominantemente ambivalentes, embora com sentimentos diferenciados entre os dois países. A ambivalência, face à cultura e habitantes do país receptor, medeia a posterior integração em pós-ambivalência dos benefícios a obter e das perdas por que se tem de passar.

Pensar, para transladar à acção as ambições que devem ser reconhecidas e aceites, tem também um papel mediador na eficiência de estratégias planeadas e implementadas durante o processo migratório. Porém, não ter consciência das ambições e metas que se pretende alcançar, não inviabiliza o manejo de estratégias de preparação, realização e adaptação que, neste estudo, foram avaliadas positivamente. O planeamento, mesmo que não seja consciencializado pelo sujeito, evidência uma focagem no presente e, ao englobar a projecção no futuro, estrutura e confere sentido às actividades quotidianas. Tal como os acontecimentos traumáticos, que perturbam e tornam disruptivos o sentido temporal da vida, estados patológicos (depressivos e ansiosos, toxicodependências, etc.), anteriores ou posteriores à migração, e mecanismos de defesa como a idealização duma nova vida, a negação, a oscilação maníaco-depressiva, a inibição e a impulsividade, prejudicam a capacidade de pensar inviabilizando um planeamento de estratégias adequadas.

A memória de evocação e a representação do objecto medeia o alcance duma distância óptima entre o imigrante e os seus continentes de referência, país e família. A existência de representação passa por transformações sem a necessidade de percepção. Os imigrantes provenientes de famílias disfuncionais e que o projecto de migração

incluiu o desejo de fugir a esses conflitos, tendem a distanciarem-se da sua sociedade origem e do passado. O distanciamento atenua as angústias sentidas, mas não as resolve, e contribui para o recalcamento destas vivências. Mas, se a proximidade é excessiva, o imigrante manifesta uma dependência do funcionamento psíquico que se assemelha à sub-fase de aproximação-distanciamento, descrito por Mahler, M. (1979).

Quando o imigrante se integra verdadeiramente na sociedade portuguesa, as categorias que incluem a capacidade de mudança psíquica são avaliadas positivamente, ou pelo menos na sua maioria. No entanto, para as etnias que optam por estratégias de aculturação que segregam os habitantes do país receptor, a capacidade de mudança psíquica e o processo de individuação não são determinantes na saúde mental destes imigrantes. A população chinesa, por exemplo, utiliza as gerações vindouras como espaço transicional onde se operam as mudanças entre a cultura Oriental e a Ocidental.

À excepção dos imigrantes asiáticos e de todos os que adoptam esta estratégia de aculturação, a alteridade relaciona-se com uma multiplicidade de factores. Assim, a capacidade de mudança psíquica conduz à integração na sociedade receptora com o culminar dos movimentos edípicos, com a estabilidade da identidade mas não com a sua rigidez, e com a natureza da sociedade receptora.

Dependentes do seu país de origem, os imigrantes vão integrando o meio onde estão inseridos; a cultura portuguesa e as relações com os portugueses de modos diferenciados. Uma das limitações que este estudo apresenta é de não se ter debruçado na especificidade da aculturação em Portugal. O estudo das estratégias de aculturação adaptadas pelos imigrantes e que os portugueses adoptam, elucidaria a natureza da nossa sociedade como país receptor, e o nível de stress imprimido. Para os imigrantes de Leste, a ambiguidade das regras portuguesas, nomeadamente as que se referem ao cumprimento das leis laborais e a indefinição de estratégias de aculturação em Portugal, desencadeia um mal-estar, pela incompreensão de certos aspectos da cultura portuguesa, remetendo-os para o inominável. O incremento do nível de stress que esta experiência suscita, prejudica as mudanças identitárias que envolvem a adopção de uma estratégia de aculturação. No entanto, as relações contentoras e transformadoras destas vivências favorecem a acessibilidade à alteridade e ao desenvolvimento da função sintética.

Os movimentos internos que os imigrantes atravessam ao longo do percurso migratório, são trabalhados individualmente dependendo da fase e tipo de imigração, da personalidade do imigrante, e a da sua história pessoal. Os estados depressivos, gerados nos seus países de origem reforçam a idealização da Europa Ocidental, mecanismo de defesa mais frequente dentro da população que emigra, associada ou não a estados maníacos e, constitui-se um obstáculo à integração. Porém, os imigrantes que se integram facilmente em Portugal, aceitam que as oportunidades laborais acabaram no seu país de origem e que emigrar é uma solução para a sua sobrevivência. O confronto do imigrante com a realidade conduz à implementação de estratégias adaptativas de integração ou à desilusão. Neste último caso, grande parte dos imigrantes regredem e ficam desamparados em face das angústias catastróficas sentidas. Este estado psicológico é por vezes temporário, correspondendo a uma regressão que permite mudanças identitárias, nomeadamente no ideal do Eu mas, por vezes, pode também conduzir o imigrante a estados de descompensação.

No acompanhamento psicológico dos imigrantes, a repetição, tem um lugar privilegiado na elaboração de normas, regras, modalidades de relacionamento, etc. do meio que lhes é desconhecido. Favorece também a atribuição de sentido a acontecimentos não representáveis, possibilitando a reorganização e reestruturação da identidade. Muitos dos imigrantes estabelecem uma relação de objecto predominantemente anaclítica e os movimentos transferenciais caracterizam-se pela evacuação da angústia e por fortes apelos de suporte ou mesmo de resolução dos problemas. Outros focalizam-se no conhecimento da realidade portuguesa e nas modalidades de relacionamento visando a aquisição de aspectos funcionais da cultura portuguesa, evidenciando as alterações identitárias que se operam nas super-estruturas egoicas.

Para Al-Saffar, S. (2003), a relação terapêutica de assimetria pode conduzir a experiências de disruptivas (de vergonha) para o Ego ao serem partilhadas com o clínico, quando este reforça as resistências do imigrante em falar de acontecimentos violentos ou quando subestimam o impacto dos traumatismos cumulativos de migração, relacionados com os stressores da vida mental. Contrariamente a abordagem de acontecimentos traumáticos eram avaliados positivamente pelos pacientes que sentiam

um incremento de bem-estar e de serem compreendidos. Esta conclusão está também em concordância com os três participantes que tiveram acompanhamento psicológico.

Habitualmente o acompanhamento psicológico termina com a inserção profissional do imigrante. O alcance dum nível superior de bem-estar e a integração conquistada manifesta-se por uma maior autonomia e pela expansão da vida sócio-profissional. A existência de outras fontes de ajuda; médicas e sociais medeia a eficácia da intervenção psicológica. Também o capital financeiro e um leque de relações de suporte social e familiar, revelaram-se variáveis determinantes na promoção da saúde mental e na integração sócio-profissional do imigrante, não só em sujeitos com vivências traumáticas, mas também em todos que têm uma resiliência menor. Evitar que o imigrante vivencie e se instale em situações de grande carência e até degradantes, apresenta-se como uma medida preventiva aos danos irreparáveis que estes acontecimentos provocam na auto-estima do imigrante.

O acompanhamento psicológico da população de imigrantes, embora considere a história individual do sujeito inclui sempre a elaboração de vivências que se reportam à especificidade do movimento migratório. Assim, quando o movimento interno se focaliza na desilusão e na aceitação da realidade, os imigrantes numa posição depressiva, referem-se e comparam, as regras e normas vigentes em Portugal e no seu país de origem. Ao longo do acompanhamento psicológico, as vivências infantis revelaram-se mais perturbadoras à integração dos imigrantes, sobretudo da sua saúde mental, que o stress desencadeado pelo processo de aculturação. Os acontecimentos e experiências anteriores à migração; crises sociais, ambientes familiares disfuncionais e estados de doença física, estão associados às sequelas psicológicas que são vividas posteriormente. À especificidade da psicopatologia da migração (Síndrome de Ulisses), os acontecimentos traumáticos e os estados patológicos que se foram organizando na infância, manifestam-se individualmente de um modo diferenciado consoante as estruturas psicopatológicas e dentro da especificidade das suas origens étnicas. Os dados obtidos neste estudo, apontam para que os imigrantes com uma estrutura neurótica estejam capacitados para operarem as mudanças identitárias que os conduza a uma verdadeira integração no país receptor ou seja, que os leve a adoptar estratégias de aculturação integrativas como a individuação ou assimilação. Os imigrantes com

organizações limite tendem a manter um funcionamento oscilante que prejudica as mudanças psíquicas, nomeadamente pela sua inacessibilidade à elaboração da posição depressiva. A descompensação psicótica despoletada pelas vivências pré ou pós-migratórias, ao manifestar-se em comportamentos anti-sociais; delinquência, toxicodependência, etc., revela-se impeditiva de uma integração no país receptor tanto pelo contacto social, que é rejeitado, como por estes imigrantes manifestarem uma incapacidade de vivência da gratidão, só aceitando ajudas numa forma irregular e focalizadas nos seus desejos.

A metodologia utilizada inviabilizou a inclusão de um participante que pertença a esta última categoria, pois o estado de degradação psicológica não permite o estabelecimento de qualquer tipo de relação. Esta conclusão não é inferida deste estudo, mas da observação directa destes imigrantes que são na sua maioria, provenientes dos países de Leste. Não chegaram a aprender a falar português e são encaminhados, quando possível, para serviços de psiquiatria. Esta população, sem recursos económicos, vê-se confinada aos serviços de psiquiatria do Serviço Nacional de Saúde que muitas vezes os diagnosticam sem terem conseguido estabelecer uma comunicação verbal. O mesmo acontece em situações de crise. As hospitalizações em serviços de psiquiatria, só numa fase aguda, não demonstram eficácia terapêutica embora onerem as despesas do Estado.

Maioritariamente, os imigrantes falam fluentemente português mas, o uso da língua portuguesa com imigrantes do Leste é outra limitação que este estudo apresenta. A linguagem é o elemento cultural mais resistente à mudança e, a comunicação numa língua estrangeira é quase sempre limitadora, podendo chegar a ser inibidora, dos aspectos emocionais que importa expressar. Por outro lado, o não falar correctamente português coloca o imigrante numa posição de infantil que gera nos imigrantes de Leste, sentimentos de inferioridade e vergonha. No entanto, a inibição no relato dos movimentos internos, sentimentos e estados emocionais associados, não se relaciona só com o domínio da língua. Acontece frequentemente em imigrantes que passam por um estado depressivo grave, ou que têm limitações na capacidade de expressão linguística.

Apesar das narrativas do percurso migratório constituírem uma experiência sócio-cultural relacionada com normas e valores de uma cultura específica, esta metodologia

favorece uma concepção individualista da existência, minimizando a dimensão inter-subjectiva e transsubjectiva, o que limita a análise da interação com os seus principais continentes de referência. Esta limitação estende-se à recolha de indicadores que favorecem a integração e a saúde mental dos imigrantes ou que se constituem como impedimentos.

A integração dos imigrantes na nossa sociedade e o bem-estar físico associado à saúde mental, são resultantes de processos múltiplos e circulares altamente individualizados nas suas manifestações. Assim, ao estudar como é que a capacidade de mudança psíquica se relaciona com o processo de individuação no percurso migratório, foram negligenciados muitos aspectos pré-migratórios. No entanto, dentro da complexidade das variáveis que se reportam ao indivíduo e à sociedade receptora, foram considerados os agentes de stress que conduzem ao planeamento dum percurso migratório e que condicionam a experiência de aculturação. Apesar deste estudo proporcionar uma visão abrangente das alterações identitárias dos imigrantes, não permitiu uma análise aprofundada de muitas variáveis, processos ou acontecimentos, ligados ao movimento migratório, nem ao seu impacto na integração e saúde mental dos imigrantes. Esta lacuna que o estudo apresenta, relaciona-se com as inúmeras variáveis consideradas e com a metodologia aplicada na primeira entrevista, livre e aberta, mas com uma limitação temporal de mais ou menos uma hora. Esta restrição, não permitiu suscitar o relato de vivências que pudessem aprofundar os acontecimentos e aspectos relacionais pré-migratórios, nomeadamente as alterações sentidas no país natal. A liberdade imprimida na primeira entrevista, também não se mostrou adequada aos participantes traumatizados ou em estados extremados de ansiedade que ao evacuarem as suas vivências, manifestaram uma tendência para dispersar o pensamento do tema da experiência migratória. Por vezes, o pensamento que emerge é incoerente relativamente ao contexto da narrativa, perturbando o seu sentido temporal.

Como há acordo prévio com o participante, quanto à entrevista a ser realizada, e ao tema que esta abordará, surgem narrativas onde o imigrante utiliza a racionalização para se defender de experiências penosas. Estes relatos manifestam-se numa estrutura da vida muito ordenada e até linear, o que introduz uma discrepância entre a narrativa e a vivência interna. No entanto, o método utilizado adequa-se aos objectivos propostos

neste estudo ou seja, a análise da narrativa não se focaliza só no consciente, intencional ou verbal do relato do percurso migratório, mas possibilita também, a análise do conteúdo implícito, não consciente, não intencional e não verbal. A orientação temporal dos acontecimentos, ou o estado emocional do participante no momento do relato, clarifica que esta metodologia, leva o participante a organizar uma narrativa que estruture com sentido os acontecimentos ligados ao movimento migratório e que não emerge de só da intencionalidade, mas de actos que provocam alterações na realidade.

Para Crossley, M. L. (2003) as narrativas de história de vida em pessoas traumatizadas e que se sentem roubadas do futuro, adquiram importância numa dimensão terapêutica e não só em estudos e investigações. Este autor afirma que é através desta metodologia que as pessoas evidenciaram que a projecção no futuro estrutura a compreensão global de nós próprios e do mundo e lhe confere um sentido. No entanto, para os participantes deste estudo, o relato das suas experiências não alterou o modo como as vivênciam. De acordo com os autores da literatura psicanalítica, que se referem à dificuldade em conceptualizar este conceito, que não é consensual, constata-se que os imigrantes traumatizados nem sempre percebem as vivências de certos acontecimentos como eventos traumáticos, antes do acompanhamento psicológico, e outros conferem um valor traumático a vivências de sofrimento.

Este estudo aborda o tema da imigração sobre um ponto de vista clínico. Em Portugal, a metodologia aplicada foi inovadora relativamente à utilizada nesta população onde predominam os inquéritos e sondagens de opinião e que frequentemente originam ambiguidades na análise dos dados ou falseiam os resultados pois não permitem a acessibilidade a leituras mais crípticas.

A imigração continua a ser um tema importante na expansão da globalização, mas, em Portugal, o maior fluxo foi no ano de 2001, embora, como já foi referido, os números oficiais só tivessem sido publicados em 2003. Este factor constitui outra limitação do estudo, ou seja, a sua pertinência temporal. Apesar da migração entre países lusófonos se manter, os dados do INE, apontam para a reversão deste movimento, ou seja, em 2006, o número de portugueses que saíram do território nacional foi superior à entrada de imigrantes. No entanto, como membros da E.U. e

com fronteiras marítimas, comungamos o problema do fluxo migratório para a Europa, nomeadamente dos imigrantes provenientes da África subsariana.

A Europa tornou-se um continente estruturante dos Europeus Ocidentais, que ao partilharem uma História, visam a construção de um projecto comum de economias, políticas, valores, etc., em todo o espaço europeu. Recentemente, alguns países membros e fundadores da Comunidade Europeia referenciaram a nova constituição. O resultado clarifica que os Europeus não conseguiram ainda identificar-se com os mesmos objectivos nem com as estratégias a implementar. A formação duma identidade Europeia é um projecto implícito na construção da União Europeia que inclui já 27 países. O consenso na nova constituição conduzirá à unificação de inúmeros aspectos que se reportam à nossa vida quotidiana, mas este processo está simultaneamente a provocar em certas regiões, a emergência da afirmação de especificidades étnicas, manifestando ameaças identitárias em face da indiferenciação que a identidade Europeia implica. Ao constituir-se como um continente de referência para os habitantes dos países membros da U.E. tem também funções transformadoras, desencadeando nos Europeus a vivência de um processo de individuação, à guisa do que Akhtar (1995) conceptualiza no movimento migratório. A mobilidade entre os habitantes dos países Europeus está a incrementar e vai-se progressivamente banalizando em trabalhadores altamente qualificados de multinacionais, estudantes e professores, em reformados, etc. O estudo dos movimentos internos dos Europeus, das estratégias de aculturação, das condições ou factores que favorecem as mudanças identitárias, contribuirá para a resolução de problemas de integração, também entre Europeus, diminuindo ou extinguindo, o choque cultural e consequentemente, o stress de aculturação. Actualmente, a ausência de uma identidade cultural que nos referencie a um país, assinala perturbações no funcionamento psíquico, nomeadamente do sentimento de pertença, e manifesta dificuldades de vinculação. Para Grinberg a integração de dois países e dois grupos sociais durante o mesmo período de tempo, duma forma discriminada, conduz à reorganização e consolidação da identidade e à continuidade da existência em face as mudanças externas e internas. O estudo destes movimentos identitários poderá clarificar se a identidade europeia se sobreporá à de cada país da U.E. ao nível da funcionalidade, permitindo ou não, manter a

especificidade da identidade cultural de cada Estado membro em simultâneo. E, se a reestruturação da identidade para os Europeus estará também dependente, como no percurso migratório, dos bons objectos internos e da capacidade de elaborar o luto, ou seguirá movimentos específicos.

O estudo da interacção entre as identificações e identidade, e o que leva uma sociedade a construir a alteridade, esclareceria se o reconhecimento do outro/ diferente, a presença da alteridade, exige um trabalho permanente no colectivo social e que se evidencia quanto maior for a democratização alcançada pela sociedade. Actualmente, nas sociedades Ocidentais, o princípio da alteridade assenta nos seus quadros legais e a nível mundial, nos Direitos Humanos. Mas, a utilização dos impulsos em benefício da sociedade e em detrimento do individual, provoca um mal-estar em todos os que estão integrados na sociedade. O princípio da alteridade no colectivo, onde não há anulação da diferença e esta é tolerada, conduz a uma massificação dos sujeitos que habitualmente se unem contra o outro/diferente com o paradigma de civilização e barbárie que se instituiu em ideologia nos povos conquistadores e colonizados. A passividade originária do ser humano, devido à sua imaturidade e dependência, conduz a conferir no real um papel de objecto onipotente a quem venha ocupar este lugar. A procura deste objecto é incrementada pelo estado de desamparo e produz uma ressonância no desamparo originário que se potencia a nível colectivo. E a questão continua a ser como reconhecer o outro/diferente sem que se desencadeiem movimentos de aniquilação.

O estudo comparativo da população imigrante integrada na sociedade Portuguesa com a população que se marginalizou e são hoje sem-abrigo contribuiria para despistar os impedimentos à integração existentes em Portugal e às condições que favorecem movimentos de destruição da identidade. Também o uso de uma metodologia longitudinal, na avaliação da saúde mental dos imigrantes teria um interesse preventivo relativamente aos indicadores de integração obtidos neste estudo.

Conclusões:

Portugal, é actualmente um país palco de vários movimentos migratórios mas, o movimento emigratório voltou a adquirir maior relevância.

Melhorar as condições de vida, ou seja, encontrar um trabalho com melhor remuneração e a reunião familiar, são os principais motivos dos imigrantes que se deslocam para Portugal.

A crise económica que Portugal atravessa, constitui-se actualmente como um impedimento à integração e até da permanência de imigrantes. A imigração irregular incrementa sem que sejam tomadas medidas regularizadoras desta situação, manifestando um poder deficiente das minorias e das autoridades portuguesas.

A indefinição de estratégias de aculturação e da natureza da nossa sociedade prejudicam a saúde mental e a integração da população migratória do Leste.

A capacidade de mudança psíquica modera o processo da 3ª individuação atingido ao longo do percurso migratório.

As redes de suporte social ou familiares, e o capital financeiro revelaram-se no desamparo, as variáveis que mais favorecem a saúde mental dos imigrantes e a sua integração na nova sociedade.

A carência de recursos internos (“não posso imaginar”) manifesta a falha do mecanismo subjectivante e de pertenças desinvestidas.

O trauma pré-migratório, os factores stressores pós-migratórios da vida e a percepção da doença física são os preditores mais fiáveis da saúde mental dos imigrantes.

Os estados psicopatológicos influenciam a rapidez da reorganização identitária e a integração na nova sociedade mas não se constituem como impedimentos à integração no país receptor. No entanto, tornam os imigrantes mais vulneráveis a acontecimentos e relacionamentos perniciosos.

Os imigrantes em estado de descompensação psicótica, ou com doenças físicas limitadoras do seu funcionamento, não se conseguem integrar no país receptor; marginalizam-se ou retornam ao seu país natal.

Referências bibliográficas.

Abensour, Liiane (1999) Moi “naturalisé” et double identité. Paris : *Revue Française de Psychanalyse – Identités*. Tome LXIII, Octobre-Decembre, 4 :1165 – 1174.

Akhtar, Salman (1995). A Third Individuation: Immigration, Identity, And The Psychoanalytic Process. *J. Amer, Psychoanal. Assn.*, 43: 1051-1084.

Consultado em 15 de Julho de 2005 através de
 file:///A:/Psychoanalytic%20Electronic%20Publishing_ficheiros/pepcd1-0023173.htm.

Al-Saffar, Suad (2003). *Trauma, ethnicity and posttraumatic stress disorder in outpatient psychiatry*. Stockholm: Karolinska Institutet department of Neurotec, Psychiatry section.

Amaral Dias, C. (2004). *Costurando as linhas da psicopatologia borderland (estados – limite)*. Lisboa: Cimepsi Editores.

Bardin, Laurence (1979) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70. (traduzido da língua francesa, (1977). *L'analyse de contenu*, Presses Universitaires de France)

Bégoïn, Jean (2000). Le soi et l'autre : solitude, altérité et alienation, in *Chaiers de Psychologie Clinique*, T14, 2000/1, p.23-52. Bruxelles : Ed. DeBoeck Université.
 Consultado em 17 de Setembro de 2006 através www.jeanbegoin.fr

Berenstein, Isodoro (2001) Psicanálise do vínculo, *Revista Francesa de Psicanálise, número especial de 2001*, 183-198. Rio de Janeiro: Imago (Tradução do original da língua francesa *Revue Française de Psychanalyse: courants de la psychanalyse contemporaine*, Paris: P.U.F., 2001.)

Bergeret, Jean, (direcção), (1998). *Psicologia patológica teórica e clínica* (direcção) Lisboa: Cimepsi Editores. (Tradução do original em língua francesa: *Psychologie pathologique – théorique et clinique*. (2th ed.). Paris: Masson, 1972, 1998.

Bowlby, John (1960). Separation anxiety. *The Internatinal Journal of Psycho-Analysis*, Vol XLI, part 2-3.

Blos, Peter (1985). *A Adolescência*. Rio de Janeiro: Fontes Editora Ltda. (tradução do original em língua inglesa *On adolescent*, The Free Press of Glencoe, Inc, 1962)

Bolarin, Trinidad Martinez (2006). *Resiliencia*. Madrid: Mensajeros de la paz.

Botella, C. E Botella, S. (2002). Irrepresentável: mais além da representação. *Psyché*, Ano VIII, nº 14, Jul-Dez/2004. p. 193-196.

Brette, Françoise. (1988) Le traumatisme et ses théories, *Révue Française de Psychanalyse*, tome LII, VI, 1259-1284

Ciércoles, M., (2004). Els imigrants, más vulnerables a partir trastorns de salut mental. Consultado em 7 de Junho de 2004 através www.avui.com/avui/diari/03/des/11/220111.htm

Chaseguet- Smirgel, J. (2000) Trauma et croyance. *Révue Française de Psychanalyse*, tome I, LXIV, 39-45.

Coelho, Rui (2004). *Depressão – Prespectiva Psicodinamica*. Lisboa: Lidel, Edições Técnicas, Lda.

Coimbra de Matos, A. Primeira consciência e nostalgia do passado, 1982, Separata do “Jornal do Médico” CIX (1978): 127-129, Abril, 1982

Coimbra de Matos, A. Matos, A. Coimbra de (s/d) A Propósito da mácula narcísica. Instituto Português de Psicanálise nº 1540.

Coimbra de Matos, A. *Filobatismo e ocnofilia*, (1982). Separata do “Jornal do Médico” Nº1627, Ano 33, Vol.105, pp.732

Coimbra de Matos, A. (1982). Primeira consciência e nostalgia do passado. Separata do “Jornal do Médico” CIX (1978): 127-129.

Coimbra de Matos, A. (2001) *A Depressão*. Lisboa: Climepsi Editores.

Coimbra de Matos, A. (2002) *Desespero*. Lisboa: Climepsi Editores.

Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais. (2005). *As migrações num mundo interligado: Novas linhas de acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, tradução e publicação da edição portuguesa. Consultado em 26 de Março de 2007 através <http://www.acime.gov.pt>.

Crossley, Michele L. (2003). Formulating narrative psychology: the limitations of contemporary social constructionism. *Narrative Inquiry*, 13 (2), 287-300. Amsterdam: Copyright, John Benjamins B. V.

Cyrulnik, Boris (2004). *Les vilains petit canard*. Paris: Copyright Odile Jacob.

Demaria, L. A., Massera, J. G. (1982). Vicisitudes del inmigrante. *Rev. de Psicoanálisis*, XL nº 2, 410-417.

Draguns, Júris G. (1989). La culture et la psychologie l'état actuel de nos connaissances. In Retschitzki, J. Bossel-Lagos, M., Dasen, P., *La recherche interculturelle*, Vol. I (pp.263-270). Paris : Editions L'Harmattan.

Figueiredo, Joana Miranda (2005). *Fluxos migratórios e cooperação para o desenvolvimento*. Estudo publicado pelo ACIME. Consultado a 17 de Fevereiro através de www.oi.acime.gov.pt

Fleming, Manuela (2002). Dor mental: Um “para além do representável”. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, nº23, 121-129.

Fleming, Manuela (2003). Risco psicológico inserido no contexto do desenvolvimento psicológico. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, nº24, 97-106.

Fonagy, P. (2001). Apanhar urtigas a mancheias, ou porque a pesquisa psicanalítica é tão irritante, *Revista Francesa de Psicanálise, número especial 2001*, 317-340. Rio de Janeiro: Imago (Tradução do original da língua francesa Revue Française de Psychanalyse: courants de la psychanalyse contemporaine, Paris: P.U.F., 2001).

Fonagy, P. (2001). The Psychoanalysis of Violence, Dallas Society for Psychoanalytic Psychoterapy. Consultado a 11 de Julho de 2005 através de <http://psychematters.com/pappers/fonagy4.htm>.

Foster, Rose Marie Perez (2001). When immigration is trauma: guideliness for individual and family clinician, *American Journal of Orthopsychiatry*, Vol.71 (2), p. 153-170.

Joseba Atxótegui (2004). Forum Barcelona Consultado em 25 de Outubro de 2004 através de <http://www.barcelona2004.org/cat/actualidad/noticias/html/f044888.htm>.

Franco, Yago (2002). Vida y muerte en la cultura. Argentina: *Revista de Psicoanálisis*, Vol. XXIV, Nº 1-2. Consultado em 10 de Julho de 2005 através de <http://www.topia.com.ar/articulos/25masal.htm>.

Franco, Yago (2003). Más allá del Malestar en la Cultura. Argentina: *Revista de Psicoanálisis*, Vol. XXV, Nº 1. Consultado em 10 de Julho de 2005 através de <http://www.topia.com.ar/articulos/25masal.htm>.

Freud, S. (1919). O estranho. Edição Standard Brasileira das *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

Freud, S. (1920). Para além do principio do prazer. Edição Standard Brasileira das *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

Freud, S. (1926). Inibição, Sintoma e Angústia. Edição Standard Brasileira das *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

Freud, S. (1997). *O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Edição Standard Brasileira das *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, (Traduzido do título original *Das Unbehagen in der Kultur* (1856-1939).

Gampel, Yolanda (2002). El dolor de lo social. *Psicoanálisis APdeBA – Vol. XXIV – Nº 1 /2*, 17 – 43. Consultado em 15 de Julho de 2005 através da Sociedade de Psicanálise da Argentina.

Garza-Guerrero A. C. (1974). Culture Shock: Its Mourning and the Vicissitudes of Identity. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 22: 408-429. Consultado em 15 de Julho de 2005 através de [fille://A:/Garza_ficheiros/pepcd1-0600560.htm](http://A:/Garza_ficheiros/pepcd1-0600560.htm).

Gil, José (2005). *Portugal hoje, o medo de existir*. Lisboa:

Gibello, B. (1999). *O Pensamento incontido*. Lisboa: Cimepsi Editores (tradução do original em língua francesa, (1995). *La Pensée décontenancée*. Paris: Bayard Éditions)

Grinberg, L., Grinberg, R. (1976). *Identidade e Mudança*. Ediciones Paidós.

Grinberg, L., Grinberg, R. (2004). *Migração e Exílio – Estudo psicanalítico*, Lisboa: Climepsi. (Traduzido da língua Espanhola, (1996). *Migración y Exílio – Estudio psiconalítico*, Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, S. L.

Grinberg, L., Grinberg, R. (1999). *Psychoanalytic Perspectives on Migration. Psychoanalysis and Culture – A Kleiian Perspective*. London: Gerald Duckword & Co, Ltd

Grinberg, León (2000). *Culpa e Depressão*. Lisboa: Climepsi.

Grinberg, León (2001). *Teoria da identificação*. Lisboa: Climepsi. (Traduzido da língua Espanhola, (1996). Teoría de la identificación).

Haynal, André (1977). Présentation du rapport Le sens du desespoir. *Revue Française de Psicanalyse*, 1/2.

Green, B. L. (2000). Traumatic loss: Conceptual and empirical links between trauma and bereavement. *Journal of Personal and Interpersonal Loss*, 5, p.1-17.

Hernandez, M. Uma questão de limites. *Psicanálise contemporânea, número especial 2001*, 243-258. Rio de Janeiro: Imago (Tradução do original da língua francesa *Revue Française de Psychanalyse: courants de la psychanalyse contemporaine*, Paris: P.U.F., 2001.)

Hovens JE, van der Ploeg, Bramsen I, Klaarenbeek MTA, Schreuder JN, Rivero VV (1994) The development of the Self-Rating Inventory for Posttraumatic Stress Disorder. *Acta Psychiatr Scand* 1994; 90: 172-183. Munksgaard Copyright.

Instituto Nacional de Estatística (2005). *População Estrangeira em Portugal*. Consultado em 20 Abril de 2007 através <http://www.ine.pt>.

International Organization for Migration (2003). Approaches to and Diversity of International Migration. In IOM World Migration Report Series, *Migration Challenges and Responses for People on the move*. (Vol 2).

Jackson, J. (1991). Psychoanalytic Perspectives on Migration and Exile. *International Journal Psychoanal.*, 72:752-754. Consultado em 15 de Julho de 2005 através de file:///A:/Jackson_ficheiros/pepcd1-0831601.htm.

Jackson, S. W. (1991). The Mourning-Libertation Process, 2 Volumes. *International Journal Psychoanal.*, 18:301-303. Consultado em 15 de Julho de 2005 através de file:///A:/Jackson_ficheiros/pepcd1-0831601.htm.

Jornal de Notícias (2006). *Imigração Ilegal: Europa combate à migração ilegal*. Publicado a 9 de Fevereiro de 2006. Consultado em 27 de Março de 2007 através de <http://www.acime.gov.pt>.

Kessler, Ronald C. (1997). The effects of stressful life events on depression, *Annu. Rev. Psychol.* 48: pp. 191-214

Kohon, G. (2001). O empobrecimento simbólico, um desafio para a técnica psicanalítica. *Psicanálise contemporânea, número especial 2001*, 291-302. Rio de Janeiro: Imago (Tradução do original da língua francesa Revue Française de Psychanalyse: courants de la psychanalyse contemporaine, Paris: P.U.F., 2001.)

Kroll, Jerome (2003). Posttraumatic Syptoms and the Complexity of Reponses to Trauma, *American Medical Association, Vol. 290, N°5*.

Labonte, Ronald, Feather Joan (1996). Handbook on using stories in health promotion practice. Canada: University of Saskatchewan. Prairie Region Health Promotion Research Centre.

Laplanche, J. e Pontalis, J.B.. (1970). *Vocabulário da Psicanálise* Lisboa: Moraes Editores. 5ª Edição. (traduzido da língua francesa (1967). *Vocabulaire de la Psychanalyse*, Copyright Presses Universitaire de France.

Lebovici, S., Soulé M. (1980). *O Conhecimento da Criança pela Psicanálise*, Rio de Janeiro: Zahar Editores. (traduzido da língua francesa (1970), *La connaissance de l'enfant par la psychanalyse*), Copyright Presses Universitaire de France.

Luso Jornal de França (2007). *Comemorações do dia 10 de Junho*. Edição nº 124 de 14/6/2007. Consultado em 14 de Junho de 2007, através de www.lusojornal.com.

Luso Jornal da Bélgica (2007). *Comemorações do dia 10 de Junho*. Edição nº 21 de 15/6/2007. Consultado em 15 de Junho de 2007, através de www.lusojornal.com.

Lutenberg, Jaime Marcos (2002). Malestar en la cultura contemporánea. Lo siniestro. *Psicoanálisis APdeBA*, dolor social Vol. XXIV, N°1/2, p.111-128.

Malher, Margaret (1982). *O processo de separação-individuação* Porto Alegre: Editora Artes Médicas (Tradução do original em inglês *The Selected Papers of Margaret S. Malher, Vol II: Separation-Individuation*, New York, 1979)

Marucco, N. (2001). Algumas pontuações psicanalíticas. *Psicanálise contemporânea, número especial 2001*, 199-216. Rio de Janeiro: Imago (Tradução do original da língua francesa Revue Française de Psychanalyse: courants de la psychanalyse contemporaine, Paris: P.U.F., 2001.)

Meltzer, D., Williams, M. H. (1995). *A Apreensão do Belo*, Rio de Janeiro: Imago Editora. (traduzido da língua inglesa (1988). *The Aprehension of Beauty*, The Roland Harris Educational Trust.

Migrações Internacionais (2006). Consultado em 17 de Novembro de 2007 através http://www.un.org/esa/population/publications/2006migration_chart/migration2006pdf

Neria, Yuval & Litz, Brett T. Bereavement by traumatic means: the complex synergy of trauma and grief. *Journal of Trauma and Loss*, 9:73-87. Copyright Taylor & Francis Inc.

ISSN : 1532-5024 print/1532-5032 online.

DOI : 10.1080/15325020490255322

Neto, Fêlix F.M., (2003). *Estudos de Psicologia Intercultural Nós e Outros*. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

Perdigão, H. Gunther (1991). *Psychoanalytic Perspectives on Migration and Exile*. *Psychoanal Q.*, 60:156-158, 14:559-56. Consultado em 15 de Julho de 2005 através de file:///A:/Perdigão_ficheiros/pepcd1-1345298.htm.

Padre Vaz Pinto, Marques, Rui (2005). *Portugal: país xenófobo?* Lisboa: Estudos e documentos do ACIME. Oferta do Dr. Rui Marques.

Pereira, M^a da Graça & Monteiro-Ferreira, João (2003). *Stress traumático – Aspectos teóricos e intervenção*. Lisboa: Climepsi Editores.

Pérez, Norma Ferro & Rendo, Cármen Rodríguez (1985). El provenir de una representacion: emigración e identidad, *Revista de Psicoanálisis*, LVI, nº 4, p.799-813.

Poirier, Jean, Clapier-Valladon, Simone & Raybaut, Paul (1999). *Histórias de vida*. Lisboa : Celta Editora, Lda.

Pollock, G. H. (1989). On Migration-Voluntary and Coerced. *The annual of Psychoanalysis*, 17:145. Consultado em 15 de Julho de 2005 através de file:///A:/Pollock_ficheiros/pepcd1-1372849.htm.

Portugal Diário. (2005). *Europa recebe cerca de 500 mil imigrantes por ano*. Artigo publicado no Jornal Diário a 10 de Outubro de 2005. Consultada em 26 de Março de 2007 através <http://www.oi.acime.gov.pt>.

Puget, Janine (2002). Qué difícil es pensar incertidumbre y perplejidad. *Psicoanálisis APdeBA*, dolor social. Vol. XXIV, Nº1/2, p. 129-145.

Rafael Moses, Jerusalém (1978). Adult psychic trauma: The question of early predisposition and some detailed mechanisms, *Int. J. Psycho-Anal*, 59, 353-363.

Ramalho, J. P. (2000). Abordagem psicodinâmica da emigração – contribuição de Léon Grinberg e R. Grinberg. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, nº20, Setembro 2000, pp.79-85.

Redfield, R., Linton, R. E, Herskovists, M. (1936). Memorandum on the study of the acculturation. *American Antropologist*, 38, 149-152.in Neto, Fêlix F.M., (2003). *Estudos de Psicologia InterCultural Nós e Outros*. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

Retschitzki, J., Bossel-Lagos, M., Dasen, P. (1989) (Textes reunis) *La recherche Interculturelle*. Tomo I. Paris: Éditions L'Harmattan Cap La culture et la psychopatologie l'état actuel de nos connaissances Draguns, Juris G.

Revista Visão (2004). *Almas feridas*. Consultado a 25 de Outubro de 2005 através <http://www.acime.gov.pt>.

Rocha-Trindade, Maria Beatriz (2004) A realidade da imigração em Portugal, *I Congresso Imigração em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME)

Rosa, M.J.M., Seabra, H., Santos, T. (2004). *Contributos dos “imigrantes” na demografia portuguesa*. Lisboa: Estudos e documentos do Observatório da Migração. Consultado a 19 de Março de 2007 através <http://www.oi.acime.gov.pt>.

Sá, Eduardo (2000). *Crianças para sempre*. Lisboa: Fim de Século Edições.

Sá, Eduardo (2003). *Textos com Psicanálise*. Lisboa: Fim de Século Edições.

Sandler, Joseph & al. Na approach to conceptual research in psychoanalysis illustrated by a consideration of psychic trauma, *The International Review of Psycho-Analysis*.1991. Vol.18, part1, 133-141.

Secretaria de Estado de Emigração e Comunidades Portuguesas (2004). *Emigração Portuguesa (Estatísticas retrospectivas e Reflexões temáticas)*.

Consultado em 19 de Setembro de 2006 através www.be-global.org/documentos/red

SEF (2005). *Estatísticas*. Consultado em 26 de Março de 2005 através de www.sef.pt/estatisticas.htm.

SEF (2007). *Relatórios – Evolução global de 1981 a 2004*. Consultado em 15 de Março de 2007 através de www.sef.pt/estatisticas.htm.

Segal, Hanna (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago Editora, Ltda. (Tradução da segunda edição em inglês: *Introduction to the work of Melamie Klein* (1973). London: The Hogarth Press Ltd).

Speziale-Bagliacca, Roberto (1987). Psicoanálisis de la Migración y del Exílio. *Internacional of Psycho-Anaysis.*, 14:559-561. Consultado em 15 de Julho de 2005 através de [fille://A: espanhol_ficheiros pepcd1-1664652.htm](http://A:espanhol_ficheiros.pepcd1-1664652.htm).

Shentoub, Viça et Coll (1998). Manuel D'Utilisation du T.A.T. (Approche psychanalytique). Paris : Dunod.

Simões, Mário. (1980). Theory of Social Selection and Mental Healt of Emigrants. *Acta Psiquiátrica Portuguesa*, June/September, Vol.26, p.169-173.

Stamm, B., Stamm IV, H. Hudnall, A. & Higson-Smith, C. (2004). Considering a theory of cultural trauma and loss. *Journal of Loss and Trauma*, 9: 89-111.
Copyright Taylor & Francis Inc.
ISSN : 1532-5024 print/1532-5032 online.
DOI : 10.1080/15325020490255412

Stewart, S. (1991). Trauma e réalité psychique. *Révue Fraínçaise de Psychanalise*, vol.55, nº4, p. 957,975

Vala, Jorge (2004). Processos identitários e gestão da diversidade, *I Congresso Imigração em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME).

Vários (2005). *As migrações num mundo interligado: novas linhas de acção*. Relatório da Comissão Mundial das Migrações Internacionais. Lisboa: tradução e publicação da edição portuguesa pela Fundação Calouste Gulbenkian.
Consultado a 26 de Março de 2007 através <http://www.acime.gov.pt>.

Vários (1996). *Ethics and Process in the Narrative Study of Lives*. E.U.A. : Sage Publicationa, Inc.

Vispo, Carlos A., Podruzny, Marcos (2002). Câmbios de la estructuración psíquica en la migración. *Psicoanálisis APdeBA*, dolor social. Vol. XXIV, Nº1/2, p.217-232.

Wieviorka, M. (2002). *A Diferença*. Lisboa : Fenda Editores. (traduzido da língua francesa (2000) *La Différence*. Paris: Editions Balland).

Wildlocher, D. (2001). *As lógicas da Depressão*. Lisboa: Climepsi Editores. (Traduzido da língua francesa (1995), *Librarie Artheme Fayard*).

Winnicott, D. W. (1969). *De la pédiatrie à la psychanalyse* Paris, Petite Bibliothèque Payot (traduit de l'anglais : D. W. Winnicott, *Collect papers*, Tavistock publications, Ltd).

Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Traduzido da língua inglesa (1971), *Playing and Reality*, Tavistock publications, Ltd).

Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes médicas. (traduzido da língua Inglesa (1979) *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*, London: Copyright de D. W. Winnicott)

World Health Organization - WHO, (1993). *Adolescent Health Programme Division of Family Health*.

5
DM
CUNH/MS 1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO DE PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

TESE DE MESTRADO

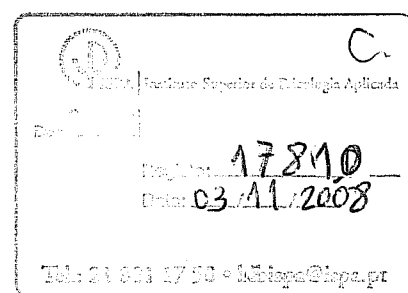
Anexos

Madalena Soares da Cunha – N°12871

ORIENTADOR: Prof. Doutor Rui Aragão

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

2007



Índice

Anexo A – Guião da entrevista.	141
Anexo B – Ruggero Maserati.	143
1. Os dados demográficos.	143
2. As entrevistas do percurso migratório.	144
3. As narrativas suscitadas pelas pranchas 2 e 3H do TAT e a sua avaliação.	171
4. A análise de conteúdo das entrevistas.	172
5. A avaliação clínica da entrevista.	183
Anexo C – Lhudmela Kindretsk.	185
1. Os dados demográficos.	185
2. As entrevistas do percurso migratório.	186
3. As narrativas suscitadas pelas pranchas 2 e 3H do TAT e a sua avaliação.	207
4. A análise de conteúdo das entrevistas.	208
5. A avaliação clínica da entrevista.	219
Anexo D – Venina Maria Vieira.	221
1. Os dados demográficos.	221
2. As entrevistas do percurso migratório.	222
3. As narrativas suscitadas pelas pranchas 2 e 3H do TAT e a sua avaliação.	235
4. A análise de conteúdo das entrevistas.	236
5. A avaliação clínica da entrevista.	243
Anexo E – Osmar Bernardo.	245
1. Os dados demográficos.	245
2. As entrevistas do percurso migratório.	246
3. As narrativas suscitadas pelas pranchas 2 e 3H do TAT e a sua avaliação.	257
4. A análise de conteúdo das entrevistas.	258
5. A avaliação clínica da entrevista.	264

Anexo A

Guião da Entrevista.

O guião da entrevista orienta, canaliza e centra a narração em certos pontos do vivido, suprimindo a dispersão fora da temática da migração. O uso de questões promove e facilita a estruturação do diálogo, convida e incentiva à análise e reflexão e à emergência de assuntos que não foram espontaneamente abordados pelos participantes. Assim, as quatro categorias de questões utilizadas remetem os participantes para a descrição, explicação, motivação de emigrar e para as estratégias de acção usadas ao longo do percurso migratório, que incluem estratégias de aculturação utilizadas.

1. “Gostaria que me contasse o seu percurso migratório”.

Esta questão que inicia a primeira entrevista, remete o sujeito para a descrição; o que é que aconteceu?

2. A segunda categoria, induzida por um conjunto de questões que vão sendo colocadas ou não, dependendo do relato do sujeito, incentiva a explicação por este projecto de vida. “O que é que acha que aconteceu? Porquê? Por que pensou em emigrar? Porque é que escolheu este projecto? O projecto serviu os interesses de quem? Que organizações, família ou redes de suporte influenciaram este projecto?”

São ainda colocadas questões que pretendem avaliar a motivação, a participação do sujeito na decisão e também, a sua localização, ou seja, se o projecto migratório assenta em factores internos ou se está relacionada com mudanças do contexto externo, nomeadamente económicas. “O que é que a levou a pensar que resultava? Que era bem sucedido? Que factores de personalidade ou habilitações profissionais o ajudaram ou incentivaram a envolver-se neste projecto? Que dificuldades surgiram neste projecto? Porquê? O que é que esperava? O que é que gosta mais em si?”

Por último, o conjunto de questões colocadas nesta categoria, avalia a valorização que o sujeito faz das suas características e possibilidades pessoais para enfrentar o processo, nomeadamente a sua auto estima, visando também avaliar o impacto da migração no estatuto sócio-profissional. “Qual era a sua profissão no país de origem? Que profissão

que exerce actualmente em Portugal? Qual é a satisfação que tem com a sua actividade profissional e com a remuneração? Que características suas é que contribuíram para a sua decisão de se envolver neste projecto? Que poder e que qualidades sente que tem para conseguir? Como pode ser alargado?”

3. Nesta categoria, as questões incidem nas estratégias utilizadas e nas acções que o participante desencadeou para emigrar.

“O que é que começou a fazer depois de decidir emigrar? Porquê estas estratégias e acções? O que é que planeia fazer agora (próximas acções). A que instituições portuguesas recorreu? Quais foram as que ajudaram? Que estratégias utiliza para se integrar?”

4. A quarta categoria de questões, remete para as estratégias de aculturação utilizadas e o impacto da aculturação na saúde física e psicológica do sujeito (doenças físicas, psíquicas ou psicossomáticas). “Teve algum problema de saúde física? Recorreu alguma vez a um técnico de saúde mental? Que acontecimentos foram para si inesperados e imprevistos?” Inclui também questões sobre a aprendizagem da língua (prévio ao contacto ou à chegada, institucional ou informal, nível de português, grau de dificuldade); conhecimento da cultura, nomeadamente da história do país; contacto com portugueses (prévio à migração, em que contextos, interesse em alargar ou restringir os contactos); diferenciação e valorização dos códigos sociais vigentes; apreciação do acolhimento de Portugal e avaliação do grau de aceitação do seu grupo pelos portugueses. “O que é que aprendeu com a experiência? Como as pessoas mudam? O que é que está confuso? Quais são as diferenças e semelhanças entre os portugueses e as pessoas do seu país? É difícil lidar com essas diferenças? Tem amigos portugueses?” Nesta categoria, colocam-se ainda, questões sobre as redes de suporte familiar e social do país de origem, assim como a nível institucional. “Os seus amigos são de que nacionalidade? Que familiares ou amigos tem em Portugal?”

Para finalizar, é pedido ao participante que faça uma apreciação da satisfação com a sua vida. “Duma maneira geral acha que a mudança foi positiva? Considera que a sua vida melhorou? Em que aspectos?”

Anexo B

1. Dados demográficos.

Nome	Ruggero Maserati
Data de Nascimento	Primavera de 1951
Sexo	Masculino
Nacionalidade	Italiana
Data de entrada em Portugal	1961
Tempo previsto de permanência	Não está previsto um regresso a Itália
Tipo de visto	Cidadão europeu
Estado civil e nº de filhos	Casado com 2 filhos
Familiares em Portugal	Pai, família nuclear, família da mulher
Amigos em Portugal	Sim, europeus e portugueses
Profissão	Engenheiro mecânico
Escolaridade	Curso de Engenharia Mecânica
Escolaridade e profissão do pai	Bacharelato – Engenheiro Técnico
Escolaridade e profissão da mãe	Bacharelato – Secretária

2. Entrevista.

Primeira Entrevista.

- *Gostaria que me contasse o seu percurso migratório.*

- Quer que comece no princípio, quando era muito jovem, ou já na idade adulta?

- *Como quiser.*

- Bom... o percurso migratório é constituído por várias fases. Sou filho de italianos, a minha mãe, de origem espanhola, com pais espanhóis... não, a mãe da minha mãe era espanhola, mesmo espanhola 100%, e o pai era austríaco mas, a minha mãe tinha nascido em Milão, já há duas gerações que eram italianos mas a minha avó era espanhola. O meu pai não, o meu pai era italiano duma região de Florença, da Toscana. Tinham sido transferidos para a região de Milão, na região da Lombardia. No fim dos anos 40, depois da guerra ah...migrou para a Argentina e não se conheciam, encontraram-se lá. Ah... encontraram-se lá, conheceram-se lá porque a minha mãe trabalhava numa grande empresa de projectos, o meu pai foi para lá trabalhar porque, em Itália as coisas no pós-guerra, digamos a economia estava muito mal, havia falta de trabalho era... digamos, a economia estava muito mal. Havia falta de trabalho e ele resolveu ir para a Argentina e foi lá que eu nasci e o meu irmão também.

- *Qual era a profissão do seu pai?*

- Trabalhava numa empresa, a Nortel, era muito conhecida, empresa de projectos. Desenhava e projectava aviões e a ideia era migrar para a Argentina para integrar um grupo de projectistas na filial da empresa, em Buenos Aires, só que, quando ele chegou à Argentina a empresa tinha fechado, então procurou trabalhar como projectista noutra empresa e então foi lá que eles se conheceram, casaram-se, e foi lá que eu nasci, só que tem...

- *Tem um irmão mais velho ou mais novo?*

- Mais novo. Pronto. Nascemos lá os dois, eles entretanto, ao fim de uns anos, 2 anos depois de eu nascer, fomos todos para Itália.

- *Lembra-se de alguma coisa da Argentina?*

- Tenho recordações fotográficas que me foram transmitidas provavelmente pelos meus pais, fotografias e, por isso, tenho às vezes a sensação de me lembrar de coisas que na realidade, ou seja, na fotografia das histórias que me foram contadas.

- *Há uma reconstrução...?*

- Há uma reconstrução mas eu não sei se aquilo é fruto daquilo que me foi contado ou daquilo que eu me lembro realmente. É verdade que aos dois anos já se vai...enfim, uma consciência mas é um bocado complicado verificar se é verdade ou não. Pronto, voltamos para Milão, portanto em 53, eu nasci em 51, e fomos para Milão e o meu pai ficou a trabalhar na mesma empresa mas depois foi transferido para a Grécia, Atenas, onde ficou durante 7, 8 anos. Ele vivia lá, nós vivíamos em Milão, Via o meu pai muito pouco, via o meu pai duas, no máximo três vezes por ano. Vivia com a minha mãe, também trabalhava porque precisava de trabalhar e via a minha mãe de manhã e à noite.

- *E quem é que se ocupava de si?*

- Era uma governanta. Uma amiga da minha mãe que tinha sido governanta duma família muito abastada em Roma e pronto, quando se reformou veio para nossa casa para...enfim...para nos educar...enfim para cuidar de nós. Ela era governanta da família X...uma família muito conhecida naquela altura, mas depois de reformada veio viver connosco e portanto naquela altura estávamos numa escola em Milão. Em 60, nos anos 60, no princípio dos anos 60, o meu pai deu uma espécie de ultimato à minha mãe “ou vens ter comigo ou vamos ter de nos separar porque a minha vida é esta.” E, a minha mãe resolveu, finalmente, depois de tanto tempo, vir para Portugal. Tinha os meus 10 anos, os meus 10 anos. Viemos para Lisboa os três e fomos viver com o meu pai e finalmente a família...

- *Reuniu-se.*

- Reuniu-se pela primeira vez. Eu praticamente não conhecia o meu pai, eu vivi até aos 10 anos sem praticamente conhecer o meu pai, sem ter convívio. Lembro-me que era daquelas crianças, ... bom, há uns que as famílias normais eram constituídas por pai, mãe e filhos...

- *Hum, hum...*

- Nós não éramos aqueles que não tinham pais porque estavam separados, naquela altura não estava tanto na moda. Morriam. Eu, não tinha o meu pai a viver connosco. Eu não,

não sei se tinham separado, ele não tinha morrido, ele não estava lá. Não ter a presença do pai foi muito traumático e ainda hoje, certas associações, se calhar, ... certas associações, se calhar, associações que eu tenho em relação à família, em relação aos filhos, não terão a haver com isso, com essa carência muito grande. Portanto, Portugal significa a reunião da família, começa por aí.

- *Foi uma coisa muito positiva.*

- Muito positiva Por um lado, era uma questão de afecto mas também era...era uma questão de sentir igual aos outros. Os outros tinham uma família e eu não. Tinha quando vim para Portugal, ...tinha uma família, pai, tinha uma mãe, tinha um irmão, tinha uma casa, uma família, era igual aos outros. Além disso na escola onde nós fomos, eu adorei, foi o melhor período da minha vida.

- *Em Milão não andava no Liceu Francês.*

- Não, andava numa escola pública italiana.

- *Porque é que os seus pais resolveram pô-lo no Liceu Francês?*

- Por uma razão muito simples; não haver escola italiana em Portugal.

- *Hã, hã...*

- E porque na altura era considerada uma escola com muitas...muitas possibilidades para o futuro. Os alunos que saíam do Liceu Francês estavam muito bem preparados para os estudos superiores. Foi uma escolha e também, se eventualmente tivéssemos que ir, se fossemos mudar de país, a escola francesa...

- *É internacional.*

- É internacional, e logo uma boa preparação humanística e técnica. Muito boa pronto, era uma escolha quase que óbvia. Havia a escola alemã mas aí pronto, os meus pais também não me podiam ajudar, não falavam alemão, mas pronto, para mim foi muito positivo. Sim, sim, os amigos que eu tenho são os do liceu, não são os da faculdade, são do liceu.

- *E esse contacto com a cultura francesa como é que foi?*

- Não foi contacto com a cultura francesa mas com a cultura internacional. Porque a amostragem dos alunos do Liceu Francês era sobretudo internacional; havia italiana, havia ingleses, havia americanos, havia os franceses, havia os portugueses. Naquela altura, nos anos 60, o Liceu Francês tinha duas secções, separadas até fisicamente. Para

mim é um grande erro, mas pronto. Os estrangeiros iam para a secção francesa e os portugueses, quem é que tinha dinheiro, ía para o Liceu Francês. Para nós não era essa a motivação mas, no entanto, havia muitos portugueses. Mas havia... a coisa mais positiva era, como lhe disse, a amostragem, era variadíssima, havia um intercâmbio cultural, percebia-se e via-se como viviam os outros. Quais eram os hábitos.

- Era para si evidente, as diferenças e semelhanças dos outros?

- Isso sempre me fascinou, quando eu viajo fico a olhar, a ouvir, gosto muito de ouvir, gosto de me ouvir falar, também de falar, mas gosto sobretudo de ouvir, de ver como é que as pessoas reagem, como ouvem, como se deslocam, como é que se vestem e o que é que fazem. E isso era uma coisa interessantíssima porque havia um leque enorme de culturas. Mas não sou só eu que partilho desta experiência, todos os meus ex-colegas do Liceu Francês partilham o mesmo património. É um património que nós temos, que existe, uma abertura muito grande para o que é diferente. É uma grande lição. E o colégio imprimiu isso, uma abertura para o que é diferente. Não duma maneira óbvia mas por inerência. A cultura era francesa, e eles tentavam impingir-nos que a cultura francesa é que é... e de facto, a França é um grande país, tem uma grande cultura, tem uma grande tradição cultural, tem uma tradição científica. Mas, o mais importante é que nós éramos uma pequena comunidade, uma pequena comunidade europeia, digamos, uma CEE. Sem querer nós constituíamo-nos um núcleo diferenciado de pessoas, e isso é muito enriquecedor para qualquer pessoa. Em vez de viajar, tínhamos muito perto de nós a possibilidade de conviver com pessoas de culturas, religiões diferentes e acho que foi excelente.

- No entanto, sentiu que estava em território francês? No sentido que as regras e as normas eram francesas?

- Não tenho método de comparação, aquilo para mim era França mas os colégios em França, se calhar, não são assim. Estava misturado, o que é mais engraçado, é que de facto nós fomos catapultados no meio de um mundo que era um bocadinho internacional e portanto mesmo... ah...mesmo por osmose, absorvemos culturas, não só a francesa, embora os professores e a ideia era que nós devíamos absorver a cultura francesa, nós absorvemos também outras culturas e por um lado, era uma coisa muito importante... é que não me sentia um peixe fora de água, não me sentia um estrangeiro. Eu era um

italiano a viver em Portugal, no Liceu Francês mas os outros também eram; o japonês, que o pai era embaixador, o americano, que o pai trabalhava numa empresa, o inglês, etc., não era o único. Se fosse emigrado para França, por exemplo, se calhar jovem e tal, num Liceu Francês sentir-me-ia diferente, mas aqui não, éramos todos estrangeiros e portanto todos iguais. Sentia-me igual e isso para mim é importante, porque para já os miúdos às vezes são maus, às vezes podem ser muito maus, agressivos, podem ser e conseguem ser e conseguem ler tudo e olham para tudo o que é diferente...não sei como dizer...olham para tudo o que é diferente com receio. Temos medo daquilo que é diferente e eu não, nesse sentido era ótimo. Liceu Francês em Portugal, sentia-me muito bem. Além disso era uma escola mista, o que em Itália não existia naquela altura e portanto era espectacular, havia miúdas, havia rapazes, havia de tudo e aprendemos a respeitar as meninas, a perceber, a conviver com elas. Os professores eram muito bons, muito severos mas o seu nível era muito bom.

- *Sim, eles têm uma certa tolerância com os bons alunos.*

- O nível é a inteligência, eu tive muita sorte, como era bom aluno dei-me ao luxo de ser muito indisciplinado à pala disso, vá lá. Há muita tolerância com os bons alunos e por isso coitados dos maus alunos, ai deles... (ri-se) mas pronto.

- *Nessa altura pouco convívio teve com a cultura portuguesa.*

- Muito pouco, muito pouco, porque não tínhamos... havia uns colegas portugueses na nossa secção...

- *Que não eram muitos...*

- Não, eram, eram bastantes mas o problema é que eles não tinham tempo, o programa e o ritmo de estudo era muito intenso, tínhamos que trabalhar muito. No Liceu Francês trabalha-se muito e portanto os colegas portugueses da nossa turma não nos transmitiam muito da cultura portuguesa. Por outro lado havia um erro crasso que tinha sido feito; não havia ensino de Português na secção francesa. Para mim era um disparate; viver num país, não saber nada da história, da literatura, da cultura em geral, é um erro que não tem nome! Os meus filhos foram para o Liceu Francês, já não tiveram o mesmo tratamento, tiveram aulas de português, história e acho muito bem, muito bem. Estamos aqui, temos que saber! Eu nunca. Estudei sozinho, nunca estudei gramática, nem sintaxe... o que eu

sei de português é através dos livros e de jornais... do que eu lia, mas quero porque acho que viver num país e não saber nada é ridículo. Estivemos numa campânula de vidro.

- Não houve nenhuma relação afectiva onde isso circulasse... o conhecimento do que é que é Portugal?

- Havia. Eu tive imensa sorte porque vivi num período fantástico; os anos 60, que é um choque difícil. Repetir as décadas das grandes mudanças sociais na Europa. O 68 foi o ano marcante dos anos 60 e no fim, com 17 ou 18 anos, um bocadinho por moda, um bocadinho por ideais, a partir da altura que sentíamos que tínhas que ter uma consciência política social, formamos grupos de discussão e reuníamo-nos em casa de um ou de outro para lermos os livros que são proibidos, falarmos mal do governo, da PIDE e tal... éramos todos de esquerda e tal... e tive o privilégio de conhecer imensa gente sonante, que nessa altura eram liberais, democráticos.

- Portugueses?

- Sim, portugueses.

- Famílias portuguesas?

- Portugueses, reuníamo-nos na casa do Marquês de Fronteira, que era meio-irmão do meu colega. Período fantástico, era muito romântico. Paradigmático; os revolucionários em França aliaram-se aos operários, China, Japão... deram-se as maiores transformações. Se calhar aos 18 anos somos todos, revolucionários, poetas, do contra, de uma maneira ou doutra, mas acho que não era isso... tínhamos sonhos. Os sonhos... não se pode impedir uma pessoa de sonhar. Foi o melhor período da minha vida, foi o período de 60 até 69, o melhor período da minha vida por muitas razões; foi um período intelectual, intelectualmente fui muito activo, eu queria saber tudo e tudo; eu consegui os meus melhores amigos, que ainda hoje frequento, e eu me dou perfeitamente bem, os da adolescência, já há namoro. Foi um período fantástico, depois ficamos... É um período de calma, vemos as nuvens mas já não os bonecos nas nuvens, vai-se ficando mais terra a terra, menos... mais materialistas. Foi uma altura fantástica e portanto Portugal era isso.

- Nessa altura, nesse período, em relação a Itália..., teve nostalgia de Itália?

- Não, Não tinha deixado nada, a minha família era aqui e foi aqui que se constituiu, na Itália não tinha família

- E a família alargada?

- Tenho, tenho mas é diferente. Há necessidades primárias e há umas secundárias; há primeiro a família núcleo e isso não tinha e era tão feliz de ter aquilo que nem me lembrava dos tios, os primos. Íamos todos os anos a Itália ver.

- *Mas não era relevante...*

- Se não fosse, não era importante. Eu quando ia para Itália, tinha era saudades de voltar para cá. Era aqui que era a minha família, a minha escola, os meus amigos. Adoptei Portugal como... digamos, minha toca, refúgio. Itália sim, é bonita, tem coisas fantásticas mas não tem nada haver.

- *Não tem nada haver com quê? (Pausa) Com as coisas de ... com casa?*

- Sim. Naquela altura é a coisa mais importante para mim, não é num sentido físico mas no sentido de família. Se tivéssemos sido transferidos para a Bélgica ou para Angola, teria sido aí.

- *Portanto o factor mais importante era o seu pai, no sentido da reunião familiar.*

- Sim é isso que eu considero uma parte fixa, depois há todo o contexto; porque Portugal é bonito, porque as férias eram sempre as melhores, havia sol, praia, o clima é fantástico. Eram tudo mais valias, uma pessoa pode apaixonar-se pela terra e eu apaixonei-me por Portugal. Apaixonar não é uma coisa racional, não se pode controlar. Eu transformei-me, não é uma coisa que se possa controlar e aí está. Não vale a pena perguntar-me porque é que me apaixonei por Portugal, apaixonei-me, pronto.

- *Exacto.*

- Depois de tantos anos, de sair de Portugal, Portugal é o único país do mundo do qual eu tive saudades. Gosto de Itália, gosto de ir a Itália mas quando eu estou fora de Portugal, é diferente... sinto uma espécie de dor física, porque ... sei lá. Digo a mim mesmo que é meu, eu sei que não é meu, é meu direito de gostar de Portugal. Quando uma pessoa gosta de uma coisa, tem direito de gostar e ninguém pode impedir de gostar, tem o direito de gostar de Portugal. Muita gente em Itália tem a mesma experiência. Há pessoas que são apaixonadas por Itália, eu percebo isso. Itália é um país fantástico, lindo, tem tudo e mais alguma coisa mas apaixonar é assim, é assim...pronto.

- *E a paixão, ainda hoje dura...*

- Dura, dura, apesar de eu ser muito crítico em relação a muita coisa, em termos sociais, culturais e políticos. Mas isso não quer dizer que a paixão não dura. A paixão é uma coisa que não dura... senão a pessoa fica maluca, tornou-se ... afecto.

- *Transformou-se em amor.*

- Sim, é como um casamento que se preza, a paixão não dura, infelizmente é assim. É uma coisa triste da vida mas também é uma coisa que temos de enfrentar mas eu sou muito fiel nesse aspecto, à parte de Portugal, portanto da paixão transformou-se em amor, pela terra que me acolheu para o bem e para o mal. Para além das coisas boas, demais, que me aconteceram. Continuo a gostar da mesma maneira e, é uma coisa engraçada é que eu consegui transmitir isso para os meus filhos. Hoje, a terra deles é esta. A casa deles é aqui.

- *Os seus filhos viveram sempre aqui?*

- Não, não. Os meus filhos... o meu filho mais velho nasceu no México, estava lá na altura. Acabei os estudos em Milão e fui transferido para o México. Tive lá 2 anos e ele nasceu lá. A Sara nasceu em Milão. Tive lá sete anos.

- *Como é que foi isso?*

- Acabei o Liceu Francês em 69, depois fui para Milão onde estudei engenharia, formei-me em engenharia mecânica.

- *E a sua família ficou aqui?*

- Sim, sim ficou aqui. Eu tenho lá uma tia, fiquei com ela e depois o meu irmão, ao fim de dois anos e meio veio ter comigo e fomos viver os dois. Tínhamos o mesmo apartamento mas eu acabei em 74 e ele continuou os estudos mas eu entretanto tinha uma namorada que tinha aqui, italiana, por mero acaso, por mero acaso, e casei em Lisboa. Quis casar em Lisboa; pra já ela vivia em Lisboa, os pais também e foi também um tio meu, que era padre, que veio de Itália para nos casar aqui, celebrar o casamento. Eu não sou muito religioso, sou agnóstico mas enfim, isso é uma coisa da presunção... ser agnóstico mas de qualquer maneira ele era um padre que eu considero. Para já era um intelectual e achava que se eu casasse pela igreja tinha de ser ele, e ele veio, celebrou a missa e casámos. Naquela altura foi giro, os convidados; de entre os convidados não havia um único amigo meu, nem da minha mulher. Hoje em dia, os casamentos dos meus filhos, são todos amigos deles. Para mim eram todos estranhos.

- *Foi uma imposição?*

- Para mim tanto fazia. Foi triste retrospectivamente, na altura era assim, eu não me importei nada com isso. Casei-me no dia 11 de Novembro, formei-me no dia 2, casei-me a 11 e dia 12 estava a trabalhar no México. Mas essa perspectiva tem peso; se eu voltasse para trás, convidava todas as pessoas que eu gostava mesmo e tenho pena porque, provavelmente eles ficaram sentidos com isso. Se calhar não, mas eles não se importam, gostam de mim, sabem que eu gosto deles, conhecem-me melhor e acham-me uma besta. Conhecem-me melhor que eu próprio.

- *Em que sentido é que o acham uma besta?*

- Eles acham que, conhecem-me muito bem e sabem que eu sou extrovertido, digo coisas que não... ou seja, costumo ser mais rigoroso e severo com as pessoas que eu gosto. Trato-as às vezes mal, porque gosto delas e sei que elas não podem virar-me as costas... é a segurança do amor que eles têm em mim que me permite correr o risco. É uma coisa um bocadinho perigosa. Às vezes faço pequenas maldades psicológicas e tal, com os meus filhos e tal ...eles sabem disso perfeitamente e sabem, conhecem-me perfeitamente... não há aqui santos mas eu sei olhar-me para o espelho mas gosto de ser assim e não gostava de ser doutra maneira. Há pessoas que dizem “ah, eu gostava de ser menos ciumento e tal, eu não desgosto. Não tenho medo de olhar para o espelho, não é que eu goste daquilo que eu vejo, eu não gosto daquilo que vejo, não tenho medo de me dizer a verdade, de ser honesto comigo mesmo. Sei como sou, pelo menos penso que sei como sou. Mas como eu falo muito, e quem fala muito abre todas as portas a todo o tipo de crítica, eu não gosto que as pessoas me critiquem, mas é fatal, não gosto muito.

- *Qual é a coisa que gosta mais em si?*

- Não sei... talvez o facto de eu ser versátil, na minha inteligência, viva mais do que racional. Racionalmente eu sei que isso não é, se calhar, muito do universo masculino mas também não me importo. A inteligência intuitiva é o que me dá prazer... eu tenho uma inteligência viva e intuitiva e isso é uma coisa que me dá prazer, eu sinto-me porventura ainda jovem, por dentro sinto-me jovem, enfrento a vida sempre como se fosse uma espécie de jogo...não sei, tenho uma visão...não quer dizer que eu não veja e não enfrente a realidade, é uma coisa muito diferente. Eu tenho espelho, sei quais são os problemas e enfrento-os mas nunca... não me deixo arrastar por emoções, coisas, pronto,

prefiro utilizar a energia para outras coisas e, se calhar... e depois gosto muito de falar com as pessoas e isso as pessoas percebem logo. Eu sei que as pessoas gostam de mim, percebo logo que as pessoas gostam de mim. Percebo logo, seria falsa modéstia... é uma evidencia que as pessoas gostam de mim.

- *Claro, claro (ri-me)*

- E como as pessoas gostam de mim, digo logo, e tenho uma grande empatia muito grande com as pessoas, é muito simples, é uma questão, quase um sexto sentido e muito trabalho, muito movimento também. Não é para tentar passar a perna ou fazer-me de malandro ou tentar aproveitar-me da situação, é porque através do contacto e convívio com as pessoas e do convívio com as pessoas, eu nunca ponho de parte o factor humano, para mim é fundamental, sempre pus o factor humano e as emoções acima de tudo. Sempre, sempre acima de tudo, o resto, que é material o trabalho, o dinheiro, ... eu sempre, sempre, ponho de lado quando falo com uma pessoa, mesmo que seja um chefe ou um subordinado. Eu dou prioridade ao factor humano, sempre. E sou assim e gosto de ser assim e, se calhar, é isso que eu gosto de mim e as pessoas apercebem-se disto, aproveitam-se às vezes um bocadinho, mas eu não me importo.

- *Aproveitam-se?*

- Aproveitam-se porque sabem que eu sou um bocadinho fraco, não consigo... então com os meus filhos... sou duma moleza terrível, a minha mulher já não é assim, graças a Deus porque senão... seria uma desgraça, seria, eles, são super inteligentes e muito maduros, se calhar, mais maduros do que eu, sobretudo o mais velho.

- *É um bom casal*

- Sim, sim, os filhos têm muita sorte porque são dois filhos com imensa cabeça e super-inteligentes portanto e são muito maduros, sobretudo o meu filho mais velho, só que tem um feitio... sem... não interessa e, então... o factor humano é importante. Não consigo ser severo com os meus filhos, não consigo ser severo com a minha cadela. Digo coisas mas depois... às vezes... por exemplo estou no carro e alguém diz qualquer coisa... a minha vontade é de sair do carro e ir lá... eu sou forte... tenho vontade de ir lá e dar um par de estalos mas eu odeio a violência física, mas imagine a cara do filho de ver o pai chegar a casa com um olho negro! Isso para mim era terrível... a humilhação do pai de chegar a casa assim.

- *Hum.*

- E com os meus filhos sou assim, é justamente assim. Sou muito mole porque... eu sei que tive uma infância infeliz, não me faltou nada mas faltou-me ao mesmo tempo o fundamental; o afecto na infância dos 2 aos 10 anos, até falei com os meus pais mas os meus pais também... coitados... crucificá-los numa situação que, para já é irreversível...

- *Hum, hum... já passou na realidade e não é reversível mas na sua cabeça... ou seja pode reviver isso de outra maneira.*

- O passado faz parte da nossa história, não se pode apagar.

- *Não pode, mas pode-se alterar.*

- Acho que não. Não se pode alterar. Pode-se fazer uma análise retrospectiva com mais maturidade e perceber que temos de passar por cima das coisas, mas nunca esquecer, ou seja, eles... vê-los.

- *Noutra perspectiva.*

- Sim, noutra perspectiva. Era preciso falar com pessoas, fazer sessões com alguém que nos dissesse como alterar estes traumas... não foram traumas, vamos lá dizer.

- *A que é que chama traumas?*

- Eu nunca fui abusado fisicamente, eu nunca fui castigado fisicamente, nunca me bateram. Bem a minha mãe era duma severidade... era terrível, mas era tudo psicológico. Eu gostava muito dela mas a minha mãe, era uma coisa terrível porque era severíssima. Não deixava escapar nada e eu sempre fui muitas vezes humilhado pela minha mãe em situações... em mais velho porque ela, era uma pessoa, por uma personalidade fortíssima, e duma severidade, porque ela, propriamente... a minha avó, que era espanhola, também tinha 14 filhos! Também tinha que ser severa coitada da mulher!... E a minha mãe herdou isso Mas era isso. Não era daquelas que fazem festinhas, beijinhos e ao colo. Não. E o meu pai, só aos 11 anos o conheci verdadeiramente e aprendi a gostar e aprendi a conhecê-lo, para mim... era um estranho, à medida que ia crescendo.

- *E nesse tempo não se telefonavam?*

- Sim, escrevíamo-nos mas isso não era nada, não havia convívio, contacto, não sabia quem era. Lembro-me uma vez na escola, deram-me um dever; pediram-me para escrever a profissão do meu pai... e eu não sabia quem era o meu pai, sabia lá! O que é que ele

faz! Ele tinha insistido para que nós fôssemos para a Grécia, ela teimou em não ir. Tivemos separados 8 anos.

- *A sua mãe não lhe falava dele?*

- Não. A minha mãe não falava, porque trabalhava. Saía de manhã, entrava à noite e já estávamos na cama e portanto ... e depois não falava muito dele, não. E, portanto, a minha família, eu desde que fui adolescente pensava “quero uma família só minha, quando eu tiver a minha família vou mimá-la até estragá-la, é só minha, minha e por isso eu sou uma pessoa extremamente ciumenta, e isso é um sofrimento muito grande para quem está ao pé de mim, e também para mim.

- *Com a sua mulher?*

- Com todas as pessoas de que eu gosto. Isso é uma coisa doentia. É um sofrimento muito grande para quem está ao pé de mim mas para mim também muito grande. O ciumento faz sofrer os outros mas também sofre, é uma vítima do seu próprio defeito. Tento, por acaso falo disso à mesa e de facto chego à conclusão que, o meu filho é como eu. A Sara também é, mas não tem namorado, mas acho que sim. A minha mulher também é mas é normal, dentro da normalidade eu não, sou um ciumento.

- *O que é que marca essa fronteira do “já não ser normal”?*

- Ser ciumento de coisas estúpidas, ser ciumento do irmão dela, se ela faz uma atenção ao irmão ou com a mãe, dá-me menos atenção... já para não falar quando éramos jovens, quando tínhamos mais vida social e os homens davam-lhe atenção. Ela não tinha culpa nenhuma, culpa nenhuma. É uma coisa estúpida, é irracional, não consigo explicar, o ciúme não tem origem na lógica, não tem origem numa coisa racional. Ela não é oferecida, é normal, mas portanto... é assim. Ela, toda a vida disse que não era assim mas nós sabíamos que era, era ciumenta.

- *Mas com quem é que ela era ciumenta?*

- Connosco; por exemplo com a minha sogra, gosto muito da minha sogra, ela é uma pessoa fantástica, eu dou-me muito bem com a minha sogra. Ela gosta imenso de mim, mais do que do meu cunhado... Conheci a minha sogra aos 33 anos. A minha mãe era ciumenta pelos afectos que nós tínhamos pelo meu pai, obviamente, mas nunca mostrava isso duma maneira explícita, eu não sou muito mais directo, muito mais directo. Á bocado disse que não mudava nada mas, se calhar mudava isso. Isso poupava muitos

sofrimentos; tenho pena de ter feito sofrer as pessoas por causa dos meus ciúmes, não só a minha mulher, os meus filhos, também os meus amigos.

- *E a si mesmo.*

- Sim, mas isso passa. Para já, quando faço mal às pessoas, não estou consciente daquilo que estou a fazer, percebo isso logo ao fim de cinco minutos; “eh pá o que é que eu fui dizer, uma asneira!” mas depois não vale a pena pedir desculpa porque as coisas ficam. Pode ser um momento de raiva e volto a trás ... é uma coisa tão irracional, tão involuntária. Como é que se muda isso? É difícil mudar isso.

- *É difícil, as pessoas mudarem?*

- Eu acho difícil, as pessoas mudarem. Vamos lá ver uma coisa, eu olho para duas facetas fundamentais numa pessoa; uma é o feitio, outra é o comportamento. Pode-se mudar o comportamento mas o feitio é feitio, isso não muda. Eu posso mudar como apareço perante as pessoas mas não mudo por dentro, eu isso não acredito. Não acredito. Eu acredito que o ser humano está geneticamente programado e determinado. Agora o que eu posso fazer é controlar as emoções para não fazer mal aos outros, para que os outros não tenham que aturar aquelas facetas da minha personalidade que os magoam, não é justo.

- *O que é mais penoso para si é a dor que causa aos outros, não tanto a dor que sentia, a dor que sente...*

- Não, porque a dor que eu sinto é a dor que causo aos outros. É o facto de causar mal aos outros que me magoa. Não consigo evitar. Não magoo tanto como antigamente, menos, fico mais calado. É um dos privilégios da idade, ficar mais sábio, pensar um bocadinho antes de falar, ficar calado.

- *Menos impulsivo.*

- Menos impulsivo, se bem que, quem me viu e quem me vê, as pessoas nem acreditam! Eu agora mudei bastante, por dentro não, mas agora tento dar, ser menos impulsivo, menos agressivo, nem sempre consigo, mas tento. Nem sempre consigo, nem sempre consigo. Mas as pessoas também acham graça a esta personalidade e, por isso, não faço muito para mudar, também faz parte do fascínio de uma pessoa, se eu mudava muito talvez as pessoas não gostassem tanto de mim. Quem é que gosta de uma pessoa completamente normal? Dum santo? Ah...Gosto de ser assim, mas isso não é razão sou

assim, porque sou assim. Controlo a parte que magoa as pessoas, isso, tenho muita pena, não faço conscientemente mas pronto, faço-o. Não tanto como antigamente, enfim, mas faço-o, mas isso... pronto...é assim...

- *É genético.*

- Provavelmente é genético. Eu digo isso como uma desculpa, assim não tenho que mudar.

- *Exacto.*

- É óbvio.

- *É fechado.*

- Sim, sim. Os meus amigos fartam-se de rir quando eu digo isso, sabem e aturam-me.

- *Casou-se com uma mulher italiana. Foi importante para si, ela ser italiana?*

- Não, não, foi importante estar apaixonado e ela ter umas pernas fantásticas. Isso é que foi importante. A ideia não era casar, eu conheci-a, gostei logo dela e até chorei, pronto. Eu sou uma pessoa que me apaixono com muita facilidade e, portanto, nunca pensei que isso fosse durar; já fiz 30 anos de casado em 2004. O meu grande medo era magoá-la porque sabia que ela estava apaixonada por mim, como eu estava com ela, porque eu era um sentimental, sempre fui bastante, e eu, tinha medo que a coisa não durasse. “Vou magoar esta miúda, daqui a três meses estou cansado, como é que é? Coitada nunca me fez nada de mal.” Então tinha assim, o meu receio era que a coisa não durasse e, tivemos uns momentos... melhores que outros.

- *Como é inevitável.*

- Como é inevitável.

- *Nunca pensou que conseguisse ficar estável.*

- Sim, mas isso também dependeu dela, eu tenho um feitio instável mas ela é uma cúpula, não é muito, muito vertical, grandes princípios. Os meus filhos são como ela, o meu filho é como ela, muito vertical, um homem que acredita nos princípios, é mesmo muito vertical. Tem as suas namoradas mas, quando gosta de uma pessoa é, ele é, é fiel. É um tipo impecável nesse aspecto. A minha filha, um bocadinho, é como eu...mais romântica, mais extrovertida, são duas facetas. (Ri-se) É engraçado, é giro, é engraçado observar. Eu também gosto de deixar, ver as ratoeiras para ver como reagem a várias coisas. Às vezes digo coisas de propósito para ver a reacção das pessoas.

- *Provocatório...*

- Sim, sim...

- *Nos seus movimentos migratórios, que foram imensos...*

- Não foram assim tão imensos como isso, porque, depois do México, fui para Itália 7 anos e, ao fim de sete anos voltei para cá e a partir daí, viajei, pronto. Do México fui para Itália porque fui transferido.

- *Do México foi para Itália porque foi transferido?*

- Saí do México porque bati com a porta, bati na mesa e vim para Portugal fazer um ano sabático. Eu bati com a porta porque zanguei-me com o patrão da empresa e vim para cá fazer um ano sabático e depois ele tinha uma filial em Itália e quando se bate com a porta há que pagar um preço, embora eu tivesse razão. Era mesmo impulsivo. Bati com a porta e vim para Portugal e vim fazer um ano sabático, trabalhei mas pronto e depois como gostava muito da empresa, era uma filial italiana, fui para Itália e eles depois admitiram-me outra vez, fizeram-me pagar o preço.

- *Fizeram-no pagar caro o preço...?*

- Quando se bate com a porta, faz-se pagar um preço. Eu era mesmo impulsivo mas, eu não saí de lá sem outro emprego, atenção, eu vim de férias para Lisboa sabendo de antemão que me ia embora. Arranjei um emprego aqui e depois fui para lá bater com a porta e vim para cá um ano e depois arranjei um emprego na Itália, voltei para Itália. Não sei porquê voltei para lá... Ah sim, sei, o chamariz não era Itália, era a empresa. Gostava muito de trabalhar naquela empresa depois..., portanto a ideia era.... Não estava... não era claro... não estava planeado, nunca faço grandes planos na vida... mas tinha a ideia de voltar para Lisboa, gostava dessa ideia. Quando surgiu essa oportunidade voltei.

- *Os seus pais ficaram aqui...?*

- Sim, sim desde dos anos 60, a minha mãe já faleceu, mas o meu pai continua aqui. E...e desde então trabalhei com o meu pai, como se pode imaginar, trabalhar com um pai na mesma profissão..., é preciso ter uma paciência de santo. Eu nunca vou querer que o meu filho trabalhe comigo, nunca. Porquê? Há sempre uma rivalidade, mas é uma rivalidade da parte dele, aí é que está, é muito estúpida, mas é da parte dele, aí é que está. Eu nunca fui igual ao meu pai, ele é que sim, aí é que está, há um complexo pela... talvez porque eu sou engenheiro e ele é só técnico. Provavelmente... não sei... não faço a menor ideia. Ele

tem sempre que mostrar, eu não tenho que mostrar, ah! É complicado. Ele ainda trabalha comigo, ah...é complicado. Eu dou-me muito bem do ponto de vista emocional, pessoal mas no trabalho é complicado, há certas coisas. É um self made man, gosta de tomar as decisões, gosta de ser ele a decidir e tal, é complicado, é muito complicado. Não foi uma grande ideia mas também não volta a trás. Mas pronto, ah! Se calhar devia ter feito as coisas duma maneira, um bocadinho diferente. Devia ter tomado as rédeas da empresa mais cedo. Era uma situação cómoda. Ele é muito bom naquilo que fazia, e é, nunca deixou que os outros mexessem naquilo que fazia e, faz ele, ele é que sabe, não deixa as rédeas.

- *Mas agora, as rédeas são suas?*

- Mais ou menos. Ele continua a trabalhar aos 80 anos, é casmurro como uma mula mas também é bom porque, ele é viúvo e sente-se muito sozinho, e isso ajuda-o imenso, é uma terapia ocupacional. É um bocadinho triste, ele gosta muito de ler, da casa dele mas se deixasse de trabalhar amanhã... “Eu não sou nada, o trabalho é a minha vida”. A vida é lá fora, por amor de Deus! Eu trabalho porque preciso de dinheiro porque se eu... Bom, vamos lá ver, uma coisa porque se eu... tenho uma razão muito concreta... eu queria ser médico; a minha vocação. Eu nasci para ser médico desde sempre. Pronto, mas os meus pais convenceram-me para ir para engenheiro, como era muito bom na escola e podia ir para qualquer coisa... bom lá fui... mas que gostava, gostava.

- *Como é que o convenceram? Como é que foi?*

- Naquela altura, nos anos 60, havia um relacionamento e um respeito pelas decisões dos pais que hoje já não há, o que é muito mau, porque, porque, eu aprendi com isso e, os meus filhos... eles tomaram as decisões que acharam melhores para eles. Ou seja, eu considero que, e agora, agora falando a sério e muito a sério, eu considero que a profissão de pai é extremamente difícil e eu pus esses objectivo, não vou tomar decisões por conta deles. Vou proporcionar os meios e as ferramentas para eles tomarem as decisões que eu acho que é a melhor coisa que um pai pode fazer. Vou-te mostrar, ou seja, vou-te mostrar o leque das possibilidades que tens e vou-te dar um palpite sobre quais são os prós e contras de cada opção mas, a escolha é inteiramente tua e, qualquer decisão, vou respeitá-la, isso é tudo o fruto que eu sofri. Pronto, portanto começa por aí. Que o meu pai tome decisões na engenharia de projectos que não sabe, pouco me importa, porque faço por

isso da melhor maneira que posso, mas não com amor. Não é nada disto que eu queria fazer, eu queria mesmo ser médico, porque.... é isso que eu gostava e não há nada a fazer. Aliás, eu tinha pensado, quando tinha os meus trinta e poucos anos, que se tivesse dinheiro largava isto e formava-me em medicina. Não era uma tragédia, mas pronto, estava convencido que era bom, desisti desse projecto.

- *Mas, desistiu?*

- Desisti, porque o meu pai disse “È pá, isso é complicado porque eu não tenho dinheiro para os estudos, é uma vida de inferno e isto, e aquilo, e não sei o quê e vais entrar numa empresa e fazer uma grande carreira, uma posição e vais perder tempo. Essa é a minha posição, sempre foi e sempre será.” Grande carreira e não sei o quê, lá me convenceu. Por outro lado, também é verdade, é que quando uma pessoa tem uma grande paixão... não sei... se for real a paixão... se me deixei convencer. Nunca vou saber isso, ou será uma desculpa porque não gosto daquilo que faço... ah! Não faço ideia mas toda a gente sabia, os meus amigos, que eu queria ser médico.

- *O que é que o encantava na medicina?*

- Ah... não sei. Não havia nada de especial, ou tudo. Não vou usar a frase estúpida “Ajudar as pessoas”, porque não é isso, não é isso. Eu posso ajudar as pessoas de várias maneiras, voluntariados, em engenharia, há muitas maneiras... não era isso, era uma intuição, era uma vocação percebe? Era uma vocação; sabe que você nasceu para fazer aquilo.

- *Essas paixões... têm um carácter que não são muito explicáveis para si.*

- Sim, por isso é que se chama paixão, não é explicável, nem tem explicação. È bom que seja assim porque se tudo for racional... eu sou muito mais místico; embora não saiba tudo, alguma coisa sabemos mas, em relação ao absoluto, sabemos tão pouco que o homem que saiba mais no mundo ou toda a sabedoria dos homens, não é nada, nada, ao que se poderia saber. Portanto, o mais ignorante dos homens comparado com o mais sábio é quase igual, porque em relação ao infinito é...ah... ah... é muito pouco em relação ao absoluto. È muito pouco.

- *Isso desmotivou-o do conhecimento?*

- Não, não, antes pelo contrário, eu tenho uma faceta... não, não antes pelo contrário. Eu sou um grande apreciador da ciência, gosto muito de programas científicos, e de estudar.

Para já gosto imenso de estudar, é das coisas que eu mais gosto, e de ensinar também. Ensinei, dei aulas num liceu de física e matemática, no liceu. Gosto imenso. Ah... a medicina é muito científica, há muito que estudar há, há imensa investigação. Mas antes pelo contrário, eu acho que se pode conjugar o romantismo, o misticismo e a ciência, porque não? Uma coisa não tira a outra. Uma pessoa pode um dia escrever um poema e no outro, um romance policial. Porque não? Pode gostar de coisas místicas e de ciência. Uma pessoa... Eu gosto de coisas místicas e de ciência; pode ser eclética e romântica.

- *É versátil.*

- Eu não sei se sou mas que me interessam várias perspectivas do mesmo problema, sim, isso sei que sim. Eu posso ver o problema da existência de Deus, que é um problema ridículo. Porque ninguém vai dar uma resposta, pelo menos por agora, duma maneira muito mística, duma maneira muito intelectual ou de uma maneira muito racional, muito científica. Eu acho que são apaixonantes os dois, e, não tenho razão nenhuma para dar preferência dum ou doutro. Gosto de ouvir as pessoas a exprimirem as suas ideias tanto de uma forma como da outra. Eu não sou ou não sou, não tenho caixas, caixotes fechados, todos eles têm uma porta aberta, comunicam, percebe?

- *Hum, hum, cheio de movimento.*

- E inter comunicam. Posso enfrentar o problema de uma maneira mais racional, depende do momento. Depende do momento, da disposição, o meu misticismo e o meu romantismo, não me afasta da ciência, não me faz recusar essa parte mais mística, mais emotiva, acho que convivem muito bem perfeitamente, há as duas coisas. Claro que ninguém sabe tudo de tudo, se um pouco de tudo mas, prefiro saber, sei um pouco de tudo, mas prefiro saber um pouco de tudo que muito de uma coisa só e, ainda por cima, não tem piada nem tem interesse, nunca gostei de especialistas. Acho que é muito limitado para uma pessoa.

- *Hã, hã.*

- É isso que eu ia dizer, o meu pai, por exemplo, se ficar em casa, se ele ficar em casa fica deprimido, porque ele vive para isto. Agora, se eu tivesse seguido a profissão que eu gostava, provavelmente tinha-me apaixonado pelo meu trabalho. E, não sei, se calhar sim, se calhar, não sei, é difícil dizer. Agora, é muito complicado dizer. Também não sou daqueles que choram nem que atiram a culpa para este ou para aquele. Se a minha vida

está assim a responsabilidade é minha. As decisões, fui eu que as tomei, foram as minhas. Mas também não sou daqueles “ai a minha vida está assim...” Não. Se a minha vida está assim a culpa é minha, com variáveis à volta mas.... Por exemplo, agora a empresa não está a correr muito bem mas, já estou a ver se arranjo uma actividade mais interessante. Mas nunca ponho a culpa nos outros.

- *Neste caso atribui razões, vamos dizer...*

- Não, há contingências... do meu medo sempre fiz escolhas mais óbvias e mais simples, isso provavelmente não é a decisão sábia. Escolhi vir para cá porque havia uma boa oportunidade, havia Portugal, o dinheiro era muito bom na altura e pronto.

- *Foi um momento favorável.*

- Extremamente favorável. Agora é que as coisas estão pior que negras, porque a situação, a situação geral é muito má e, para as pequenas empresas pior ainda. Pouco trabalho, poucos projectos, mas eu vou dar a volta... qualquer dia isto muda, já tenho vários projectos de alternativas. E... eu sou muito optimista, eu penso que as coisas vão correr sempre bem. Exactamente ao contrário da minha mulher; ela vê sempre o copo meio vazio e eu, vejo o copo sempre meio cheio. Ah...

- *Fazem um bom complemento.*

- Sim mas é complicado porque eu não preciso de ser... portanto, não preciso que ninguém me console “ não te preocupes que vai correr tudo bem”. Ela sim. E eu tenho as minhas preocupações e ainda tenho de me preocupar que ela preocupa-se comigo. Isso é complicado às vezes. Ela vê sempre as coisas de uma maneira.... A Cassandra tem esta maldição, ela diz que ninguém liga e depois as coisas acontecem como ela diz. É uma maldição. Ela vê longe. Se eu fizesse as coisas como ela dizia e os meus filhos fizessem as coisas que ela lê, as coisas não aconteciam... mas é uma maldição que a Cassandra.... As pessoas não acreditam e depois é verdade, o que ela diz. Ela vê muito bem, é uma inteligência muito positiva, muito realista, tem os pés muito bem assentes na terra, vê as coisas, houve situações em que... mas ela não faz isso por mal, ela simplesmente diz que esta actividade não vai bem e, depois, acontece isto ou aquilo e se correr mal.... E depois acontece mesmo. Não é porque ela diz isso, é só porque ela vê as coisas com maior lucidez, não sei. Ah... as mulheres são mais racionais, não sei. Eu vejo o copo meio cheio e ela vê o copo meio vazio, está bom. E os filhos, ah... É a mesma coisa.

- *O que é que em Portugal e nos portugueses o desgosta? Em que é que tem dificuldade em lidar com os portugueses?*

- Quero começar por dizer que eu gosto. Quer dizer, quando eu vou... porque eu ainda considero Itália.... Enfim, entre aspas, o mau país de origem, não sei, se bem que ao fim destes anos todos. Gosto de ver as coisas positivas. Gosto de provar a cozinha, gosto de ver coisas bonitas, gosto de conhecer as pessoas, de visitar os museus, enfim, duma série de coisas, pronto. Gosto, gosto e... e tento tirar proveito do que o país oferece. Agora, também tenho de dizer isto, eu vivo aqui há tanto tempo que sinto-me quase no direito, de ser crítico em certos aspectos.

- *Mas... é preciso ser português, para ter o direito de ser mal de Portugal?*

- Não, não é preciso ser português, mas tenho sempre medo que isso possa ser mal interpretado porque... os portugueses são os primeiros que se arrojam no direito de dizer mal de Portugal, e dos portugueses, mas eu não sou e as pessoas podem dizer o quê? Volta para a tua terra e isso eu não quero. Ah... se bem que a esmagadora maiorias dos meus amigos portugueses são hipercríticos em relação a muita coisa. Em relação a muita coisa; em relação à política, em relação à sociedade, em relação a muita coisa.

- *Sente-se... constrangido?*

- Sinto-me um bocadinho um clone, mas com os meus amigos falo muito mal daquilo que não gosto. É assim quando uma pessoa gosta de alguém, dum país, dum terra, acho que tem mesmo a obrigação de ser crítico. É pela crítica que as coisas melhoram. Claro que uma crítica construtiva, não é só dizer mal pela crítica e pelo gosto e, aí de quem fala mal de Portugal, aí de quem. Mas claro que há coisas que me desgostam, há coisas que me irritam profundamente. A falta de auto-estima que os portugueses têm que é uma coisa que me irrita profundamente, que me irrita profundamente, não sei porquê.

- *Não sabe porquê.*

- Não sei. Também vocês foram uma ilha durante muitos anos e agora, já não é assim. Vocês pertencem à Europa, são inteligentes, é uma terra linda, não sei o quê. Pronto, não são produtivos, há um nível de iliteracia, é uma coisa pavorosa, mas são coisas que conseguem melhorar. É preciso é vontade política. Há muita coisa que não está bem mas, também há muita coisa que não está bem em Itália. Só que aí as pessoas arregaçam as mangas e trabalham. Não se pode viver à custa da Comunidade, nem se pode viver à

custa de subsídios do Estado. As pessoas têm de trabalhar. Eu também sou... tenho os pés no chão, as coisas não acontecem sozinhas, as pessoas têm de fazer alguma coisa, tem que se produzir.

- Portanto, acha os portugueses um pouco passivos.

- Muito passivos, extremamente passivos e irrita-me, choca-me. É um país pequenino, não há dúvidas nenhuma mas não é uma desculpa. Há países muito mais pequenos e muito mais ricos. Não tem nada a ver. Portugal ainda fala dos Descobrimentos. Deixa lá a porcaria dos Descobrimentos. Estamos no século XXI, por amor de Deus, há muito pela frente. O Vasco da Gama... há muito pela frente, quem é que olha para a frente deixa a história. Não pode ser, não pode ser.

- E o que sente... a sua maior dificuldade é lidar com essa passividade?

- Sim, sim, sim. A passividade das pessoas. Trabalho muito com empresas públicas e então a qualidade das empresas públicas... é uma coisa, não do século passado mas do anterior ainda, porque tratam as pessoas com condescendência, quer dizer, os funcionários públicos, hoje, ainda têm uma mentalidade como se, o povo, fosse lá para os servir. Não, não, os funcionários recebem um ordenado chorudo no fim do mês porque há contribuintes que tiram do próprio bolso para pagar ao Estado e o Estado gasta 80% das receitas para pagar aos funcionários públicos que tratam mal o povo, isto não pode ser, tratam as pessoas que se dirigem a eles mal, Eles estão ali para servir as pessoas. Assim não funciona. Isto não pode ser, qualquer dia rebenta. O serviço é mau, as pessoas são tratadas abaixo de cão, nós pagamos impostos... eu digo nós porque eu também pago, agora satisfações... isto não pode funcionar assim e a função pública ainda trata as pessoas que se dirigem a elas muito mal, não funciona. Aí é uma questão política, não há nada a fazer. Agora não sei se as coisas vão mudar ou não. Eu não sou muito optimista, nesse aspecto. Espero sempre que sim, mas enfim... pior do que estava... não pode ser, vamos ver... pequeninos passos... mas não há muito tempo a perder, percebe? Portugal está tão atrasado em relação ao resto da Europa que não se pode dar ao luxo de estar aí à espera. Fazer muitos discursos, muita filosofia... É preciso fazer, projectos, programas, mas resolver este problema assim, aquele assado.

- Portanto, acha duma maneira geral, os portugueses pouco virados para a acção...

- Duma maneira geral não, porque, é verdade que os meus amigos, as pessoas que eu conheço, não são assim.

- *E são portugueses...*

- E por acaso são portugueses. E são portugueses, mas são muito poucos... as pessoas com quem eu lido. No âmbito social, infelizmente, muitos são assim e, interesse-me pela política. Interesse-me pela política que não me merece nenhum respeito mas, de qualquer maneira é um mal necessário, é mesmo necessário que cuidem da coisa pública, como se dizia antigamente “a coisa pública”. Agora, seriedade, há pouca, mas isso acho que é um mal dos políticos, não é dos portugueses em particular.

- *De todos.*

- Sim, sim, os políticos portugueses não são pior que os políticos italianos ou, não são seguramente pior que os franceses. Agora que, no meio do rebanho há pessoas com grande qualidade, há mas para fazer política, suponho... tenho essa ideia de que é, seja necessário chegar a certos compromissos, senão, não se faz política ou não se pertence ao grupo. Infelizmente certos compromissos são contra as nossas convicções. Eu nunca poderia fazer isso por exemplo. E assim as coisas não avançam.

- *Acha que os políticos, duma certa maneira abdicam dos seus princípios e convicções, para entrar em compromissos e consensos.*

- Sim, sim. Eu diria, é isso mesmo, essa, é a perfeita síntese do que eu disse, abdicam dos seus princípios mas agora os honestos chegam ao ponto...

- *E acha isso... uma desonestidade.*

- É a pior das desonestidades. Sim porque não há nada pior que a hipocrisia, ou seja uma pessoa que não é intelectualmente honesta, abdicar dos seus princípios para fins que são, ainda por cima, coisas que são prejudiciais para a comunidade, não há coisa pior. A honestidade intelectual, deve ser uma virtude, é uma qualidade fundamental num político.

- *Que característica é que sente que tem mais próxima dos portugueses e dos italianos?*

- Essa é uma boa pergunta. Porque é simples, os franceses, não os conheço.

- *Ai não os conhece?*

- Não, eu não conheço nada dos franceses, muito pouco. O meu conhecimento dos franceses limita-se aos meus professores do Liceu Francês e um colega da adolescência e depois há outro colega que eu conheci em Itália... mas o meu conhecimento é da cultura

francesa. Agora os portugueses, é outra conversa; são muito, muito parecidos com os italianos... e vice-versa, do que com os espanhóis. Os portugueses, muito mais... eu gosto... embora sejam ibéricos, embora tenham tido influência. É curioso como em muitas coisas, as coisas se assemelham. Enfim... a primeira coisa que me vem à cabeça é o culto da comida; da culinária, o gosto do convívio.

- *Acha os portugueses e os italianos muito próximos na comida.*

- Sim e, mais importante que isso, é o culto da família, os portugueses têm o culto da família como os italianos e isso é uma coisa que nos aproxima muito. Mas, há coisas mais subtis mas é difícil de descrevê-las mas de qualquer maneira eu aqui, sinto-me em casa. E noutros países onde me muito bem, não me sinto tão à vontade, mas isso também tem haver com os anos que vivi aqui...

- *E as diferenças... entre os portugueses e italianos? O que é que mais os distancia?*

- Os italianos fazem, trabalham, arregaçam as mangas e trabalham, por isso Itália funciona na alta esfera política. Sinto-me distante dos portugueses porque eu vivi em Portugal na minha adolescência numa escola que não era portuguesa, não tinha colegas portugueses... não tive esse convívio e, por outro lado, nos anos da Universidade, estava em Milão, portanto os meus filhos não, é diferente, eles viveram toda a adolescência em Portugal, um contínuo de convivência... para mim não aconteceu isto, eles identificam-se mais, têm um grupo de amigos portugueses, eu não. Estou sempre no limiar, não me sinto completamente integrado... coisas objectivas; Liceu Francês, faculdade em Milão. Dum ponto de vista intelectual será isso agora.

- *Tem dificuldade em lidar com os portugueses?*

- Não, nenhuma.

- *E com os italianos?*

- Também não. Não tenho dificuldade em lidar com ninguém. Só tenho dificuldade em lidar com as pessoas pouco inteligentes, isso é que me irrita imenso mas isso não tem nada haver com a nacionalidade. E, não estou a falar de pessoas que pessoas que não são educadas, não tem nada a haver, uma pessoa pode ser inteligente e não ser educada. E, também há pessoas que não são inteligentes, nasceram assim, têm essa limitação, pronto. Agora o que irrita são as...arrogantes, parecerem o que não são. O que me irrita profundamente é serem o que não são.

- Independentemente de qualquer nacionalidade.

Como dizia Einstein, ele, Einstein dizia: “ Há duas coisas infinitas; o universo e a estupidez humana.” E eu não tenho a certeza da primeira, mas da segunda concordo; a estupidez humana é ilimitada, de certeza absoluta.

Segunda entrevista

- Gostaria de voltar à sua decisão de ir para a faculdade em Milão.

- O provisor propôs-me ir para Paris, era preciso uma média alta, que não era o problema, não era isso que estava em causa mas como só havia uma vaga para recomendar... apareceu um português brilhante e como o Liceu Francês é em Lisboa o provisor chamou-me e disse-me que ia recomendá-lo. Merecido porque ele de facto era brilhante. Já tinha decidido para Engenharia.

- E porque não fazer aqui?

- O técnico era uma escola boa, faculdade boa na Engenharia Civil, coisa que não me interessava. O que eu queria fazer é o que hoje se chama Engenharia Informática mas naquela altura não existia. Escolhi Engenharia Electrónica mas depois, depois passei para Mecânica.

- Custou-lhe ir para Milão?

- Custou-me imenso. Família, amigos e, nunca tinha vivido sozinho, nunca tinha estudado em italiano, estudava em livros franceses. Mas também alívio, pelas discussões familiares, falta de afecto dos meus pais e, em consequência disso, discutiam.

- Reviu amigos de infância?

- Não, cada um fez o seu percurso. Só um, mas na altura ele estava nos E.U. a fazer a faculdade.

- E a decisão de ir para o México?

- A decisão de ir para o México foi um bocadinho forçada. A companhia do meu pai, multinacional, disse que logo que eu acabasse o curso ía trabalhar para lá mas, só que tinha de ir para o México. Achei interessante a minha mulher nasceu na América Latina, percebia espanhol.

- A sua mulher trabalhava?

- Não. Ela tinha acabado o Bac. Ela nunca trabalhou....
- *E a aprendizagem da língua?*
- Foi por osmose. Como tudo não sei bem como explicar... os amigos, as leituras, a TV.
- *Durante todo o Liceu Francês, em casa falava italiano e no liceu, francês... Teve dificuldades?*
- Não tinha dificuldades nenhuma. No México, ao fim de 2 anos passava por mexicano. É sem esforço, consigo imitar os sons, os acentos.
- *Os seus filhos, que nacionalidade têm?*
- São italianos. O Sérgio nasceu no México mas pronto.
- *Ele tem o direito de ter a nacionalidade mexicana?*
- Sim, acho que sim, mas pronto, de qualquer maneira não faz intenção disso e a Sara nasceu em Milão.
- *Não são portugueses?*
- Não.
- *Nem querem ser...*
- É uma hipótese que nunca...nunca se...
- *Colocou.*
- Se colocou. Parece que os lugares na administração pública...
- *É preciso ter a nacionalidade portuguesa.*
- Sim, acho que sim. Por exemplo se a Sara casar com um rapaz português tem direito à nacionalidade. Não serve para nada mas pronto. A nacionalidade não serve de muito é mais importante a cultura.
- *Sente e apesar de tudo, um bem-estar na sua vida... a que é atribui isso?*
- Sou fundamentalmente muito optimista. Isso é... é muito prejudicial às vezes, penso eu, porque as coisas podem não correr muito bem. Tenho a sensação às vezes... que nunca havia meio-termo. Agora, justamente este é um período muito mau para o meu trabalho; estou a ganhar menos dinheiro do que ganhava antigamente. As coisas estão mesmo muito mal. Estou a tentar arranjar outro emprego. Eu sou patrão desta empresa mas tenho de arranjar outra solução, isto não pode continuar porque as coisas estão mesmo muito mal. É um período mesmo muito negativo, nesse aspecto, profissionalmente.
- *No entanto...*

- No entanto nunca deixo... isso para mim é uma coisa factual, ou seja, não digo que um fait divers, não é isso que eu quero dizer.

- *É transitório.*

- Sim, é transitório, porque eu sei que as coisas vão melhorar. É uma convicção perfeitamente estúpida, não está baseado em nada. Mas, tenho uma convicção que as coisas vão melhorar até porque isso, eu acredito mesmo que seja; perda de energia, inútil estar a chorar sobre o leite derramado. A energia é para projectar coisas novas, para tentar resolver os problemas e, sobretudo também em casa que estou deprimido, eles sabem, para não dar a sensação que estou a atravessar um período complicado e depois a minha mulher... não é uma pessoa sobre a qual eu me possa apoiar e portanto ainda tenho de me preocupar com ela para ela não se preocupar.

- *Complicado.*

- Um bocadinho complicado. Não é que a minha mulher seja emotiva, é racional mas, para esta situação é complicado. Ela preocupa-se, não é... é uma preocupação real, não é uma preocupação existencial. Aqui estamos a falar que tem de haver dinheiro para viver e portanto é uma preocupação real e, às vezes não tenho palavras certas para lhe dar; as novidades, as coisas novas, oportunidades, Não posso também ah.... Chorar.... Se são os dois a chorar... não funciona. Alguém tem de continuar para isto ir para a frente.

- *Que características suas é que acha que lhe dão essa força?*

- Desespero... não. Como lhe digo um grande optimismo, mesmo em relação a situações mais complicadas.

- *Acha que é o optimismo.*

- É um bocadinho isso... e, a convicção que vou conseguir dar a volta às coisas. Provavelmente as coisas vão melhorar, não sei quando mas, as coisas vão melhorar mas não sei quando. Não é uma convicção, sei que as coisas vão melhorar, é mais uma esperança. Até agora as coisas têm-me corrido bem, não posso ser fatalista. Não posso atirar-me da janela porque as coisas não correm bem. Não é comigo, não sou assim.

- *Teve alguma vez algum problema de saúde física?*

- Tive eczemas. Fiquei com a pele, não vermelha nem com borbulhas mas fiquei cheio de comichões.

- *Quantas vezes...? É que lhe aconteceu?*

- Aconteceu-me umas 4 ou 5 vezes. Isso acontece quando eu estou muito stressado. Coincide sempre. O médico, dermatologista disse-me que era uma coisa psicossomática?

- *Alguma vez recorreu a um técnico de saúde mental?*

- Não. Se quiser, nunca tive um sofrimento que fosse... que não conseguisse viver com isso. De modo que nunca fui.

3. TAT

Os dados apontam para um funcionamento psíquico de uma organização limite neurótica. As insuficiências narcísicas e as problemáticas que daí advêm; imagem do Eu fragilizada, interdições super-egoícas arcaicas e mecanismos de defesa primitivos, (projectão e negação) são alterados com mecanismos de defesa neuróticos, sendo a castração, um exemplo.

Prancha 2

Esta senhora, aqui ao pé da árvore, é a mãe desta menina que está apaixonada pelo rapaz e que, gostava de ficar na terra para fazer a vida da mãe dela mas, como a mãe tem uma vida bastante infeliz, obriga-a a ir para a escola estudar e, então, porque é que ela tem essa cara? Ela diz: “vou fazer o meu dever mas o que eu gostava mesmo, era de ficar aqui com o meu José e, se calhar, a vida da mãe não era assim tão má como isso.

Nesta prancha a problemática narcísica e depressiva, manifesta-se nos afectos depressivos que emergem da castração da realização dos desejos, posteriormente resolvida com uma negação. O conflito intrapsíquico situa-se entre o desejo e as interdições impostas pela figura materna. A pseudo triangulação revela ainda um processo identitário instável onde a diferença de gerações não é percebida.

Prancha 3RH

É uma desgraçada de uma mulher que recebeu uma sova do marido e não sabia como é que se há-de virar... não sei... não sei. É uma mulher de certeza. E, o sofrimento, só pode ser causado pela maldade de um homem.

O reenvio à posição depressiva não está ligada a uma representação da perda do objecto e, embora os afectos depressivos sejam reconhecidos, a associação é feita ao redor de afectos agressivos que a representação masculina desencadeia. A ambiguidade da personagem ao desencadear processos identificatórios, manifesta uma representação narcísica de Eu fragilizada e geradores de impotência, nos seus fundamentos femininos.

4. Análise de conteúdo

4.1 - Indicadores da capacidade de mudança psíquica

Categoria 1	Discriminação adequada entre os dois países.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - <i>Era para si evidente, as diferenças e semelhanças dos outros?</i> - Isso sempre me fascinou, quando eu viajo fico a olhar, a ouvir, gosto muito de ouvir, gosto de me ouvir falar, também de falar, mas gosto sobretudo de ouvir, de ver como é que as pessoas reagem, como ouvem, como se deslocam, como é que se vestem e o que é que fazem. E isso era uma coisa interessantíssima porque havia um leque enorme de culturas. Mas não sou só eu que partilho desta experiência, todos os meus ex-colegas do Liceu Francês partilham o mesmo património. É um património que nós temos, que existe, uma abertura muito grande para o que é diferente. É uma grande lição. E o colégio imprimiu isso, uma abertura para o que é diferente. Não duma maneira óbvia mas por inerência. A cultura era francesa, e eles tentavam impingir-nos que a cultura francesa é que é... e de facto, a França é um grande país, tem uma grande cultura, tem uma grande tradição cultural, tem uma tradição científica. Mas, o mais importante é que nós éramos uma pequena comunidade, uma pequena comunidade europeia, digamos, uma CEE. Sem querer nós constituíamo-nos um núcleo diferenciado de pessoas, e isso é muito enriquecedor para qualquer pessoa. Em vez de viajar, tínhamos muito perto de nós a possibilidade de conviver com pessoas de culturas, religiões diferentes e acho que foi excelente. Extracto 2 - <i>Não houve nenhuma relação afectiva onde isso circulasse... o conhecimento do que é Portugal?</i> - Havia. Eu tive imensa sorte porque vivi num período fantástico; os anos 60, que é um choque difícil. Repetir as décadas das grandes mudanças sociais na Europa. O 68 foi o ano marcante dos anos 60 e no fim, com 17 ou 18 anos, um bocadinho por moda, um bocadinho por ideais, a partir da altura que sentíamos que tinhas que ter uma consciência política social, formamos grupos de discussão e reuníamos-nos em casa de um ou de outro para lermos os livros que são proibidos, falarmos mal do governo, da PIDE e tal...éramos todos de esquerda e tal... e tive o privilégio de conhecer imensa gente sonante, que nessa altura eram liberais, democráticos. - <i>Portugueses?</i> - Sim, portugueses.

Extracto 3

- Depois de tantos anos, de sair de Portugal, Portugal é o único país do mundo do qual eu tive saudades. Gosto de Itália, gosto de ir a Itália mas quando eu estou fora de Portugal, é diferente... sinto uma espécie de dor física, porque ... sei lá. Digo a mim mesmo que é meu, eu sei que não é meu, é meu direito de gostar de Portugal. Quando uma pessoa gosta de uma coisa, tem direito de gostar e ninguém pode impedir de gostar, tem o direito de gostar de Portugal. Muita gente em Itália tem a mesma experiência. Há pessoas que são apaixonadas por Itália, eu percebo isso. Itália é um país fantástico, lindo, tem tudo e mais alguma coisa mas apaixonar é assim, é assim...pronto.

Extracto 4

- *O que é que em Portugal e nos portugueses o desgosta? Em que é que tem dificuldade em lidar com os portugueses?*

- Quero começar por dizer que eu gosto. Quer dizer, quando eu vou... porque eu ainda considero Itália.... Enfim, entre aspas, o mau país de origem, não sei, se bem que ao fim destes anos todos. Gosto de ver as coisas positivas. Gosto de provar a cozinha, gosto de ver coisas bonitas, gosto de conhecer as pessoas, de visitar os museus, enfim, duma série de coisas, pronto. Gosto, gosto e... e tento tirar proveito do que o país oferece. Agora, também tenho de dizer isto, eu vivo aqui há tanto tempo que sinto-me quase no direito, de ser crítico em certos aspectos.

- *Mas... é preciso ser português, para ter o direito de ser mal de Portugal?*

- Não, não é preciso ser português, mas tenho sempre medo que isso possa ser mal interpretado porque... os portugueses são os primeiros que se arrojam no direito de dizer mal de Portugal, e dos portugueses, mas eu não sou, e as pessoas podem dizer o quê? Volta para a tua terra e isso eu não quero. Ah... se bem que a esmagadora maioria dos meus amigos portugueses são hipercríticos em relação a muita coisa. Em relação a muita coisa; em relação à política, em relação à sociedade, em relação a muita coisa.

- *Sente-se... constrangido?*

- Sinto-me um bocadinho um clone, mas com os meus amigos falo muito mal daquilo que não gosto. É assim quando uma pessoa gosta de alguém, dum país, duma terra, acho que tem mesmo a obrigação de ser crítico. É pela crítica que as coisas melhoram. Claro que uma crítica construtiva, não é só dizer mal pela crítica e pelo gosto e, aí de quem fala mal de Portugal, aí de quem. Mas claro que há coisas que me desgostam, há coisas que me irritam profundamente. A falta de auto-estima que os portugueses têm que é uma coisa que me irrita profundamente, que me irrita profundamente, não sei porquê.

- *Não sabe porquê.*

- Não sei. Também vocês foram uma ilha durante muitos anos e agora, já não é assim. Vocês pertencem à Europa, são inteligentes, é uma terra linda, não sei o quê. Pronto, não são produtivos, há um nível de

iliteracia, é uma coisa pavorosa, mas são coisas que conseguem melhorar. É preciso é vontade política. Há muita coisa que não está bem mas, também há muita coisa que não está bem em Itália. Só que aí as pessoas arregaçam as mangas e trabalham. Não se pode viver à custa da Comunidade, nem se pode viver à custa de subsídios do Estado. As pessoas têm de trabalhar. Eu também sou... tenho os pés no chão, as coisas não acontecem sozinhas, as pessoas têm de fazer alguma coisa, tem que se produzir.

- *Portanto, acha os portugueses um pouco passivos.*

- Muito passivos, extremamente passivos e irrita-me, choca-me. É um país pequenino, não há dúvidas nenhuma mas não é uma desculpa. Há países muito mais pequenos e muito mais ricos. Não tem nada a ver. Portugal ainda fala dos Descobrimentos. Deixa lá a porcaria dos Descobrimentos. Estamos no século XXI, por amor de Deus, há muito pela frente. O Vasco da Gama... há muito pela frente, quem é que olha para a frente deixa a história. Não pode ser, não pode ser.

Extracto 5

- *Que característica é que sente que tem mais próxima dos portugueses e dos italianos?*

- Essa é uma boa pergunta. Porque é simples, os franceses, não os conheço.

- *Ai não os conhece?*

- Não, eu não conheço nada dos franceses, muito pouco. O meu conhecimento dos franceses limita-se aos meus professores do Liceu Francês e um colega da adolescência e depois há outro colega que eu conheci em Itália... mas o meu conhecimento é da cultura francesa. Agora os portugueses... é outra conversa; são muito, muito parecidos com os italianos... e vice-versa, do que com os espanhóis. Os portugueses, muito mais... eu gosto... embora sejam ibéricos, embora tenham tido influência. É curioso como em muitas coisas, as coisas se assemelham. Enfim... a primeira coisa que me vem à cabeça é o culto da comida; da culinária, o gosto do convívio.

- *Acha os portugueses e os italianos muito próximos na comida.*

- Sim e, mais importante que isso, é o culto da família, os portugueses têm o culto da família como os italianos e isso é uma coisa que nos aproxima muito. Mas, há coisas mais subtis mas é difícil de descrevê-las mas de qualquer maneira eu aqui, sinto-me em casa. E noutros países onde me muito bem, não me sinto tão à vontade, mas isso também tem haver com os anos que vivi aqui...

- *E as diferenças... entre os portugueses e italianos? O que mais os distancia?*

- Os italianos fazem, trabalham, arregaçam as mangas e trabalham, por isso Itália funciona na alta esfera política. Sinto-me distante dos portugueses porque eu vivi em Portugal na minha adolescência numa escola que não era portuguesa, não tinha colegas portugueses... não tive esse convívio e, por outro lado, nos anos da Universidade, estava em

	Milão, portanto os meus filhos não, é diferente, eles viveram toda a adolescência em Portugal, um contínuo de convivência... para mim não aconteceu isto, eles identificam-se mais, têm um grupo de amigos portugueses, eu não. Estou sempre no limiar, não me sinto completamente integrado... coisas objectivas; Liceu Francês, faculdade em Milão. Dum ponto de vista intelectual será isso agora. - <i>Tem dificuldade em lidar com os portugueses?</i> - Não, nenhuma. - <i>E com os italianos?</i> - Também não. Não tenho dificuldade em lidar com ninguém. Só tenho dificuldade em lidar com as pessoas pouco inteligentes, isso é que me irrita imenso mas isso não tem nada haver com a nacionalidade. E, não estou a falar de pessoas que pessoas que não são educadas, não tem nada a haver, uma pessoa pode ser inteligente e não ser educada. E, também há pessoas que não são inteligentes, nasceram assim, têm essa limitação, pronto. Agora o que irrita são as...arrogantes, parecerem o que não são. O que me irrita profundamente é serem o que não são. - <i>Independentemente de qualquer nacionalidade.</i>
Conclusão	<i>O percurso migratório que se iniciou com o seu nascimento, dificultou a construção duma identidade cultural dado que as características das várias culturas, com que teve um contacto estreito, foram integradas ao longo do seu desenvolvimento. As características que o desgostam, ou que até o "irritam imenso", não estão associadas a nenhuma nacionalidade. Num primeiro momento, as diferenças culturais são nomeadas como existentes, mas não discriminadas.</i> <i>Posteriormente, os valores e as normas culturais portuguesas e italianas são sentidos como muito idênticas. No entanto, o Ruggero discrimina adequadamente a sua relação com Portugal e Itália. Mas o pensamento desorganiza-se, tornando a narrativa incoerente, quando o sujeito se reporta à autoridade, acusando uma falha na identidade cultural.</i>
Categoria 2	Planificar estratégias a empregar durante o processo de preparação, realização e adaptação que a migração implica.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - Quando se bate com a porta, faz-se pagar um preço. Eu era mesmo impulsivo, mas eu não saí de lá sem outro emprego, atenção, eu vim de férias para Lisboa sabendo de antemão que me ia embora. Arranjei um emprego aqui e depois fui para lá bater com a porta e vim para cá um ano e depois arranjei um emprego na Itália, voltei para Itália. Não sei porquê, voltei para lá...Ah sim, sei, o chamariz não era Itália, era a empresa. Gostava muito de trabalhar naquela empresa depois..., portanto a ideia era.... Não estava...não era claro... não estava planejado, nunca faço grandes planos na vida... mas tinha a ideia de voltar para Lisboa, gostava dessa ideia. Quando surgiu essa oportunidade voltei. Extracto 2

	As decisões...fui eu que as tomei, foram as minhas. Mas também não sou daqueles “ai a minha vida está assim...” Não. Se a minha vida está assim a culpa é minha, com variáveis à volta mas.... Por exemplo, agora a empresa não está a correr muito bem mas, já estou a ver se arranjo uma actividade mais interessante. Mas nunca ponho a culpa nos outros. - Neste caso atribui razões, vamos dizer... - Não, há contingências... do meu medo sempre fiz escolhas mais óbvias e mais simples, isso provavelmente não é a decisão sábia. Escolhi vir para cá porque havia uma boa oportunidade, havia Portugal, o dinheiro era muito bom na altura e pronto. - Foi um momento favorável. - Extremamente favorável. Agora é que as coisas estão pior que negras, porque a situação, a situação geral é muito má e, para as pequenas empresas pior ainda. Pouco trabalho, poucos projectos, mas eu vou dar a volta... qualquer dia isto muda, já tenho vários projectos de alternativas. E... eu sou muito optimista, eu penso que as coisas vão correr sempre bem. Extracto 3 vim para cá um ano e depois arranjei um emprego na Itália, voltei para Itália. Não sei porquê voltei para lá...Ah sim, sei, o chamariz não era Itália, era a empresa. Gostava muito de trabalhar naquela empresa depois..., portanto a ideia era.... Não estava...não era claro... não estava planejado, nunca faço grandes planos na vida... mas tinha a ideia de voltar para Lisboa, gostava dessa ideia. Quando surgiu essa oportunidade voltei.
Conclusão	<i>Uma vez que primeira emigração foi na infância, e logo não ser pertinente uma planificação, nos movimentos migratórios posteriores houve sempre o planeamento de estratégias embora com uma escassa consciencialização dos motivos e uma negação desse planeamento; “nunca faço planos na vida”.</i>
Categoria 3	Conhecimento das possibilidades e dificuldades inerentes à mudança espacial, horizontal mas também as condições de vida no estatuto (status) social, vertical.
Extracto da entrevista	Extracto 1 Portanto, Portugal significa a reunião da família, começa por aí. - Foi uma coisa muito positiva. - Muito positiva Por um lado, era uma questão de afecto mas também era...era uma questão de sentir igual aos outros. Os outros tinham uma família e eu não. Tinha quando vim para Portugal, ...tinha uma família, pai, tinha uma mãe, tinha um irmão, tinha uma casa, uma família, era igual aos outros. Além disso na escola onde nós fomos, eu adorei, foi o melhor período da minha vida. Extracto 2 - Do México foi para Itália porque foi transferido? - Saí do México porque bati com a porta, bati na mesa e vim para Portugal fazer um ano sabático. Eu bati com a porta porque zanguei-me

	com o patrão da empresa e vim para cá fazer um ano sabático e depois ele tinha uma filial em Itália e quando se bate com a porta há que pagar um preço, embora eu tivesse razão. Era mesmo impulsivo. Bati com a porta e vim para Portugal e vim fazer um ano sabático, trabalhei mas pronto e depois como gostava muito da empresa, era uma filial italiana, fui para Itália e eles depois admitiram-me outra vez, fizeram-me pagar o preço. - Fizeram-no pagar caro o preço...? - Quando se bate com a porta, faz-se pagar um preço. Eu era mesmo impulsivo mas, eu não saí de lá sem outro emprego, atenção, eu vim de férias para Lisboa sabendo de antemão que me ia embora. Arranjei um emprego aqui e depois fui para lá bater com a porta e vim para cá um ano e depois arranjei um emprego na Itália, voltei para Itália. Não sei porquê voltei para lá...Ah sim, sei, o chamariz não era Itália, era a empresa. Gostava muito de trabalhar naquela empresa depois..., portanto a ideia era.... Não estava...não era claro... não estava planeado, nunca faço grandes planos na vida... mas tinha a ideia de voltar para Lisboa, gostava dessa ideia. Quando surgiu essa oportunidade voltei.
Conclusão	<i>Ambos os extractos demonstram um conhecimento e consideração dos benefícios, das dificuldades e dos custos inerentes às mudanças.</i>
Categoria 4	Considerar os benefícios a obter e as perdas integradas em pós-ambivalência.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - <i>Nessa altura, nesse período, em relação a Itália..., teve nostalgia de Itália?</i> - Não, Não tinha deixado nada, a minha família era aqui e foi aqui que se constituiu, na Itália não tinha família - <i>E a família alargada?</i> - Tenho, tenho mas é diferente. Há necessidades primárias e há umas secundárias; há primeiro a família núcleo e isso não tinha e era tão feliz de ter aquilo que nem me lembrava dos tios, os primos.
Conclusão	<i>O Ruggero considera os benefícios que obteve nos movimentos migratórios embora as perdas sejam negadas e/ou desvalorizadas sem haver uma integração.</i>
Categoria 5	Valorização das características e possibilidades pessoais para enfrentar o processo.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - <i>Que características suas é que acha que lhe dão essa força?</i> - Desespero... não. Como lhe digo um grande optimismo, mesmo em relação a situações mais complicadas. - <i>Acha que é o optimismo.</i> - É um bocadinho isso... e, a convicção que vou conseguir dar a volta às coisas. Provavelmente as coisas vão melhorar, não sei quando mas, as coisas vão melhorar mas não sei quando. Não é uma convicção, sei que as coisas vão melhorar, é mais uma esperança. Até agora as coisas têm-

	me corrido bem, não posso ser fatalista. Não posso atirar-me da janela porque as coisas não correm bem. Não é comigo, não sou assim.
Conclusão	<i>Embora haja uma valorização da sua capacidade de ser optimista, esta característica é gatilhada pelo desespero. Por outro lado, o Ruggero não considera as características que possui e que o capacitam para enfrentar mudanças. Refiro-me aqui aos aspectos profissionais; a sua formação escolar e, principalmente, à sua aptidão linguística, claramente superior.</i>
Categoria 6	Memória de evocação. Capacidade de recorrer à recordação dos processos de luto sofridos e da reacção perante os mesmos sem negação.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - Arranjei um emprego aqui e depois fui para lá bater com a porta e vim para cá um ano e depois arranjei um emprego na Itália, voltei para Itália. Não sei porquê voltei para lá... Ah sim, sei, o chamariz não era Itália, era a empresa. Gostava muito de trabalhar naquela empresa depois..., portanto a ideia era.... Não estava... não era claro... não estava planejado, nunca faço grandes planos na vida... mas tinha a ideia de voltar para Lisboa, gostava dessa ideia. Quando surgiu essa oportunidade voltei.
Conclusão	<i>Memória de evocação com elementos dissociados.</i>
Categoria 7	Poder pensar para transladar à acção as ambições que devem ser reconhecidas e aceites.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - A vida é lá fora, por amor de Deus! Eu trabalho porque preciso de dinheiro porque se eu... Bom, vamos lá ver uma coisa, porque se eu... tenho uma razão muito concreta... eu queria ser médico; a minha vocação. Eu nasci para ser médico desde sempre. Pronto, mas os meus pais convenceram-me para ir para engenheiro, como era muito bom na escola e podia ir para qualquer coisa... bom lá fui... mas que gostava, gostava. Não é nada disto que eu queria fazer, eu queria mesmo ser médico, porque.... é isso que eu gostava e não há nada a fazer. Aliás, eu tinha pensado, quando tinha os meus trinta e poucos anos, que se tivesse dinheiro largava isto e formava-me em medicina. Não era uma tragédia, mas pronto, estava convencido que era bom, desisti desse projecto.
Conclusão	<i>A possibilidade de pensar e reconhecer desejos e ambições, não fez com que o Ruggero os tivesse conseguido transladá-los à acção.</i>

4.2 – Processo de individuação na migração

Categoria 1	Do amor ou ódio à ambivalência.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - O que é que em Portugal e nos portugueses o desgosta? Em que é que tem dificuldade em lidar com os portugueses?

- Quero começar por dizer que eu gosto. Quer dizer, quando eu vou... porque eu ainda considero Itália.... Enfim, entre aspas, o mau país de origem, não sei, se bem que ao fim destes anos todos. Gosto de ver as coisas positivas. Gosto de provar a cozinha, gosto de ver coisas bonitas, gosto de conhecer as pessoas, de visitar os museus, enfim, duma série de coisas, pronto. Gosto, gosto e... e tento tirar proveito do que o país oferece. Agora, também tenho de dizer isto, eu vivo aqui há tanto tempo que sinto-me quase no direito, de ser crítico em certos aspectos.

- *Mas... é preciso ser português, para ter o direito de ser mal de Portugal?*

- Não, não é preciso ser português, mas tenho sempre medo que isso possa ser mal interpretado porque... os portugueses são os primeiros que se arrojam no direito de dizer mal de Portugal, e dos portugueses, mas eu não sou e as pessoas podem dizer o quê? Volta para a tua terra e isso eu não quero. Ah... se bem que a esmagadora maiorias dos meus amigos portugueses são hipercríticos em relação a muita coisa. Em relação a muita coisa; em relação à política, em relação à sociedade, em relação a muita coisa.

- *Sente-se... constrangido?*

- Sinto-me um bocadinho um clone, mas com os meus amigos falo muito mal daquilo que não gosto. É assim quando uma pessoa gosta de alguém, dum país, duma terra, acho que tem mesmo a obrigação de ser crítico. É pela crítica que as coisas melhoram. Claro que uma crítica construtiva, não é só dizer mal pela crítica e pelo gosto e, aí de quem fala mal de Portugal, aí de quem. Mas claro que há coisas que me desgostam, há coisas que me irritam profundamente. A falta de auto-estima que os portugueses têm que é uma coisa que me irrita profundamente, que me irrita profundamente, não sei porquê.

- *Não sabe porquê.*

- Não sei. Também vocês foram uma ilha durante muitos anos e agora, já não é assim. Vocês pertencem à Europa, são inteligentes, é uma terra linda, não sei o quê. Pronto, não são produtivos, há um nível de iliteracia, é uma coisa pavorosa, mas são coisas que conseguem melhorar. É preciso é vontade política. Há muita coisa que não está bem mas, também há muita coisa que não está bem em Itália. Só que aí as pessoas arregaçam as mangas e trabalham. Não se pode viver à custa da Comunidade, nem se pode viver à custa de subsídios do Estado. As pessoas têm de trabalhar. Eu também sou... tenho os pés no chão, as coisas não acontecem sozinhas, as pessoas têm de fazer alguma coisa, tem que se produzir.

- *Portanto, acha os portugueses um pouco passivos.*

- Muito passivos, extremamente passivos e irrita-me, choca-me. É um país pequenino, não há dúvidas nenhuma mas não é uma desculpa. Há países muito mais pequenos e muito mais ricos. Não tem nada a ver. Portugal ainda fala dos Descobrimentos. Deixa lá a porcaria dos Descobrimentos. Estamos no século XXI, por amor de Deus, há muito

	pela frente. O Vasco da Gama... há muito pela frente, quem é que olha para a frente deixa a história. Não pode ser, não pode ser.
Conclusão	<i>A aceitação de aspectos positivos e negativos de Portugal, e dos portugueses, esconde uma posição mais primitiva onde o amor idealizado (saudades que provocam uma dor física) coexiste com uma agressividade destrutiva (medo de ser expulso). A oscilação entre o amor e o ódio (irrita-me imenso) é mascarada por uma ambivalência racionalizada.</i>
Categoria 2	Da proximidade e distancia à distancia óptima.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - Há necessidades primárias e há umas secundárias; há primeiro a família núcleo e isso não tinha e era tão feliz de ter aquilo que nem me lembrava dos tios, os primos. Íamos todos os anos a Itália ver. - <i>Mas não era relevante...</i> - Se não fosse, não era importante. Eu quando ia para Itália, tinha era saudades de voltar para cá. Era aqui que era a minha família, a minha escola, os meus amigos. Adoptei Portugal como... digamos, minha toca, refúgio. Itália sim, é bonita, tem coisas fantásticas mas não tem nada haver. - <i>Não tem nada haver com quê? (Pausa) Com as coisas de ... com casa?</i> - Sim. Naquela altura é a coisa mais importante para mim, não é num sentido físico mas no sentido de família. Se tivéssemos sido transferidos para a Bélgica ou para Angola, teria sido aí.
Conclusão	<i>O contacto com o país de origem é mantido, tanto nas visitas anuais a Itália como no uso da língua italiana em casa, telefonemas, etc. manifestando que uma distância óptima foi alcançada.</i>
Categoria 3	Do ontem ou amanhã ao hoje.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - <i>Não houve nenhuma relação afectiva onde isso circulasse... o conhecimento do que é que é Portugal?</i> - Havia. Eu tive imensa sorte porque vivi num período fantástico; os anos 60, que é um choque difícil. Repetir as décadas das grandes mudanças sociais na Europa. O 68 foi o ano marcante dos anos 60 e no fim, com 17 ou 18 anos, um bocadinho por moda, um bocadinho por ideais, a partir da altura que sentíamos que tinhas que ter uma consciência política social, formamos grupos de discussão e reuníamo-nos em casa de um ou de outro para lermos os livros que são proibidos, falarmos mal do governo, da PIDE e tal...éramos todos de esquerda e tal... e tive o privilégio de conhecer imensa gente sonante, que nessa altura eram liberais, democráticos. - Portugueses? - Sim, portugueses. - Portugueses, reuníamo-nos na casa do Marquês de Fronteira, que era meio-irmão do meu colega. Período fantástico, era muito romântico. Paradigmático; os revolucionários em França aliaram-se aos operários, China, Japão... deram-se as maiores transformações. Se calhar aos 18

	anos somos todos, revolucionários, poetas, do contra, de uma maneira ou doutra, mas acho que não era isso... tínhamos sonhos. Os sonhos... não se pode impedir uma pessoa de sonhar. Foi o melhor período da minha vida, foi o período de 60 até 69, o melhor período da minha vida por muitas razões; foi um período intelectual, intelectualmente fui muito activo, eu queria saber tudo e tudo; eu consegui os meus melhores amigos, que ainda hoje frequento, e eu me dou perfeitamente bem, os da adolescência, já há namoro. Foi um período fantástico, depois ficamos... É um período de calma, vemos as nuvens mas já não os bonecos nas nuvens, vai-se ficando mais terra a terra, menos... mais materialistas. Foi uma altura fantástica e portanto Portugal era isso. Extracto 2 As decisões, fui eu que as tomei, foram as minhas. Mas também não sou daqueles “ai a minha vida está assim...” Não. Se a minha vida está assim a culpa é minha, com variáveis à volta mas.... Por exemplo, agora a empresa não está a correr muito bem mas, já estou a ver se arranjo uma actividade mais interessante. Mas nunca ponho a culpa nos outros. - Neste caso atribui razões, vamos dizer... - Não, há contingências... do meu medo sempre fiz escolhas mais óbvias e mais simples, isso provavelmente não é a decisão sábia. Escolhi vir para cá porque havia uma boa oportunidade, havia Portugal, o dinheiro era muito bom na altura e pronto. - Foi um momento favorável. - Extremamente favorável. Agora é que as coisas estão pior que negras, porque a situação, a situação geral é muito má e, para as pequenas empresas pior ainda. Pouco trabalho, poucos projectos, mas eu vou dar a volta... qualquer dia isto muda, já tenho vários projectos de alternativas. E... eu sou muito optimista, eu penso que as coisas vão correr sempre bem.
Conclusão	<i>Nestes extractos, a idealização da adolescência, sentida como “Período fantástico” fixou-o num funcionamento desta fase da sua vida, sem no entanto bloquear ou inibir as acções actuais: o Ruggero demonstra uma capacidade de ter actualmente projectos para o futuro e superar as dificuldades que está a atravessar.</i>
Categoria	Do meu e teu ao nosso.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - Depois de tantos anos, de sair de Portugal, Portugal é o único país do mundo do qual eu tive saudades. Gosto de Itália, gosto de ir a Itália mas quando eu estou fora de Portugal, é diferente... sinto uma espécie de dor física, porque ... sei lá. Digo a mim mesmo que é meu, eu sei que não é meu, é meu direito de gostar de Portugal. Quando uma pessoa gosta de uma coisa, tem direito de gostar e ninguém pode impedir de gostar, tem o direito de gostar de Portugal. Muita gente em Itália tem a mesma experiência. Há pessoas que são apaixonadas por Itália, eu percebo isso. Itália é um país fantástico, lindo, tem tudo e mais alguma coisa mas apaixonar é assim, é assim... pronto.

	Extracto 2 - <i>O que é que em Portugal e nos portugueses o desgosta? Em que é que tem dificuldade em lidar com os portugueses?</i> - Quero começar por dizer que eu gosto. Quer dizer, quando eu vou... porque eu ainda considero Itália.... Enfim, entre aspas, o mau país de origem, não sei, se bem que ao fim destes anos todos. Gosto de ver as coisas positivas. Gosto de provar a cozinha, gosto de ver coisas bonitas, gosto de conhecer as pessoas, de visitar os museus, enfim, duma série de coisas, pronto. Gosto, gosto e... e tento tirar proveito do que o país oferece. Agora, também tenho de dizer isto, eu vivo aqui há tanto tempo que sinto-me quase no direito, de ser crítico em certos aspectos. - Mas... é preciso ser português, para ter o direito de ser mal de Portugal? - Não, não é preciso ser português, mas tenho sempre medo que isso possa ser mal interpretado porque... os portugueses são os primeiros que se arrojam no direito de dizer mal de Portugal, e dos portugueses, mas eu não sou e as pessoas podem dizer o quê? Volta para a tua terra e isso eu não quero. Ah... se bem que a esmagadora maioria dos meus amigos portugueses são hipercríticos em relação a muita coisa. Em relação a muita coisa; em relação à política, em relação à sociedade, em relação a muita coisa. - <i>Sente-se... constrangido?</i> - Sinto-me um bocadinho um clone, mas com os meus amigos falo muito mal daquilo que não gosto. É assim quando uma pessoa gosta de alguém, dum país, duma terra, acho que tem mesmo a obrigação de ser crítico. É pela crítica que as coisas melhoram. Claro que uma crítica construtiva, não é só dizer mal pela crítica e pelo gosto e, aí de quem fala mal de Portugal, aí de quem. Mas claro que há coisas que me desgostam, há coisas que me irritam profundamente. A falta de auto-estima que os portugueses têm que é uma coisa que me irrita profundamente, que me irrita profundamente, não sei porquê.
Conclusões	<i>Posição ambivalente e não integrada quanto à pertença do país, pois se por um lado, Portugal é a sua “pátria de adopção” e é o único país que lhe provoca “saudades físicas”, o Ruggero não quer perder a pertença a Itália. Evitante e incapaz de se entregar: “sinto-me um clone”, o Ruggero sente muitos aspectos de Portugal como maus, sem que se sinta com o direito de o dizer.</i>

5. Avaliação clínica da entrevista.

Os dados apontam para um funcionamento psíquico oscilante, característico de uma organização limite neurótica. Embora o Ego se tenha organizado “segundo um sistema relacional e defensivo de um modo neurótico” (Bergeret, 1998, p.222), o Ruggero evidencia uma angústia de perda do objecto e uma relação de objecto predominantemente anaclítica. As insuficiências narcísicas; imagem do Eu fragilizada, interdições super-egoícas arcaicas e mecanismos de defesa primitivos, (clivagem, projecção e passividade) são alteradas com o predomínio de mecanismos de defesa neuróticos, sendo a castração um exemplo.

As fragilidades narcísicas manifestam a interiorização de uma *maternage* insuficiente, com um traço sádico desvalorizante do seu comportamento e que muitas vezes “humilhava” o sujeito. Este contexto, associado e agravado pela ausência do pai que entre os dois e oito anos do sujeito estava a trabalhar na Grécia, dificultou a identificação ao progenitor do mesmo sexo. A mãe assimilada conduziu a uma identificação a este objecto primário, agressor, que se evidencia na organização de um traço sádico e paranoide, nas suas identificações femininas. A queixa de ser ciumento “para além do normal” é apresentada fora dos limites ou seja, excessiva e desadequada às situações, mas esta egodisfonia é parcialmente resolvida com uma racionalização que qualifica o ciúme como irracional. A incomplitude narcísica manifestada na importância da temática de ajuda, nos ciúmes e na representação da paixão, evidenciam o deslocamento e o evitamento, balanceados com uma impulsividade que se localiza fora do controlo do sujeito e que, ao adquirem um carácter irracional e inexplicável, são inacessíveis ao pensamento. A ausência paterna dificultou a identificação ao pai, prejudicando a vivência dos movimentos edipianos. A impossibilidade de aceder a uma pós-ambivalência e à consequente síntese das representações do objecto e do *self*, são atribuídos pelo sujeito a um ambiente traumático da infância, e manifestados na formação de um sintoma psicossomático, eczema, que o sujeito associa a estados de grande stress e que lhe evita sofrimentos agudos e prolongados.

Nas áreas de funcionamento adaptadas à realidade, está actualmente em dificuldades no trabalho, embora tenha projectos para os resolver. O limiar de integração a que se refere, parece assentar na estabilidade familiar, nomeadamente na sua relação conjugal de

30 anos. Nas relações sociais, o sujeito reporta-se à sua integração social numa forma clivada, com razões “objectivas” apresentadas “dum ponto de vista intelectual”, acusando uma desorganização do pensamento. Também característico das vivências traumáticas, as respostas incoerentes perante figuras que se reportem à autoridade; “os franceses, não conheço”, são concomitantes a uma memória dissociada de vivências da fase adulta.

A relação de objecto predominantemente anaclítica, manifesta-se ao longo de toda a narrativa; o sujeito ao relatar as suas experiências reporta-se imediatamente às da mulher ou à dos filhos, sentidos como mais maduros que ele e mais fortes. A sua mulher, dentro da relação do casal tem um papel de suporte e predominantemente masculino nas funções parentais. Nas suas relações actuais, o Ruggero sente grandes dificuldades em assumir funções de suporte da mulher, muitas vezes sentida como persecutória. As relações que estabelece de dependência/controlo, nomeadamente os ciúmes que sente com grande intensidade, indicam que não existe um verdadeiro distanciamento objectal e a consequente autonomização do Ego. Esta dependência, outrora ancorada nos pais, inviabilizou a realização do seu sonho profissional (medicina), configurado (embora denegado) sobre a temática da ajuda. O Ruggero seguiu, desistindo dos seus sonhos e ambições profissionais, as directrizes do pai. Numa época onde poderia ter lutado, a sua desistência aponta para uma insegurança básica que o conduziu a não saber, nem a consciencializar, a importância que as coisas tinham para si, para não desiludir nem contestar o objecto. Este movimento evidencia também, uma insuficiente autonomização (tentativa de se identificar com o pai: mesma profissão) mais do que uma aceitação da interdição.

A deficiente autonomia atingida, caracteriza a angústia de perda de objecto, que se evidencia na sua dificuldade em estar só. No contexto em que o sujeito a manifesta, é desadequada à idade (18 anos) e ao facto do Ruggero nunca ter vivido numa casa sozinho. Quando saiu de Lisboa para fazer os estudos universitários em Milão, foi viver com uma tia e posteriormente com o irmão. Acresce ainda o facto, de que toda a sua família alargada vivia em Milão.

Anexo C

1. Dados demográficos.

Nome	Lhudmela Kindretsk, nome Ucrainiano. Em Russo, Lhudmila.
Data de Nascimento	12/5/1960
Sexo	Feminino.
Nacionalidade	Ucraniana.
Data de entrada em Portugal	1998
Tempo previsto de permanência	Sem projectos de retorno.
Tipo de visto	Autorização de residência.
Estado civil e nº de filhos	Casada com dois filhos.
Familiares em Portugal	Irmão, cunhada e 2 sobrinhos.
Amigos em Portugal	Não tem.
Instituições	JRS, Cais, Centro de Emprego
Profissão	Desempregada.
Escolaridade	Cursos Técnicos (Costura, Gestão)
Escolaridade e profissão do pai	Curso Técnico de desenhador, trabalhador numa fábrica de produção de calçado e malas, está actualmente reformado.
Escolaridade e profissão da mãe	Curso técnico de secretária. No fim da sua carreira profissional era gerente das secretárias da fábrica onde trabalhava. Está hoje reformada.
Data da 1ª consulta	20/6/2004

2. Entrevista.

Primeira Entrevista

- *Gostaria que me contasse o seu percurso migratório.*

- A gente toda a vida quis sair.

- *Sair....*

- Não só eu. Acho que nós lá temos um ideal de fora. Uma coisa de elite, uma vida livre, uma vida maravilhosa. Nós estamos todos aqui debaixo de mão de ferro e lá fora toda a gente está livre.

- *Cresceu assim...*

- Cresci assim. Sinto que... acho que toda a gente cresceu assim, só que algumas pessoas têm medo das novidades; “ então eu vou agora largar tudo e começar a ser empregada com 50 ou 40 anos e começar do princípio. Não vou conseguir fazer nada porque não percebo bem a língua. Nós sabemos que nem toda a gente vai conseguir contactar o suficiente para conseguir chegar até Inglaterra ou até à América mas cresci consciente que vou sair, que não quero ficar aqui, pelo menos na cidade. Depois cresci mais um pouquinho... percebi que não quero ficar na Ucrânia nem na União Soviética. Primeiro saí como turista para a Hungria.

- *Que idade tinha?*

- Trinta e dois. Chorava porque tem de voltar... fiquei com um stress, com um choque enorme. Quando entrei, já na Ucrânia, num restaurante ... a comida foi o que eu não gostei, nem nunca vou gostar. Esta comida foi para mim um horror e lá na Hungria eles trataram como turistas, trataram com coisas muito preciosas. Nós fomos príncipes. Todos. Chegamos, pegaram as malas... não sei como apareceram lá no quarto mas eu que não trouxe. Quando passei a fronteira, passei no meu país como que eu estou habituada, eu nem comer conseguia, foi um horror de tudo, foi horroroso, não foi tanto o horror de como nós víamos isto tudo.

- *Quando viajou foi antes da queda do muro de Berlim, da queda do regime?*

- Ano 85. No princípio de tudo. Já entrou Gorbatchov, já começamos a falar de sobre democracia, de maneira democrática porque temos de viver em democracia. Chamava-se

assim mas não foi assim. Começamos a falar... falar é uma coisa mas habituar as cabeças é outra.

- *Claro.*

- E eu não queria assinar um jornal do partido, para o meu chefe... ele dizia "Como tu podes dizer que isto é uma reciclagem! Isto é toda a obra da pátria." Mas para mim eu não sou de pátria, isto é reciclagem, eu não quero ler nem gastar dinheiro para isto. Ele ficou furioso mas, por isto, eu já não podia ser presa em 85 ou 88. Mas antes de Gorbatchov ninguém podia dizer isto, mas já ninguém me podia impedir de dizer isto, já não podia se presa ou acusada de qualquer coisa.

- *E sempre se sentiu mal com isso, com a falta de liberdade...*

- Foi ensinado. Nós sempre a ver fora da fronteira, o que está fora.

- *Como é que sabia o que está fora?*

- Pelos filmes, pelos jornais. Mostravam. Quando mostravam, disseram o que está mal mas quando mostraram uma coisa, eu vejo, mas estou a ver o que quero ver, não?

- *Claro.*

- Mas está traduzido um filme, um pouquinho. Eu sei, consigo compreender que não é bem assim. Eles explicam esta coisa; que isto é capitalismo, é muito mal, outros estão infelizes. Podem ser infelizes se querem ser infelizes, não querem trabalhar vão ser infelizes, pronto. Quer dizer alguém dá, vou precisar de trabalhar muito com coisas que não estou habituada, vou-me sentir mal mas tem de ultrapassar isto para depois ficar mais forte e ter o que nunca tinha, liberdade de pensamento, liberdade de decidir. Isto gosto, isto não gosto, porque tinha de concordar com coisas que não estou. Eu queria ser pedagoga mas para isto tinha que dizer que Deus não existe, então...! Até mesmo na faculdade de economia eu tinha de lidar com isto porque tinha uma disciplina, o ateísmo, tive de ultrapassar isto e pedir a Deus por tudo o que é sagrado para não dizer isto porque é ateísmo. Eu não vou ter nada, eu não vou ultrapassar esta barreira de dizer que Deus não existe mas ultrapassei de uma maneira tão maravilhosa porque entraram os primeiros cinco e depois os segundos cinco e até entrar eu, os terceiros cinco. Professor diz: "Você não sabia nada... precisa de metade, temos 2,3,4 ou 5. Quer 3? Deixa livros para outras notas." E eu deixei este livro porque prefiro ter 3 do que chegar ao fim do ateísmo e dizer que Deus não existe. Mas em Pedagogia...impossível ultrapassar isto. Nem entrava

porque sabiam que eu estava a frequentar outras igrejas e era impossível, até tinha ter de pátria porque vou ensinar para os miúdos e isto é grave. Eu gostaria de ser mas nem sonhava. E sempre quis sair porque sabia que Deus existe. Não toquei na bíblia e quando toquei foi com a bíblia com páginas muito fininhas. E quando fui criada, sempre fui criada com pensamento de sair. Sair da fronteira para a Polónia foi uma grande alegria, por duas ou três semanas foi para negócios dos pequeninos; comprar lá, vender aqui, mas quando voltei até chorei.

- E nunca pensou em ficar lá?

- Não porque o que posso fazer lá? Lá o que posso fazer acreditando em Deus... não quis fazer coisas feias. Vi miúdas casadas com polacos só para ficar lá, estragaram a vida, nasceram crianças, foi feio. Casavam com um bêbado qualquer para ficar lá. Eu quis ficar natural mas fora da Ucrânia.

- E como é que foi a situação que a fez sair?

- Decidi que vou casar, quer dizer, não é casar, decidi que vou ficar com este homem. E falamos que temos muita coisa e aqui até ganhar vai demorar muito tempo. Lá, casa tem, existe, temos onde viver. Eu tinha um trabalho, gostei desse trabalho mas engravidei. Achei que isso é... tem de trabalhar com toda a força e criança não tem culpa; tem de deixar trabalho para ficar com criança e ele vai trabalhar e depois podemos os dois trabalhar quando a criança cresce. Não tinha a menor ideia de como é que isto é na realidade. Agora eu tinha explicado lá para a minha mãe, para os meus amigos que nunca tinham saído de lá. Não é possível explicar o que espera um emigrante. É impossível, é inacreditável e quando comecei a viver, só pensava “não é possível que isto esteja a passar comigo... não pode ser”.

- O que é que tinha pensado que acabou por ser diferente? E porque é que veio para Portugal e não para outro país?

- Meu irmão procurava também trabalho, acabar o curso de médico, trabalhar dois anos e depois ganhava 90 euros, quer dizer é uma coisa que para três pessoas não dá para continuar e ele pediu algum dinheiro para fazer vistos, quer dizer, custos de 17 euros e 1000 para alguém na embaixada que mete este carimbo que custa 17 euros e nós pagamos 1000 para alguém entrar numa embaixada qualquer e meter este carimbo. Nós pagamos 250 euros por carrinho. Foi muito barato 700 euros por pessoa, duas noites pelo hotel e

pela viagem e com visto, foi muito, muito barato. Decidimos que vamos por um ano, juntamos dinheiro e depois voltamos daqui a um ano para casar, não se vai haver festa de noivado não mas afinal toda a família já sabia que tínhamos assinado estes papéis e esperamos que vamos fazer uma festa muito grande porque era uma coisa muito boa e até Vitalis estava a perguntar “porquê assinar agora? Vamos para lá, juntar dinheiro e vamos fazer tudo como deve ser aqui.” E... ainda não voltamos.

- *E porquê Portugal? O visto era para que país?*

- Qualquer coisa, qualquer país. Um ano antes, um ano e meio antes de nós planearmos isto tudo, o meu irmão tinha vindo para Portugal. Levavam na viagem e onde vai encontrar trabalho deixam, podem deixar em Espanha, em França, em Roma e Portugal. O meu irmão já estava aqui e depois de ano e meio saiu primo de Vitali. Empresas turísticas, na altura levavam todos para cá. Aceitamos para ganhar mais do que 50 euros por mês. É mal na vida dizer alguma coisa que não tem. Não conseguimos. Temos vergonha, temos vergonha de ultrapassar isto tudo. Para lá isto tudo parece natural como isto está tudo feio, horroroso, chocante, mesmo que nós vamos tentar explicar eles não vão acreditar porque têm ideia que é uma festa fora. Eu quando saí da Ucrânia fui tratada como turista e, por isso, isto para mim foi uma festa. Portugal era também uma festa, como Polónia ou Hungria, e quando comecei a viagem foi tudo muito bonito. Foi um caminho muito cansativo mas o autocarro era confortável, mas quando ultrapassei a fronteira, chegamos a um hotel de 4 estrelas, não há problema nenhum claro, foi perfeito para um caszinho com conforto, foi bom. Para mim foi normal porque já tinha estado na Polónia mas para Vitali foi espantoso. Na casa dele nunca foi assim e para ele foi uma surpresa. Foi muito bonito e no segundo dia acordamos e metemo-nos na carrinha e tivemos de passar a Alemanha e Itália porque algumas pessoas iam ficar. Ultrapassar Espanha...10, 15 horas, quer dizer grávida de 4 meses, tinha de ficar sentada e depois encontramos um *Reck*, não sei como se diz mas isso significa para a carrinha e uma pessoa diz “por cada pessoa é X euros mais ou menos.” Mas, tínhamos de pagar e como nunca percebi como é que alguém pode dizer isto vou preparar e fazer o possível mas tinha muito medo. Algum furo e não sei o que vai acontecer, já no 4º mês de gravidez. Ninguém sabe... nem meu marido.

- *E em que país é que isso aconteceu?*

- Fomos apanhados na Estónia, mas podíamos ser apanhados na Alemanha, França...

- *Mas foram apanhados por Ucrânianos?*

- Ucrânianos, Moldavos... são nossos. Eles sabem que nós temos medo de ser apanhados pela polícia porque nós temos “bufos” e começamos a ter medo e temos de pagar. Eu tenho mais medo porque estava grávida mas na mesma fiz birra e em vez de pagar 50 euros por cada um paguei só 5 euros. Consegui porque falava muito, mas tinha muito medo porque é assim que eu estou; sozinha e grávida, até dizia para os vizinhos de Vitali, que nos mandou para cá, eles assim calmos foram outra vez para a Ucrânia fez obras na casa e pagou outra vez isto e voltou para cá. Ele perguntou “Tu queres ir?” e nós falamos, não sei, vamos aceitar e sempre vivi com esta necessidade de sair... vai ser agora com quem sair. Tinha medo sempre. Podia ficar na Hungria ou na Polónia mas ficar no mundo sozinha, num mundo estranho... Foi muito estranho e assustado para mim, sempre tinha lá amigos, na Polónia, família em várias cidades mas ficar lá sem marido, sem mãe, sem pai, fui, fui... sou ilegal. Não podia ficar ilegal de maneira nenhuma, tinha de ter algum dinheiro. Lá na Polónia é tudo mais caro que na Ucrânia. Vendemos as nossas coisas baratas na Polónia e voltamos com dinheiro. É diferente os preços. O que eu ganhava por três, quatro dias, chegava para viver meio ano na Ucrânia, chegava. Cada mês que eu chegava para Polónia, eu podia juntar mas eu não precisava, não estava na minha cabeça. Eu não juntei dinheiro nenhum, tudo o que ganhava, gastava, voltava a ganhar, voltava a gastar. Comprei algumas coisas para a casa, de valor, mas juntar dinheiro não estava na minha cabeça... não sei porquê. Mas sair eram uma coisa que foi... até preenchi umas coisas a brincar para ir para a América. Sempre, cada ano eu escrevi, e tenho muitos amigos evangelistas e eles sempre estão lá a entregar estas cartas, então será que vou para lá? Porque a gente quer sair por razão de religião, por razões políticas, por razões económicas... sair é uma coisa que está metida na cabeça. Na minha cabeça; que tinha de acabar o curso, não sabia o que vai ser da minha vida mas não posso ficar sem curso.

- *Não é vida...*

- Não é vida. Eu não posso ficar sem um curso qualquer. O curso que eu gosto não posso, porque está mal. Na Lituânia havia economista, modelista, não é modelista para fábrica, é modelista no final... estilista. Mas na Ucrânia havia só para fábrica, fabricação e não gostei nada. Aqui não quero estudar. Economista era mais perto e para mim na mesma

não vou deixar de ser estilista porque gosto disso e, porque acabei o liceu com o curso de costura de 3 anos, tenho sempre a base e posso sempre voltar a estudar. Tenho de fazer o curso de economia aqui para gerir negócio mas posso fazer dele alguma coisa. Acabar o curso com certeza mas depois logo sair, só que estudar isto mas com medo porque lá estão capitalistas horrorosos... vida muito perigosa.

- *Em que é que era perigosa a vida dos capitalistas?*

- Capitalistas querem usar-nos e mandar-nos para o lixo. Na fábrica, trabalhador não ganha nada, a vida tem de ser muito dura. Quem ganha muito não trabalha... até trabalha mas duma maneira muito nominal. Soviético foi muito assustador, não parece justo mas parece injusto. A mesma informação que eu estou agora a compreender é outra realidade, mas lá não havia realidade. A realidade foi garantir o trabalho mesmo com poucos ganhos. Nunca não vais ter trabalho nem comida, nunca. Era contra a lei pedir esmolas. Uma vez, segunda vez... és preso, porque não ter regras, não querer...

- *Havia trabalho para toda a gente.*

- Não havia, mas foi criado para as pessoas não sentirem... não ficarem rebeldes. Havia trabalho para qualquer um. Se não queres aqui vou procurar ali. Pagavam pouco, foi muito ilógico. Nas chamamos a nós próprios “país de doidos”, “país dos estúpidos” mas depois de sair... lá, é tudo a minha lógica. Mais lógico do que lá fora, para mim na maneira como fui criada lá, isto é tudo muito ilógico... não foi isto que nós pensamos todos.

- *E com essa ideia, assustadora, do Ocidente e do capitalismo o que é que a fascinava tanto ao ponto de se querer ir embora?*

- Decidir, experimentar. Consegues ou não consegues e estamos criados como... eu sou alguém e vou conseguir.

- *Auto estima e confiança?*

- Sim confiança. Mas quando cheguei aqui começaram logo a assustar; irmão, cunhada, vizinho, que nos acompanhava. Ele era tão assustado que nunca vi na minha vida uma pessoa tão assustada, tanto que foi embora por causa dos nervos.

- *Mas o que é que o assustava tanto?*

- As nossas máfias e lei do outro lado. Estamos fora de lei. E eles vão pedindo 5 euros ou 25 euros mas, um dia, põem essas mascaras e tiram tudo o que tu tens e, se não tens aqui,

vai ao Multibanco. Ele está de mascar e de arma e tu não tens outra saída e tinha medo de ser apanhada pela polícia e tinha medo de ser apanhada pelas nossas pessoas.

- *Mas sabia disso, antes de se ir embora da Ucrânia...*

- Sim. Mas pensava assim “eu não quero se ilegal”, autorizavam nossas pessoas que também estão aqui ilegais porque não querem pagar impostos e previ não pagar imposto. É lógico, é mais fácil para mim e ser livre e não pagar e não ser refém.

- *Refém dessa máfia.*

- Foi um ano. Depois fecharam, não andam dum lado para o outro a pedir dinheiro, obrigam os outros a pedir. Chegavam ao pé do meu irmão e diziam “então o teu filho anda sozinho para a escola, tu tens de ir lá porque não vou para lá porque posso ser apanhado por um senhorio e tu conheces todas as pessoas cá e conheces dez pessoas por 25 euros, tens de me aparecer com 250 euros.” Ele disse “Não vou.” “Mas tens de ir, o teu filho vai sozinho para a escola”. Ele foi mas depois chamou...a minha cunhada trabalhava na altura numa casa, marido trabalhava na segurança do país, não sei como isto chama, aqui não sei. Ela diz “estão obrigados” então nomes, nomes e não apareceram segunda vez. Ajudou. Mas chegou alguém que foi também obrigado, que foi batido mais vezes e o meu irmão perguntou “o que é que se passou?” E depois quando foram todos apanhados ele chegou para casa dele e disse “eu não tinha outra saída.” Foi batido até não conseguir levantar dois dias, não tinham visto, só eles, e o condutor que foi a conduzir o outro carro, quando nós chegamos a Itália, a Alemanha, telefonou para qualquer número, vieram onde nós estávamos e vinha outro carro para nos apanhar. Ele registou quando nós entramos e pensou que daqui a uma hora vai estar provavelmente aqui e apanharam-nos. Tu vias como isto funciona mas estás no autocarro e não podes fazer nada. Isto para chegares à terra desejada, não é nada desejada...

- *Mas tudo isto agora acabou.*

- Nós entramos e por um ano, disseram que há pessoas que nos conhecem. Há muitas pessoas que foram batidas, que foram mortas. Entram em casa armados, estão dez, um consegue mostrar resistência, foi morto. Tinha de ser. Outros tinham medo, e nas vivíamos num apartamento com o primo de Vitali e nós os dois. Cada um num quarto, não foi caro, foi bom mas eu vivia sempre assustada; portas de alumínio, só com um vidro. Eu estou espantada, ou não gosto da Europa, quero a Ucrânia. Tenho frio.

- *Frio?*

- Sim. Eu cheguei no ano de 2000 e começou a chover seis meses seguidos e marido voltou para casa sempre todo molhado, sempre todo. E nós nem tínhamos caçarolas porque quando saímos não podíamos mostrar coisas na bagagem, coisas de casa. Precisamos de comprar tudo. Do princípio não tinha colher, não tenho nada.

- *E não havia dinheiro para comprar...*

- Chegamos com pouco mas como gastámos durante a viagem. Chorei muito porque fiquei muito humilhada com este pagamento do *Reck* na estrada. Fiquei tão humilhada... se não estivesse grávida eles podia bater em Vitali e em mim.

- *Mas sabia que a viagem tinha esse risco...*

- Sabia, claro.

- *Podia ser que não acontecesse mas aconteceu. Depois cá continuou com medo deles mas, o que é que mais a desiludiu?*

- Condições de vida de toda a gente e a falta de organização. Pronto, é um país quente, mas tem frio e tem calor, porque cheguei em Outubro, nasci em Março uma criança e tinha de mudar de quarto que chovia em cima do tecto. Eu fui espantada, nunca vi na Ucrânia, pode ser que o proprietário está a descuidar mas prédios todos do Estado estão bem cuidados. Prédio tem de ser arranjados; as pessoas vão para outro prédio, fazem obras e depois voltam. É de Estado mas nunca pensei que proprietário pode ser assim. Pulgas... foi o pior que me podia acontecer descobrir pulgas ao fim de três dias na cama. Quer dizer não foram três dias, já passou uma semana. Comprei um lençol branco e vi uma coisa preta que fugia da mão, apanhei-a e depois ela fugiu. Percebi que isto era uma coisa viva, na altura falava com o meu irmão. Eu fiquei com o cabelo em pé. Como vou fazer? Mas, todas as noites, levantávamos o lençol e apanhávamos estas coisas pretas com as mãos molhadas. Aprendemos a fazer coisas... apanhámos sempre assim, 2, 3 dias não há porque não era de casa, era de Vitali que trazia do trabalho, ele sempre com roupa trazia do trabalho. Sacos de roupa do trabalho ficavam na carrinha de patrão, todos, e roupa de trabalho ficava lá uma semana e depois lavava-se. No nosso apartamento não havia máquina lavar roupa nem de secar. A certa altura foi impossível de secar roupa. Foi uma coisa horrível porque não tínhamos muita roupa para mudar e não tínhamos dinheiro

para comprar. Duas semanas ficámos em casa assustados. Não há trabalho, nem para mim nem para ele porque casa, já temos que pagar.

- *E o seu marido? Arranjou logo emprego?*

Foram dois irmãos que trabalhavam na Amadora, dois cunhados, não foram irmãos. Mas foi a mesma empresa que pedia trabalho para o meu marido.

- *Dois dias. Foi bom.*

- O meu irmão explicou que ele não sabia falar, só “bom dia” porque tinha acabado de chegar.

- *Na Ucrânia nunca tinha ouvido falar português?*

- Não.

- *Nunca tinha ouvido falar de Portugal?*

- Não. Antes de sair eu vi enciclopédias. Vi coisas que li. Percebi que é uma coisa pequenina, como uma aldeia e percebi que não há nada, que eles têm... que já não têm nada, foi queimado. Há uma coisas agrícolas... vou apanhar limão. Qualquer coisa para ganhar...mas grávida sabia que não, vou subir escadas, mas marido pode. Li, li coisas. Vi Jesus na ponte, mas tem graça porque é um país muito pequenino, parece uma região da Ucrânia. Saindo pensei, achava que ia para um país muito pequenino, bem organizado e gerido porque é fácil gerir uma coisa pequenina porque na Hungria a vida é muito boa. O que é que é a vida comparada com Portugal? Não tem nada porque é uma coisa socialística, é de Leste mas foi de União Soviética. Não comparar. Nós sempre quisemos viver lá, Checoslováquia ou Polónia. Fora mas não tão longe. Lá a vida... há muita coisa garantida. A Hungria é muito pequenina, melhores pessoas e melhores cabeças. Eles produzem mais que um porco por cada pessoa. Eles estão muito bem lá na Hungria. Portanto, achei que Portugal é muito pequenino, está bem organizado. É uma coisa intermédia, embora ache que teria sido melhor começar lá. Mas é impossível porque cá ganha-se mais.

- *E quase tudo em Portugal foi uma surpresa. A língua, não sabia...*

- Sim. Pensava que quase tudo era uma palavra. Não há pausas tudo junto.

- *Que línguas é que aprendeu na Ucrânia? Ucrâniano, russo...*

- Polaco. Polaco, li pela primeira vez na Ucrânia e quando cheguei à Polónia tinha vergonha de falar. Na última vez quando estive na Hungria, encontrei uns polacos e eles acharam que eu era Polaca.

- *E inglês? Também aprendeu na escola?*

- Sim e cheguei aqui e todos os caminhos iam sempre dar ao Inglês mas fugi logo. Comecei a estudar português. Gastei 15 euros por um livro copiado para copiar. Uma senhora deu para primo de Vitali para dois dias, 15 euros só para copiar, mas como eu não consegui perceber nem... agora dá-me jeito porque comecei a compreender, cá está a gramática. Na universidade na Rússia, em S Petersburgo, este livro foi feito lá para pessoas que estudam Português. Algumas estudam, eu não sabia, mas este livro existia e foi trazido para cá e começamos a estudar. Mas não percebia nada porque ler é uma coisa e pronunciar é outra.

- *Como é que começou a falar?*

- Foi com a minha senhoria, ela foi 25 anos imigrante em França e, de lá voltou para aqui e comprou um destes apartamentos, e deixou lá o lugar. Marido morreu, ela já tinha filhos crescidos, ela voltou para Portugal. Eu já vi duas famílias que foram em França e voltaram para aqui e ficaram pobres. Tenho medo que aconteça comigo, voltar para a Ucrânia ficando pobre. Isto me assusta. Eu acabei o curso lá, ela não acabou o curso nem lá nem aqui, sofreu 15 anos de vida. Porque eu cheguei aqui para juntar, para ter algum começo de vida. Casamos e como não podemos esperar muito de pai e de mãe, temos a nossa casa mas temos de ter algum dinheirinho. Crédito na Ucrânia não existe e precisamos de alguma coisa para o começo, para juntar. Cinco anos, pronto, cinco anos mas já faz cinco anos e não aconteceu nada.

- *Mas nestes cinco anos nasceram dois filhos...*

- Ninguém esperava o segundo, ninguém. Chorei muito, até 10 semanas de gravidez chorei muito, porque já tinha 10 semanas quando cheguei para uma ecografia e já tinha mãos, pernas e toda a gente diz que embrião já é filho. Foi o último choro; chorei durante toda a consulta, não consegui parar, eles estavam tão espantados os dois, uma médica e uma estagiária, mas eu chorei, pedi desculpa no fim.

- *Foi quando viu o bebé. Sabia que era rapaz?*

- Não, não. Eu sabia mas não se via na ecografia. Não telefonei ao médico depois que tinha umas pílulas para vir a menstruação mas não consegui, sabia que já tinha vida dentro de mim, não consegui. Meu marido disse “Deixa, tu vais ficar triste, vais ficar infeliz, tu andas todo o dia a chorar.” E ninguém ajudou. Qualquer pessoa que sabia que eu estou grávida, começava logo a dizer “não podes perder a criança.” Foi o que aconteceu a uma ucraniana, uma portuguesa, uma pessoa onde eu trabalhava, depois de estar grávida de três semanas, que com certeza estou grávida, ela disse-me “ Valha-me Deus, esta é a última coisa que te podia ter acontecido, tu és uma pessoa infeliz e vais trazer uma criança ao mundo.” Essa era minha amiga, telefonou e eu chorava e nem abri a boca, 15 minutos, foi horrível, isto não se diz para uma miúda e 15 minutos, nem falando eu! Era uma farmacêutica, trabalhava no hospital e estava 4 horas em casa dela e nessa altura explicava porque é que faltava, porque fui para a consulta. Quer dizer, ninguém me aconselhou, toda a gente teve pena de mim.

- *Foi um tempo difícil.*

- Tão doloroso, é melhor passar fome que sentir estas coisas.

- *É mais fácil a dor física que a psicológica.*

- Sim, foi um horror. Marido dizia “então, vamos ter dois filhos”, mas tu percebes o que vai acontecer. Eu comprei TV e frigorífico e agora vou deixar de trabalhar e não vou conseguir pagar as minhas dívidas.

- *E ele?*

- Ele dizia “então, aconteceu, não planeamos, impossível fazer aborto” mas já tínhamos passado dois anos aqui.

- *Na altura não pensou em ir ao médico para tomar a pílula ou fazer qualquer coisa que evitasse a gravidez?*

- Pensei que vou tratar disto na Ucrânia porque cá tinha medo de gastar muito dinheiro. Usávamos preservativos.

- *Às vezes rompem-se ou qualquer coisa.*

- Sim, desta vez foi um descuido porque eu perdi-me nas datas. Natal, passagem de ano, foram festas e perdi. Sempre contava e tinha cuidado 2, 3 dias, mas tinha de ser. Dinis é uma criança muito linda, ele, mesmo piorando tudo, ajudou-me a superar isto tudo. Eu não sabia o que é ser mãe, não tinha exemplo.

- *O primeiro filho é também mais difícil...*

- Sim mas minha mãe também, ela não sabe bem o que é ser mãe. A mãe dela sempre foi ocupada, sempre foi ocupada. Eram três irmãs mas cresceram., Comeram, foram vestidas, bem, mas para outras coisas mãe não tinha tempo nem, se calhar, vocação para reparar isto.

- *A experiência de finalmente ter conseguido ser mãe tem sido complicada para si? Porque tem o exemplo da sua mãe que trabalhava e da sua avó que trabalhava.*

- - Minha avó nunca trabalhou e nunca trabalhou para o Estado. Ela trabalhava, tinha 3 filhos. Ela era de uma família onde as mulheres nunca trabalham e ela, até à revolução, até 39, ... esta parte da Ucrânia estava na Polónia e eles tinham muita terra, não trabalhavam e, quando chegou os soviets e tudo começou a mudar, minha avó não trabalhava, ela estava sempre na casa, tinha muita coisa para fazer; galinhas, patas, vacas... essas coisa.

- *E a casa.*

- Sim a casa. Marido trabalhava. Minha mãe nasceu na altura da 2ª Guerra Mundial e não, minha avó não trabalhava mas não tinha tempo; deitava-se à noite, levantava-se de noite.

- *Sempre estive com mulheres que não tinham tempo de estar com os filhos...*

- Minha avó morreu de parto do 4º filho e a minha avó tinha 5 anos, por isso, isto é uma coisa hereditária; minha avó não sabia o que era ser mãe, e a minha mãe não sabia mas herdou isto da minha avó. A minha avó tinha empregados na casa e lá fora, ela fazia trabalhos porque qualquer rapariga que casa tem de fazer alguma coisa, não!? Mas não precisava de ganhar para a vida.

- *E portanto foi uma coisa que ninguém aprendeu.*

- E eu tenho de aprender aqui e percebi uma coisa, perto do Natal, quando eu percebi uma coisa certa, o que é que é ser mãe e porquê. Uma frase que você diz... Ah! Que eu não conseguia equilibrar como tenho que mandar para filho, com amor mas com resistência, força. Eu não tenho que deixar os meus filhos fazer coisas mal, mas tem de ser com amor e tem de encontrar e você disse uma coisa, não sei bem... mas vi que não encontrei equilíbrio entre ordem e amor. Não sei eu percebi e depois tentei muito, muito, muito me lembrar Não sei, eu tentei lembrar-me muito, muito, muito, chorei muito na altura. Quero ser boa mãe mas fiz tudo mal porque nem percebia o que é ser boa mãe e agora sei.

- *Agora sabe.*

- Sim. Já fiz muita coisa errada com Alexandre, já não estou a repetir com Dinis, ele está sempre alegre. Sempre alegre mas já estou com medo que isto desequilibre, ele já está um pequeno príncipe dentro de casa.

- *Coincidiu com aquele sonho que há um ano teve, que estava grávida e de ter mais filhos.*

- Um sonho.

- *Está a ser gratificante esta aprendizagem de ser mãe, conseguir cortar com esta hereditariedade de não ser boa mãe.*

- Sim. Eu sempre pensei que ia ter 5 rapazes mas sempre pensei que ia sair de vida social mas não tinha de trabalhar, que marido ia sustentar-me, e depois vou recuperar estas coisas de carreiras e negócios.

2ª Entrevista

- *O que é que lhe parece diferente entra a Ucrânia e Portugal?*

- Educação. Educação das pessoas... são muito diferentes. Pessoas na cidade, nós todos, até a minha avó sabe ler e escrever. Ela nasceu em 1913 e ela apanhou um tempo quando as escolas não havia para todos. Ucrânia estava com Polónia nesta fase da Ucrânia e foram obrigados a estudar 3 ou 4 anos.

- *A escolaridade é um dos pontos. Na Ucrânia as pessoas têm uma maior escolaridade.*

- Eles têm escolaridade de outra maneira porque eles têm o 10º ou 12º ano todos e, dentro de nós também temos pessoas com quem gostamos de falar e com que nós não gostamos mas estão escuro, estão a viver dentro de escuridade, de fetiche, estão apanhados por dinheiro, por mostrar vida boa mas não sentir vida boa. Eles tentam; eu tenho dinheiro, posso comprar isto, posso comprar isto e nós não. Eles não estão ricos mas estão ricos dentro da cabeça, quer dizer, estão ricos de emoção, estão ricos de sentimentos porque posso não ter muito dinheiro mas posso sentir dentro da cabeça e, estas pessoas sentem pouco mas sentem-se bem e falam sobre nós, escuro, mas aqui em Portugal há muitos mais escuros. Escuridão intelectual. Falas com pessoas da tua idade e ela diz na tua cara, com grande orgulho, que não sabe ler nem escrever mas ocupa aquele lugar, e tu? Tu não és nada... és estrangeira, pobre e faz-me sentir mal. Quando cheguei do princípio, eu não

sei... pobre da cabeça ou pobre de vida, eu não sei. Eu acho que se ele é mais velha ou mais nova, eu falo da mesma maneira que falo lá na Ucrânia mas descubro que pessoa está muito pouco interessada de muitas coisas.

- *Têm poucos interesses.*

- Têm poucos interesses e não sei isto logo porque sei falar pouco e não descubro. Três anos eu estava cá e consegui perceber quem é quem. Eu lembro-me que dona de uma casa, de um palácio, e ela aluga os quartos todos e isto já não é um palácio, é uma espelunca. Mas ela é dona de tudo isto e ela anda de carro bonito e não posso inventar que ela está estúpida e com poucos interesses mas no fim, quando já consegui compreender, isto é uma coisa muito primitiva mas ela não sabia disto nada, e isto é horrível mas ela achava que não. Eu é que tenho razão. No princípio comes a duvidar de ti, de virar tudo ao avesso mas não precisava de virar isto tudo, bastava só perceber a língua e perceber o que é que ela fala.

- *A Lhudmila, antes de vir para a Europa Ocidental, sabia pouco do que é que vinha encontrar.*

- Sim, só coisas boas... mostravam a Europa rica, linda, educada.

- *Mas como é que no leste mostravam a Europa Ocidental assim?*

- Mostrar, não mostravam. Mostravam filmes que eram mundialmente conhecidos. Portugal... havia muito poucos, filmes portugueses, aliás, nem sei se vi porque não percebia nada.

- *Claro porque eram traduzidos.*

- Mas sobre Portugal nós não sabíamos nada, mas França, Alemanha, Itália, história, história estudávamos.

- *Da vida de agora... não sabiam nada.*

- Não mas víamos muitos filmes de França e esses mostravam outras coisas. Quando eu decidi vir para Portugal, vi que Portugal tem peixe e laranja. E o que é que eu vi? Pedra, cortiça. É uma mapa económico que eu consegui ver lá porque eu gostava de saber alguma coisa. Vi o monumento do Cristo, que existe esta coisa. Só isto que vi e que existe uma maior no Brasil. Sabia isto, sabia que Oriflame ⁽¹⁾ manda de férias para Portugal, no Algarve e em que temos cruzeiros para Portugal. Por isso, sabia que há

(1) Empresa de Cosméticos Suéca

turismo bem desenvolvido. Eu ainda não subi a este nível, para chegar até aqui, se estivesse lá até agora se calhar chegava para vir, para ver.

- *A sua vinda para Portugal foi por uma razão económica, havia cá falta de trabalhadores...*

- Se tu não tens medo de trabalhar, eu não tenho medo mas, não eu não gosta, não gosta ele nem ninguém gosta de trabalhar, mas tem de haver um esforço para ganhar. Primeiro foi a razão que estou grávida e lá há todos os médicos, sabem tudo mas sem medicamentos, sem aparelhos...

- *Tecnologia.*

- Sem aparelhos e equipamentos e não vão ajudar. Uma amiga minha perdeu o filho antes de nascer, mesmo o parto. E eu tinha medo, eu tinha 36 anos, vou nascer com 37 e eu com certeza vou sair. Ficar não, não vou. Vou ganhar algum dinheiro para sentir-se melhor lá e quando cheguei ilegal, até 5 anos, vou voltar, mas aqui é diferente; as pessoas não mostram logo que estão com poucos interesses, com poucos estudos, nem querem saber muito porque não precisam na vida deles. Eu estou culpada porque procuro pessoas parecidas comigo e não consegui encontrar. Mesmo tinha medo de falar a alguma vizinha, mais do que com a patroa, mais do que é preciso e, por isso, complicava-se. Mas eu falei com Dona Rosa, que era dona da minha casa e quando ela me disse que não sabia escrever, eu fiquei com vergonha e pena dela mas, por grande coração dela gostei muito dela e até agora gosto dela. Ela ajudou-me muito que podia. Ela sabia o que era a vida de imigrante, ela voltou de França depois de 10 anos. Voltou com poucos resultados, até eu tenho medo de ter esses resultados que ela tinha e ela voltou orgulhosa de ter este buraco, os outros não tinham... tinham alugado, ela tinha. Para mim não faz diferença ter casa ou ter alugado. Para mim faz diferença ter casa ou ter barraca.

- *É outro nível.*

- É

- *E que mais diferenças encontra entre a Ucrânia e Portugal? Ou que coisas são parecidas?*

- Nós começamos a ter caos depois de 90, quando separaram o país.

- *Começaram a entrar no caos.*

- Ainda não acabou, e eu estava à espera que há mais regras.

- *Como a Ucrânia era no tempo do regime soviético...*

- Sim, mais e melhores regras, porque sabemos que este regime político é ditadura e sabemos que o capitalismo põe regras que têm de funcionar e eu achava que capitalismo dá mais segurança porque as pessoas desenvolvem-se, mas é espontaneamente. Mas Portugal ainda não entrou no capitalismo mas eu no princípio procurei estas regras da Alemanha. Na Alemanha há mais leis para funcionarem, eles estão a segurá-las, e Portugal não. Portugal não está a segurar lei nenhuma e não tem dinheiro. Quer dizer, não tem, é mais pequenino, mais fácil. Eu estudei um pouquinho, estudei a Hungria, país pequenino consegue fazer tudo sozinho. Bélgica porque é pequenino dá dinheiro mais fácil. Ucrânia é grande mas Portugal também não é, mas não consegue gerir.

- *E atribui isso a quê?*

- Às vezes acho que tem de funcionar, ainda tem alguma coisa, ainda vou descobrir mas já descobri e não vai funcionar e acho que, vou dizer uma coisa que não lhe diz nada mas, se calhar, daqui a 10 anos você vai lembrar de mim. Portugal está na Europa e toda a corrupção que está na Europa, ainda está complicado aqui.

- *Acha que em Portugal, hoje em dia, há mais corrupção do que há na Ucrânia ou do que havia na Ucrânia?*

- Do que havia, com certeza.

- *Mais?*

- Mais mas agora a nossa corrupção ainda cresce e ainda tem de desaparecer, eles andam em diferentes destinos, ainda cresce.

- *Nós já fomos menos corruptos e estamos a ficar mais. E na Ucrânia?*

- Sim e tem de desaparecer. A Europa também ganha com isto e na Europa alguém também vai ganhar, alguém, mas isto não é para muito tempo, um dia tem de acabar, isto já começa a ser visível. Como é que é visível? Começa a ser para toda a gente, corrupção, não consegue existir. Porque apanharam os nossos aqui em Portugal, eles estão integrados na vida portuguesa, alguns portugueses ganham com isto, foram apanhados porque já era demais. A legalidade fica regrada, já não fica corrupção mas é melhor do que esta anarquia toda. Anarquia é anarquia, é horrível. Este cartãozinho (cartão de autorização de residência), não vale nada mas também já não me sinto pendurada, não me sinto.

- *Claro, é uma segurança que está legal.*

- Posso entrar sem ter medo que alguém me manda embora. Não faço nunca nada contra alguém mas às vezes, alguém estúpido, tem direito de me mandar embora.

- *Não acha que alguém a ia mandar embora por qualquer coisa de errada que fizesse? A Ludmila não estava legal e seria talvez por isso, não?*

- Sim estava ilegal mas há muitos ilegais que não foram mandados embora. Alguém exagerado, juntou 40 pessoas e mandou para lá e ninguém pergunta, às vezes nem quer perguntar, porque está com o filho, com o filho.

- *O que é que gosta em Portugal?*

Ai, não sei se vou conseguir, agora aqui...

- *Gostar de alguma coisa?*

- Muitas coisas que gosto.

- *São?*

- Esta segurança que ninguém chega, se eu vou abrir um bar, e se eu vou conseguir dar conta do recado; pagar impostos e ganhar para a vida, eu tenho a certeza que ninguém chega e me tira. Há muitos nossos que estão prontos para apanhar quem ganha.

- *Aqui?*

- Aqui e em toda a Europa, mas têm muito mais dificuldades do que lá. Isto me dá alegria porque se eu vou comprar 1000 garrafos, e vender mais caro para alguém, vou ganhar com isto. Só tenho de pagar impostos, não faço nada ilegal e por isso não tenho de pagar mais nada para ninguém. Lá é que não. Porque é que eu saí do país? É por causa disto. Pronto, não gosto de muita coisa. Se pudesse escolher onde vivia, era Polónia, porque eles estão com estudos, quer dizer com estudos!... Não todos da universidade mas estão com cabeças parecidas, estão mais livres. Eles foram do Leste, foram deste grupo mas não foram tanto, sempre foram independentes, mais independentes.

- *Têm mais equilíbrio...*

- Têm ligação com a Alemanha de Leste mas era a Alemanha. São católicos. Não gosto de África nem de budistas. Primeiro no Leste começaram a andar de um lado para o outro, para comprar e vender, Depois foram desmontados estas coisas, estas ligações, mas já andaram pela Áustria, pela Suécia, para todo o lado e gosto deles. Gosto de me mexer. Eles são assim, deitam tudo fora e amanhã estão boas. As coisas não são para toda a vida.

Eles estão com uma vingança de onde há. Pessoas estão viradas. Há uma cultura de vingança.

- *As pessoas têm uma cultura de vingança?*

- Senti de falar com pessoas. São escuros por mais que queiram ficar em cima. Eu não posso pensar que uma pessoa quer fazer mal porque eu fiz mal. Na Ucrânia há muitas pessoas que querem vingança. Há muito poucos crimes, acho eu, é mais “eu quero alguma coisa e, por isso estou disposto a fazer”. Não é por vingança.

- *Ou seja, por dinheiro mas não por vingança.*

- Sim. Na Ucrânia é para atingir um nível, sim... mas para resolver coisas do passado, não. Por isso, se calhar, estou neste estado porque não resolvi coisas do passado. É preciso descobrir coisas do passado, perceber porque é que estou a reagir assim ou assim mas, como são coisas sem lógica...

- *É uma cultura mais racional, a sua, aqui somos mais sentimentais...*

- Nós também somos, porque a vingança também se calhar existe. Se eu quero-me vingar, vingo-me mas não vou arrasar tudo. Tudo é por causa de alguma coisa; se for preciso matar, mato, e ninguém vai saber. Se for para construir alguma coisa, eu prefiro investir as minhas forças noutra coisa.

- *E aqui dá-se com pessoas mais sentimentais por oposição aos mais racionais.*

- Eu também sou muito emocional, eu tenho as duas coisas. Eu nunca quis estar lá porque sempre me senti com mais sentimentos. Eu sempre quis sair de lá, não por problemas económicos, mas porque sempre queria viver livre, não sabia que onde eu ganho é que eu posso estar livre, é onde eu ganho e a minha cultura que me faz estar livre. Onde eu ganho e aqui, é que não posso. Eu não sabia isto, quer dizer, não quis ver se calhar.

- *Queria sair.*

- Sim queria sair, ter vida outra, esta é toda a lógica, toda a lógica. A Ucrânia, esta parte foi de Polónia, esta foi desintegrada e entrou em 1939, e esta diferença, toda a Ucrânia entrou para a União Soviética. Só três regiões foram de Polónia até 39. Isto foi em 12 anos, 1917, nós entrámos por causa desta estúpida guerra e eles recuperaram, porque é a Ucrânia mas podiam ficar com Polacos. Os Russos foram libertar a Europa toda e ocuparam-nos.

- *E a sua região foi ocupada em 39.*

- Em 39.

- *E, por isso, sente-se tão próxima dos polacos.*

- Por isso. Minha avó dizia “aqui ninguém roubou; abriram as portas e entraram os soviéticos.” Eles chegaram com poder, mas está com armas, está com leis e nós sentimo-nos ocupados. Eu não, porque já nasci depois, mas minha avó não podia falar sobre isto mas depois quando a vida começou a melhorar, e estava melhor do que a vida com os polacos, os ucranianos foram ocupados pelos polacos, depois passou 30 anos, apareceu televisão, telefone... claro que não tem nada a ver com os russos ou com os ucranianos ou com os polacos, quer dizer, a técnica aconteceu mas a minha avó moderou a ideia e o meu avô não. Morreu achando mas ele foi dentro do poder, foi escolhido para gerir e passado algum tempo, ele até foi convidado para a Polónia. Mas ele disse que não. Toda a terra vai pensar que nós não precisamos de pátrias.

- *De “pátrias”?*

- Ah sim. “Pátrias” é comunistas, como assim... partido.

- *Partido.*

- Ele foi chamado, ele recusou mas foi substituído por outra pessoa porque recusar convite para partido era crime. Mas ele foi perdoado porque homem gostou do meu avô, viu que ele era uma pessoa que faz gerir coisas, quer dizer, é uma cidade colectiva de aldeia. Como é que estudou história? Não estudou nada sobre a União Soviética?

- *Não, nada.*

- É um pouco vulgar... é uma aldeia, 300 carros e terra à volta. A terra foi de uma pessoa, de um senhor, antigamente. Foi confiscada, foi toda dividida pouco a pouco individualmente, era uma comunhão. Começaram...quer dizer, a terra não se pode vender, e foi de Estado e foi de comunhão.

- *Foi dividido.*

- Antigamente foi de 3 proprietários mas porque foram maus, exploravam as pessoas.

- *Trabalhadores?*

- E eles foram expulsos, mandados embora, tiraram terra e depois foi para esta unidade que se chamava *kurrus*, todos temos esta terra mas, não é minha terra é de todos, nós

- *No fim era do Estado.*

- No fim era do Estado, mas lei não era do Estado, era mesmo propriedade desta unidade.

Segunda entrevista

A segunda entrevista, foi realizada 1 ano após a Lhudmila ter deixado de ir às consultas por ter começado a trabalhar 8h por dia num restaurante perto de sua casa.

- *O que é que gosta em Portugal?*

- De tudo se ganhava 1000 ou 2000 euros mês, se encontrava pessoas que me interessassem, o clima é bom, posso construir casa confortável, sem frio nem calor, escola boa. Quer dizer, professora do Alexandre é muito boa. Ele agora já fala bem português e já não anda triste porque professora gosta de crianças mas a professora de Dinis tem medo de crianças, fica assustada. Até faz mais coisas que a outra mas gostar de criança e não ter medo é mais importante que fazer coisas pedagógicas muito bem feitas, mas Dinis só vai ficar este ano com ela. Depois vai trocar de professora, eu vou lá falar com ela mas já não me importo muito porque sei que Dinis vai trocar para o ano de professora. Mas, não quero nada em Portugal, mas vou usar como trampolim. Portugal já me deu alguma coisa. Fui magoada por muita gente, houve quem me tratasse bem, mas também mal. Até pensei em matar-me e comecei com estes pensamentos.

- *Quando é que isso foi?*

- Quando o Alexandre nasceu estava a viver em Almada. Também quando Dona Gabriela despediu-me. Madalena estava de férias.... Foi difícil. Até comecei a fazer mal a mim própria.

- *Quando escorregou no Cabo da Roca?*

- Sim, quer dizer quando me sinto mal começo a fazer mal para mim.

- *Lhudmila, também me parece que atribui poderes demasiados a si própria. Neste caso, não me parece que fazer mal a si própria fosse o objectivo. O piso é escorregadio, o que é responsabilidade da Câmara, numa zona de turismo e quase sempre molhada. Depois o Alexandre correu e você quis protege-lo. A sua responsabilidade nesse acontecimento, parece ter sido falta de atenção ao sitio onde estava o que pareceu natural, dado que o Alexandre correu e a Ludmila estava triste e logo menos atenta.*

- Sim pode ser, mas agora ando a inventar fobias. Estou a trabalhar uma vez por semana, em casa de uma senhora tenho de passar um ponte para atravessar estrada, quer dizer fico ao nível do 4º andar e às vezes tenho de descer porque fico em pânico.

- *Desse mal-estar, vamos falar da próxima vez, está bem? Pensou alguma vez em voltar para a Ucrânia?*

- Voltar para a Ucrânia? Nem pensar. Por estar lá a mãe, consegue magoar-me e se está perto de mim, pior.

- *E o pai?*

- Pai não fala, só hum, hum. Cunhada diz que ele desistiu. Fico triste, mas não sinto responsabilidade porque ele deixou-nos e já com 31 anos, já devia estar adulto. Irmão manda dinheiro. Se for preciso também mando, Tenho pena dos meus filhos não terem esta experiência, de avós. Quero que eles vejam o mundo, vou mandá-los para ver o mundo. Exemplo de Jesus. Força de dentro que vem da mãe. Se queres vais conseguir, só que não vais conseguir hoje, só vais ter amanhã. Depois na Ucrânia, a máfia estava escondida, agora está à flor da pele. Muito contraste; ricos e pobres. Lei já não funciona, decadência da educação... Gostava de ser professora na Universidade, se voltar, faço o mestrado e fico com mais regalias.

- *Em Portugal, o que é que sente que tem direito de usufruir, com um português?*

- Transportes, Centro de Desemprego, língua, sinto o direito de usar mas meti o Orgulho no bolso, não é lógico, por causa dos meus filhos. Cada pessoa que me empregava, pagava 5 euros por hora e a Dona magoava-me com os assuntos que falava. Naquele restaurante, Dona percebeu que cozinheiro é corrupto, levava coisas para casa. Voltou-me a pedir que eu voltava mas negócio estava tão mau que ela despediu toda a gente e ficou só ela. Quer dizer, não conseguiu gerir aquilo. (Pausa) Semana passada encontrei Dona Gabriela, ela perguntou-me se estou bem e depois fica a olhar com aqueles olhos esbugalhados, assustados, não sei se tem medo que eu peça alguma coisa. Deixa para lá. Mas, não estou convencida que ela me despediu por causa do trabalho. Isso não. Aliás outra caseira já foi embora. Comprou uma casa dela e foi dali embora.

- *Lhudmila... parece-me que está mais centrada agora, no presente.*

- Presente que dá futuro. Comecei a investir nos estudos, Na Cais arranjam-me um curso de informática para depois poder ir trabalhar numa loja de venda de produtos. Mas tens de perceber alguma coisa, não? Se não, não vendes. Vou agora lá porque a assistente social quer fazer o meu CV, não é para pôr cargos muito altos que tive, de professora e assim, mas para pôr empregos que já tive mais baixos que não vão assustar ninguém.

3 - TAT

1 – Prancha 2

É uma grávida, não é? Não sei, menina bonita. Antigamente não sentia medo de nada... agora aqui é agradável; sol, homem forte e bonito, também a menina tem dedos compridos, gosto disso, e a mulher grávida está a descansar. Eles estão juntos, o homem e a mulher grávida e a menina está fora deste desenho mas ela não está feliz.

Porquê?

Não sei, não tem cara de alegre, não tem cara de nada. A felicidade mostra-se.

Há uma clara diferenciação entre as três personagens, mulher grávida, menina bonita que não é feliz, e o homem forte e bonito. Apesar da Lhudmela explicitar a relação conjugal entre as duas personagens do segundo plano, a rapariga é descrita como fora do contexto e, a problemática narcísica aflora nas suas dificuldades relacionais de vinculação aos objectos. As mudanças no tempo, que representam uma mudança de espaço e de política, provocam insegurança. Os elementos depressivos emergem concomitantes à beleza que sente possuir. A tristeza, é aqui descrita como um vazio que a Lhudmela tantas vezes referenciou como anestesia, isto é, um desespero congelado, uma incapacidade de lidar com o que sentia e de planear estratégias viáveis de resolução da sua situação.

2 – Prancha 3 RH

Não gosto de gravuras a preto e branco, cinzento. Gosto de cores. Essa mulher está a dormir ou a chorar. (Pausa) Se calhar está a chorar porque a dormir caía, não tem apoio.

E porque chorava ela?

Acho que ela tinha uma coisa na mão, que caiu da mão, mas não consigo imaginar o que é.

Novamente, sem conseguir elaborar uma narrativa sobre as personagens, a Lhudmela acusa uma dificuldade em organizar o pensamento. A descrição centra-se no vazio emocional e nos afectos depressivos. Esta situação depressiva remete para uma perda de algo que já sentiu possuir e perdeu, sem que consiga imaginar e consciencializar o quê.

4 – Análise de conteúdo.

4.1 - Indicadores da capacidade de mudança psíquica

Categoria 1	Discriminação adequada entre os dois países.
Extractos da entrevista	<i>Extracto 1</i> - <i>O que é que lhe parece diferente entre a Ucrânia e Portugal?</i> - Educação. Educação das pessoas... são muito diferentes. Pessoas na cidade, nós todos, até a minha avó sabe ler e escrever. Ela nasceu em 1913 e ela apanhou um tempo quando as escolas não havia para todos. Ucrânia estava com Polónia, nesta fase da Ucrânia, e foram obrigados a estudar 3 ou 4 anos. <i>Extracto 2</i> - <i>Em que é que era perigosa a vida dos capitalistas?</i> - Capitalistas querem usar-nos e mandar-nos para o lixo. Na fábrica, trabalhador não ganha nada, a vida tem de ser muito dura. Quem ganha muito, não trabalha... até trabalha, mas duma maneira muito nominal. Soviético foi muito assustador, não parece justo mas parece injusto. A mesma informação que eu estou agora a compreender é outra realidade, mas lá não havia realidade. A realidade foi garantir o trabalho mesmo com poucos ganhos. Nunca, não vais ter trabalho nem comida, nunca. Era contra a lei pedir esmolas. Uma vez, segunda vez... és preso, porque não ter regras, não querer... Nós estamos todos aqui debaixo de mão de ferro e lá fora toda a gente está livre. <i>Extracto 3</i> - <i>Havia trabalho para toda a gente.</i> - Não havia, mas foi criado para as pessoas não sentirem... não ficarem rebeldes. Havia trabalho para qualquer um. Se não queres aqui vou procurar ali. Pagavam pouco, foi muito ilógico. Nas chamamos a nós próprios “país de doidos”, “país dos estúpidos” mas depois de sair... lá, é tudo a minha lógica. Mais lógico do que lá fora, para mim na maneira como fui criada lá, isto é tudo muito ilógico... não foi isto que nós pensámos todos. <i>Extracto 4</i> - A Hungria é muito pequenina, melhores pessoas e melhores cabeças. Eles produzem mais que um porco por cada pessoa. Portugal não está a segurar lei nenhuma e, não tem dinheiro. Quer dizer, não tem, é mais pequenino, mais fácil. Eu estudei um pouquinho, estudei a Hungria, país pequenino consegue fazer tudo sozinho. Bélgica porque é pequenino dá dinheiro, mais fácil. Ucrânia é grande mas Portugal também não é, mas não consegue gerir. <i>Extracto 5</i> - <i>Tecnologia.</i> - Sem aparelhos e equipamentos, não vão ajudar. Uma amiga minha perdeu o filho antes de nascer, mesmo o parto. E eu tinha medo, eu tinha 36 anos, vou nascer com 37 e eu com certeza vou sair. Ficar não, não

	vou. Vou ganhar algum dinheiro para sentir-se melhor lá e quando cheguei ilegal, até 5 anos, vou voltar, mas aqui é diferente; as pessoas não mostram logo que estão com poucos interesses, com poucos estudos, nem querem saber muito porque não precisam na vida deles. Eu estou culpada porque procuro pessoas parecidas comigo e não consegui encontrar. <i>Extracto 6</i> - <i>E quase tudo em Portugal foi uma surpresa. A língua, não sabia...</i> - Sim. Pensava que quase tudo era uma palavra. Não há pausas, tudo junto. <i>Extracto 7</i> - <i>Frio?</i> - Sim. Eu cheguei no ano de 2000 e começou a chover seis meses seguidos e marido voltou para casa sempre todo molhado, sempre todo.
Conclusão	<i>A discriminação entre os dois países é adequada e extensa. Refere-se a aspectos políticos, tecnológicos, educacionais, linguísticos, geográficos, climáticos e mentais.</i>
Categoria 2	Planificar estratégias a empregar durante o processo de preparação, realização e adaptação que a migração implica.
Extractos da entrevista	<i>Extracto 1</i> - <i>E como é que foi a situação que a fez sair?</i> - Decidi que vou casar, quer dizer, não é casar, decidi que vou ficar com este homem. E falámos que temos muita coisa e aqui, até ganhar, vai demorar muito tempo. Lá, casa tem, existe, temos onde viver. Eu tinha um trabalho, gostei desse trabalho mas engravidei. Achei que isso é... tem de trabalhar com toda a força e criança não tem culpa; tem de deixar trabalho para ficar com criança e ele vai trabalhar e depois podemos os dois trabalhar quando a criança cresce. - <i>E porquê Portugal? O visto era para que país?</i> - Qualquer coisa, qualquer país. Um ano antes, um ano e meio antes de nós chegarmos, planeámos isto tudo, o meu irmão tinha vindo para Portugal. Levavam na viagem, e onde vai encontrar trabalho deixam, podem deixar em Espanha, em França, em Roma e Portugal. O meu irmão já estava aqui e depois de ano e meio saiu primo de Vitali. Empresas turísticas, na altura levavam todos para cá. Aceitamos para ganhar mais do que 50 euros por mês. <i>Extracto 2</i> - <i>Nunca tinha ouvido falar de Portugal?</i> - Não. Antes de sair eu vi enciclopédias. Vi coisas que li. Percebi que é uma coisa pequenina, como uma aldeia, e percebi que não há nada, que eles têm... que já não têm nada, foi queimado. Há uma coisas agrícolas... vou apanhar limão. Qualquer coisa para ganhar...mas grávida sabia que não, vou subir escadas, mas marido pode. Li, li coisas. Vi Jesus na ponte, mas tem graça porque é um país muito pequenino, parece uma região da Ucrânia. - <i>Como é que começou a falar?</i>

	- Foi com a minha senhoria, ela foi 25 anos imigrante em França e, de lá voltou para aqui e comprou um destes apartamentos, e deixou lá o lugar. Marido morreu, ela já tinha filhos crescidos, ela voltou para Portugal.
Conclusão	<i>O pré-contato com a cultura portuguesa foi auto-didacta, bem como posteriormente, a aprendizagem das condições de vida existentes em Portugal, e da língua portuguesa, que se iniciou com a ajuda da senhoria.</i> <i>O planeamento das estratégias que desencadearam o início do percurso migratório não foram necessárias, pois foram realizadas pelas máfias locais que controlavam as agências de viagens, sendo que em Portugal, podiam também contar com a ajuda de outros Ucrânicos que já tinham, anteriormente imigrado.</i> <i>A idealização da Europa Ocidental e o desconhecimento da realidade constituíram-se como um impedimento às mudanças adaptativas que o percurso migratório exige. Esta realidade interna é agravada pelas duas experiências de maternidade da Lhudmila que, ao não serem desejadas nem planeadas, impossibilitaram integração na vida profissional, dificultando a sua adaptação à nova realidade.</i>
Categoria 3	Conhecimento das possibilidades e dificuldades inerentes à mudança espacial, horizontal mas também às condições de vida no estatuto social, vertical.
Extractos da entrevista	<i>Extracto 1</i> - Eles estão muito bem lá na Hungria. Portanto, achei que Portugal é muito pequenino, está bem organizado. É uma coisa intermédia, embora ache que teria sido melhor começar lá. Mas é impossível porque cá ganha-se mais. <i>Extracto 2</i> - Não tinha a menor ideia de como é que isto é na realidade. Agora eu tinha explicado lá para a minha mãe, para os meus amigos que nunca tinham saído de lá. Não é possível explicar o que espera um emigrante. É impossível, é inacreditável e quando comecei a viver, só pensava “não é possível que isto esteja a passar comigo... não pode ser”. <i>Extracto 3</i> Falas com pessoas da tua idade e ela diz na tua cara, com grande orgulho, que não sabe ler nem escrever mas ocupa aquele lugar, e tu? Tu não és nada... és estrangeira, pobre e faz-me sentir mal. Quando cheguei do princípio, eu não sei... pobre da cabeça ou pobre de vida, eu não sei. Eu acho que se ela é mais velha ou mais nova, eu falo da mesma maneira que falo lá na Ucrânia mas descubro que pessoa está muito pouco interessada de muitas coisas.
Conclusão	<i>Embora com algum conhecimento das mudanças espaciais, os extractos demonstram uma idealização e desconhecimento da realidade que a Lhudmila iria encontrar, tanto das condições de vida como dos custos sociais inerentes às mudanças. Relativamente aos países de Leste, que pertenceram à União Soviética, Portugal foi o país escolhido, por ser um dos países que na altura necessitava de trabalhadores, com</i>

	<i>melhores salários. Acresce ainda o facto, de ter cá um irmão, que os iria introduzir no mercado de trabalho.</i>
Categoria 4	Considerar os benefícios a obter e as perdas integradas em pós-ambivalência.
Extracto da entrevista	<i>Extracto 1</i> - Tecnologia. - Sem aparelhos e equipamentos, não vão ajudar. Uma amiga minha perdeu o filho antes de nascer, mesmo o parto. E eu tinha medo, eu tinha 36 anos, vou nascer com 37 e eu com certeza vou sair. Ficar não, não vou. Vou ganhar algum dinheiro para sentir-se melhor lá. <i>Extracto 2</i> Crédito na Ucrânia não existe, e precisamos de alguma coisa para o começo, para juntar. Cinco anos, pronto, cinco anos mas já faz cinco anos e não aconteceu nada. <i>Extracto 3</i> Eles estão muito bem lá na Hungria. Portanto, achei que Portugal é muito pequenino, está bem organizado. É uma coisa intermédia, embora ache que teria sido melhor começar lá. Mas é impossível porque cá ganha-se mais. <i>Extracto 4</i> Pensou alguma vez em voltar para a Ucrânia? - Voltar para a Ucrânia? Nem pensar. Por estar lá a mãe, consegue magoar-me e se está perto de mim, pior.
Conclusão	<i>A Lhudmila considera os vários benefícios que obteve em Portugal, nomeadamente a saúde, os melhores salários e a liberdade. Reconhece concomitante, as perdas que teve; o trabalho que gostava e onde era bem sucedida e as condições básicas de vida garantidas. No entanto, a Lhudmila sente que o seu projecto de imigração fracassou, ou seja, não conseguiu juntar dinheiro para voltar para a Ucrânia e a vergonha que um regresso implica, concomitante às relações difíceis que tem com os seus pais, impede-a de considerar esta hipótese.</i>
Categoria 5	Valorização das características e possibilidades pessoais para enfrentar o processo.
Extracto da entrevista	<i>Extracto 1</i> - Cresci assim. Sinto que... acho que toda a gente cresceu assim, só que algumas pessoas têm medo das novidades; “então eu vou agora largar tudo e começar a ser empregada com 50 ou 40 anos e começar do princípio. Não vou conseguir fazer nada porque não percebo bem a língua. Nós sabemos que nem toda a gente vai conseguir contactar o suficiente para conseguir chegar até Inglaterra ou até à América mas cresci consciente que vou sair, que não quero ficar aqui, pelo menos na cidade. Depois cresci mais um pouquinho... percebi que não quero ficar na Ucrânia nem na União Soviética. <i>Extracto 2</i> - E com essa ideia, assustadora do Ocidente e do capitalismo, o que é que a fascinava tanto, ao ponto de se querer ir embora?

	- Decidir, experimentar. Consegues ou não consegues e estamos criados como... eu sou alguém e vou conseguir. - <i>Auto estima e confiança?</i> - Sim, confiança. Mas quando cheguei aqui começaram logo a assustar; irmão, cunhada, vizinho que nos acompanhava. Ele era tão assustado que nunca vi na minha vida uma pessoa tão assustada, tanto que foi embora por causa dos nervos.
Conclusão	<i>A idealização que a Ludmila fez da Europa Ocidental, aliada a uma educação profissional que lhe deu confiança nas suas possibilidades de trabalho, gatilhou a saída da Ucrânia. No entanto, a formação que a sua educação lhe proporcionou, era para um trabalho no leste e não na Europa Ocidental.</i>
Categoria 6	Memória de evocação.
Extractos da entrevista	<i>Extracto 1</i> - Eu queria ser pedagoga mas para isto tinha que dizer que Deus não existe, então...! Até mesmo na faculdade de economia eu tinha de lidar com isto porque tinha uma disciplina, o ateísmo, tive de ultrapassar isto e pedir a Deus por tudo o que é sagrado para não dizer isto porque é ateísmo. Eu não vou ter nada, eu não vou ultrapassar esta barreira de dizer que Deus não existe mas ultrapassei de uma maneira tão maravilhosa porque entraram os primeiros cinco e depois os segundos cinco e até entrar eu, os terceiros cinco. Professor diz: "Você não sabia nada... precisa de metade, temos 2,3,4 ou 5. Quer 3? Deixa livros para outras notas." E eu deixei este livro porque prefiro ter 3 do que chegar ao fim do ateísmo e dizer que Deus não existe. Mas em Pedagogia...impossível ultrapassar isto. Nem entrava porque sabiam que eu estava a frequentar outras igrejas e era impossível, até tinha ter de pátria porque vou ensinar para os miúdos e isto é grave. Eu gostaria de ser mas nem sonhava. E sempre quis sair porque sabia que Deus existe. Não toquei na bíblia e quando toquei foi com a bíblia com páginas muito fininhas. E quando fui criada, sempre fui criada com pensamento de sair. Sair da fronteira para a Polónia foi uma grande alegria, por duas ou três semanas foi para negócios dos pequeninos; comprar lá, vender aqui, mas quando voltei até chorei. <i>Extracto 2</i> - <i>A escolaridade é um dos pontos. Na Ucrânia as pessoas têm uma maior escolaridade.</i> - Eles têm escolaridade de outra maneira porque eles têm o 10º ou 12º ano todos e, dentro de nós também temos pessoas com quem gostamos de falar e com que nós não gostamos mas estão escuro, estão a viver dentro de escuridade, de fetiche, estão apanhados por dinheiro, por mostrar vida boa mas não sentir vida boa. Eles tentam; eu tenho dinheiro, posso comprar isto, posso comprar isto e nós não. Eles não estão ricos mas estão ricos dentro da cabeça, quer dizer, estão ricos de emoção, estão ricos de sentimentos porque posso não ter muito dinheiro mas posso sentir dentro da cabeça e, estas pessoas sentem pouco mas

	sentem-se bem e falam sobre nós, escuro, mas aqui em Portugal há muitos mais escuros. Escuridão intelectual. Falas com pessoas da tua idade e ela diz na tua cara, com grande orgulho, que não sabe ler nem escrever mas ocupa aquele lugar, e tu? Tu não és nada... és estrangeira, pobre e faz-me sentir mal. Quando cheguei do princípio, eu não sei... pobre da cabeça ou pobre de vida, eu não sei. Eu acho que se ele é mais velha ou mais nova, eu falo da mesma maneira que falo lá na Ucrânia mas descubro que pessoa está muito pouco interessada de muitas coisas. - <i>Têm poucos interesses.</i> - Têm poucos interesses e não sei isto logo porque sei falar pouco e não descubro. Três anos eu estava cá e consegui perceber quem é quem. Eu lembro-me que dona de uma casa, de um palácio, e ela aluga os quartos todos e isto já não é um palácio, é uma espelunca. Mas ela é dona de tudo isto e ela anda de carro bonito e não posso inventar que ela está estúpida e com poucos interesses mas no fim, quando já consegui compreender, isto é uma coisa muito primitiva mas ela não sabia disto nada, e isto é horrível mas ela achava que não. Eu é que tenho razão. No princípio comesas a duvidar de ti, de virar tudo ao avesso mas não precisava de virar isto tudo, bastava só perceber a língua e perceber o que é que ela fala. <i>Extracto 3</i> É mal na vida dizer alguma coisa que não tem. Não conseguimos. Temos vergonha, temos vergonha de ultrapassar isto tudo. Para lá isto tudo parece natural como isto está tudo feio, horroroso, chocante, mesmo que nós vamos tentar explicar eles não vão acreditar porque têm ideia que é uma festa fora.
Conclusão	<i>Num contexto de oposição ao regime soviético, simultâneo a uma idealização do Ocidente, a Ludmila consegue resolver, em pós-ambivalência, a sua situação de formação profissional na Ucrânia. Porém, em face do desconhecimento da nova realidade e da ausência de normas rígidas mas organizadoras e da sua posterior desilusão das condições de vida onde está inserida, a Ludmila regride, vivendo o seu percurso migratório numa permanente ambivalência, entre a desilusão e a vergonha de regressar à Ucrânia. Infere-se assim que a evocação dos lutos que fez no passado, não foram transladados para uma nova realidade.</i>
Categoria 7	Poder pensar, para transladar à acção, as ambições que devem ser reconhecidas e aceites.
Extractos da entrevista	<i>Extracto 1</i> - Decidi que vou casar, quer dizer, não é casar, decidi que vou ficar com este homem. E falamos que temos muita coisa e aqui até ganhar vai demorar muito tempo. Lá, casa tem, existe, temos onde viver. Eu tinha um trabalho, gostei desse trabalho mas engravidei. Achei que isso é... tem de trabalhar com toda a força e criança não tem culpa; tem de deixar trabalho para ficar com criança e ele vai trabalhar e depois podemos os dois trabalhar quando a criança cresce.

	<i>Extracto 2</i> . Porque eu cheguei aqui para juntar, para ter algum começo de vida. Casámos e como não podemos esperar muito de pai e de mãe, temos a nossa casa mas temos de ter algum dinheirinho. Crédito na Ucrânia não existe, e precisamos de alguma coisa para o começo, para juntar. Cinco anos, pronto, cinco anos mas já faz cinco anos e não aconteceu nada. <i>Extracto 3</i> - A sua vinda para Portugal foi por uma razão económica, havia cá falta de trabalhadores... - Se tu não tens medo de trabalhar, eu não tenho medo mas, não eu não gosta, não gosta ele nem ninguém gosta de trabalhar, mas tem de haver um esforço para ganhar. Primeiro, foi a razão que estou grávida e lá, há todos os médicos, sabem tudo, mas sem medicamentos, sem aparelhos... <i>Extracto 4</i> - Eles explicam esta coisa; que isto é capitalismo, é muito mal, outros estão infelizes. Podem ser infelizes se querem ser infelizes, não querem trabalhar vão ser infelizes, pronto. Quer dizer, alguém dá, vou precisar de trabalhar muito com coisas que não estou habituada, vou-me sentir mal mas tem de ultrapassar isto para depois ficar mais forte e ter o que nunca tinha, liberdade de pensamento, liberdade de decidir. Isto gosto, isto não gosto, porque tinha de concordar com coisas que não estou. <i>Extracto 5</i> Nós sempre quisemos viver lá, Checoslováquia ou Polónia. Fora, mas não tão longe. Lá a vida... há muita coisa garantida. <i>Extracto 6</i> - A Lhudmila, antes de vir para a Europa Ocidental, sabia pouco do que é que vinha encontrar. - Sim, só coisas boas... mostravam a Europa rica, linda, educada.
Conclusão	<i>O desemprego do marido na Ucrânia, associado à sua gravidez que considerava de risco pela sua idade, os posteriores impedimentos ao trabalho, que a maternidade implica e a liberdade, foram as principais motivações e ambições que a Lhudmela evoca para emigrar. Porém, noutra realidade, a distorção e as lacunas de informação, a representação da Europa Ocidental, livre, educada, bonita e rica, conduziram-na a uma posição ambivalente entre a idealização da Liberdade e as condições de vida, garantidas, onde foi educada.</i>

2 – Processo de individuação na migração

Categoria 1	Do amor ou ódio à ambivalência.
Extracto da entrevista	<i>Extracto 1</i> - Chorava porque tem de voltar... fiquei com um stress, com um choque enorme. Quando entrei, já na Ucrânia, num restaurante ... a comida foi o que eu não gostei, nem nunca vou gostar. Esta comida foi para mim um horror e lá na Hungria eles trataram como turistas, trataram como coisas muito preciosas. Nós fomos príncipes. Todos. Chegamos, pegaram as malas... não sei como apareceram lá no quarto mas eu que não trouxe. Quando passei a fronteira, passei no meu país como que eu estou habituada, eu nem comer conseguia, foi um horror de tudo, foi horroroso, não foi tanto o horror de como nós víamos isto tudo. <i>Extracto 2</i> - <i>A Lhudmila, antes de vir para a Europa Ocidental, sabia pouco do que é que vinha encontrar.</i> - Sim, só coisas boas... mostravam a Europa rica, linda, educada. - <i>Mas como é que no leste mostravam a Europa Ocidental assim?</i> - Mostrar, não mostravam. Mostravam filmes que eram mundialmente conhecidos. Portugal... havia muito poucos, filmes portugueses, aliás, nem sei se vi porque não percebia nada. - <i>Como é que sabia o que está fora?</i> - Pelos filmes, pelos jornais. Mostravam. Quando mostravam, disseram o que está mal mas quando mostraram uma coisa, eu vejo, mas estou a ver o que quero ver, não? <i>Extracto 3</i> - <i>O que é que mais a desiludiu?</i> - Condições de vida de toda a gente e a falta de organização. Pronto, é um país quente, mas tem frio e tem calor, porque cheguei em Outubro, nasci em Março uma criança e tinha de mudar de quarto que chovia em cima do tecto. Eu fui espantada, nunca vi na Ucrânia, pode ser que o proprietário está a descuidar mas prédios todos do Estado estão bem cuidados. Prédio tem de ser arranjados; as pessoas vão para outro prédio, fazem obras e depois voltam. É de Estado mas nunca pensei que proprietário pode ser assim. Pulgas... foi o pior que me podia acontecer descobrir pulgas ao fim de três dias na cama. Quer dizer não foram três dias, já passou uma semana. Comprei um lençol branco e vi uma coisa preta que fugia da mão, apanhei-a e depois ela fugiu. Percebi que isto era uma coisa viva, na altura falava com o meu irmão. Eu fiquei com o cabelo em pé. Como vou fazer? <i>Extracto 4</i> - <i>O que é que gosta em Portugal?</i> Ai, não sei se vou conseguir, agora aqui... - <i>Gostar de alguma coisa?</i> - Muitas coisas que gosto. - <i>São?</i>

	- Esta segurança que ninguém chega, se eu vou abrir um bar, e se eu vou conseguir dar conta do recado; pagar impostos e ganhar para a vida, eu tenho a certeza que ninguém chega e me tira. Há muitos nossos que estão prontos para apanhar quem ganha. - <i>Aqui?</i> - Aqui e em toda a Europa mas têm muito mais dificuldades do que lá. Isto me dá alegria porque se eu vou comprar 1000 garrafas, e vender mais caro para alguém, vou ganhar com isto. Só tenho de pagar impostos, não faço nada ilegal e por isso não tenho de pagar mais nada para ninguém. Lá é que não. Porque é que eu saí do país? É por causa disto. Pronto, não gosto de muita coisa. Se pudesse escolher onde vivia, era Polónia, porque eles estão com estudos, quer dizer, com estudos... não todos da universidade mas estão com cabeças parecidas, estão mais livres. Eles foram do Leste, foram deste grupo mas não foram tanto, sempre foram independentes, mais independentes. <i>Extracto 4</i> - O que é que gosta em Portugal? - De tudo se ganhava 1000 ou 2000 euros mês, se encontrava pessoas que me interessassem, o clima é bom, posso construir casa confortável, sem frio nem calor, escola boa.
Conclusão	<i>O desgosto das condições de vida existentes na União Soviética, nomeadamente a existência de máfias, corrupção e, sobretudo, da má relação que tinha com ambos os países, fez com que a Lhudmila nunca se sentisse bem na Ucrânia. Durante a viagem conseguiu, apesar de estar grávida, opor-se às máfias que lhe queriam extorquir dinheiro. À chegada a Portugal, a Lhudmila entrou numa desilusão das condições de vida existentes, nomeadamente a existência da corrupção da máfia soviética. No entanto, a existência em Portugal de máfias, é sentida como exterior aos portugueses, o que lhe provoca segurança e a confiança necessária para poder vir a ter uma actividade comercial livre. A sua ambição, na primeira entrevista, era de voltar para a Ucrânia como emigrante bem sucedida e assim, mantém uma posição ambivalente e oscilante relativamente aos dois países. Um ano depois, a Lhudmila está mais integrada na sociedade portuguesa e exclui a hipótese de regressar à Ucrânia.</i>
Categoria 2	Da proximidade e distancia à distancia óptima.
Extracto da entrevista	<i>Extracto 1</i> - <i>Havia trabalho para toda a gente.</i> - Não havia, mas foi criado para as pessoas não sentirem... não ficarem rebeldes. Havia trabalho para qualquer um. Se não queres aqui vou procurar ali. Pagavam pouco, foi muito ilógico. Nas chamamos a nós próprios “país de doidos”, “país dos estúpidos” mas depois de sair... lá, é tudo a minha lógica. Mais lógico do que lá fora, para mim na maneira como fui criada lá, isto é tudo muito ilógico... não foi isto, que nós pensámos todos.

	<i>Extracto 2 (segunda entrevista)</i> - Pensou alguma vez em voltar para a Ucrânia? - Voltar para a Ucrânia? Nem pensar. Por estar lá a mãe, consegue magoar-me e se está perto de mim, pior. - E o pai? - Pai não fala, só hum, hum. Cunhada diz que ele desistiu. Fico triste, mas não sinto responsabilidade porque ele deixou-nos e já com 31 anos, já devia estar adulto. Irmão manda dinheiro. Se for preciso também mando, Tenho pena dos meus filhos não terem esta experiência, de avós. Quero que eles vejam o mundo, vou mandá-los para ver o mundo. Exemplo de Jesus. Força de dentro que vem da mãe. Se queres vais conseguir, só que não vais conseguir hoje, só vais ter amanhã. Depois na Ucrânia, a máfia estava escondida, agora está à flor da pele. Muito contraste; ricos e pobres. Lei já não funciona, decadência da educação... Gostava de ser professora na Universidade, se voltar, faço o mestrado e fico com mais regalias.
Conclusão	<i>As diferenças significativas nas condições de vida e nos valores vigentes nas duas culturas; Ocidental e o Regime Soviético, manifestam mudanças no modo de as perspectivar, nas duas entrevistas. Na primeira, a Lhudmila, face à realidade Ocidental, manifesta uma resignificação da realidade onde estava inserida e que valoriza. Na segunda entrevista, o extracto exemplifica o desejo de não retornar, pela perda dos valores que tinha e por já não ter na Ucrânia contactos mais intensos. Embora tendo atingido uma distância óptima entre os dois países a Lhudmila, embora mantenha telefonicamente, um contacto permanente com todas as pessoas a quem está mais ligada, nunca mais tenha voltado à Ucrânia</i>
Categoria 3	Do ontem ou amanhã ao hoje.
Extracto da entrevista	<i>Extracto 1</i> - Eu já vi duas famílias que foram em França e voltaram para aqui e ficaram pobres. Tenho medo que aconteça comigo, voltar para a Ucrânia ficando pobre. Isto me assusta. Eu acabei o curso lá, ela não acabou o curso nem lá nem aqui, sofreu 15 anos de vida. Porque eu cheguei aqui para juntar, para ter algum começo de vida. Casamos e como não podemos esperar muito de pai e de mãe, temos a nossa casa mas temos de ter algum dinheirinho. Crédito na Ucrânia não existe e precisamos de alguma coisa para o começo, para juntar. Cinco anos, pronto, cinco anos mas já faz cinco anos e não aconteceu nada. <i>Extracto 2 (Segunda entrevista)</i> - Lhudmila... parece-me que está mais centrada agora, no presente. - Presente que dá futuro. Comecei a investir nos estudos, Na Cais arranjaram-me um curso de informática para depois poder ir trabalhar numa loja de venda de produtos. Mas tens de perceber alguma coisa, não? Se não, não vendes. Vou agora lá porque a assistente social quer fazer o meu CV, não é para pôr cargos muito altos que tive, de professora e assim, mas para pôr empregos que já tive mais baixos que não vão

	assustar ninguém.
Conclusão	<i>Inicialmente, com fixações no passado e com um futuroidealizado, a Lhudmila não consegue usufruir as condições e vivências actuais, sentidas como desilusões dos seus projectos. Um ano depois, a Lhudmila conseguiu fixar-se num presente com projectos de futuro.</i>
Categoria	Do meu e teu ao nosso.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - Mas, não quero nada em Portugal, mas vou usar como trampolim. Portugal já me deu alguma coisa. Fui magoada por muita gente, houve quem me tratasse bem, mas também mal. Até pensei em matar-me e comecei com estes pensamentos. Extracto 2 - Em Portugal, o que é que sente que tem direito de usufruir, como um português? - Transportes, Centro de Desemprego, língua, sinto o direito de usar mas meti o Orgulho no bolso, não é lógico, por causa dos meus filhos. Cada pessoa que me empregava, pagava 5 euros por hora e a Dona magoava-me com os assuntos que falava. Naquele restaurante, Dona percebeu que cozinheiro é corrupto, levava coisas para casa. Voltou-me a pedir que eu voltava mas negócio estava tão mau que ela despediu toda a gente e ficou só ela. Quer dizer, não conseguiu gerir aquilo. (Pausa) Semana passada, encontrei Dona Gabriela, ela perguntou-me se estou bem e depois fica a olhar com aqueles olhos esbugalhados, assustados, não sei se tem medo que eu peça alguma coisa. Deixa para lá. Mas, não estou convencida que ela me despediu por causa do trabalho. Isso não. Aliás, outra caseira já foi embora. Comprou uma casa dela e foi dali embora.
Conclusão	<i>A posição ambivalente, relativamente aos dois países prevalece, apesar de resignificação dos valores vigentes em ambos. Antes de imigrar a Lhudmila sentia angústia face à sua família e ao seu país que se esbateu. Actualmente, a relação que a Lhudmila estabelece com Portugal é utilitária e idealizada, tendo no entanto, começado a usufruir das condições actuais. Dos extractos infere-se ainda as falhas de vinculação e sentimentos de pertença.</i>

4. Avaliação clínica da entrevista.

Os pais separaram-se quando a Ludmila tinha 6 anos e o pai fez um corte na relação parental, desresponsabilizando-se pelos filhos. A sua mãe, impunha regras sádicas e aleatórias, maioritariamente desadequadas à situação. Como exemplo, a mãe quando chegava do trabalho confirmava com uma luva a perfeição da limpeza da casa feita pela Lhudmila, seguida de chibatadas que a Lhudmila tentava controlar o número, conforme o seu erro, sem nunca ter conseguido.

A identificação a este objecto primário conduziu-a a um isolamento interno e à introjecção de regras e interdições super-egoícas arcaicas que visam um funcionamento perfeito, prejudicando a sua capacidade empática, nomeadamente com os filhos em questões afectivas e emocionais. Para a Lhudmila, ser mãe, cingia-se à imposição de regras comportamentais sem aceitação ou compreensão dos afectos depressivos, agressivos, afirmativos ou que manifestassem uma necessidade de afecto.

Com um funcionamento psíquico neurótico com um traço histérico, paranóico e depressivo acentuado, a Lhudmila vê-se impossibilitada de aceder ao prazer exigindo o funcionamento perfeito das regras na execução de qualquer tarefa. No seu percurso migratório, este funcionamento, colocou-a profissionalmente numa impossibilidade de realizar qualquer escolha laboral, pois a perda de estatuto vertical era sentida como uma humilhação, relativamente à formação e cargos que tinha ocupado na Ucrânia.

A relação de objecto predominantemente neurótica manifesta-se na sua dificuldade em usufruir de tudo o que é prazenteiro na vida, castigando-se posteriormente, ferindo-se, ou sentindo de ansiedades fóbicas. Estas situações são assim destruídas pela Lhudmila que sente não merecer. Numa atitude colorida de megalomania, a Lhudmila atribui a si própria, sem que inicialmente percebesse porquê, a responsabilidade de qualquer acontecimento que perturbasse o seu funcionamento físico ou mental. Durante meses foi trabalhada a sua co-responsabilidade no seu relacionamento com os outros e com a vida, de modo a delinear melhor os seus limites internos e os externos, no que se referia ao trabalho e às suas relações familiares. Num balanceamento entre denegrir, desprezar e destruir qualquer situação laboral, e a idealização de conseguir um trabalho técnico com um estatuto elevado, que a impediu de aproveitar várias oportunidades que lhe surgiram,

seguiram-se os remorsos por não ajudar economicamente o marido. Qualquer serviço doméstico, nomeadamente as limpezas, reactivavam as situações traumáticas da sua infância que a Lhudmila inviabilizava imediatamente com uma transferência massiva da mãe para as patroas. No entanto, a Lhudmila não assumia as suas responsabilidades neste processo, projectando o insucesso no mau objecto que a patroa representava para ela, tornando-as por vezes, maléficas. Por outro lado, os cursos que tirou na Ucrânia não têm equivalência em Portugal e são desadequados ao nível profissional ambicionado, face às suas experiências profissionais na Ucrânia.

Desamparada e despojada das redes sociais que tinha na Ucrânia, a Lhudmila fazia constantemente apelos de afecto e de amparo, sem percepcionar que a relação profissional impunha outros parâmetros. Porém a Lhudmila começou a verbalizar que este facto a humilhava constantemente, mesmo comigo, onde as suas queixas se focalizavam em eu não ser amiga, mas psicóloga dela.

Emergiram problemas no relacionamento com o marido que não conseguia apoiá-la como ela necessitava. O seu estado depressivo impedia-a de realizar as tarefas domésticas esperadas pelo marido que vinha cansado do trabalho. A falta de comunicação entre os dois foi-se acentuando; concomitante à sua incapacidade de ouvir e ser empática, o marido silenciava-se progressivamente. A Lhudmila saiu duma passividade reivindicativa, centrada numa alteração do comportamento do marido, e a procurou caminhos para viabilizar a sua relação conjugal que se estava a deteriorar.

A oscilação entre os aspectos negativos e idealizados dos dois países e pessoas, manteve-se durante muitos meses e, só na última entrevista, a Lhudmila revela um começo de integração interna dos aspectos maus e bons. Menos deprimida, a sua integração social evoluiu; as suas relações profissionais incrementaram o desejo de expandir as suas relações ao constar que se sentia mais feliz inserida num grupo de pessoas, do que sozinha em casa. Assim a Lhudmila começou a ter amigos e casais com quem saía e a queixa de que não havia pessoas que lhe interessassem foi-se esbatendo, pela diversificação de pessoas que conseguiu manter relações.

Anexo D

1. Dados demográficos.

Nome	Venina Maria Vieira.
Data de Nascimento	19 de Janeiro de 1960.
Sexo	Feminino.
Nacionalidade	Brasileira.
Data de entrada em Portugal	20 de Outubro de 1996.
Tempo previsto de permanência	Janeiro de 2007.
Tipo de visto	Acordos de reciprocidade com o Brasil.
Estado civil e nº de filhos	Solteira sem filhos.
Familiars em Portugal	Prima.
Amigos em Portugal	Brasileiros.
Instituições procuradas	Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, JRS, Irmãs Vicentinas.
Profissão	Indiferenciada, já teve vários tipos de trabalho.
Escolaridade	12º Ano feito no Brasil.
Escolaridade e profissão do pai	Agricultor.
Escolaridade e profissão da mãe	Doméstica.
Data da 1ª consulta	Outubro de 2005.

2. Entrevista.

Primeira Entrevista

- *Gostaria que me contasse o seu percurso migratório. O que é que aconteceu? Vamos voltar aquela época. O que é que a fez vir para Portugal?*

- Na época eu não estava com emprego fixo, estava a contracto, e a minha prima veio para Portugal porque ela perdeu o trabalho dela no público, extinguiu a empresa, e ela me convidou. Como eu tinha 36 anos, não tinha filhos, nem marido, nem namorado e tinha muita vontade de conhecer aqui, na Europa, então ela falou que a língua era portuguesa, que dá para a gente trabalhar, juntar dinheiro e depois conhecer o resto da Europa. Como eu tinha primos na Itália, na Suíça e na Alemanha, falei “também vou”. Só que quando eu cheguei aqui não era a mesma coisa porque o trabalho era difícil, o trabalho era pesado. Comecei a morar numa pensão, dividi a casa com pessoas diferentes. A casa era grande. Nunca tinha dividido a casa... comida separada e pronto, o que me valeu... quer dizer... eu acho que não sou pessoa para emigrar.

- *Em que sentido é que acha que não é uma pessoa para emigrar?*

- Quer dizer, para emigrar uma pessoa... outros valores. E isso para mim é difícil.

- *E de que valores é que teve de abrir mão?*

- Ah... a comida, né? Ajudar os outros. Emigrar é a lei da sobrevivência

- *Hum, hum.*

- A lei da sobrevivência, você tem de mudar como pessoa... de ficar mais fria, mais egoísta, sei lá... e o ritmo de vida é completamente diferente. E eu passei muito mal com isso, não conseguia. O que me custava mais era a comida; morar na mesma casa e fazer comida separada, não chamar ninguém para comer.

- *O facto de comer sozinha?*

- É, sem dividir. Numa panela diferente... é uma coisa muito estranha isso. Eu não consigo isso. Faz-se comida é para todo o mundo que vive junto mas o pessoal aqui não aceita porque acha que está abusando o outro e até acha que está a dar liberdade para quando o outro vai comer ter que chamar o outro. Eu acho que é tipo assim... até mesmo não há abertura para poder vir aqui para casa para comer connosco. É diferente. Tem de ter uma vida diferente para juntar dinheiro e depois voltar e isso.... Não dá para viver

mais ou menos e ainda juntar. Eu não me vou privar de coisas básicas. Eu isso tive muita dificuldade. No Brasil a minha casa estava sempre cheia; sobrinho de meu pai, te falei... meu pai criou 35 sobrinhos de igual para igual, comida nunca falta, mamã falava “mais você dá, mais você recebe” e eu tive muita dificuldade nisso, de conviver com pessoas diferentes e pessoas que chamavam nossa amiga e ter de fazer comida diferente.

- *Nessa casa, as pessoas eram de que nacionalidade?*

- Deixa ver... tinha Cabo Verde, Angola e brasileiro e português.

- *E notava alguma diferença no tratamento com os brasileiros e dos outros?*

- Não. Para falar verdade todo o mundo gosta, todo o mundo gosta de brasileiros. Para falar verdade, não. A dona da pensão gosta... eu achava que as pessoas eram diferentes; pessoas mais sérias...assim, mas nunca teve problema, era tudo super legal; eles não eram racistas, Era tudo gente boa, muito legal, super legal mesmo. Toda a comida dividiam com a gente.

- *Sentiu-se bem acolhida. Fez lá amigos?*

- Sim. *(Relata durante 5 minutos todas as amizades e pessoas que viviam na casa de hóspedes: africanos, brasileiros e uma portuguesa que vivia com um angolano e que ficou grávida)*. Eu não tive problema de adaptação no início, foi bom, foi muito bom. Gostei do clima e tudo. Difícil era trabalho porque já tinha esse problema e não era acostumada a fazer trabalho pesado, realmente nunca fui. Eu ajudava sempre mas aí comecei a ficar com dores e tal. Tive uma vizinha, era brasileira, ela, ela tinha uma qualidade de vida boa, ganhava bem, trabalhava numa empresa multinacional americana, ela era tipo directora, viajava sempre, então me deixava o apartamento, só que ela foi embora em Maio e eu voltei em Junho para o Brasil, voltei em 98. Ela me emprestava o carro, ela dirigia, tinha um amigo que a levava para a praia de carro, tinha um estilo de vida muito diferente da minha. Eu nunca botei isso como prioridade na minha vida. Ela toda a hora estava em festa, em Cascais, então o estilo de vida dela era diferente do meu mas fizemos amizade.

- *A ideia dela era arranjar marido...*

- Arranjar casamento. Eu tinha de conhecer. Não vim com a ideia de procurar namorados. Eu quero voltar para a minha terra e ela quer ir para o estrangeiro. Não sei porquê. Mentalidade.

- *Quando veio para Portugal veio com a sua prima*

- Ela veio e 10 meses depois eu vim. Não. Ela veio em Junho e eu vim em Outubro.

- *De 96.*

- De 96. Voltei ao Brasil em Junho porque não consegui trabalho.

- *Junho de ...*

- 97, 97, 97, fiquei 4 meses.

- *E regressou ao Brasil porque não arranjava trabalho.*

- Não. É assim: aí eu tive um namorado angolano e cheguei em Brasília e fui directo fazer um cursinho de professora. Fiz o curso de professora e só ficava estudando, aí eu fiquei 4 meses, não foi em Junho e voltei a 29 de Agosto. Fiquei a morar em casa da minha irmã porque a minha mãe já estava morando no Piauí, havia já 4, 5 meses que a minha mãe tinha ido morar no Piauí. Nas fomas para Brasília tinha eu 19 anos, também era imigrante em Brasília, mas no Piauí, é mais pequeno, a gente é mais gente... mais valorizado, né? Tem médico e como a minha irmã era a mais equilibrada e educada, tinha melhor emprego e tal, e mais velha, e aí ela ia lá 2, 3 vezes por ano e, estava mais lá que cá. Então resolveu vender a casa. Ela tinha uma casa no Piauí. Quando eu fui para o Brasil, não fui para casa da minha mãe. Já tinha matriculado no cursinho e estava de 2º a sábado, e como a minha irmã era divorciada eu fiquei morando com a minha irmã e o meu irmão, que me devia um dinheiro, eu tinha uma casa e então foi para ele, ele me dava de juro, tipo mesada e pagava o cursinho, e fiquei só a preparar o concurso que não cheguei a fazer porque aí esse namorado ficou me chamando e ele queria que eu comprasse umas calcinhas para Portugal e fui morar com esse rapaz, o Carlos, em casa da minha prima e um dia ela me chamou e perguntou “então... como é que é?” aí sim não dava para ficar lá mais com o Carlos porque ele não lhe dava segurança. Era um trapiqueiro, traficante, era isto e isto, e ela foi dizer à minha mãe que eu estava com traficante, com bandido, com um monte de coisas e a minha mãe chegou a ligar para o telemóvel e ela me disse para fugir. “Não mãe, o que é que é isso?” Ele era irresponsável mas dava-me mais segurança que a própria minha prima. Segurança psicológica, ele me tratava como gente e ela não. Ficava limpando o banheiro, me lembro que uma vez estava todo sujo, ele estava com diarreia e

- *Venina, você veio do Brasil, foi para casa da sua prima com o Carlos e depois?*

- Aí, eu fiquei sem onde morar.

- *E ficou lá quanto tempo com o Carlos?*

- De Dezembro a Abril, de Dezembro a Abril. Isto já era em 97. E vi que ele era um irresponsável, que nunca tinha estabilidade, nunca tive estabilidade de trabalho aqui porque ele nunca teve um trabalho. Trabalho eu não conseguia aqui eu porque trabalho eu não conseguia, eu não confiava nele, aí pronto, eu vi que não dava e aí sai e fui morar para casa de outra amiga que não conseguia segurar a barra, lá em Cascais mas aí, depois, eu queria ainda ficar com ele e, como ela era amiga dele, ele acabou ficando lá mas pronto, até 99, foi quando eu sai e fui morar com outra amiga minha.

- *Quando? Em 99?*

- Em Julho, em Julho, tipo Julho e voltei em Dezembro porque acabava a minha residência.

- *E porque é que nessa altura resolveu voltar para Portugal?*

- Voltei porque esse rapaz de que te falei, de langeri. Comprei calcinhas, tudo promoções e peguei nesse rapaz que representava uma marca muito boa no Brasil, langeri, e ele... e como ele tinha um stock antigo e como ele não pagava logo tudo... A primeira vez comecei com 250 contos e depois liguei para a fábrica para eles me mandarem um mostruário e eles disseram que não podiam porque já tinham um representante em Portugal. Fiquei um tempo a vender o que ele me trazia, vendia rapidinho, mas da 3ª vez ele deixou-me ajeada; ele falou que íamos para o Brasil para fazer compra. Eu fui para a Suíça, deixei umas coisas para a minha prima, só que a minha prima não gosta disso e não quis, então eu falei “vou-me embora”, mais por causa do Carlos, mas fui com esse rapaz a S. Paulo, a uma feira de langeri, uma feira da América Latina e aí voltei para casa e voltei para S. Paulo de novo, fiquei 2 dias na fábrica para aprender como se vendia para ser representante cá, só que, eu não tinha dinheiro, honestidade do meu trabalho eu tinha mas dinheiro não. Mas o Francisco, quando eu voltei para cá, o Francisco não tinha dinheiro, daí essa amiga com quem eu morei em Abril, ela trabalhava para um português muito rico e comecei a trabalhar com ele. Quando cheguei do Brasil, eu vim sem nada, 50 reais. Meu pai tirou 50 reais e me deu. Aí uma amiga minha... não vou para casa da minha prima né? Não dá. Liguei para a minha amiga e ela falou: “pode vir” eu disse. “tu pode me vir buscar no aeroporto porque eu não tenho dinheiro?” ela disse: “não vou

buscar mas você pega um táxi e quando você chegar, estou-te esperando e eu pago.” Aí a minha prima queria ir de férias para o Algarve e chegou me pedindo, no mesmo dia que eu cheguei, ela deu lá uma passada que era para mim ficar para tomar conta do filho dela mas a minha amiga disse não, tu já estás aí, fica. Ela estava numa boa, já trabalhava.

- *A amiga que lhe deu dinheiro para o táxi?*

- Exacto. Aí sim, já fico mas depois... ela foi dizendo um monte de coisas de mim e a minha prima dizia

- *Venina! Ficou em casa da sua amiga quanto tempo?*

- Fiquei até Março mas depois o americano depois foi embora e voltou e ele depois me expulsou da casa dele. Eu não entendi isso, entendi que era para mim ficar.

- *Venina, não estou a perceber. Em Dezembro veio para Portugal. Foi viver para Cascais para casa da sua amiga que lhe emprestou dinheiro para o táxi...*

- Nesse mesmo dia... ia ficar só esse mesmo dia mas fiquei lá uma semana e tal mas ela disse: “Já que estás aqui fica.” Eu entendi isso mas ela já sabia que o americano vinha e no fim de Dezembro, Janeiro...

- *Venina. Vamos centrar-nos em si. O que é que fazia nessa altura?*

- Comecei a trabalhar na galeria do Francisco e dela.

- *Da sua amiga?*

- Não da minha prima.

- *Da sua prima?! Então a sua prima vivia com quem?*

- Era ela, um amigo e o filho, porque quando eu cheguei do Brasil, ela estava casada, morava com um alemão. Na hora que cheguei do Brasil, botei a bagagem e comecei a vender café, não tinha dinheiro.

- *E esse filho era de quem?*

- Dum brasileiro que estava no Brasil, ele viveu 5 anos com ela.

- *Então e o americano?*

- O americano, ficou noiva para casar, então ele, como era noiva, morava na casa dele.

Nunca dormiu lá homem, Esse americano quando a conheceu, ele foi lá. Eu tomava conta da criança, estudava e levava ele de lá para cá. Antes era uma portuguesa que tinha o marido a trabalhar no aeroporto e a minha prima não tinha os papéis

- *E o seu visto de residência foi renovado?*

- Eu nunca fiquei ilegal, Nem só um dia.

- *E então ficou em casa da sua prima até quando?*

- Até Março. Olha, eu fiquei lá, já era 2000. Eu vim em Dezembro de 1999, depois ela me expulsou. Eu fazia comida gostosa, tratei de um monte de documento dela e do filho e aí o americano foi embora em Março. Aí o Francisco trouxe uns sapatos e umas coisas e aí eu falei: “vou comprar um carro” mas não sabia dirigir, não tinha prática. Aí tinha de ir ao Rato buscar uns sapatos do 33 ao 40. Comprei um carro por 300 euros, tive o carro uns 2 ou 4 meses, Aí ia e voltava mas o carro era velho e então fui trabalhar para um centro comercial; comprei uns perfumes, aluguei uma banquinha e fui vendendo. Aí a minha prima disse...

- *Essa loja funcionou quanto tempo?*

- Até Janeiro, quase um ano, aí ela me expulsou, dizia que eu não podia comprar perfume, que estava acabando por me sustentar.

- *Em Fevereiro de 2001?*

- Ela já estava casada, eu fiquei só 3 meses com ela, foi quando ela me falou que eu não podia vender perfume.

- *Venina com calma, se eu não percebo nada. Então em Dezembro de 1999...*

- Dia 5.

- *Foi viver com a sua prima.*

- Não, primeiro fui viver com uma amiga e depois a minha prima me chamou. Fui e fui trabalhar na lojinha a 3 de Março de 2000. De Março de 2000 a Janeiro de 2001.

- *Em Março de 2000, teve um conflito com a sua prima.*

- É.

- *E foi morar para onde?*

- Para casa de outra amiga dela que também já tinha morado junto com ela, que era também do Piauí, da mesma terra, porque a outra amiga casou e eu fiquei morando no lugar dela, para dividir a renda. Era uma sala, uma cozinha pequena, o quarto dela e umas escadinhas no sótão onde eu dormia. Era muito bonito.

- *Portanto viveu lá de Março de 2000 até quando?*

- Até Outubro. Porque aí, veio outra que era mais amiga dela e foi morar com ela, foi morar com ela.

- *A loja durou até Janeiro de 2001?*
- É.
- *E a loja acabou porquê?*
- Porque a venda era muito fraquinha.
- *Não chegava para pagar as despesas, renda, material, etc?*
- Porque era assim: eu vendia tudo mas no Inverno não. As coisas de Inverno era muito caro, não valia a pena.
- *E de Janeiro a Outubro viveu onde?*
- Em casa de uma amiga até procurar uma casa para mim.
- *Viveu com essa amiga quanto tempo?*
- De Outubro de 2000 a... até quando? Seis meses, porque lá ela não queria dar espaço para mim e aluguei a casa em Maio. Em Maio? Abril. Cheguei dia 5, tinha alugado uma casa há pouco tempo e fiquei final de Outubro, Novembro, Dezembro e Janeiro e uma semana de Fevereiro e depois voltei para casa da minha prima, aí fiquei 15 dias em casa da minha prima mas lá estava cheio de gente porque veio o meu primo e mais uma amiga que ele trouxe e mais dois amigos da mulher, fomos alugar...
- *Venina. De Janeiro de 2001 a Abril de 2001, viveu de quê?*
- Vendia alguma coisa, promoção, dava para pagar a comida, não dava para juntar mas para pagar a comida, dava. De Março até Outubro, lá na loja eu gastava só de renda... gastava 250 euros.
- *A vender calcinhas?*
- E sapatos. Ganhava 20%, você acredita! Só que era 20% ao mês e eu tinha de pagar renda, tinha de pagar comida, tinha de pagar gasolina, portagem, tinha de deixar aquilo fechado e vir correndo para buscar sapato.
- *Venina... de Abril de 2001, até quando continuou com essas vendas?*
- Aí eu conheci outra brasileira....
- *Sempre teve uma vida instável de dividir a casa com este e com aquele, com outras pessoas e a fazer promoções e vender alguma coisa para sobreviver.*
- Exacto.
- *Durante este tempo até agora, não foi ao Brasil...*
- Fui em 2004 em Outubro.

- *E resolveu ir ao Brasil porquê?*

- Estava doente né? Havia 5 anos que eu não ia. Fiquei em minha casa e depois fui para casa da minha prima que estava com intenção de separar. Aí o meu irmão veio em Maio, Junho e procuramos uma casa, queria ficar sozinha com o meu irmão, queria fazer num quarto, um escritório e no outro quarto, um tipo armazém...

- *Venina quando voltou do Brasil o que aconteceu?*

- Fui para o Algarve. A minha amiga ficou na casa que tinha 2 meses que eu tinha feito a casa. Aí fiquei 3 meses no Algarve, aí voltei e tinha a minha casa aí de Abril, de 2 de Abril até Junho de 2004. Eu tinha a minha casa, saísse ou não saísse, eu pagava a renda sozinha, ah... mas eu nunca sai da minha casa. Vi no jornal o emprego do Algarve, apanhei o onibus, fiz a entrevista e fui aprovada e fiquei 3 meses no Algarve.

- *Em Julho de 2004, decide voltar ao Brasil.*

- Porque eu estava doente e com saudades, havia 5 anos. Tinha 5 anos que eu não ía, então...

- *Quando voltou não pensou em ficar lá?*

- Comprei passagem de 3 meses e fiquei 3 meses lá.

- *O que é que a fez voltar para Portugal? Estava doente, via que a sua vida aqui era muito instável, de trabalho de casas...*

- Foi porque eu vim com esse negócio do Noni.

- *E pensou que podia começar a viver desse negócio do Noni.*

- Exacto e lá no Brasil com o Noni fiquei bem de saúde e... ah! E porque me tinham falado desse micro crédito e eu tinha uma amiga que me podia dar uma ajuda e a filha dela.

- *Em Julho de 2004, volta para Lisboa.*

- Não. Vou para o Brasil dia 20 de Outubro e volto a 31 de Janeiro de 2005, não no dia 29 de Janeiro, são 70 dias.

- *Nessa altura veio com o Noni e o que aconteceu?*

- Eu fiquei 40 dias doente; dor, dor, dor e depois fui trabalhar para uma promoção. Aí fui trabalhar no Março em Abril, estava doente. Aí vi o anúncio no jornal e fui trabalhar nesse clube de férias que era trabalhar 23 de Maio até ao dia 5 de Junho. Em Julho de 2005 e depois vim para aqui em Outubro, não foi?

- *Foi.*

- Ainda fiquei Julho, Agosto, Setembro, Outubro, aí recebi o meu IRS, 700 euros. Aí comecei a receber subsídio nunca mais trabalhei, só agora.

- *Subsídio da SCML?*

- Sim. Acho que foi em Novembro. Dinheiro de urgência. Depois comecei a tratar da documentação toda e recebo de 3 em 3 meses.

- *Em Outubro de 2005, começa a vir ao JRS e começamos um acompanhamento semanal. Desde essa altura recebe o subsídio da SCML e de algumas promoções que recentemente começou a fazer.*

- Só fiz agora em Maio e Junho e agora nunca mais.

- *E daqui para a frente... o que é que acha que vai acontecer?*

- Vou tentar arranjar um trabalho e tratar do micro crédito cá no JRS. Já tratei dos papéis, está tudo ok lá na Caixa Geral e já passaram 3 semanas.

- *Começou a viver com o César quando?*

- Foi assim, eu vim do Brasil e comecei a morar com a Léu que morava no 5º andar e depois o César já tinha morado com ela mas ela só tinha um quarto. Tinha um quarto e ele foi morar para a pensão porque aquele não servia, só que eu não tinha condições e fui morar com a Léu. Quem tomava conta da casa era eu, o Jaime morava com a gente, ele e o César, mas quem estava lá era a Léu, quando eu fui para o clube de férias deixei para a Léu. Quando eu vim para Portugal estava sem dinheiro, ela me emprestou. No fim do mês eu disse: “agora vou-te pagar” só que “quais são os meus direitos e as minhas obrigações, o que é que se faz para legalizar a casa?” Eu ia ficar no quarto grande com ela e sobravam mais 3 quartos que podiam ser alugados e eu ia tomar conta da limpeza, ajudar nalguma coisa. A Léu é que pagou na entrevista. Aí no dia em que eu fui pagar “o dinheiro está aqui, quais são os meus direitos e obrigações” porquê? Porque alugando os quartos nós pagávamos uma renda menor, era o que sobrasse, ficava mais barato. Era num domingo, dia de folga, o César estava lá e eu disse;” agora quero saber quais são os meus direitos e obrigações, eu acho que é a responsabilidade da casa.” E ela foi falando coisas e então eu disse: “então tá, depois a gente conversa”. E eu fui para aquele quartinho que pagava 150 euros e não quero saber de mais nada. “Vou-te pagar e vou-te

pagar esse mês mais um mês de renda porque eu estou fora”, porque ela jogou tudo na minha cara. Vou deixar a renda para você, vou deixar os móveis,

- *Quando voltou para Lisboa, foi para esse quarto, pagava 150 euros e depois foi nessa casa que conheceu o César.*

- É verdade. Fiquei lá e ainda fiquei...

- *Quando veio para cá, havia um senhor que geria a casa...*

- É o César, não é o meu César.

- *Tudo bem, então passados 3 meses ficaram a morar juntos no mesmo quarto.*

- É, por 150 euros.

- *E foi então que decidiram alugar uma casa juntos. Venina hoje vamos ficar por aqui, depois vamos fazer mais uma entrevista para clarificar alguns pontos, parece-lhe bem?*

- Tá.

2ª Entrevista

- *Venina, nesta última consulta vamos ver o que foi importante, o que houve de bom e mau nesta estadia em Portugal, uma vez que parte, sem projectos de voltar, na próxima semana.*

- O César foi um grande apoio para mim, vou estar sempre grata para ele porque ele foi muito importante. Também você, né?

- *Hum*

- Saíamos para passear, foi muito bom. Agora parece que está dando tudo certo. A minha irmã que está em S. Paulo com o meu irmão, quando estive no Brasil fiquei em casa dela 4 meses, ela tem uma filha deficiente e eu tomava conta dela. Então eu vou lá ficar com ela, meu irmão, minha irmã e dois sobrinhos. Passo lá 2 dias e depois vou para Brasília. Um grande churrasco que vai ter no domingo para comemorar os meus anos e a minha chegada. Minha irmão chega no domingo, então eu própria vou pega-la às 8h da manhã, tomar o café da manhã e ela vai para os Estados Unidos mas a filha dela está em Brasília. E quando for no dia 4, eu tenho de ficar no Piauí, para tomar conta do meu pai até a minha irmã chegar, que é no dia 15. Vou tomar conta dos meus pais e já vou começar a trabalhar. Levo uns perfumes para vender lá.

- *Venina não vai agora ter problemas de mandar perfumes agora no avião?*

- Eu não vou de avião, vou de onibus, 28 horas (ri-se) mas eu gosto. Vou tomando conta das crianças, levo a minha comida; frango, sandes, fruta. Eu gosto. É gente que emigrou do Piauí para Brasília. A minha irmã que trabalha na escola, diz que vai arrumar qualquer coisa para mim mas eu não sei se aguento o calor. Hoje mesmo eu vi no jornal que este ano vai ser o mais quente da história da humanidade. Eu não aguento. Muito calor, calor demais.

- *Que diferenças e semelhanças são mais significavas para si, entre Portugal e o Brasil?*

- O que é de semelhante é a língua, né? Não noto muita diferença.

- *A língua fá-la sentir em casa?*

- Não, não muito. O brasileiro é mais aberto.

- *Hum*

- Eu, em qualquer lugar que eu viva me sinto bem, mas digamos o clima, a alimentação...

- *Mas o clima de Portugal, ou cá de Lisboa, é parecido com certas zonas do Brasil.*

- É verdade. Aqui, a qualidade de vida é melhor. Qualquer pessoa... Tem mais poder de compra. Por exemplo, uma pessoa que trabalha num supermercado tem cá uma qualidade de vida que lá não tem. Aqui a mão-de-obra é mais valorizada. A desigualdade é menor, principalmente no campo, então no Nordeste a vida é demais! As pessoas, não é as de classe A, mas as outras, vivem mais ou menos.

- *Mas Venina, também não tem muita experiência como é a vida a rural cá em Portugal.*

- Não e eu vi uma reportagem na televisão de Trás-os-Montes e também é um meio muito carente, muito analfabetismo... tapadinhos de todo, nem parece que vivem no meio da civilização. Nossa! Tapadinhos de todo. Eu acho que aqui até é pior. Acho não, tenho a certeza. Eu fui na roça, lá no Brasil e aqui é pior. A televisão, as comunicações... há mais do que aqui. Pelo que eu vi na televisão, é pior aqui, é pior.

- *Quando veio do Brasil, veio só para passear na Europa*

- Trabalhar e passear.

- *Trabalhar e passear. Não foi para si um projecto de emigração.*

- Não, não foi. Eu vinha por um ano.

- *E de alguma maneira sabia o que a esperava?*

- Eu sempre tive consciência mas a minha doença nunca me deixou estruturar em nada e eu acho que agora chegou o dia D. Posso até voltar de passeio, e gostava, mas vou-me

estruturar no Brasil. Mas voltar não. Pra mim voltar é para o Brasil. Imigrar de vez não. Para quem venha com um projecto de casar e tal, tudo bem, mas eu não vou ter forças de me casar, nunca pus na cabeça ficar. Eu queria conhecer sim, mas ficar não. Agora, se eu conhecer um português na Internet, eu volto (eu rio-me). Com uma vida estável, eu volto. Se não, não. De fantasia (ri-se), né?

- *Hum. Quais foram as coisas que mais lhe custaram em Portugal?*

- Eu só não fiquei aqui porque não tenho possibilidade de trabalho aqui e a família. Eu sou muito ligada à família, muito, muito. Mas, se eu pudesse ter uma estabilidade e se pudesse ter alguém aqui, ficava 2, 3 anos. Mas para mim eu acho que não consigo estabilizar aqui.

- *Sim e lá no Brasil tem uma rede familiar significativa.*

- Mais do que ganhar dinheiro eu quero é ter uma vida normal. Em primeiro lugar, eu aqui nunca vou conseguir ter condições de alugar uma casa. É difícil ter uma estabilidade aqui, pois eu aqui estou praticamente sozinha. Dinheiro para comprar...eu não tenho. No Brasil fica mais fácil de arranjar dinheiro para ter uma casa própria, é mais barato e isso é uma segurança muito grande. E se fico doente? Não trabalho, o dono da casa me põem fora, não é? Ele não tem nada com isso...

- *Sim*

- Então pra mim aqui é muito difícil.

- *Desde que veio para cá os seus sentimentos alteraram-se em relação a Portugal e ao Brasil, ou não? Pensa o mesmo dos dois países.*

- Não mudaram não, eu gosto de Portugal mas, a minha terra é o Brasil. É o segundo amor, né? Mas eu gosto daqui e acho que aqui é bom e acho que foi bom para muita gente qui se conseguiu organizar aqui. Organizar lá no Brasil e aqui. Tem muita gente que tem boa casa lá no Brasil e aqui também.

- *Venina, ao longo deste tempo conseguiu não perder nenhuma relação com a sua família...*

- Nunca. Deus me livre nunca. Não passa 15 dias sem alguém me falar, ou eu, nem que seja pra dizer que é só para ouvir a sua voz.

- *E também tem ido regularmente ao Brasil?*

- Sim, ver os meus pais.

- *Foi importante para si não ter perdido isso e quem sabe se o César não vai encontrar um trabalho, qualquer coisa no Brasil que o faça sentir-se integrado lá.*

- Sim eu acho que ele vinha duma família analfabeta, rural. O pai era ignorante. “Se tu quiseses fazer a diferença, fica em Brasília, vem viver comigo, se tu quiseses ser só meu amigo, tudo bem. Fica em Brasília porque vai fazer mais a diferença do que tu voltar aqui para a Europa. Você vai primeiro trabalhar e depois estudar.” Esse negócio de perfume dele, tá começando e é um negócio de futuro. Então eu falei: “ eu estou te dando uma oportunidade, que é muito melhor do que você vir para cá. O dinheiro acaba, acaba, você é jovem e depois não sabe o que fazer. Portugal não vai mudar, vai ser sempre o mesmo Portugal.

- *E o dinheiro que ele ganhava cá, dava só para sobreviver, e mal. Não dá para juntar.*

- Claro que ele lá em Brasília, ele vai começar como electricista, e vai conhecer outra gente e coisa melhor. Agora como ele vivia! Comer mal, vestir mal, dormir mal. “Agora você pode juntar dinheiro mas perde o trabalho e fica sem nada.” Eu comecei a trabalhar e ajudei em tudo. “Você vivia como um bicho, tudo mau. Você comigo começou a tomar um bom pequeno-almoço, roupa limpa, dormir bem, tudo organizado. Se tu não valoriza isso eu valorizo.”

- *Eu acho que ele também valoriza.*

- Eu acho que ele valorizou muito, ele fica cheio de insegurança de que eu vou e vou ficar (ri-se). Tudo ao contrário não? Eu, é que devia ficar insegura. Se você não me quiser mais, tudo numa boa, não é preciso, ficamos amigo eu dou-te todo o apoio, Mas eu acho que ele vai querer ficar lá no Brasil. Está toda querendo estudar, melhorar, todos querem-se valorizar. Ficamos juntos até ao dia que der certo, né? Vamos para casa da minha irmã, vamos ter que dividir a casa com ela. Ela é divorciada e também não está bem de grana e vamos ter que dividir as despesas. O meu irmão divide comida, roupa, o que for preciso, nós somos assim.

3 – TAT

Os afectos depressivos e sentimentos de desamparo dominam estas narrativas, inviabilizando uma elaboração mental.

1 – Prancha 2

É uma mulher grávida, né? A que está encostada à árvore. Um homem trabalhando no campo e aqui uma rapariguinha. Com uns livros.

E o que se está a passar aí?

Não sei... a mulher está grávida, não sei... não consigo imaginar.

O material apresentado suscita uma descrição onde os objectos aparecem diferenciados; mulher grávida, homem a trabalhar e rapariga com livros. Mas, nesta escassa descrição, não aparecem ligações entre os objectos, destacando-se a mulher que é vista como grávida. O estado depressivo em que a Venina se encontra, impede-a de pensar e imaginar, mas emerge o desejo de ficar grávida que comunga com o seu namorado.

2 – Prancha 3 RH

É uma mulher desamparada, abandonada que está a chorar. Pode ser uma imigrante...
(A Venina começa a chorar, cada vez mais, sem se conseguir controlar e eu acabei por lhe tirar o cartão das mãos).

O reenvio à posição depressiva suscita na Venina uma descarga emocional, pela solidão, perda de objectos e sentimentos de desamparo. A identificação com o objecto, é aqui massivo.

4 – Análise de conteúdo

1 - Indicadores da capacidade de mudança psíquica

Categoria 1	Discriminação adequada entre os dois países.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - <i>Que diferenças e semelhanças são mais significativas para si, entre Portugal e o Brasil?</i> - O que é de semelhante é a língua, né? Não noto muita diferença. - <i>A língua fá-la sentir em casa?</i> - Não, não muito. O brasileiro é mais aberto. - <i>Hum.</i> - Eu, em qualquer lugar que eu viva me sinto bem, mas digamos o clima, a alimentação... - <i>Mas o clima de Portugal, ou cá de Lisboa, é parecido com certas zonas do Brasil.</i> - É verdade... Aqui, a qualidade de vida é melhor. Qualquer pessoa...Tem mais poder de compra. Por exemplo, uma pessoa que trabalha num supermercado tem cá uma qualidade de vida que lá não tem. Aqui a mão-de-obra é mais valorizada. A desigualdade é menor, principalmente no campo, então no Nordeste a vida é demais! As pessoas, não é as de classe A, mas as outras, vivem mais ou menos. - <i>Mas Venina, também não tem muita experiência como é a vida a rural cá em Portugal.</i> - Não e eu vi uma reportagem na televisão de Trás-os-Montes e também é um meio muito carente, muito analfabetismo... tapadinhos de todo, nem parece que vivem no meio da civilização. Nossa! Tapadinhos de todo. Eu acho que aqui até é pior. Acho não, tenho a certeza. Eu fui na roça, lá no Brasil e aqui é pior. A televisão, as comunicações...há mais do que aqui. Pelo que eu vi na televisão, é pior aqui, é pior. Extracto 2 - <i>Desde que veio para cá os seus sentimentos alteraram-se em relação a Portugal e ao Brasil, ou não? Pensa o mesmo dos dois países.</i> - Não mudaram não, eu gosto de Portugal mas, a minha terra é o Brasil. É o segundo amor, né? Mas eu gosto daqui e acho que aqui é bom e acho que foi bom para muita gente qui se conseguiu organizar aqui. Organizar lá no Brasil e aqui. Tem muita gente que tem boa casa lá no Brasil e aqui também.
Conclusão	<i>A narrativa é indicadora de mais semelhanças que diferenças entre os dois países e, estas últimas quando são apontadas, inscrevem-me muitas vezes numa impulsividade de onde emerge um pensamento pouco reflectido. A discriminação é feita ao nível linguístico, sócio económico, escolaridade e dos sentimentos que tem perante ambos.</i>

Categoria 2	Planificar estratégias a empregar durante o processo de preparação, realização e adaptação que a migração implica.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - Na época eu não estava com emprego fixo, estava a contracto, e a minha prima veio para Portugal porque ela perdeu o trabalho dela no público, extinguiu a empresa, e ela me convidou. Como eu tinha 36 anos, não tinha filhos, nem marido, nem namorado e tinha muita vontade de conhecer aqui, na Europa, então ela falou que a língua era portuguesa, que dá para a gente trabalhar, juntar dinheiro e depois conhecer o resto da Europa. Como eu tinha primos na Itália, na Suíça e na Alemanha, falei “também vou”. Só que quando eu cheguei aqui, não era a mesma coisa porque o trabalho era difícil, o trabalho era pesado Comecei a morar numa pensão, dividi a casa com pessoas diferentes. A casa era grande. Nunca tinha dividido a casa... comida separada e pronto, o que me valeu... quer dizer... eu acho que não sou pessoa para emigrar. Extracto 2 - <i>Trabalhar e passear. Não foi para si um projecto de emigração.</i> - Não, não foi. Eu vinha por um ano. - <i>E de alguma maneira sabia o que a esperava?</i> - Eu sempre tive consciência mas a minha doença nunca me deixou estruturar em nada e eu acho que agora chegou o dia D. Posso até voltar de passeio, e gostava, mas vou-me estruturar no Brasil. Mas voltar não. Pra mim voltar é para o Brasil. Imigrar de vez não. Para quem venha com um projecto de casar e tal, tudo bem, mas eu não vou ter forças de me casar, nunca pus na cabeça ficar. Eu queria conhecer sim, mas ficar não. Agora, se eu conhecer um português na Internet, eu volto (eu rio-me). Com uma vida estável, eu volto. Se não, não. De fantasia (ri-se), né? Extracto 3 - Eu não tive problema de adaptação no início, foi bom, foi muito bom. Gostei do clima e tudo.
Conclusão	<i>A Venina não planeou emigrar, mas sim ficar em Portugal o tempo suficiente que lhe permitisse, com o seu trabalho, ganhar o dinheiro necessário para viajar pela Europa. Teve uma adaptação fácil a Portugal mas como este projecto se prolongou, por razões económicas, a Venina começou a ambicionar juntar dinheiro, não para viajar, mas para voltar ao Brasil. Com um pensamento ilusório acerca do que ia encontrar em Portugal e das limitações que o seu estado de saúde lhe impunha, a Venina deixou-se convencer pela prima, não se informou da realidade da sociedade portuguesa e, conseqüentemente, não planeou nenhuma estratégia viável ao longo deste processo, que sempre foi assumido como temporário. Durante estes últimos anos a Venina oscilou em ficar em Portugal ou no Brasil, planeando, duma forma ilusória, estratégias profissionais que lhe permitissem ganhar dinheiro para regressar ao Brasil</i> <i>A adaptação a Portugal e aos portugueses, foi fácil.</i>

Categoria 3	Conhecimento das possibilidades e dificuldades inerentes à mudança espacial, horizontal mas também às condições de vida no estatuto social, vertical.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - <i>E de alguma maneira sabia o que a esperava?</i> - Eu sempre tive consciência mas a minha doença nunca me deixou estruturar em nada e eu acho que agora chegou o dia D. Posso até voltar de passeio, e gostava, mas vou-me estruturar no Brasil. Mas voltar não. Extracto 2 Diffícil era trabalho, porque já tinha esse problema e não era acostumada a fazer trabalho pesado, realmente nunca fui. Eu ajudava sempre, mas aí comecei a ficar com dores e tal. Extracto 3 - Quer dizer, para emigrar uma pessoa... outros valores. E isso para mim é difícil. - <i>E de que valores é que teve de abrir mão?</i> - Ah... a comida, né? Ajudar os outros. Emigrar é a lei da sobrevivência - <i>Hum, hum.</i> - A lei da sobrevivência, você tem de mudar como pessoa... de ficar mais fria, mais egoísta, sei lá... e o ritmo de vida é completamente diferente. E eu passei muito mal com isso, não conseguia. O que me custava mais era a comida; morar na mesma casa e fazer comida separada, não chamar ninguém para comer.
Conclusão	<i>As condições de vida eram claramente inferiores às que tinha no Brasil, embora o estatuto de emigrante na Europa lhe proporcionasse, no Brasil, um aumento de estatuto social. No entanto, a Venina não tinha conhecimento nenhum das suas possibilidades relativamente ao trabalho que iria arranjar em Portugal, nem das consequências da ausência de apoio familiar. Actualmente, verbaliza que o perfil dum emigrante é diferente do seu, e que se sente incapaz de mudar os seus valores.</i>
Categoria 4	Considerar os benefícios a obter e as perdas integradas em pós-ambivalência.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - <i>E porque é que nessa altura resolveu voltar para Portugal?</i> - Voltei porque esse rapaz de que te falei, de langeri. Extracto 2 -Eu quero voltar para a minha terra e ela quer ir para o estrangeiro. Não sei porquê. Mentalidade.
Conclusão	<i>Inicialmente, a Venina acreditava na viabilidade dos seus projectos comerciais, mas ao constatar a suas dificuldades e até integrar a sua impossibilidade, não no Brasil mas em Portugal, a Venina começou a integrar que as perdas superavam os benefícios que aqui, obteria. Com estas perdas integradas em pós-ambivalência, pois a Venina gosta e reconhece muitos aspectos positivos de Portugal, decide regressar definitivamente ao Brasil, onde tem uma maior qualidade de vida.</i>

Categoria 5	Valorização das características e possibilidades pessoais para enfrentar o processo.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - <i>Em que sentido é que acha que não é uma pessoa para emigrar?</i> - Quer dizer, para emigrar uma pessoa... outros valores. E isso para mim é difícil. - <i>E de que valores é que teve de abrir mão?</i> - Ah... a comida, né? Ajudar os outros. Emigrar é a lei da sobrevivência - <i>Hum, hum.</i> - A lei da sobrevivência, você tem de mudar como pessoa... de ficar mais fria, mais egoísta, sei lá... e o ritmo de vida é completamente diferente. E eu passei muito mal com isso, não conseguia. O que me custava mais era a comida; morar na mesma casa e fazer comida separada, não chamar ninguém para comer. - <i>O facto de comer sozinha?</i> - É, sem dividir. Numa panela diferente... é uma coisa muito estranha isso. Eu não consigo isso. Faz-se comida é para todo o mundo que vive junto mas o pessoal aqui não aceita porque acha que está abusando o outro e até acha que está a dar liberdade para quando o outro vai comer ter que chamar o outro. Eu acho que é tipo assim... até mesmo não há abertura para poder vir aqui para casa para comer connosco. É diferente. Tem de ter uma vida diferente para juntar dinheiro e depois voltar e isso.... Não dá para viver mais ou menos e ainda juntar. Eu não me vou privar de coisas básicas. Eu isso tive muita dificuldade. No Brasil a minha casa estava sempre cheia; sobrinho de meu pai, te falei... meu pai criou 35 sobrinhos de igual para igual, comida nunca falta, mamã falava “mais você dá, mais você recebe” e eu tive muita dificuldade nisso, de conviver com pessoas diferentes e pessoas que chamavam nossa amiga e ter de fazer comida diferente.
Conclusão	<i>A Venina reconhece em si, características de afiliação, ajuda e solidariedade que, no seu ponto de vista, a impossibilitam de ter um perfil adequado a um imigrante.</i>
Categoria 6	Memória de evocação.
Extracto da entrevista	Extracto 1 Vi no jornal o emprego do Algarve, apanhei o onibus, fiz a entrevista e fui aprovada e fiquei 3 meses no Algarve. - <i>Em Julho de 2004, decide voltar ao Brasil.</i> - Porque eu estava doente e com saudades, havia 5 anos. Tinha 5 anos que eu não ia, então... - <i>Quando voltou não pensou em ficar lá?</i> - Comprei passagem de 3 meses e fiquei 3 meses lá. - <i>O que é que a fez voltar para Portugal? Estava doente, via que a sua vida aqui era muito instável, de trabalho de casas...</i> - Foi porque eu vim com esse negócio do Noni.
Conclusão	<i>Num projecto de migração sempre oscilante, a Venina acabou por reconhecer a impossibilidade de permanecer em Portugal, aceitando</i>

	<i>que todos os negócios e trabalhos em que se envolveu, terminaram em insucesso.</i>
Categoria 7	Poder pensar, para transladar à acção, as ambições que devem ser reconhecidas e aceites.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - Mais do que ganhar dinheiro eu quero é ter uma vida normal. Em primeiro lugar, eu aqui nunca vou conseguir ter condições de alugar uma casa. É difícil ter uma estabilidade aqui, pois eu aqui estou praticamente sozinha. Dinheiro para comprar...eu não tenho. No Brasil fica mais fácil de arranjar dinheiro para ter uma casa própria, é mais barato e isso é uma segurança muito grande. E se fico doente? Não trabalho, o dono da casa me põem fora, não é? Ele não tem nada com isso...
Conclusão	<i>As ambições reconhecidas e aceites pela Venina, não consideraram as limitações profissionais que a fibromialgia lhe impõe, e o contexto sócio-económico português. Assim sendo, o projecto migratório configurou-se como uma fuga para a frente com a ilusão de que iria conseguir juntar dinheiro. Quando decidiu regressar definitivamente ao Brasil, as ambições da Venina mudaram, ambicionando agora, ter uma vida integrada na sua família e estável.</i>

2 – Processo de individuação na migração

Categoria 1	Do amor ou ódio à ambivalência.
Extracto da entrevista	- Desde que veio para cá os seus sentimentos alteraram-se em relação a Portugal e ao Brasil, ou não? Pensa o mesmo dos dois países? - Não mudaram não, eu gosto de Portugal mas, a minha terra é o Brasil. É o segundo amor, né? Mas eu gosto daqui e acho que aqui é bom e acho que foi bom para muita gente qui se conseguiu organizar aqui. Organizar lá no Brasil e aqui. Tem muita gente que tem boa casa lá no Brasil e aqui também.
Conclusão	<i>A ambivalência que sentia, manteve-se ao longo do percurso migratório, não havendo neste caso, necessidade de mudanças internas.</i>
Categoria 2	Da proximidade e distância à distância óptima.
Extracto da entrevista	- Venina, ao longo deste tempo conseguiu não perder nenhuma relação com a sua família... - Nunca. Deus me livre nunca. Não passa 15 dias sem alguém me falar, ou eu, nem que seja pra dizer que é só para ouvir a sua voz. - E também tem ido regularmente ao Brasil? - Sim, ver os meus pais.
Conclusão	<i>A Venina, desde que veio para Portugal, manteve sempre uma distância adequada em relação aos dois países, à sua família e amigos. O facto do seu projecto não ser consistente nem determinado, fez com que as visitas ao Brasil fossem frequentes. A ligação muito gregária à família, manteve-se nos telefonemas frequentes, pela Internet e pelas estadias no Brasil, o que fez com que não houvesse uma alteração das</i>

	<i>relações familiares.</i>
Categoria 3	Do ontem ou amanhã ao hoje.
Extracto da entrevista	<i>Extracto 1</i> - Eu sempre tive consciência mas a minha doença nunca me deixou estruturar em nada e eu acho que agora chegou o dia D. Posso até voltar de passeio, e gostava, mas vou-me estruturar no Brasil. Mas voltar não. Pra mim voltar é para o Brasil. Imigrar de vez não. Para quem venha com um projecto de casar e tal, tudo bem, mas eu não vou ter forças de me casar, nunca pus na cabeça ficar. Eu queria conhecer sim, mas ficar não.- <i>Extracto 2</i> - Foi importante para si não ter perdido isso e quem sabe se o César não vai encontrar um trabalho, qualquer coisa no Brasil que o faça sentir-se integrado lá. - Sim eu acho que ele vinha numa família analfabeta, rural. O pai era ignorante. “Se tu quiseses fazer a diferença, fica em Brasília, vem viver comigo, se tu quiseses ser só meu amigo, tudo bem. Fica em Brasília porque vai fazer mais a diferença do que tu voltar aqui para a Europa. Você vai primeiro trabalhar e depois estudar.” Esse negócio de perfume dele, tá começando e é um negócio de futuro. Então eu falei: “ eu estou te dando uma oportunidade, que é muito melhor do que você vir para cá. O dinheiro acaba, acaba, você é jovem e depois não sabe o que fazer. Portugal não vai mudar, vai ser sempre o mesmo Portugal.
Conclusão	<i>A fibromialgia, concomitante à uma rede de suporte social e familiar escassa que tinha em Portugal, fez com que a Venina reconhecesse a inviabilidade de um projecto migratório que se prolongasse por mais tempo e que o retorno ao Brasil lhe proporcionaria uma melhor qualidade de vida.</i>
Categoria	Do meu e teu ao nosso.
Extracto da entrevista	<i>Extracto 1</i> - <i>Que diferenças e semelhanças são mais significavas para si, entre Portugal e o Brasil?</i> - O que é de semelhante é a língua, né? Não noto muita diferença. - <i>A língua fá-la sentir em casa?</i> - Não, não muito. O brasileiro é mais aberto. - <i>Hum</i> - Eu, em qualquer lugar que eu viva me sinto bem, mas digamos o clima, a alimentação... - <i>Mas o clima de Portugal, ou cá de Lisboa, é parecido com certas zonas do Brasil.</i> - É verdade. Aqui, a qualidade de vida é melhor. Qualquer pessoa... Tem mais poder de compra. Por exemplo, uma pessoa que trabalha num supermercado tem cá uma qualidade de vida que lá não tem. Aqui a mão-de-obra é mais valorizada. A desigualdade é menor, principalmente no campo, então no Nordeste a vida é demais! As pessoas, não é as de classe A, mas as outras, vivem mais ou menos. - <i>Mas Venina, também não tem muita experiência como é a vida a rural</i>

	<i>cá em Portugal.</i> - Não e eu vi uma reportagem na televisão de Trás-os-Montes e também é um meio muito carente, muito analfabetismo... tapadinhos de todo, nem parece que vivem no meio da civilização. Nossa! Tapadinhos de todo. Eu acho que aqui até é pior.
Conclusão	<i>A Venina sente aspectos da vida e da cultura portuguesa muito semelhantes aos do Brasil, sendo a língua portuguesa o mais importante. No entanto, diferencia a personalidade dos portugueses e brasileiros e o seu sentimento de pertença. Outros aspectos, que lhe são mais dúbios referem-se a vivências que a Venina não teve, nem no Brasil nem em Portugal, sendo o clima e a vida rural exemplificativos.</i>

5. Avaliação clínica da entrevista.

A Venina, ao ser encaminhada para a consulta de psicologia, apresentava como principal sintoma um estado depressivo grave com níveis de ansiedade extremados. O seu comportamento alternava-se por descargas emotivas depressivas; choro, com sentimentos de impotência, derrota e de desamparo, e um pensamento delirante, sentindo-se então, capaz de organizar qualquer projecto profissional. Este funcionamento oscilava não só, com as fortes dores musculares que a impediam de concretizar os seus projectos, como no confronto com o real, que lhe demonstrava a inviabilidade dos mesmos. A tentativa de sair do seu estado depressivo, gatilhava um estado maníaco, onde a Venina construía projectos claramente irreais e o que a levavam, novamente, a um estado depressivo.

Diagnosticada com fibromialgia, antes de chegar a Portugal, o seu estado foi-se agravando, tanto pelas condições precárias de vida, como pelo clima, pois o frio do Inverno em Portugal, incrementava as dores musculares. A fibromialgia, mais frequente em pacientes do sexo feminino, é caracterizada por um conjunto de sintomas, entre eles a fadiga, intolerância ao exercício e um sono não repousante, isto é, os pacientes acordam cansados depois de dormir pois têm uma dificuldade em manter o sono profundo. A musculatura é a mais afectada por esta doença e os intestinos e a bexiga geralmente ficam afectados. A Venina, tem uma incontinência urinária que lhe afecta a auto-estima e interfere nas suas relações sociais. O cérebro actua como se tivesse o termóstato desregulado, activando todo o sistema nervoso de forma a incrementar a dor, sendo que o problema se localiza ao nível da percepção da dor. Em face de acontecimentos que superam a capacidade adaptativa egoica, cuja dor psíquica é intolerável, ou a incapacidade de elaborar respostas adequadas aos estímulos externos e internos, perdas, acidentes, etc, ou agentes de stress ligadas ao suprimento das necessidades do paciente, a dor é externalizada num evitamento de entrar em contacto com ela. A herança de certos traços de personalidade, rigidez e perfeccionismo, estão ainda associados à origem desta doença.

O tratamento da fibromialgia incide em 4 parâmetros: incrementar o exercício físico, melhorar a qualidade do sono, diminuir a dor e controlar a depressão e ansiedade, presente em cerca de 50% dos pacientes. A fibromialgia e a sua educação, que incentivaram fortemente a filiação, conduziram a Venina à organização de relações de

objecto com uma tonalidade anaclítica, conseguindo um equilíbrio entre apoiar e ser apoiada, explorar e ser explorada, nas suas relações sociais e familiares. No entanto, o pedido de ajuda era constante e alargado a várias instituições, onde a Venina conseguia sempre algo de que beneficiava.

Nas consultas, o pedido de ajuda de aspectos que não eram pertinentes naquele contexto surgiam, mas eram sempre reencaminhados para outros serviços. Porém, a transferência caracterizava-se, essencialmente por sentimentos de impotência, abandono e, por um pedido mágico de ajuda na resolução dos aspectos negativos da sua vida; estado de saúde, física e mental, precariedade das suas condições económicas e profissionais. O seu nível de ansiedade não a permitia construir uma relação e as consultas constituíam-se como um espaço de evacuação.

O enfoque terapêutico, incidiu na construção de uma relação apoiante e securizante, que permitissem à Venina consciencializar as suas possibilidades e limites, uma vez que estava bem informada sobre a fibromialgia. Inicialmente, organizamos um acompanhamento médico adequado, ou seja, médico de família, reumatologista, psiquiatra, ginecologista e a integração num clube desportivo. E, a Venina conseguiu um subsídio da SCML, que lhe permitia sobreviver com a ajuda simultânea de outras instituições. Começou a habitar numa casa alugada com um namorado brasileiro que trabalhava nas obras, e que, meses mais tarde, não aguentando o trabalho despediu-se. A Venina começou então a trabalhar fazendo promoções. Este trabalho, era muito doloroso para a Venina, tanto pelas distâncias que tinha que percorrer como por ser mal paga e ter consciência que estava a enganar os clientes.

A Venina configurou-se uma imigrante sempre oscilante entre fixar-se em Portugal ou no Brasil, vivendo em Lisboa, condições precárias e instáveis e com fortes apelos da sua família para regressar, onde teria uma melhor qualidade de vida. Reconhecendo que não tinha perfil de imigrante, a Venina decide em Outubro de 2006, regressar definitivamente ao Brasil em Janeiro de 2007. Para isso, alterou a sua perspectiva dum regresso fracassado, aceitando o facto de que não ia regressar ao Brasil com o dinheiro que outrora ambicionava, mas que ia ter uma vida normal.

Anexo E

1. Dados demográficos.

Nome	Osmar Bernardo
Data de Nascimento	2/6/1992
Sexo	Masculino.
Nacionalidade	Sãotomense.
Data de entrada em Portugal	1998
Tempo previsto de permanência	Sem projectos de retorno.
Tipo de visto	Autorização de residência.
Estado civil e nº de filhos	Solteiro.
Familiares em Portugal	Pais, irmãos, avó paterna e, tios paternos e maternos.
Amigos em Portugal	Maioritariamente africanos, mas também tem amigos portugueses.
Instituições	JRS, Clube de Futebol do bairro onde vive.
Profissão	Estudante
Escolaridade	6º ano
Escolaridade e profissão do pai	Empregado da construção civil.
Escolaridade e profissão da mãe	Empregada da limpeza num restaurante.
Data da 1ª consulta	9/11/2004

2. Entrevista.

Primeira Entrevista

- *Gostaria que me contasse o seu percurso migratório. Tinha 6 anos quando vieste para Portugal, o que é que aconteceu? Porque é que vieste para Portugal?*
- Porque a minha mãe já estava aqui.
- *Há quanto tempo?*
- Eu acho que ela estava aqui...não sei.
- *Tu lembras-te de ela se ter ido embora?*
- Sim
- *Eras pequenino! De que é que tu te lembras?*
- Só me lembro que estava com o meu irmão e só via a minha mãe a aprontar as malas.
- *E depois?*
- E depois ela foi para o aeroporto.
- *Foste com ela?*
- Não.
- *Não. E tu ficaste com quem?*
- Em casa da minha avó.
- *E a tua avó, acompanhou a tua mãe ao aeroporto?*
- Não.
- *E o teu irmão?*
- Também não.
- *E o teu pai?*
- O meu pai já estava aqui em Portugal.
- *Já cá estava. Lembraste do teu pai ter vindo para Portugal?*
- Não eu era um pouco bebé ainda.
- *Ainda. Quando a tua mãe foi embora, já eras mais crescido...*
- Sim, sim.
- *Tinha quantos anos?*
- Tinha 4 anos.
- *Quatro anos e o teu irmão... que idade tem?*

- Tem 20, vinte anos.
- *Tem mais sete anos do que tu. Lembraste da tua mãe se despedir de ti?*
- Sim.
- *E como é que isso foi para ti? Tu percebeste que ela se ia embora?*
- Percebi sim.
- *E como é que isso foi?*
- Fiquei um pouco triste.
- *Foi difícil vê-la ir embora?*
- Foi um pouco.
- *Tiveste saudades dela?*
- Sim.
- *Passados dois anos foi a tua vez de ir embora... como é que isso foi?*
- Foi bom.
- *O que é que aconteceu?*
- Os meus pais tinham ligado à minha avó e depois a minha avó disse-me para eu me vestir que eu ia viajar e depois fui tomar banho e depois fui para o aeroporto.
- *E vieste sozinho?*
- Sim. Não vim com uma senhora. Também já não me lembro... foi há muito tempo.
- *Entregaram-te a uma senhora.*
- Sim.
- *E o teu irmão?*
- Tinha ficado lá.
- *Ainda hoje vive lá?*
- O meu irmão?
- Sim.
- Não.
- *Ele está cá contigo?*
- Está.
- *Ele veio depois de ti...*
- Sim.
- *Quanto tempo depois de ti?*

- Já não me lembro. Ele tinha 16.
- *Quando chegou cá tinha 16?*
- Sim.
- *E o que é que tu achas que aconteceu para a tua mãe querer vir para Portugal? Não te disseram porque é que ele quis vir para Portugal?*
- A minha tia estava cá.
- *E o teu pai? Que foi o primeiro que foi o primeiro a ir-se embora?*
- A minha tia estava cá e ele tinha familiares cá.
- *E tu? Disseram-te porque é que tu vinhas para Portugal?*
- Para ficar com a minha mãe porque eu era o filho mais novo.
- *Foi inesperado para ti?*
- Sim. A minha avó, acho que tinha dito alguma coisa antes.
- *Mas tu não te apercebeste, não compreendeste bem o que era viajar e vir para Lisboa?*
- Sim.
- *E o que é que sentiste quando te estavas ali a tomar banho a aprontar-te para ir para o avião? Como é que foi tudo isso?*
- Foi bom.
- *Estavas contente. O que é que te estava a por contente?*
- Que eu ia ver a minha mãe.
- *Lembravas-te dela ainda.*
- Lembrava.
- *Como é que foi entrares para o avião, voares para o céu e depois aterrares em Lisboa? Como é que foi viajar de avião?*
- Sim, tinha um pouco de frio.
- *Tinhas roupa de verão.*
- Não tinha mesmo uma camisola mas tinha frio por causa da hélice do avião.
- *Sim e depois como é que correu a viagem?*
- Foi boa.
- *Gostaste de andar de avião?*
- Gostei.
- *Viajaste de dia ou de noite?*

- De noite
- *Dormiste?*
- Não.
- *Nada?!*
- Não.
- *E porquê?*
- Estava um pouco nervoso.
- *O que é que te estava a por nervoso.*
- Pensava que o avião podia aterrar e eu podia ficar lá.
- *No avião?*
- Sim.
- *E depois não podias ir ter com a tua mãe.*
- Sim.
- *E durante a viagem... comeste? Iam pessoas que tu conhecias? Conversaste?*
- Conversei.
- *Eram tuas conhecidas?*
- Não
- *Conheceste as pessoas todas no avião?*
- Algumas.
- *Aterrar também foi para ti uma experiência nova... como foi?*
- Foi bom. E depois fui numa camioneta. E depois quando cheguei ao aeroporto estava lá a minha mãe.
- *Estava lá à tua espera. Mas foste primeiro buscar a mala?*
- Sim.
- *Foste com aquela senhora?*
- Sim.
- *E depois ela entregou-te à tua mãe?*
- Eu depois não vi mais a senhora. Acho que ia para outro sítio.
- *Depois disse qual é a primeira memória que tu tens?*
- De ir viver com os meus pais.
- *E do teu pai? Lembravas-te dele?*

- Lembrava um pouco.
- *Como é que é isso “um pouco”? Se o visses na rua... dizias: “este é o meu pai”?*
- Sim.
- *Muito bem e depois o que aconteceu? Foste para a escola? A tua mãe trabalhava? Com quem tu ficavas?*
- Não me lembro.
- *Não te lembraste de ir para a escola a primeira vez?*
- Lembro.
- *Lembras? Como é que foi?*
- Foi bom. Fiquei primeiro uns tempos em casa e depois fui para a escola.
- *Quando ficaste em casa, alguém tomava conta de ti ou ficavas sozinho?*
- Alguém tomava conta.
- *Lembraste de quem?*
- Não.
- *Não. Como é que foi depois ir para a escola?*
- Foi bom.
- *Muito bem. Não tens ideia nenhuma porque é que o teu pai resolveu vir para Portugal?*
- Não.
- *Da tua mãe é sabes que ela tinha cá pessoas de família. E tu aterraste aqui em Lisboa e gostaste, ou não de Portugal?*
- Gostei.
- *Gostaste. O que é que foi difícil ou diferente em relação a S. Tomé?*
- A temperatura.
- *A temperatura.*
- A temperatura. Aqui é frio.
- *Vieste no Inverno de cá?*
- Não sabia qual era a estação.
- *Não sabias.*
- Não sabia, mas sentia frio mas lá sentia calor.
- *E como é que isso se resolveu?*
- Comecei a adaptar assim.

- *E demorou muito tempo?*
- Nem por isso. Não.
- *E mais? Que coisas aqui é que eram diferentes de S. Tomé? O tempo...*
- As casas e os carros.
- *O que é que era diferente nos carros?*
- Havia muitos.
- *E as casas?*
- Aqui tinha prédios, lá não.
- *E o que é que achaste de haver tantas casas e carros?*
- Que os carros eram bons e as casas também.
- *Lembraste de ter saudades de S. Tomé?*
- Sim.
- *O que é que te fazia mais saudades?*
- O calor.
- *Sentias falta do calor. E mais?*
- Das praias e dos rios.
- *Era disso que tinhas saudades?*
- Sim.
- *E da avozinha!?*
- (Ri-se) Também.
- *Falavas com ela?*
- Falava.
- *E ainda hoje falas?*
- Falo.
- *Ao telefone?*
- Sim.
- *E escreves-lhe?*
- Sim mas já há muito tempo que não escrevo.
- *Voltaste alguma vez a S. Tomé?*
- Não.
- *Gostarias de lá voltar?*

- Nem por isso.
- *Não? Nem de visita?*
- Visita sim.
- *Mas viver não.*
- Acho que não.
- *O que é que te leva a pensar que não?*
- Porque lá não tenho muitos amigos e também não conheço quase ninguém.
- *Quando vieste para cá foi fácil fazer amigos?*
- Sim.
- *E mais coisas que tenhas saudades?*
- Só dos meus avós mesmo.
- *O teu avô, pai da tua mãe, ainda é vivo?*
- Sim.
- *E os pais do teu pai?*
- O meu avô não mas a minha avó sim.
- *E lembraste dela?*
- Ela está cá.
- *E quando é que ela veio?*
- Há muito tempo.
- *Depois de ti ou antes?*
- Antes, não depois. Eu vim e depois ela veio.
- *Quando o teu avô morreu?*
- Não. Ficou lá um pouco e depois veio. Ficou lá muito tempo e depois veio.
- *E ela está agora com quem?*
- Ela vive com um senhor.
- *E tu dás-te com ela?*
- Sim.
- *Vamos ver agora quantas pessoas da tua família tens cá; os teus pais, os teus irmãos, a tua avó paterna, as irmãs da tua mãe e mais?*
- Um irmão do meu pai. Não, dois.
- *E quantos estão em S. Tomé?*

- Também dois.
- *E da tua mãe? Quantos tios estão lá?*
- Da minha mãe estão muitos.
- *Muitos, sabes quantos?*
- Não.
- *E cá?*
- Irmão, só um e irmãs tem só uma também.
- *Parece-te que foi boa ideia os teus pais terem vindo para Lisboa?*
- Sim.
- *E porque é que achas isso, com tanta certeza?*
- Porque aqui tem mais trabalho.
- *Mas tu não trabalhas!*
- Sim mas estudo.
- *A tua mãe, o ano passado, trouxe-te aqui porque estava preocupada contigo na escola. Lembras-te disso?*
- Não.
- *Não te lembras.*
- Não.
- *Mas lembraste que no princípio do teu 6º ano, começaste a vir aqui estar comigo uma vez por semana...*
- Sim.
- *Porque é que achas que vinhas aqui?*
- Para conhecer mais coisas para estudar.
- *E como é que isso foi para ti?*
- Foi bom.
- *Foi bom. Tu achas que por vires aqui aprendias melhor ou estudavas mais? Que mudanças é que isso te trouxe?*
- Aprendia mais coisas.
- *Quando começaste a vir aqui um problema que surgiu foi o facto de falares pouco... e agora? Ainda falas pouco.*
- Não, falo, falo. Agora falo.

- *O que é que aconteceu para agora falares?*

- *Conheci mais amigos e agora falo com eles.*

- *Conheceste quando?*

- *No 6º ano.*

- *Conheceste mais amigos, passaste a ter mais amigos.*

- *Sim.*

- *Sim, a tua professora disse-me o mesmo, que tu agora até falas demais! Parabéns. A propósito disso, queria dizer-te que a Prof. Ana telefonou-me na semana passada quando estava com a terapeuta da fala e, disse-me que para fazeres terapia da fala era talvez melhor continuares com a terapeuta que tinhas tido no ensino básico. Eu disse-lhe que, embora na escola tivessem, a meu pedido, proposto uma terapia de fala para ti isso nunca tinha acontecido. Não foi assim?*

- *Foi, não tive (ri-se).*

- *Exactamente, então eu disse-lhe que o ano passado tínhamos estado a ver os dois que sons é que tu tinhas dificuldade em pronunciar e que tínhamos chegado à conclusão que tu conseguias pronunciar todos os sons, embora alguns, fossem mais difíceis para ti porque tinhas que pensar um pouco antes de os dizer bem, não saíam espontaneamente, automaticamente. Por isso, tinha achado que era boa ideia fazeres uma terapia da fala para seres mais rápido e ficares mais à vontade e poderes assim fazer mais amigos e falares com eles.*

- *Sim.*

- *Mas que tu, depois das férias, tinhas-me dito que já conseguias dizer esses sons, que estavas cheio de amigos e que já não querias fazer terapia de fala como querias o ano passado.*

- *Sim, já consigo dizer essas palavras.*

- *Hum. Disse-lhe também que, como eu não era terapeuta da fala, achavas boa ideia seres avaliado por uma terapeuta da fala. Fizeste uma avaliação na escola?*

- *Fiz.*

- *E como é que foi?*

- *Só não percebi uma palavra de resto consegui tudo.*

- *Óptimo.*

Segunda Entrevista

- *Uma diferença que tu referiste... que notas do ano passado, é teres agora mais amigos?*

- Sim.

- *Conseguiste ficar a jogar naquele clube de futebol?*

- Fiquei lá a jogar mas os meus amigos jogam este ano noutro e eu não pude acompanhá-los.

- *E porquê?*

- Porque tinha de ser português.

- *E tu ainda não tens a nacionalidade portuguesa?*

- Não.

- *Vamos falar com a tua mãe para ela tratar disso, porque tu podes ser português. Sabias?*

- Não.

- *E com os professores? Houve alguma mudança?*

- Sim. Com a minha stora de Educação Física e com a stora de SVT. Eu tenho duas storas de SVT mas uma veio este ano.

- *A tua professora continua a queixar-se que tu te esqueces de muito material e de ir aos apoios. Combinei com ela irmos ver aqui uma forma de tu estudares e aprenderes um trabalho ao mesmo tempo, e que ela te ia dar o papel dos cursos para nós vermos aqui o trabalho que mais te interessa.*

- Sim, ela disse mas disse também que o papel dos novos cursos para este ano, ainda não tem. Disse que depois dá-me.

- *E com a terapeuta da fala como é que ficou?*

- Ela deu-me só uns exercícios para eu treinar, do R. Mais nada, não vou fazer terapia.

- *Sim é que tu também comes a estar com muitas actividades, futebol, esses apoios que tens na escola e que não convém faltar, e estares aqui, uma vez por semana... começa a ser demais.*

- Sim e também as namoradas.

- *As namoradas? Conta lá isso.*

- Este verão já tive duas namoradas.

- *Mudas bastante... num verão duas.*
- Sim mas agora vou ter com uma, quando sair daqui, e vou esperá-la à saída da escola.
- *E esta é para valer ou vai durar pouco como as outras?*
- Não, eu vou dizer a ela que quero ficar com ela o resto da vida.
- *Osmar, eu acho que com essa, ela vai cair nos teus braços...*
- Eu espero e é mesmo verdade.
- *Bom... Vamos ficar por aqui, também para tu não chegares tarde a esse encontro.*

3. TAT

Prancha 2

Era uma vez uma menina que chamava Maria que tinha uma mãe que estava grávida, e eles eram pobres e o irmão só sabia tratar do cavalo para ganhar uma moedinhas e depois ela resolveu ir à escola para ver se sabia qualquer coisa para trabalhar.

Nesta prancha a problemática narcísica e depressiva focaliza-se na área sócio-económica e profissional, onde o sujeito se sente mais fragilizado. No entanto, o Osmar integrou que a escolaridade o possibilita de aprender uma profissão, essencial para aceder a um trabalho economicamente mais gratificante. A gravidez da mulher manifesta as suas referências culturais, já que em S. Tomé as mulheres estão permanentemente grávidas e a valorização feminina centra-se na sua capacidade de procriar. O tema da pobreza e da falta de competências para o trabalho reportam-se também, à sua terra natal.

Prancha 3RH

Era uma vez uma miúda que vivia sozinha e que tinha os pais que morreram e os familiares também, e não tinha ninguém para cuidar dela. Então vivia triste sem nada para fazer.

O reenvio à posição depressiva está ligado à representação da perda do objecto. O desamparo sentido, desencadeia afectos depressivos que o remete para um vazio, manifestando uma paralisia de acção e uma incapacidade de pensar. As referências culturais africanas também estão também aqui presentes, pois tanto o clima tropical como o desenvolvimento mental da população São-tomense, não favorecem o pensamento. Por outro lado, as crianças em S. Tomé são autonomizadas cedo nas suas necessidades básicas, alimentação por exemplo, no entanto, a emigração dos pais foi sentida por Osmar como um abandono, pois todas as crianças em S. Tomé crescem em famílias alargadas.

4 – Análise de conteúdo

4.1 - Indicadores da capacidade de mudança psíquica

Categoria 1	Discriminação adequada entre os dois países.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - <i>O que é que foi difícil ou diferente em relação a S. Tomé?</i> - A temperatura. - <i>A temperatura.</i> - A temperatura. Aqui é frio. - <i>E mais? Que coisas aqui é que eram diferentes de S. Tomé? O tempo...</i> - As casas e os carros. - <i>O que é que era diferente nos carros?</i> - Havia muitos. - <i>E as casas?</i> - Aqui tinha prédios, lá não.
Conclusão	<i>A discriminação é adequada entre os dois países dado que, as memórias da chegada a Lisboa reportam a 1998, quando o Osmar tinha apenas 6 anos. Por outro lado, o seu funcionamento inibido, principalmente na área linguística, impede-o de diferenciar mais exaustivamente estes dois locais. Infere-se ainda, do seu tom de voz e do sorriso, que o Osmar gostou de Lisboa.</i>
Categoria 2	Planificar estratégias a empregar durante o processo de preparação, realização e adaptação que a migração implica.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - <i>Vieste no Inverno de cá?</i> - Não sabia qual era a estação. - <i>Não sabias.</i> - Não sabia, mas sentia frio, mas lá sentia calor. - <i>E como é que isso se resolveu?</i> - Comecei a adaptar, assim. - <i>E demorou muito tempo?</i> - Nem por isso. Não. Extracto 2 - <i>Parece-te que foi boa ideia os teus pais terem vindo para Lisboa?</i> - Sim. - <i>E porque é que achas isso, com tanta certeza?</i> - Porque aqui tem mais trabalho. - <i>Mas tu não trabalhas!</i> - Sim mas estudo. Extracto 3 - <i>Lembraste da tua mãe se despedir de ti?</i> - Sim. - <i>E como é que isso foi para ti? Tu percebeste que ela se ia embora?</i>

	- Percebi sim. - <i>E como é que isso foi?</i> - Fiquei um pouco triste. - <i>Foi difícil vê-la ir embora?</i> - Foi um pouco. - <i>Tiveste saudades dela?</i> - Sim.
Conclusão	<i>Tanto pelo contexto familiar em S. Tomé como pela idade do Osmar, o planeamento no processo de preparação e realização do percurso migratório foi realizado pelos seus pais. Porém, as estratégias adaptativas a Portugal foram construídas paulatinamente pelo Osmar. Refiro-me aqui à importância que a escolaridade e o trabalho adquiriram.</i>
Categoria 3	Conhecimento das possibilidades e dificuldades inerentes à mudança vertical (estatuto sócio-económico) e horizontal (espacial e geográfico, mas também às mudanças na actividade profissional).
Extracto da entrevista	- <i>Passados dois anos foi a tua vez de ir embora... como é que isso foi?</i> - Foi bom. - <i>O que é que aconteceu?</i> - Os meus pais tinham ligado à minha avó e depois a minha avó disse-me para eu me vestir que eu ia viajar e depois fui tomar banho e depois fui para o aeroporto.
Conclusão	<i>Novamente pela sua idade, o Osmar quando emigrou não tinha nenhum conhecimento dos custos e das dificuldades inerentes à migração. Mas, apesar do Osmar não ter participado na decisão, encarou-a positivamente pois tinha saudades da mãe. Actualmente, o Osmar prefere viver em Portugal pelas possibilidades de trabalho que espera obter no futuro.</i>
Categoria 4	Considerar os benefícios a obter e as perdas integradas em pós-ambivalência.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - <i>O que é que te fazia mais saudades?</i> - O calor. - <i>Sentias falta do calor. E mais?</i> - Das praias e dos rios. - <i>Era disso que tinhas saudades?</i> - Sim. - <i>E da avozinha!?</i> - (Ri-se) Também. Extracto 2 - <i>Gostarias de lá voltar?</i> - Nem por isso. - <i>Não? Nem de visita?</i> - Visita sim. - <i>Mas viver não.</i> - Acho que não.

	- <i>O que é que te leva a pensar que não?</i> - <i>Porque lá não tenho muitos amigos e também não conheço quase ninguém.</i>
Conclusão	<i>A reunião familiar, a perda de familiaridade com os São-tomenses, e as possibilidades de ter aqui trabalho, são benefícios que superam as perdas que se referem essencialmente ao ambiente e ao clima.</i>
Categoria 5	Valorização das características e possibilidades pessoais para enfrentar o processo.
Extracto da entrevista	- <i>Quando começaste a vir aqui um problema que surgiu foi o facto de falares pouco... e agora? Ainda falas pouco.</i> - Não, falo, falo. Agora falo. - <i>O que é que aconteceu para agora falares?</i> - <i>Conheci mais amigos e agora falo com eles.</i> - <i>Conheceste quando?</i> - <i>No 6º ano.</i> - <i>Conheceste mais amigos, passaste a ter mais amigos.</i> - Sim. - <i>Sim, a tua professora disse-me o mesmo, que tu agora até falas demais! Parabéns.</i>
Conclusão	<i>As características pessoais que o Osmar valoriza para superar dificuldades ou enfrentar mudanças são apresentados como factos concretos sem que se possa atribuir a responsabilidade a factores externos ou internos.</i>
Categoria 6	Memória de evocação. Capacidade de recorrer à recordação dos processos de luto sofridos e da reacção perante os mesmos sem negação.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - <i>Lembraste da tua mãe se despedir de ti?</i> - Sim. - <i>E como é que isso foi para ti? Tu percebeste que ela se ia embora?</i> - Percebi sim. - <i>E como é que isso foi?</i> - Fiquei um pouco triste. - <i>Foi difícil vê-la ir embora?</i> - Foi um pouco. - <i>Tiveste saudades dela?</i> - Sim.
Conclusão	<i>O Osmar recorda o luto por que teve de passar quando a sua mãe partiu de S. Tomé, sem negar o que sentiu na altura.</i>
Categoria 7	Poder pensar para transladar à acção as ambições que devem ser reconhecidas e aceites.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - <i>Parece-te que foi boa ideia os teus pais terem vindo para Lisboa?</i> - Sim. - <i>E porque é que achas isso, com tanta certeza?</i> - <i>Porque aqui tem mais trabalho.</i>

	- <i>Mas tu não trabalhas!</i> - Sim mas estudo. Extracto 2 - <i>Gostarias de lá voltar?</i> - Nem por isso. - <i>Não? Nem de visita?</i> - Visita sim. - <i>Mas viver não.</i> - Acho que não. - <i>O que é que te leva a pensar que não?</i> - Porque lá não tenho muitos amigos e também não conheço quase ninguém.
Conclusão	<i>As ambições de ter uma vida economicamente mais desafogada e de o Osmar não continuar a estar, permanentemente malária, foram objectivos dos seus pais. O Osmar integrou-se no tipo de vida que a sociedade portuguesa lhe proporciona, ao ponto de não querer regressar ao seu país Natal com o qual perdeu os laços de familiaridade; já não tem lá amigo e a sua família alargada tem emigrado lentamente para Portugal.</i>

4.2 – Processo de individuação na migração

Categoria 1	Do amor ou ódio à ambivalência.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - <i>Da tua mãe é sabes que ela tinha cá pessoas de família. E tu aterraste aqui em Lisboa e gostaste, ou não de Portugal?</i> - Gostei. - <i>Gostaste. O que é que foi difícil ou diferente em relação a S. Tomé?</i> - A temperatura. - <i>A temperatura.</i> - A temperatura. Aqui é frio. - <i>Vieste no Inverno de cá?</i> - Não sabia qual era a estação. - <i>Não sabias.</i> - Não sabia, mas sentia frio mas lá sentia calor. - <i>E como é que isso se resolveu?</i> - Comecei a adaptar assim. - <i>E demorou muito tempo?</i> - Nem por isso. Não. - <i>E mais? Que coisas aqui é que eram diferentes de S. Tomé? O tempo...</i> - As casas e os carros. - <i>O que é que era diferente nos carros?</i> - Havia muitos. - <i>E as casas?</i> - Aqui tinha prédios, lá não.

	- E o que é que achaste de haver tantas casas e carros? - Que os carros eram bons e as casas também. - Lembraste de ter saudades de S. Tomé? - Sim. - O que é que te fazia mais saudades? - O calor. - Sentias falta do calor. E mais? - Das praias e dos rios. - Era disso que tinhas saudades? - Sim. - E da avozinha!? - (Ri-se) Também.
Conclusão	<i>A aceitação dos aspectos positivos e negativos de habitar em Portugal, faz com que o Osmar, apesar das saudades que sente do ambiente tropical, prefira viver em Portugal. Pela idade com que saiu de São Tomé, e por grande parte da família alargada residir em Lisboa, houve uma perda de familiaridade com os São-tomenses. No entanto, não afloram sentimentos ou pensamentos extremados.</i>
Categoria 2	Da proximidade e distancia à distancia óptima.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - E da avozinha!? - (Ri-se) Também. - Falavas com ela? - Falava. - E ainda hoje falas? - Falo. - Ao telefone? - Sim. - E escreves-lhe? - Sim mas já há muito tempo que não escrevo. - Voltaste alguma vez a S. Tomé? - Não. - Gostarias de lá voltar? - Nem por isso. - Não? Nem de visita? - Visita sim. - Mas viver não. - Acho que não. - O que é que te leva a pensar que não? - Porque lá não tenho muitos amigos e também não conheço quase ninguém.
Conclusão	<i>O contacto com a família alargada é mantido sobretudo telefonicamente, manifestando que uma distância óptima foi alcançada.</i>
Categoria 3	Do ontem ou amanhã ao hoje.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - Parece-te que foi boa ideia os teus pais terem vindo para Lisboa?

	- Sim. - <i>E porque é que achas isso, com tanta certeza?</i> - Porque aqui tem mais trabalho. - <i>Mas tu não trabalhas!</i> - Sim mas estudo. Extracto 2 - <i>Exactamente, então eu disse-lhe que o ano passado tínhamos estado a ver os dois que sons é que tu tinhas dificuldade em pronunciar e que tínhamos chegado à conclusão que tu conseguias pronunciar todos os sons, embora alguns, fossem mais difíceis para ti porque tinhas que pensar um pouco antes de os dizer bem, não saíam espontaneamente, automaticamente. Por isso, tinha achado que era boa ideia fazeres uma terapia da fala para seres mais rápido e ficares mais à vontade e poderes assim fazer mais amigos e falares com eles.</i> - Sim. - <i>Mas que tu, depois das férias, tinhas-me dito que já conseguias dizer esses sons, que estavas cheio de amigos e que já não querias fazer terapia de fala como querias o ano passado.</i> - Sim, já consigo dizer essas palavras. - <i>Hum. Disse-lhe também que, como eu não era terapeuta da fala, achavas boa ideia seres avaliado por uma terapeuta da fala. Fizeste uma avaliação na escola?</i> - Fiz. - <i>E como é que foi?</i> - Só não percebi uma palavra de resto consegui tudo. - <i>Ótimo.</i>
Conclusão	<i>O Osmar, apesar das dificuldades que teve que enfrentar em Portugal, e que não teria no imediato se estivesse em S. Tomé, está de acordo com a decisão dos pais, pensando no seu futuro, como é adequado à sua idade. Mas, o Osmar mostra uma capacidade de adaptação, embora com limites, à sociedade portuguesa, superando as dificuldades que vão surgindo.</i>
Categoria 4	Do meu e teu ao nosso.
Extracto da entrevista	Extracto 1 - <i>Conseguiste ficar a jogar naquele clube de futebol?</i> - Fiquei lá a jogar mas os meus amigos jogam este ano noutro e eu não pude acompanhá-los. - <i>E porquê?</i> - Porque tinha de ser português.
Conclusões	<i>Este extracto exemplifica que, não ter a nacionalidade portuguesa constitui-se como um impedimento ao sentimento de pertença. Embora não tenha experiências racistas, o Osmar tem, maioritariamente, amigos africanos, tal como é o bairro onde reside. Mas, o facto de ter quase toda a família alargada em Portugal, incrementa o sentido de pertença.</i>

5. Avaliação clínica da entrevista.

Nas narrativas da história da migração do Osmar, realça desde logo a sua parca capacidade de verbalização. A comunicação linguística, não é um meio privilegiado de relacionamento pessoal e social em S. Tomé, que assenta na comunhão de acções. E, se em S. Tomé a sua fluência verbal poderia ser considerada normal, em Lisboa constituiu-se como um factor inibitório de constituição de redes sociais e incrementou o seu insucesso escolar. O Osmar, ao ver-se inserido numa sociedade onde a verbalização na comunicação adquire importância relacional, verifica que tem dificuldades em pronunciar certas palavras. A comunicação por monossílabos, gerou nos professores dificuldades em compreender se o Osmar tinha ou não integrado a matéria e quais eram os pontos incompreendidos por ele. Este factor, relativamente aos amigos, actuava como uma restrição pois, embora sempre os tivesse tido, predominantemente africanos, limitavam a sua rede social.

Com um funcionamento psíquico inibido, o afecto depressivo existe “em que se resume num sentimento pouco expresso de não valor de si próprio, numa ausência de auto-estima” (Lebovici, S. e Soulé, M., 1980, p. 417) A separação da mãe aos 2 anos, foi penosa para o Osmar, mas não implicou uma carência de cuidados maternos que foram assegurados pela avó. Esta situação é comum entre os São-tomenses, não só por nem sempre serem os pais a criar os filhos, pois o ambiente familiar São-tomense é habitualmente alargado, No entanto, a separação da mãe e, ainda maior a do pai, foi longa, numa fase onde o objecto interno estava insuficientemente constituído e esta separação predispôs o Osmar a reacções depressivas e a um retraimento relacional.

À chegada a Lisboa, o Osmar ansiava por ver a mãe mas, as memórias que se reportam a 1998, são transmitidas com reconstrução; como exemplo, o Osmar disse que se “lembra do pai, um pouco”.

As dificuldades escolares que o Osmar apresenta, evidenciam desde logo um desenvolvimento cognitivo insuficiente para fazer face a uma escolaridade portuguesa. Estas lacunas podem ser maioritariamente atribuídas ao contexto São-tomense, onde o Osmar passou os primeiros 6 anos de vida. A mãe queixa-se, na primeira consulta, que o Osmar sempre teve um desenvolvimento tardio a andar e a falar. A má nutrição, a frequência de malária e o ambiente pouco estimulante de aprendizagem de competências

escolares, nomeadamente a exteriorização linguística das suas experiências, são exemplos de vivências que o Osmar teve antes de emigrar e que se configuraram como factores impeditivos duma integração escolar em Portugal. Porém, as competências cognitivas, perceptivas e motoras, desenvolvidas em S. Tomé, revelam uma boa capacidade de aprendizagem relativamente às necessidades e conhecimentos num ambiente tropical. Refiro-me aqui, a técnicas diferenciadas de pesca e de recolha de alimentos no mato.

A sua inserção numa sociedade mais complexa do que a que vivia, não incrementou a sua auto-estima, tanto pelas dificuldades escolares que desde do 1º ano emergiram, como pelo nível de mentalização e verbalização das suas vivências. Há ainda que considerar, que o Osmar é oriundo de um país recentemente descolonizado, onde a raça negra tinha um estatuto claramente inferior. Este passado, presente na memória de todos, e o nível de desenvolvimento do continente africano, faz com que muitos portugueses mantenham esta atitude, mesmo que de um modo pouco explícita.

Com um pensamento predominantemente concreto e virado para a acção, o Osmar gosta muito de jogar futebol, orienta-se muito bem na sua área de residência e faz inúmeras tarefas para ajudar a sua mãe. O pensamento simbólico, utilizado nomeadamente na disciplina de matemática, trazia-lhe dificuldades, que o Osmar muitas vezes não conseguia superar. Mas, consciente da importância da escolaridade, para conseguir no futuro, um trabalho melhor remunerado, o Osmar apresenta-se muito motivado para continuar os estudos no ensino técnico ou profissionalizante.

Embora colaborante, o Osmar esperava sempre que eu tomasse iniciativas do que falávamos ou fazíamos e, limitava-se a responder com monossílabos. Porém, esta passividade não o impedia de verbalizar o que não queria ou não gostava de fazer, nomeadamente falar; “falar cansa-me”. O Osmar usufruía mais da partilha de actividades, até tomar conhecimento e valorizar, as suas competências e aptidões. No que se refere à linguagem, capacidade mais inibidora da sua integração escolar e social, o Osmar, ao tomar consciência que as suas dificuldades linguísticas se confinavam a alguns sons da letra R, adquiriu confiança em si, alargando a sua rede social; primeiro aumentando o número de amigos e posteriormente, começou a investir nas raparigas.